



## **Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre**

Filiada à Associação Psicanalítica Internacional desde 1963 e  
à Associação Brasileira de Psicanálise

### **Presidente**

Luiz Carlos Mabilde

### **Secretário**

Paulo Fonseca

### **Secretário Científico**

Carlos Gari Faria

### **Tesoureiro**

Paulo Fernando B. Soares

### **Conselheiros**

Marlene Silveira Araújo

Isaac Pechansky

### **Diretor do Instituto**

Cláudio Laks Eizirik

### **Secretário do Instituto**

Juarez Guedes Cruz



ISSN 1413-4438

# Revista de Psicanálise

da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Rua Gen. Andrade Neves, 14 conj. 802-A

90010-210 - Porto Alegre-RS

Tel/Fax: 051 224-3340

Volume IV - Nº 1 - Abril -1997

## Editor

Mauro Gus

## Co-Editor

Joel Nogueira

## Conselho Consultivo

Alírio Torres Dantas Junior - SPR • Bruno Salésio da Silva Francisco - SPPel • Carlos Edson Duarte - SPRJ • Carlos Gari Faria - SPPA • Elias Mallet da Rocha Barros - SBPSP • Leopold Nosek - SBPSP • Luiz Carlos Meneghini - SPPA • Luiz Emmanuel de Almeida Levy - SBPRJ • Ney Couto Marinho - SBPRJ • Paulo Martins Machado - SPPA • Plínio Montagna - SBPSP • Sérgio Paulo Annes - SPPA

## Conselho Editorial

Cláudio Laks Eizirik • David Epelbaum Zimerman • Flávio Rotta Corrêa • Germano Vollmer Filho • Isaac Pechansky • Luiz Carlos Mabilde • Marlene Silveira Araújo • Paulo Fernando B. Soares • Paulo Fonseca • Roaldo Naumann Machado • Romualdo Romanowski

## Comissão de Redação

Anette Blaya Luz • Carmem Emília Keidann • José Carlos Calich • Jussara Schestatsky Dal Zot • Raul Hartke • Ruggero Levy • Theobaldo Thomaz

## Secretária Executiva

Irma Angela Manassero

## Revisão

Clotilde Favalli

## Capa

Mireille Bellelis Rossi

## Composição

Luiz Cezar F. de Lima

## Impressão

Gráfica Editora Pallotti



R 454

Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre /  
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. – Vol. IV, nº 1 (abr., 1997)  
– Porto Alegre: SPPA, 1997, –

Quadrimestral

ISSN 1413-4438

1. Psicanálise – Periódicos I. Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

CDU: 159.964.2 (05)  
616.89.072.87 (05)

CDU: 616.891.7

Bibliotecária Responsável: Mônica Nodari Borges  
CRB/10 - 900





Abril/1997 - Vol. IV - Nº 1

## **SUMÁRIO**

### **EDITORIAL**

*Às vésperas do terceiro milênio*  
MAURO GUS - 5

**PALAVRA DO PRESIDENTE**  
LUIZ CARLOS MABILDE - 9

### **ARTIGOS**

*Compreensão e manejo da transferência em supervisão de análise de adultos*  
CLÁUDIO LAKS EIZIRIK e MARLENE SILVEIRA ARAUJO - 13

*A função criativa e/ou reveladora da interpretação*  
ELIAS MALLET DA ROCHA BARROS - 21

*Fatores curativos nas psicanálises de filhos de sobreviventes do Holocausto antes da e durante a Guerra do Golfo*  
ILANY KOGAN - 33

*Crise da cultura e crise da Psicanálise*  
JORGE L. AHUMADA - 51

*A supervisão coletiva, a sobrevivência do psicanalista e o método científico*  
JUAN FRANCISCO JÓRDAN MOORE - 71

### **V SIMPÓSIO DE CANDIDATOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE**

*Algumas dificuldades técnicas na análise de pacientes narcisistas*  
BENAMI SOKOLOVSKY - 87

*Comentário de ALICE MILMAN BUGIN - 97 e JACÓ ZASLAVSKY - 100*  
*Sexualidade feminina: uma revisão do complexo de castração*  
DENISE LAHUDE - 105

*Feminilidade em Freud*  
PATRÍCIA FABRÍCIO LAGO - 119

*Comentário de INGEBORG MAGDA BORNHOLDT - 133*  
*A eterna luta entre o conhecer e o não conhecer.*

*Uma discussão sobre a gestação e a teoria do conhecimento de W.R. Bion*  
MARGOT AGUZZOLI - 139

*Comentário de INÚBIA DUARTE - 151 e PAULO OSCAR TEITELBAUM - 155*  
*A equação etiológica de Freud à luz de desenvolvimentos posteriores: o biológico e o transgeracional*  
MAURÍCIO MARX E SILVA - 161

*Comentário de CÉSAR LUÍS DE SOUZA BRITO - 173 e*  
*MANUEL JOSÉ PIRES DOS SANTOS - 177*

### **ENTREVISTAS**

*Entrevista com JEAN LAPLANCHE - 183*

**CEM ANOS DE CINEMA E PSICANÁLISE**  
*"Pulp Fiction"*

FREDERICO SEEWALD - 201

### **CEM ANOS DE PSICANÁLISE. REVISITANDO OS CLÁSSICOS**

*A novela familiar "in statu nascendi"*  
MELANIE KLEIN - 209

*A revisita da Velha Senhora*  
Comentário de THEOBALDO OLIVEIRA THOMAZ - 217





Atenção montador  
a página 4 é branca





# Editorial

## Às vésperas do terceiro milênio

A vitalidade e o pluralismo de uma publicação psicanalítica são, efetivamente, expressões do trabalho e dedicação de seus conselheiros. Neste quarto volume e quinto ano de vida de nossa Revista, é hora de agradecer; agradecer o empenho e o interesse na Psicanálise e sua manutenção como ciência, na aplicação de sua bagagem cognitiva a outros campos afins. O entrecruzamento com a Antropologia, Cinema, Educação, Filosofia, História, Lingüística, Sociologia, bem como com outras áreas da Medicina e da Psicologia, tem sido, ao lado da busca tenaz de uma formação, felizmente interminável, o objetivo digno, amplo e profundo de nosso incansável grupo de trabalho.

À Comissão de Redação e aos Conselhos, nosso reconhecimento pela prontidão e presteza com as quais responde às necessidades de uma Revista como a nossa.

O fim do século e o início deste terceiro milênio exige-nos uma reflexão sobre nossa identidade como psicanalistas, enquanto portadores de uma herança que deve ser passada viva e dinâmica a nossos herdeiros e, muito especialmente, nos dispormos a difundir e trocar idéias com profissionais de outras áreas, enriquecendo-nos mutuamente e fazendo crescer nosso acervo intelectual.

Os primeiros sinais do terceiro milênio indicam que o poder do homem muda, celeremente, para o saber e o conhecer. E o poder, aqui, fala de algo bem mais abrangente: trata-se de uma questão de sobrevivência. Nunca, na história do homem, o conhecimento e as suas intersecções foram tão valorizados. E a genialidade de Freud constituiu-se em abrir um campo que, em termos de tempo histórico, data de poucos momentos atrás: cem anos.

Nossa Revista homenageia esse tempo e seus homens, seus homens ligados à Ciência e o talento em transmitirem o que sabem, o que aprenderam e com o que se inquietam. E, assim, criam.

O sumário deste volume é o resultado e o produto do pensar atual e pluralista de nosso corpo editorial. É expressão do crescimento cuidadoso e responsável de uma Sociedade que desenvolve, em seus membros e candidatos, o senso de responsabilidade sobre uma ciência que, como tal, precisa ser revisitada, atualizada e enriquecida.

Com esse sentido, Cláudio Eizirik e Marlene Araujo revêm, talentosamente, a supervisão como atividade formadora de essencial valor. Trabalho consistente e di-



Mauro Gus

dático, revela a abertura de uma área de grande interesse e atualidade indiscutíveis, tema de nosso próximo Pré-Congresso em Barcelona, em Julho vindouro.

Elias Mallet da Rocha Barros, “criativo e revelador”, como a chamada de seu texto, colaborador incansável de nossa Revista, contando com a admiração e o respeito de todos nós, mostra mais uma vez sua inteligência e capacidade como editor e psicanalista clínico, teórico de fina acuidade.

Ilany Kogan, psicanalista israelense, manda-nos um trabalho rico, dentro do eixo e conteúdos revistos pelo grupo de colegas que estudam o Holocausto e suas conseqüências. Notável, Judith Kerstenberg, tenaz batalhadora do tema, tem, em Kogan, a síntese de suas preocupações e o cruzamento com dados profundamente dolorosos de nossa história e sua repetição em conflitos recentes.

A “Crise da Cultura e a Crise da Psicanálise” tem, no texto de Jorge Ahumada, a acolhida que um tema dessa envergadura necessita: com Jorge, o assunto revitaliza-se, torna-se profundamente preciso e cuidadoso; mantém-se, com talento, num eixo habilidoso, característica do autor em toda sua produção científica.

Juan Francisco Jórdan Moore esteve, também, conosco em Porto Alegre, representando e debatendo o *International Journal of Psychoanalysis*; visita produtiva e extremamente útil, como seu texto, que nos faz pensar sobre a supervisão coletiva, a participação do psicanalista e o método científico. Vale a pena lê-lo com cuidado, pois faz parte de uma composição maior em homenagem ao nosso prezado R. Horacio Etchegoyen. É um prazer a sua leitura.

O 5º Simpósio dos nossos candidatos enche-nos de orgulho. Textos bem elaborados e abrangentes abordam temas como o narcisismo, a sexualidade feminina, assim como revisitam Freud e Bion à luz de conhecimentos posteriores.

Benami, Alice, Jacó, Denise, Patrícia, Inge, Margot, Inúbia, Paulo Oscar, Maurício, Cesar e Manuel efetivamente enriquecem nosso número, dando-nos um feliz retorno sobre a preocupação com nossos herdeiros.

A secção “Entrevistas” traz Jean Laplanche, figura ímpar de nosso cenário psicanalítico atual, entrevistado por Raul Hartke, em sua propriedade rural francesa; fala sobre a Psicanálise, questiona conteúdos, coloca dúvidas, propõe caminhos e colabora, ativamente, com o balanço “fin du siècle” de nossa ciência.

Com “Cem Anos de Cinema e Psicanálise”, ciclo organizado pela Comissão de Divulgação da SPPA em parceria com a Cinemateca Paulo Amorim, damos início a publicações sobre os debates acontecidos durante tal evento. Esse número exhibe “*Pulp Fiction*”; Frederico Seewald comenta o filme à luz da Psicanálise.

Na “Revisita aos Clássicos”, trazemos os primórdios do pensamento kleiniano, discutido e comentado pela pena erudita de Theobaldo Thomaz.





Editorial

A meu ver, constitui-se num número de excelente qualidade, certamente um bom companheiro de agradáveis horas de leitura e reflexão.  
Espero que gostem.

**Mauro Gus**  
Editor



Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 1, abril 1997 □ 7





Atenção montador  
a página **8** é branca





# Palavra do Presidente

Ao retornar de Caracas, Venezuela, onde participei do III Encontro Anual de Presidentes de Agrupações Psicanalíticas da América Latina, nos dias 11 e 12 de abril deste ano, juntamente com outros 21 Presidentes de Sociedades Componentes, Sociedades Provisórias e Grupos de Estudos da Associação Internacional de Psicanálise (IPA), além de representantes da Casa de Delegados da IPA, do Presidente da Federação Psicanalítica da América Latina (FEPAL) e do Presidente Eleito da IPA, aproveitei este especial espaço de nossa Revista para refletir sobre Psicanálise e temas correlatos.

Em Caracas, uma vez mais, pude sentir, ao lado das preocupações com os problemas atuais da prática psicanalítica, a enorme e intensa mobilização dos psicanalistas no sentido de diagnosticar as causas de nossas dificuldades e, sobretudo, de se implantarem dispositivos, estratégias, programas práticos e objetivos para se suplantarem tais complicações. Foram horas e horas contínuas de debates, exames, comparações entre Sociedades, modelos, regiões psicanalíticas e as conclusões apontaram para dois grandes pontos de conflitos, em que teremos de introduzir mudanças adaptativas. O primeiro, diz respeito à formação psicanalítica. Quer dizer, um problema interno em que o principal obstáculo é a nossa própria resistência em mudar. Algumas coisas já foram conseguidas, tal como a superposição de supervisões, flexibilização de casos para suas efetivações e, em especial, a análise condensada, já aprovada pela IPA, e a disposição dos Institutos para sua imediata aplicação, examinadas as peculiaridades de cada caso. Mas ainda é pouco, pois segue uma sensação de anacronismo entre uma prática artesanal de uma época e certas características ultramodernas de comunicação e aprendizado de agora, a exigirem uma formação mais curta no tempo e mais integrada com conhecimentos atuais no conteúdo.

O segundo ponto de conflito é externo, isto é, refere-se à aceitação da Psicanálise como um todo e como método terapêutico de massa das afecções mentais, por parte do meio cultural, social e consumidor. Não resta a menor dúvida de que perdemos muito terreno nestas últimas décadas. São muitos os fatores interferentes nesse resultado, porém, o mais importante parece ser a nossa falta de capacidade de avaliar, enfrentar e acompanhar as mudanças do mundo em constante movimento. Habitados a mudar as pessoas, parece que os psicanalistas esperavam o mesmo, e de modo permanente, em relação aos padrões culturais, morais e éticos do mundo, tornando-se impenetráveis a outra realidade: ultrapassado o período mutativo da Psicanálise em relação à humanidade, caberia aos psicanalistas aceitarem o inverso e adaptar a Psi-



Luiz Carlos Mabilde

---

canálise prática aos cambiantes modos de viver das pessoas. Como se observa, de novo nos deparamos com nossa própria resistência, a qual, agora, até por uma questão de sobrevivência, precisa ser vencida. Quer dizer, é preciso abandonar um idealizado isolacionismo científico e cultural, não só pela integração com os demais segmentos, senão pela adoção de medidas práticas.

Nesse sentido, a própria IPA está reativando o seu Comitê de Sociedades, dando-lhe novas funções a fim de atender a essa realidade e auxiliar as Sociedades na difícil tarefa de introduzir novos modelos de prática relacional. É claro que muitos desses já estão em andamento por conta de iniciativas das próprias Sociedades. Seja como for, é um sinal inegável de reação por parte da instituição maior da Psicanálise. As quatro áreas a que vai se dedicar o mencionado Comitê são as seguintes: 1) Universidades; 2) Cultura e Meios de Comunicação; 3) Saúde Mental e Instituições Afins; 4) Caixas de Seguro e Financiamento.

Ficam essas reflexões para todos, a fim de que se possa discutí-las em um futuro muito próximo.

**Luiz Carlos Mabilde**  
Presidente da SPPA





# Artigos

---





Atenção montador  
a página **12** é branca





# Compreensão e manejo da transferência em supervisão de análise de adultos\*

*Cláudio Laks Eizirik\*\**, Porto Alegre  
*Marlene Silveira Araujo\*\**, Porto Alegre



---

\* Trabalho apresentado no II Encuentro Latinoamericano de Institutos de Formación Psicoanalítica, Montevideo, maio de 1996.

\*\* Membro Efetivo e Analista Didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

---

Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 1, abril 1997 □ 13





## Introdução

As preocupações com a formação psicanalítica têm sido uma constante dentro dos Institutos de Psicanálise e, há anos, estudos e reflexões vêm sendo feitos para, dentro do possível, buscar-se alguma uniformização de objetivos e métodos para o fazer analítico.

A COMPESED tem sido um foro excelente para esses debates sobre ensino. O encontro entre os diferentes Diretores de Instituto, em San Francisco, em 1995, foi um exemplo vivo da necessidade de estimular a discussão entre os psicanalistas de todo o mundo. Nesse sentido, cumprimentamos os colegas uruguaios pela oportunidade que nos dão de, mais uma vez, nos reunirmos para manter atualizada a investigação sobre como ensinar Psicanálise. Agradecemos o convite feito à nossa Sociedade e esperamos contribuir para que esse encontro alcance seus objetivos.

Segundo Vollmer (1995), o modelo tripartite de educação psicanalítica propõe que a análise pessoal do candidato deve resultar no estabelecimento das bases para a formação de sua identidade psicanalítica. A identidade como analista adquire-se através da modificação do Self em virtude de identificação com um objeto psicanalítico que permite à pessoa pensar e se orientar clinicamente, com o fim de compreender a realidade psíquica. Ao mesmo tempo, há uma crescente tendência em atribuir à supervisão grande importância na busca dessa identidade analítica.

Etchegoyen descreve (1987) o diálogo psicanalítico como tendo seu ponto de partida nas associações livres do analisando, às quais o analista deve responder com uma atitude que evite introduzir elementos que não lhe pertencem. Para se conseguir isso é necessário utilizar a contratransferência como instrumento para alcançar o processo primário do analisando e nunca para promovê-lo. No momento em que essa atitude é alcançada, o diálogo analítico se converte em campo privilegiado de investigação científica do analista, sem perder seu objetivo de cura.

A partir do tema da 7ª Conferência de Analistas Didatas, em San Francisco, em 1995, “As múltiplas funções do supervisor”, podemos ver a amplitude do assunto contido em cada subtema. Vários podem ser os ângulos a serem enfocados na tarefa de ensinar a fazer.

O supervisor, na sua perspectiva pedagógica, propõe-se ensinar a alguém que quer aprender. Quase sempre a busca da supervisão está apoiada em razões muito claras e objetivas que podem, no decorrer desse processo, apresentar problemas que precisam ser entendidos pelo supervisor.

Autores como Grinberg, Levin e Ron (apud Araujo, 1991) referem-se à situação do analista didata como uma função “sincrética”, podendo haver confusão entre os objetivos terapêuticos e os de ensino. É de fundamental importância não misturar





a função de supervisor com a de analista, mantendo bem claras as fronteiras de cada uma dessas tarefas.

O supervisor deve ter uma postura atenta, habilitada a perceber aspectos contratransferenciais do supervisionado. É sempre delicado o manejo das dificuldades do terapeuta em relação aos seus casos durante a supervisão.

Somos da opinião de que a situação de supervisão deve transcorrer em um clima de total liberdade e comodidade, tanto do supervisor como do supervisionado.

Conforme destacado por Vollmer e Bernardi (1995), uma das conclusões da 7ª Conferência de Analistas Didatas foi de que o supervisor deve estar cômico do papel que o candidato lhe destina, em relação às suas idealizações, seus conflitos com seu analista e com a Instituição.

Segundo Szecsödy et. al. (1996), a posição do supervisionado é, ao mesmo tempo, difícil e ambígua. Ele deve estar aberto a reconhecer sua falta de conhecimento, habilidade e compreensão por um lado e, ao mesmo tempo, tentar corresponder às expectativas razoáveis de seu paciente de ter um analista competente para propiciar-lhe uma experiência ótima de análise. Levando em conta todos esses pontos, na presente comunicação, examinaremos a transferência, durante o processo de supervisão, a partir de dois ângulos, destacando-lhe alguns aspectos:

a) a compreensão e manejo da transferência do paciente em relação ao supervisionado;

b) a compreensão e manejo da transferência do supervisionado em relação ao seu analista deslocada para o supervisor.

### **A compreensão e o manejo da transferência do paciente em relação ao supervisionado.**

As manifestações transferenciais, quer sejam diretas, quer apenas perceptíveis na cadeia associativa do paciente, costumam aparecer ou se tornam identificáveis na própria sessão, no momento da redação do material para a supervisão ou durante essa última.

Considerando as situações em que o supervisionado percebeu o material transferencial, deve-se avaliar sua adequação e interpretação, e a discussão do material seguirá as características usuais. Quando o supervisionado apenas percebeu o material transferencial na hora de dialogar as sessões, tem-se a oportunidade de examinar, na supervisão, as razões de tal ocorrência à luz do entendimento da relação analítica naquela etapa da análise. É freqüente que tal ocorrência indique um terapeuta inexperiente, receoso ou controlado pelo paciente naquele momento, ou ainda dominado





por dúvidas vinculadas à insuficiente formação teórica ou vivência prática – mas capaz de reconhecer algumas dessas insuficiências, sozinho, quando redige as sessões. Tal fato deve ser destacado, porque expressa uma possível capacidade em vias de desenvolvimento que, muitas vezes, necessita ser reforçada ou encorajada. Finalmente, há situações em que o material transferencial passa completamente despercebido ao candidato. Aqui entra em cena a pessoa do supervisor e o estado atual de seu relacionamento com o supervisionado, que será responsável pelo grau de interesse pelo caso em estudo e pela intensidade de sua identificação com a função do supervisionado. Considerando as situações mais favoráveis, verifica-se, no supervisor, uma identificação parcial com o supervisionado, o que lhe permite perceber, como se fosse aquele, os aspectos ocultos na situação analítica. Cabe-lhe, então, desvelá-los, mostrando sua importância e a necessidade do manejo transferencial. As situações de mais difícil manejo ocorrem quando o supervisionado resiste em aceitar ou entender a compreensão que lhe é mostrada, embora também possa ocorrer uma diferente compreensão teórico-clínica de sua parte. Com alguma frequência, observa-se a reprodução, na relação da supervisão, do que está ocorrendo na análise. Não consideramos recomendável que tal fato seja objeto de discussão direta, porque se incorreria no risco de transformar a supervisão em tratamento. O manejo que se tem revelado mais produtivo é procurar diminuir a resistência do supervisionado, mostrando-lhe alguma situação clínica análoga, em que o próprio supervisor incorreu no mesmo ponto cego que agora está sendo evidenciado. Isso aproxima e diminui os sentimentos de desvalia, que acionam respostas paranóides ou evitativas, possibilitando acesso à parte cooperativa do supervisionado. Nas situações em que a disponibilidade desse para aprender é predominante, tais momentos se constituem em excelente fonte de transmissão da Psicanálise. Justamente aí é possível evidenciar a natureza mesma do fenômeno transferencial, em qualquer das várias formas com as quais costuma aparecer, principalmente quando se pode visualizá-lo como veículo para compreender o mundo interno atual e a história das relações de objeto pregressas do paciente. É de particular importância, ao supervisor, estar atento às variações na forma de apresentação do material, pelo supervisionado. Nesse sentido, é útil o estabelecimento do contrato de supervisão em que, além dos horários e honorários, fique claramente estabelecida a forma de trabalho. Nossa experiência tem demonstrado a utilidade de discutir sessões dialogadas, com uma cópia para ser lida simultaneamente pelo supervisor, embora conheçamos a existência de outras modalidades de supervisão. Isso, além dos aspectos cognitivos óbvios, oferece como que um “setting” em que as alterações podem ser indicadores da presença de fenômenos transferenciais que se reproduzem na supervisão. As modificações mais usuais – como sessões excessivamente resumidas ou minuciosas, súbita falta de tempo para redigi-las, passagem de





dialogada para relatada, lembrança de dados mais significativos apenas na hora da supervisão, ocupação de muito tempo da supervisão com conversa social, ou inundação da mesma com inúmeros casos ou situações urgentes, impedindo o estudo mais consistente de um caso – são todas potencialmente indicadoras da presença de algum aspecto do paciente que está sendo colocado no terapeuta e reproduzido na supervisão. É evidente que os aspectos contratransferenciais estão aí inter-relacionados e sua discussão na supervisão pode ser útil ou necessária, dependendo da disponibilidade para isso do supervisionado e do supervisor. (Eizirik, 1991)

### **Manejo da transferência do supervisionado em relação a seu analista deslocada para o supervisor.**

Sabemos que a idealização é inevitável e devemos estar atentos para não aceitar o papel de objeto idealizado. Quando o supervisor é procurado por um candidato, há um envolvimento em situações reais que acompanham a formação desse, tais como seu analista pessoal, seus professores, seu desempenho nos seminários, etc. O supervisor deve estar o mais preparado possível para não estabelecer um conluio narcisista com o supervisionado, incentivando dependência e estimulando idealizações.

Não podemos, entretanto, a cada momento, nos despojar dos diversos aspectos de nossa identidade de analista/pessoa. Não podemos ser só analista, só supervisor, só professor.

Sabe-se que as patologias narcisistas estão alicerçadas na idealização, buscando o poder. Nesse caminho, líderes podem ser criados, reunindo em torno de si seguidores que se encarregam de difundir idéias e teorias. Estabelece-se a dissociação entre os grupos e fuga dos objetivos do ensino e da formação, conduzindo, muitas vezes, a cisões dentro das instituições.

Apesar da importância da supervisão na formação psicanalítica, deparamo-nos com a enorme dificuldade de discutir esses assuntos entre os colegas, pois sua abordagem pode trazer sérios problemas à vida na Instituição.

Em um informe sobre supervisão da IPSO apresentado em San Francisco, em 1995, a pergunta feita aos candidatos sobre a escolha do supervisor estava inspirada na imagem de que, em muitas Sociedades, existem grupos que se opõem entre si. A opinião do analista didata sobre colegas ou sobre a Instituição, direta ou indiretamente, atinge o candidato sem que haja objetivo consciente de fazê-lo. Ou seja, mesmo propondo-se manter a neutralidade quanto à escolha do supervisor, o analista didata, com alguma frequência, deixa entrever preferências ou antipatias – seja por seus silêncios, forma e conteúdo das intervenções, perguntas com duplo sentido, etc. Não





se pode desconsiderar o fato de que o paciente-candidato, em seu usualmente longo convívio terapêutico com o analista, também aprende a conhecê-lo e perceber suas inclinações. Mais do que isso, costuma saber das questões institucionais e dos subgrupos ideológicos e políticos. Deveria esperar-se que o didata pudesse analisar com o candidato as motivações conscientes e inconscientes para a escolha do supervisor, estimulando-o dessa forma a fazer suas opções com liberdade e não motivadas por submissão, desejo de agradar, idealização, temor de represálias ou adesão às “famílias” analíticas de várias gerações que se constituem em cada Sociedade. O didata, além disso, dispõe dos recursos para perceber, sentir e analisar com seu paciente as várias roupagens que a transferência assume, ao ser deslocada para o supervisor, num tipo de dissociação freqüente e inevitável.

Mais difícil se torna o problema quando a transferência é deslocada da análise pessoal do candidato para a supervisão e é percebida pelo supervisor. Dessa forma, a resistência à análise pessoal, sob forma de ambivalência com o analista, pode ser atuada na supervisão, impedindo a sua elaboração. Por outro lado, pode haver identificações defensivas com o supervisor, com prejuízo da análise dos verdadeiros modelos do supervisionado, prejudicando seu desenvolvimento pessoal. Nessas situações, não consideramos útil nem eticamente justificável que supervisor e didata discutam a questão. Pensando pelo ângulo do supervisor, sua atitude informal e participativa e mesmo a utilização de exemplos clínicos que ilustrem as sugestões que dá ao supervisionado são medidas que podem reduzir esse deslocamento transferencial. Algumas vezes, também, pode sugerir ao supervisionado que leve determinado material do paciente e da contratransferência para sua análise pessoal, esperando que o didata perceba e analise o possível deslocamento. Quando seu relacionamento pessoal com o analista do supervisionado ou suas posições teóricas ou políticas apresentam divergências ou conflitos, pode correr o risco de utilizar inconscientemente esse deslocamento para derrotar o(a) “rival”, exibindo-se para o supervisionado e mostrando-se, assim, como o melhor, como se lhe dissesse: “Eu sim é que sou o analista de que precisas”. A solução seria abster-se de aceitar o supervisionado, nesses casos? Pensamos que não, pois isso apenas reforçaria a dissociação dentro dos Institutos e impediria o desenvolvimento teórico-clínico pluralista que enriquece a aquisição de uma identidade analítica. Todas essas questões e outras a elas relacionadas remetem à necessidade da auto-análise continuada e da utilização da nossa capacidade analítica para perceber, também na supervisão, os textos e os subtextos do discurso e as várias leituras possíveis. Nesse caso, contudo, a capacidade de apenas ouvir, entender e conter em si a parte transferencial deslocada exige-nos a manutenção da abstinência, em grau maior que nas análises. Esse é um dos desafios da complexa função do supervisor.





## Considerações finais

O estudo compartilhado, nos sucessivos encontros destinados a refletir e ampliar o conhecimento acerca da formação analítica, constitui a melhor proteção contra as dificuldades apontadas por Freud em 1937: “*Hostilidade, por um lado, e partidarismo, por outro, criam uma atmosfera desfavorável à investigação objetiva. Parece que certo número de analistas aprende a fazer uso de mecanismos defensivos que lhes permitem desviar de si próprios as implicações e exigências da análise de maneira que eles próprios permanecem como são e podem afastar-se da influência crítica e corretiva da análise. Tal acontecimento poderia justificar as palavras do escritor que nos adverte que, quando se dota um homem de poder, é difícil para ele não utilizá-lo mal*”. (Freud, 1975, p.283)

Assim, o tema da transferência não pode prescindir de sua visualização conjunta com a contratransferência e, mais precisamente, da abordagem do campo analítico (Baranger, 1961-2) e do reconhecimento da intersubjetividade no processo analítico. A centralidade da transferência e de sua análise necessária na formação analítica, tanto a do paciente, como a do candidato, fazem parte, a nosso ver, do conjunto de salvaguardas de que necessitamos, face a um estado de “crise da Psicanálise” que tem sido detectada e estudada recentemente (Cesio et. al., 1996). Avançaremos mais ainda, caso apliquemos, ao analista em formação e ao já formado, a observação de Berenstein (1996) de que, nos seus primeiros cem anos, a Psicanálise se ocupou em mapear exaustivamente o mundo interno do paciente; cabe-nos agora, para construir o futuro da nossa disciplina, fazer o mesmo com a mente do analista, e não só no seu mundo interno e em sua contratransferência, mas também na sua condição de pessoa real, inserida numa realidade externa. A formação analítica, nesse sentido, tanto quanto uma análise suficientemente boa (Nieto & Bernardi, 1992), é, por sua essência e natureza, interminável. □

## Referências

- ARAÚJO, M.S. (1991). Supervisão em psicoterapia de crianças. In: Mabilde, L.C. *Supervisão em Psiquiatria e Psicoterapia Analítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- BARANGER, M.W. (1961-2). La situación analítica como campo dinámico. In: *Problemas del campo psicoanalítico*. Buenos Aires: Kargieman.
- BERNARDI, R.; NIETO, M. (1992) What makes the training analysis “good enough”? *Int. Rev. Psychoanal.*, v. 19, p.137-46.
- CESIO, F. et al. (1996). *The actual crisis of Psychoanalysis: challenges and perspectives*. IPA. Report of the House of Delegates Committee.





Cláudio Laks Eizirik e Marlene Silveira Araujo

- ETCHEGOYEN, H. (1988). O dialogo psicanalítico. *Rev. Bras. de Psicanálise*. v. 22, n.1.
- EIZIRIK, C.L. (1991). Compreensão e manejo da transferência e da contratransferência. In: Mabilde, L. C. *Supervisão em Psiquiatria e Psicoterapia Analítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- . (1996). Panel Report: Psychic reality and clinical technique. *Int. J. Psychoanal.*, v. 77.
- FREUD, S. (1937). Análise terminável e interminável. *S.E Brasileira*, v.XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- SZECSÖDY, I. et al. (1996). *Evaluation of Different Training Models*. Report from the House of Delegate's Committee. I.P.A.
- VOLLMER, G.; BERNARDI, R. (1995). 7ª Conferência de Analistas Didatas, San Francisco: *As múltiplas funções do supervisor*. Relatório final.
- VOLLMER, G. (1995). *As múltiplas funções do supervisor: sua relação com o supervisionado, com o analista do supervisionado, com o paciente, com o seu marco teórico de referência e com a instituição de ensino*. 7ª Conferência de Analistas Didatas, San Francisco, Notas Introdutórias. 1995.
- VLIETSTRA, D. (1995). *Informe sobre a Supervisão*. Opiniões dos candidatos. Pré-Congresso da I.P.S.O., San Francisco. 1995.

**Cláudio Laks Eizirik**

Rua Marquês do Pombal, 783/307  
90540-001 – Porto Alegre – RS – Brasil

**Marlene Silveira Araujo**

Av. Taquara, 596/301  
90460-210 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA





# A função criativa e/ou reveladora da interpretação\*

*Elias Mallet da Rocha Barros\*\**, São Paulo

*A questão da interpretação ser um ato de criação, que dará margem a uma nova história de vida e significados no quadro das relações emocionais de nossos pacientes, ou um ato de decodificação, revelador de uma fantasia preexistente no inconsciente que o faz repetir, no presente, significações passadas, é um falso problema. O trabalho sugere, também, que a interpretação é um ato de revelação/decodificação (no sentido de exposição de um fato antes obscuro, de maneira a surpreender) e, em decorrência desse caráter revelador, constitui-se concomitantemente num ato de criação de novos significados. Esses, por sua vez, expressam-se em experiências emocionais que se incorporam ao ser do paciente e não se esgotam no momento em que ocorrem e ainda permanecem disponíveis para outras reinterpretações. Esse duplo caráter da interpretação, que alguns pretendem ser contraditório, tem sua origem na questão de como conceber a relação entre as instâncias consciente e inconsciente, a partir de uma discussão iniciada por Freud sobre o modo de existência das representações inconscientes e sua relação com a consciência.*

*Nesse contexto, a função de decodificação de um modo de operar inconsciente liberta o paciente de um modo de gerar história de vida profundamente limitado por suas experiências emocionais passadas, que o levam a repetir padrões automaticamente.*

\* Este artigo foi baseado, em parte, no trabalho apresentado no Simpósio sobre o pensamento de Bion realizado em São Paulo em novembro de 1996. Parte desse trabalho também foi apresentado em Recife em outubro de 1996.

\*\* Membro Efetivo e Analista Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e da Sociedade Britânica de Psicanálise.





Penso que a Psicanálise e o movimento psicanalítico atravessam um momento de crise. A teoria da qual dispomos tornou-se insuficiente para explicar o que ocorre na clínica e, portanto, para pensá-la com maior acuidade. No plano social a clínica psicanalítica tem seu papel de principal alternativa para o alívio do sofrimento mental humano, desafiado. Em diversas partes do mundo nos cobram a demonstração da especificidade de nossa prática e de nossos resultados.

A dificuldade cada vez maior de explicarmos o que estávamos fazendo em nossa clínica com base nas teorias metapsicológicas disponíveis produziu uma proliferação de escolas psicanalíticas que se arvoram numa originalidade teórica que torna o debate psicanalítico estéril fora do restrito círculo de seguidores. Essa crise tem vários matizes e não pretendo examiná-la em seus pormenores nesta oportunidade. Os psiquiatras, apoiados por uma enorme quantidade de pesquisas, tanto genéticas quanto do metabolismo cerebral, que indicam como o fator biológico interfere nos modos de sentir humanos, sentem-se encorajados a desqualificar o modelo psicanalítico da mente humana. Essa idéia em si não é nova, mas a presença de pesquisas que indicam como estados de espírito são produzidos por alterações em enzimas cerebrais reforçou a idéia de que o biológico por si só explica o mental. O arsenal farmacológico do qual esses psiquiatras dispõem ainda é limitado e não apresenta grande novidade em relação ao de que se dispunha há dez ou quinze anos. Não é esse arsenal farmacológico que nos ameaça, não é o Prozac, o Rivotril, o Sulpan ou o Zoloft, o Litium que vão acabar com a Psicanálise. Estamos, de qualquer forma, diante de um grande desafio. Trabalhamos com a palavra, com o significado da experiência emocional, tendo como arma principal a interpretação comunicada verbalmente aos nossos pacientes na “*situação analítica*”, uma condição inventada por nós como parte de nosso arsenal. Precisamos, para sobreviver enquanto prática clínica, demonstrar que a *palavra interpretativa que comunica significados da experiência emocional* modifica a vida psíquica do indivíduo. Estou propondo, em minha palestra, hoje, que examinemos o discurso psicanalítico do ponto de vista da natureza do conhecimento transmitido pela interpretação e que nos voltemos para a situação analítica tomada como nossa *materialidade teórica* (Fedida, 1992) metapsicologicamente coerente com a “ficção” de um aparelho psíquico.

Nesse contexto penso ser importante examinar uma polêmica que tem ganho corpo entre analistas sobre a natureza e função do conhecimento transmitido pela interpretação psicanalítica. A questão da interpretação ser um ato de criação, que dará margem a uma nova história de vida e novos significados no quadro das relações emocionais de nossos pacientes ou um ato de decodificação, revelador de uma fantasia preexistente no inconsciente que o faz repetir, no presente, significações passadas é, entretanto, a meu ver, um falso problema, como pretendo demonstrar.





A. Ferro (1995) sintetiza os termos dessa discussão de forma útil, ao comparar os modelos bioniano e kleiniano, embora o faça de forma caricatural e eu pense que sua descrição não corresponda plenamente (especialmente o kleiniano) às duas perspectivas teóricas mencionadas. A. Ferro (1995) nos descreve um modelo bioniano no qual os personagens, criados na história narrada da sessão, são nós de uma rede narrativa interpessoal que nascem como *holografias* da inter-relação emocional atual estabelecida entre analista e paciente. Os personagens são criados no encontro e, na sessão, joga-se com “estados de espírito”. Nesse modelo uma história está sempre em curso, para acontecer imprevisivelmente, enquanto que, no dito modelo kleiniano, a história existiria para ser decifrada e o futuro previsto. No contexto desses modelos, a interpretação kleiniana seria decodificadora/reveladora e a interpretação bioniana seria criativa, não uma *interpretação*, mas, antes de tudo, uma observação desbravadora de novos horizontes. Nesta apresentação não pretendo historiar essa polêmica, mas apenas me referir a alguns pontos da teoria psicanalítica que deram margem a essa indagação sobre a natureza da ação interpretativa.

Inicialmente, na obra de Freud, a interpretação tinha um caráter explicativo e constituía-se num processo de tradução do conteúdo latente que subjazia à conduta manifesta. Nesse período, Freud não diferenciava a interpretação psicanalítica da maneira como outros autores a utilizavam, por exemplo, para o desvendamento dos significados dos textos sagrados, ou mesmo da maneira como José a empregou para interpretar o sonho do faraó, quando esse lhe prognosticou sete anos de fartura e sete anos de penúria.

A interpretação, na obra freudiana, adquire, aos poucos, uma nova dimensão que passa, então, a caracterizar seu uso no contexto analítico. Além de elucidar significados, ela se torna um instrumento de modificação do equilíbrio psíquico. Passa a visar mudanças no mundo mental, através de seu poder de desorganizar defesas<sup>1</sup> e torna-se um instrumento da desestruturação que promove uma nova reorganização.

Essa nova concepção desenvolveu-se a partir do conceito de repressão. Nesse contexto teórico, a função da interpretação era concebida como sendo a de tornar o inconsciente consciente. Assim, a interpretação do conflito que produzia a repressão, por si só, já levaria a mudanças psíquicas.

Essa perspectiva logo mostrou suas insuficiências.

Gostaria de examinar mais detalhadamente os termos do debate entre essas duas concepções do conhecimento produzido pela interpretação.

A palavra “*revelação*” significa, ao mesmo tempo, 1) o processo através do qual algo obscuro ou secreto é mostrado, 2) uma verdade irrefutável de caráter divino

1. R. Mezan, (1996) faz, em seu artigo, uma excelente revisão do conceito de interpretação.





que não deve ser submetida ao processo racional e se sustenta pela fé, 3) um fato exposto de maneira dramática e surpreendente. Todas as revelações divinas às quais a história faz menção se dão num clima de grande intensidade emocional e é desse clima que elas adquirem sua força de apelo à fé.

A palavra *criação* é utilizada no sentido de invenção e quer dizer “dar origem a algo não existente previamente”.

Penso, e procurarei demonstrar essa idéia, que a interpretação é *concomitante-mente* um ato de revelação/decodificação (no sentido de exposição de um fato antes obscuro, de maneira a surpreender) e, em decorrência desse caráter revelador, constitui-se num ato de criação de significados que se incorporam ao ser do paciente e não se esgotam no momento em que ocorrem e ainda permanecem disponíveis para outras re-interpretações, na medida em que criam (ou recriam) uma subjetividade, dotando o ego de um eu-intérprete. Esse duplo caráter da interpretação, que alguns pretendem ser contraditório, tem sua origem na questão de como conceber a relação entre as instâncias consciente e inconsciente, a partir de uma discussão iniciada por Freud sobre o modo de existência das representações inconscientes e sua relação com a consciência.

Freud (1915), referindo-se às representações consciente e inconsciente, escreve:

*“Essas duas representações (a inconsciente e a consciente) não são, como tínhamos pensado, inscrições diferentes do mesmo conteúdo em lugares psíquicos diferentes, nem tampouco estados de investimento funcionais diferentes no mesmo lugar...”* (pág 230)<sup>2</sup>

A natureza consciente ou inconsciente de uma representação não deriva do espaço psíquico onde essa tem existência e nem de um fator quantitativo. Seu caráter consciente ou inconsciente depende da maneira como essa é articulada, no mundo interno, com as vivências emocionais. Dessa forma, os modos consciente e inconsciente não existem em paralelo, mas mantêm uma relação dialética entre si e cada um só adquire sua qualidade por referência ao outro.

A idéia de que a interpretação possa se limitar, simplesmente, a traduzir ou revelar conteúdos inconscientes, e que isso baste para promover mudanças psíquicas, deriva do papel central dado ao conceito de repressão na concepção de Freud do aparelho psíquico. Uma leitura parcial do texto freudiano leva-nos a pensar que a tarefa do analista é a de levantar todas as repressões e que, dessa forma, sua função se esgota na tarefa finita de tornar o inconsciente consciente.

2. *The two, are not, as we supposed, different registrations of the same content in different psychological localities, nor yet different functional states of cathexis in the same locality...* (p.230)





A objeção central à concepção da interpretação como prática reveladora/descodificadora baseia-se numa crítica à natureza de um conhecimento que apenas adiciona informação e não se incorpora no *ser do paciente*. Do ponto de vista deste trabalho, gostaria de mencionar uma contribuição central de Bion que coloca em questão a natureza do conhecimento aportado pela atividade interpretativa. Bion nos indica que a vida mental não pode ser considerada apenas do ponto de vista de seus conteúdos, mas precisa ser encarada, também, do ponto de vista de como a mente se organiza para elaborá-los, ou seja, como a mente desenvolve um aparelho para pensar pensamentos.

Para Bion, o único conhecimento que importa é aquele que transforma o ser, em contraposição ao conhecimento que leva apenas a um acréscimo das informações disponíveis. A realidade só se torna tangível, se ela puder ser transformada, inclusive a realidade psíquica. Isso só pode ocorrer, se a interpretação não for explicativa e saturante (você é assim porque...), colorindo-se de um reducionismo simplista.

Em meu trabalho clínico, penso a interpretação como um ato de apreensão metafórica do processo de constituição das experiências emocionais, no momento mesmo de sua ocorrência e, portanto, indicador do processo pelo qual os significados são construídos. A interpretação, nesse contexto, é ato de criação de significados, tanto para o paciente quanto para o analista, embora de qualidade diferente, que amplia o universo da emoção, ao abrir redes de vivências emocionais até então impermeáveis. A metáfora apreendida pela interpretação não se limita a revelar isomorfismos. Ela associa conjuntos de experiências mediante processos comparativos, abrindo-as uma para as outras.

Penso que fantasias inconscientes são atuadas na sessão e na vida, independentemente da vontade ou conhecimento do paciente e não se reduzem a histórias a serem contadas para o analista. É através da narrativa do paciente, na sessão, que temos acesso aos personagens que contam a história do relacionamento desse paciente no mundo e na sessão com o analista, com o qual o personagem é construído conjuntamente, e as fantasias transformadas em ação. São as alterações na constituição desse personagem que expressam formas de articulação da experiência emocional que operam a transformação do *saber sobre* para o *tornar-se outro*, com base no movimento contínuo do que somos.

Sustentado implicitamente no conceito de posições (esquizo-paranóide e depressiva) introduzido por Klein, Bion abala, mais do que qualquer outro analista, o ponto de vista dinâmico que atribuía uma causalidade psíquica a um dinamismo inconsciente, constituído pelas relações objetais primitivas, em favor de um ponto de vista estrutural que privilegiava formas de articulação presentes da experiência emocional. Essa posição não nega a importância das primeiras identificações, apenas, a





meu ver, redefine sua função. Rompe-se, dessa forma, com a idéia de um determinismo simples e adota-se a idéia de um multideterminismo cujas estruturas causais se articulam de diversas maneiras em diversos planos. Na medida em que interpretamos estruturas causais que se articulam concomitantemente em diversos planos, introduzimos, na sessão, uma espécie de economia da surpresa que acrescenta ao *insight* uma qualidade de efeito-descoberta que abre novas perspectivas vivenciais para o paciente, ampliando sua consciência afetiva.

Ao examinar o material de uma sessão, procurarei mostrar que, como decorrência das concepções teóricas aqui mencionadas, a tarefa do analista, diante da fala do paciente, do ponto de vista do enfoque transferencial, assemelha-se mais ao trabalho do *criptolinguísta* diante de uma língua desconhecida a ser decifrada do que ao do intérprete diante de uma língua estrangeira. O intérprete possui a chave que permite a tradução da língua estrangeira, enquanto que o criptolinguísta não a possui, e sua tarefa consiste em encontrá-la. Esse, em sua tentativa de decifrar a língua desconhecida, procura identificar padrões que lhe permitam descobrir o que Chomski denominou gramática generativa. A busca de correspondência palavra à palavra entre uma língua conhecida e outra desconhecida seria fadada ao fracasso, pois o significado dessas depende, na maioria dos casos, de sua função no contexto sintático, ou seja gramatical, em que se situam. Da mesma forma, a relação entre a narrativa do paciente e os conteúdos inconscientes que estão sendo atuados não tem uma correspondência de tipo analógico. Sua relação é mais do tipo metafórico, na medida em que ela se estabelece em torno de semelhanças de significados e/ou funções. Penso que as relações entre o inconsciente e suas manifestações conscientes podem ser pensadas como se constituindo numa gramática. Utilizo-me do termo *gramática* no sentido que lhe deu Fernand Braudel, ao escrever *Grammaire des Civilisations*, para descrever os processos que regem a constituição das diversas histórias ocorrendo simultaneamente no processo de constituição de uma civilização.

Ao se relacionar metaforicamente ou metonimicamente com a consciência, o inconsciente está constantemente recriando novos significados. É nesse sentido que a transferência assume o caráter de uma poiesis tal qual é definida na língua grega clássica. O paciente nos diz coisas com palavras, e além delas, isso é feito também por meio de uma comunicação não verbal, com gestos e atuações. Nesse contexto, as próprias palavras podem tornar-se atuações da forma de operar das relações de objeto prevalentes no mundo interno. Podemos tomar essas manifestações como discursivas (que incluem também o não verbal presente na situação analítica) dirigidas ao analista, como tentativas permanentes de recriação das conexões perdidas entre os significantes não verbais do inconsciente e os significados da experiência emocional que dão sentido à nossa vida psíquica. Esse discurso que permeia a relação do in-





consciente com o consciente estrutura-se sob a forma de um código lingüístico desconhecido do analista, regido por certos princípios articuladores de significado, o equivalente à sua gramática generativa. Quero enfatizar que não estou afirmando que o inconsciente se constitui como linguagem, como o faz Lacan. Estou-me referindo, apenas, ao processo que permeia a relação do inconsciente com o consciente.

Mahony (1987) já havia notado essa relação entre os processos metafóricos e transferenciais, ao mencionar que, etimologicamente, na origem, as palavras “metáfora”, “transferência” e “tradução” são sinônimas (pág. 6).

Gostaria de me utilizar de uma sessão de um caso por mim atendido, para discutir minhas concepções. Esse caso, em parte já mencionado em outro trabalho, foi escolhido por ilustrar, de maneira muito viva, o modo como um estado de humor excitado, que praticamente não predisponha o paciente a um diálogo reflexivo consigo mesmo e com o analista, pôde ser alterado por uma interpretação com efeitos profundos em sua maneira de ser.

Trata-se da primeira sessão de um paciente, ocorrida logo após ausência de uma semana, motivada por uma viagem de negócios. Essa ausência deveria ter-se prolongado por mais alguns dias, caso fosse seguido o planejamento original, mas foi interrompida devido à sua preocupação com o estado de saúde de sua mulher, que lhe telefonou, informando que havia descoberto um nódulo no seio. Esse paciente é visto por mim 4 vezes por semana.

Na primeira sessão depois de sua volta, o paciente começa, dirigindo-se a mim de uma maneira pouco habitual, como se estivesse conversando com alguém de sua mais próxima intimidade, como se eu fosse um companheiro de travessuras. Seu tom é excitado e seu humor parece maníaco. Vou relatar a sessão da forma quase literal como ocorreu, buscando recriar o clima nela presente.

*Companheiro, cometi pecado capital!* (Isso é dito num tom enfático, algo jocoso, como se ele fosse-me contar uma travessura) *Encontrei a Adriana em Zurich. Aliás, você sabe muito bem quem ela é. Acho até que ela fez análise com você ou com sua mulher.* (Na realidade isso nunca havia ocorrido, embora eu soubesse de quem se tratava) (Pausa) *Não perguntei a ela, é obvio, se havia-se analisado ou não com você. Saímos eu, ela e Denise. Fomos ao (restaurante) Poirat. Você certamente sabe que o chef principal não está mais lá? Claro que sabe.! “X” me disse que você é um gourmet e não resiste a um bom prato. – Sei que você viajou num fim de semana com o Paul só para ir a um restaurante.* (Breve silêncio)

*Ceguei ao Brasil e, talvez até devesse estar falando disto, e Andréia estava muito aflita. Eu até adiantei minha volta, como lhe disse ao telefone, vim antes por causa disto. Ela me telefonou, contando que estava com um nódulo no seio e precisava fazer uma biópsia. No momento fiquei aflito e tomei o avião de volta naquela*





Elias Mallet da Rocha Barros

*mesma noite. Interrompi tudo. Eu não estava preocupado, pois sabia que não ia dar nada. Sabia que o resultado iria ser negativo. Até dei uma mancada de tão despreocupado que eu estava. Eu me esqueci de telefonar para ela depois de já ter voltado, quando ela foi fazer a biópsia e ela ficou muito brava comigo. Com razão! (Curto silêncio)*

*Então, voltemos à confissão! Ao sair com a Adriana e Denise, eu não pretendia nada. Aliás, nada que não fosse além de negócios. Você sabe que a Denise é essencial para o acordo que pretendo fazer com a Adriana. Eu só estava cevando a boa vontade da Denise para ela me ajudar a convencer a Adriana. Mas, você sabe que a Adriana é irresistível. Mas, ao sair, eu não estava pensando nisto. Mas, o que um Château Latour faz pela gente! Você sabia que o Humphrey Boggart dizia que a humanidade está a dois whiskies de distância da solidariedade social? Pois é. Tenho curiosidade de saber se você resistiu à Adriana! Quase perguntei. Ela veio com uma conversa que eu pensei: será que ela estava falando de você? Ah, dois dias antes de encontrar a Adriana, eu havia encontrado o Júlio e passamos a tarde conversando. Ele, sim, sabe distinguir trabalho de gafeira. Eu estava que não me aguentava mais no fim do dia. Tinha acabado de chegar e ele queria porque queria estabelecer as linhas gerais da conversa que teríamos com os representantes dos bancos de lá e acabou me fazendo trabalhar a tarde toda, desde a manhã, duas horas depois que eu havia chegado. Recebemos o pessoal no Hotel. Eu encomendei um puta aperitivo, você iria gostar: salmão de cinco tipos, pãezinhos do Le Pain d'Antain. (Vira-se então para mim) Você compreende estas coisas não? O Júlio, acho que não compreende. Ele me disse que não estávamos brincando, que tudo tem hora. Imagine só. De volta ao pecado! Voltamos ao Hotel e Adriana me disse que estava com dor nas pernas e me perguntou se eu tinha Voltarem. Eu tinha. (O paciente é hipocondríaco e viaja com uma série de medicamentos) Ela passou no meu quarto para pegar o Voltarem e eu, muito safado, amaciado por um Château Latour, perguntei se ela queria que eu fizesse uma massagem no pé dela. Tínhamos voltado andando do restaurante. E eu, claro que estimulado pela solidariedade humana, me propus a massagear o pé da moça. Resultado: eu e ela nos esquecemos do Voltarem, da Andréia, do Ricardo (o marido de Adriana) e....pecamos!*

A seguir o paciente menciona que não dormia há três dias por ter apressadamente alterado os termos de alguns contratos financeiros com base numa expectativa excitada do que aconteceria politicamente no país nos próximos meses. Aí comenta:

*Ah, tive um sonho muito curioso. Curtinho.*

*Sonhei que estava num supermercado, diante de uma prateleira e havia uma lata de salmão que custava dois dólares e uma lata igual de caviar que custava duzentos dólares. Não havia ninguém em volta e eu troquei os rótulos dos preços.*

28 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 1, abril 1997





*Coloquei dois dólares para o caviar, que levei para o caixa e duzentos dólares para o salmão que não comprei.*

*Gozado, não quer dizer nada para mim. Fica apenas uma sensação do quão excitante foi fazer a troca e minha ansiedade divertida ao passar pelo caixa.*

O paciente não tem nenhuma associação direta com o sonho.

Alguns aspectos da sessão que acredito estarem presentificados no sonho me chamam a atenção. Ele fala comigo como se eu fosse um íntimo companheiro de travessuras, que sentia tudo da mesma forma como ele sente e pensa. Sua fala sugere que eu também, se colocado na mesma situação, não resistiria à Adriana, uma mulher irresistível, da mesma forma como não resisto a uma boa comida. Chama-me a atenção a fala sobre Júlio que o faz trabalhar e que sabe diferenciar trabalho sério de lazer. A relação com a mulher está presente de forma ambígua. Ao mesmo tempo que se preocupou enormemente, quando soube que ela tinha um nódulo no seio e até interrompeu sua viagem por causa disso, ele se esquece de telefonar para ela, para saber o resultado da biópsia e, aparentemente, também não sente nenhuma culpa por havê-la traído. Sua certeza de que o resultado da biópsia seria negativo não tem qualquer base objetiva e me parece sustentado por uma crença onipotente.

Penso que a maneira de ele se relacionar comigo na sessão é uma atuação do que pode ser visto no sonho através da troca de rótulos. Esse nos indica como esse paciente se articula emocionalmente. Penso que P. opera na vida, trocando o rótulo do significado das situações emocionais que vive, de forma a tornar de baixo custo emocional para ele tudo o que deseja. Na transferência, não sou como Júlio, que sabe diferenciar coisas sérias de lazer excitado e me torno uma figura tão excitada quanto ele, que não resiste a uma mulher bonita, ou a uma boa comida, ou a seu relato dos acontecimentos da viagem e se esquece do estado de saúde de sua mulher. Tenho a impressão que a excitação tem dupla função. De um lado, ele se livra de toda culpa e responsabilidade pelo estado de seus objetos e, por outro lado ela o investe de crenças onipotentes que lhe permitem ter tudo que quer sem ter que pagar o preço para obtê-lo. No sonho o caviar passa a custar dois dólares e, graças à sua esperteza, ele o obtém pelo preço do salmão. Essa troca de rótulos é feita excitadamente. Essa mesma excitação o leva a envolver-se com Adriana, sem pensar nas conseqüências para os objetos que preza e, portanto, não terá que pagar qualquer preço por abandoná-los e realizar seus desejos. Ele diz que, naquele momento, Andréia (sua mulher), Ricardo (o marido de Adriana), o Voltarem (o medicamento anti-inflamatório) foram esquecidos. O próprio objetivo inicial da ida de Adriana a seu quarto, cuidar de seu tornozelo, de sua dor, é esquecido. Dor se cura com excitação. Essa é a prescrição que lhe é oferecida como modelo de cuidado para sofrimento emocional.

Interpreto para o paciente o conteúdo transferencial de sua fala, mostrando-





lhe que sou percebido por ele como um objeto que atua guiado pela minha excitação, que também se excita com ele, com suas histórias sobre diferentes tipos de salmão, pratos e mulheres irresistíveis, que se esquece de se manter como analista e cai na gafeira, ficando curioso e excitado pelo seu relato, que se esquece de querer saber qual foi o resultado da biópsia de sua mulher.

Depois de minha interpretação, o paciente fala-me do medo, quase pânico de perder sua mulher, de como se sentiu sozinho em outras viagens que fez a Zurich, antes de ser alguém importante, cercado de pessoas que o bajulam, de almoços, compromissos, etc. Fala-me da companhia que sua mulher lhe fazia quando viajava com ele. Também, depois de um silêncio, conta-me sobre sua solidão quando criança, vivendo em uma casa sombria e, na maior parte do dia, sem vida, dando a impressão de estar tudo em volta emocionalmente morto e menciona seu desconforto com a presença de um pai silencioso. Sua vida só se tornava interessante, quando a mãe lhe contava histórias à noite, histórias interessantíssimas, que lhe tiravam o sono e o levavam a mergulhar, com grande excitação, num mundo maravilhoso de heróis, figuras charmosas, mágicos, gerais poderosíssimos. Ele compara essa excitação que tomava conta de suas noites a experiências que tem quando visita seu país natal e assiste a cerimônias oficiais com a presença de forças militares acompanhadas de música marcial. Nessas ocasiões é tomado de um intenso sentimento de orgulho, poder e, eu diria, de superioridade. A interpretação mudou claramente seu estado de espírito e o colocou em contato com um mundo interno povoado por um pai emocionalmente ausente e por uma mãe muito excitante que lhe transmite sobretudo um sentimento de poder e superioridade.

Penso que a mudança de estado de espírito e as associações trazidas pela interpretação ilustram meu ponto inicial: toda interpretação que faz sentido para o paciente e opera uma transformação contém um momento de decodificação/revelação e é criadora de uma nova história de significações, ao abrir espaço para novas conexões emocionais. A consciência afetiva se amplia na medida em que o paciente se abre para o que até então era indizível.

A interpretação dada não se resume a uma decodificação reveladora de uma fantasia inconsciente e não tem o caráter de uma metáfora definidora, embora decodifique a operação dessa fantasia na sessão.

A fantasia inconsciente decodificada e revelada refere-se ao processo de constituição de um objeto onipotente com o qual se identifica, através da excitação que o anestesia da preocupação de ter que pagar o preço real para obter aquilo que quer. Dessa forma, a vida torna-se “barata” e tudo o que ele quer torna-se possível, sem que ele tenha, jamais, que passar pela experiência de fragilidade e pela possibilidade de ter que arcar com perdas e frustrações. Essa revelação muda seu estado de espírito e





o coloca em contato com novos esquemas mnésicos, propiciando-lhe a criação de novas experiências emocionais até então barradas a ele.

Nesse contexto, a decodificação, vivida durante a sessão, de um modo de operar inconsciente, liberta-o de um modo de gerar história de vida profundamente limitado por suas experiências emocionais passadas que o leva a repetir padrões automaticamente .

Nesse contexto, a decodificação do modo de operar de sua história passada tem a mesma função libertadora do futuro atribuída pelo historiador Lucien Febvre (1946, apud Le Goff, 1988) à pesquisa histórica quando diz:

*“Fazer história, sim, na medida em que a história é capaz, e a única capaz de nos permitir viver num mundo em instabilidade permanente, com outros reflexos que não unicamente os de medo.”*

Assim, a decodificação, na medida em que cria novas significações no âmbito da vida emocional, liberta nossos pacientes de uma maneira automática e repetitiva de gerar a própria história. Para mim essa é a função central do processo psicanalítico. □

## Summary

The author suggests that the question of whether interpretations are an act of creation that provide the possibility of a new life history and new meanings in our patients' emotional relationships, or whether they are acts of decoding (revealing) a pre-existing fantasy in the unconscious that makes them repeat meanings in the present, is a false problem. The evolution of the conceptions of the nature and function of the knowledge conveyed by interpretation leads to the suggestion that interpretations are, at one and the same time, acts of revelation/decoding (in the sense of a surprising exposition of a fact or facts that have hitherto been unknown) and, as a result of this revealing character, acts of creation of meanings that are not limited to the moment they occur. They remain available for other re-interpretations, since they endow the ego with an I-interpreter. This double character of interpretation, that some consider contradictory, has its origins in the question of how to conceive the relationship between consciousness and the unconscious, based on a discussion begun by Freud about the mode of existence of unconscious representations and their relationship to consciousness.





Elias Mallet da Rocha Barros

---

## Agradecimentos

Desejo agradecer as sugestões e as críticas feitas por Alberto M. da Rocha Barros Neto que muito me ensinou sobre interpretação e decodificação em teoria literária e a Elizabeth Lima da Rocha Barros. Também agradeço a Viviana Minerbo, Haroldo Pedreira e Nilde P. Franch pelas sugestões, todas incorporadas.

## Referências

- BRAUDEL, F. (1987). *Grammaire des Civilisations*. Paris: Arthaud-Flamarion.
- FEBVRE, L. Marc Bloch et Strasbourg. In LE GOFF, J. (1978). *La Nouvelle Histoire*.; Paris: Editions Complexe.
- FÉDIDA, P. (1992). *Nome, Figura e Memória*. São Paulo: Ed. Escuta. (Pág 82)
- FERRO, A. (1995). *A Técnica na Psicanálise Infantil*. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. (1915). *The Unconscious*. S.E. 14.
- MAHONY, P. (1987). *Psychoanalysis and Discourse*. London, New York: Tavistock Publications. (Ed. Bras. Mahony, P. 1990, *Psicanálise e Discurso*. Rio de Janeiro: Imago)
- MEZAN, R. (1996). Cem Anos de Interpretação. In *Cem Anos de Psicanálise*. SLAVUTSK, A.; SOUZA BRITO, C.L.; SOUZA, L. A. (organizadores). Porto Alegre: Artes Médicas.

**Elias Mallet da Rocha Barros**

Rua Tupi 579/161  
01233-001 – São Paulo – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA





# Fatores curativos nas psicanálises de filhos de sobreviventes do Holocausto antes da e durante a Guerra do Golfo\*

*Ilany Kogan\*\*, Israel*

*No presente trabalho, procurei explorar o efeito curativo do insight e dos fatores relacionais nas análises dos filhos de sobreviventes do Holocausto, antes e durante a Guerra do Golfo.*

*Uma característica específica dos filhos dos sobreviventes é a sua tendência a recriarem as experiências dos seus pais nas suas próprias vidas através da concretização. Uma meta analítica é ajudar esses pacientes a se darem conta do significado inconsciente embutido na sua atuação através de aumento da capacidade de insight, de modo que possam livrar-se da necessidade de concretizar e, em lugar disso, passar a verbalizar.*

*O impacto da Guerra do Golfo sobre os filhos de sobreviventes do Holocausto foi particularmente forte. Esses pacientes reagiram à ameaça existencial com sentimentos de impotência e terror, percebendo-a como uma repetição do passado. Assim, fortalecer as forças do ego passou a ser o ponto focal do tratamento, durante o período da guerra, e isso foi facilitado por fatores relacionais. Apenas perto do fim da guerra, tornou-se possível começar a elaborar as transferências regressivas evocadas pela situação traumática por meio do maior insight, ou tentar separar a confusão entre o presente do passado usando a interpretação.*

\* Publicado no *Int. J. Psycho-Analysis*, vol. 74, parte 4, 1993, p.803-814.

\*\* Membro da Sociedade Psicanalítica de Israel.





Ilany Kogan

## Introdução

Antes de entrar no assunto deste trabalho – o efeito curativo do “insight” e dos fatores relacionais nas análises dos filhos de sobreviventes do Holocausto antes da e durante a Guerra do Golfo – gostaria de compartilhar com vocês alguns pensamentos sobre o dilema da realização da Psicanálise durante uma época de ameaça à existência.

Entre as perguntas que os analistas israelenses se fizeram, durante a Guerra do Golfo, estavam: Quais os sentimentos de pessoas que confrontam a possível destruição de si mesmas e dos seus filhos? Qual é o significado do tratamento analítico em tal situação? E qual é a tarefa de analistas que se encontram no mesmo barco que os seus pacientes? Afinal de contas, em épocas de ameaça à existência, a Psicanálise torna-se uma situação que mal pode ser entendida por meio das nossas concepções técnicas usuais. Durante a Guerra do Golfo, o setting psicanalítico tornou-se uma sala selada que podia transformar-se, a qualquer momento, de consultório em abrigo contra ataque químico. Quando estava para cair um míssil durante uma sessão, tanto o paciente como o analista vestiam as máscaras contra gases que os israelenses carregavam consigo para todos os lugares. Em tais momentos, os pacientes compartilhavam de um período de ameaça à vida com os seus analistas, o que certamente teve efeito profundo sobre a análise.

Voltando ao efeito curativo do insight e dos fatores relacionais, deveríamos, talvez, lembrar que, de acordo com Freud, a “cura” depende não apenas da ausência de sintomas, mas também da capacidade de desenvolver relacionamentos de amor e intimidade e ser produtivo no seu trabalho. Assim, a fim de efetuar uma “cura”, os pacientes em terapia devem ser levados a renunciar a padrões fixos de pensamento, sentimento e comportamento, que podem outrora ter sido adaptivos, mas que são limitantes e levam à derrota do que pretendem na realidade atual. Aqui, devemos lembrar também que Freud via o “insight” como um importante fator curativo na Psicanálise, que “*onde estiver o id, estará o ego*” (Freud, 1915a).

O debate sobre o efeito curativo de fatores relacionais versus insight origina-se numa controvérsia precoce entre Freud e Ferenczi. Freud definiu cuidadosamente sua abordagem neutra-interpretativa, enquanto Ferenczi (1920) defendeu sua abordagem “ativa”, cuidadora, na qual o analista fica emocionalmente disponível, é caloroso e responsivo. Os aspectos de nutrição\* e reconstrução (nurturing-reconstructive) e outros do pensamento de Ferenczi, encontraram sua expressão posteriormente nas obras de Alexander, Balint, Fromm-Reichmann, Guntrip, Khan, Kohut, Sechehayé, Sullivan e Winnicott (Slipp, 1982).

\* Nurturing – no texto, significa mais do que nutrição no sentido alimentar. Refere-se, outrossim, ao conjunto de cuidados maternos. (N. da R.)





A opinião que apresentarei neste trabalho é que tanto o insight como os fatores relacionais são sempre importantes, mas que o insight através da interpretação deve ser postergado em tempos de ameaça à existência, enquanto que os fatores relacionais que têm lugar entre o analista e o paciente durante esse período não apenas “contêm” (hold) o paciente, como também poderão estabelecer o fundamento para o trabalho analítico melhorado depois de terminada a ameaça. Eu gostaria de acrescentar, aqui, que as minhas hipóteses e conclusões devem ser vistas no contexto da afirmação de Freud de que *“Na confusão do tempo de guerra em que estamos envolvidos, tendo que nos basear em informações unilaterais, próximos demais às mudanças que já ocorreram, ou estão começando a ocorrer e sem um vislumbre do futuro que está sendo moldado, nós mesmos não conhecemos a importância das impressões que nos pressionam e o valor dos julgamentos que formamos”* (Freud, 1915b, p.275).

### **Concretização: uma característica específica dos filhos dos sobreviventes do Holocausto**

A fim de ponderar o efeito curativo do insight e de fatores relacionais nas análises dos filhos de sobreviventes do Holocausto, examinarei primeiro uma característica específica desse grupo: a “concretização” (Bergmann, 1982), que se refere à necessidade, comum entre filhos de sobreviventes, de recriar as experiências traumáticas dos seus pais, e os afetos que acompanharam as mesmas nas suas próprias vidas.

A minha experiência, no trabalho terapêutico com filhos de sobreviventes do Holocausto, especialmente durante o período da recente Guerra do Golfo, levou-me a fazer a mim mesma as seguintes perguntas: como os fatores intangíveis, embora potentes, que surgem na interação paciente-terapeuta, permitem a esses pacientes específicos vencer sintomas, pôr de lado comportamento maladaptativo e amadurecer e desenvolver-se como indivíduos? Será que o efeito (presumivelmente) curativo desses fatores é diferente nesses pacientes do que em outros pacientes neuróticos, borderline ou psicóticos? E, será que nós analistas os utilizamos de maneira diferente durante períodos de ameaça existencial?

Em busca de respostas a essas perguntas, enfocarei um fenômeno comportamental que me impressionou repetidamente no meu trabalho clínico (Kogan, 1988, 1989, 1990, 1992), bem como nos relatórios do meus colegas. Bergmann (1982) descreveu-o e deu-lhe o nome de “concretização”, nome com o qual ela designa fantasias que são vividas através de enxerto no ambiente do paciente e intertramadas na sua realidade corrente, em lugar de serem verbalizadas como tais. A concretização é especialmente aparente durante as primeiras fases da análise em pacientes cujos pais





Ilany Kogan

passaram por um trauma enorme e que se defenderam psicologicamente por meio da negação de suas experiências.

Tal concretização é resultado de uma patologia compartilhada do superego entre pais sobreviventes e os seus filhos. É diferente do concretismo, que Grubrich-Simitis (1984) define como um prejuízo da capacidade do ego de utilizar a metáfora. É diferente de transposição, que Kestenberg (1982) define como uma fantasia de viver durante o Holocausto e salvar as vítimas, mas que não se refere necessariamente às experiências dos pais. A concretização a respeito da qual estou falando não significa a atuação (acting out) das nossas próprias experiências traumáticas, e sim, diz respeito aos pacientes que fazem a atuação dos aspectos traumáticos das vidas dos seus pais sem compreender o que estão fazendo. Tal concretização indica uma confusão entre o self e o objeto, entre o passado e o presente e entre a fantasia e a realidade.

A concretização inclui temas de morte e sobrevivência ligados a temas expressos inconscientemente a respeito do trauma originalmente vivenciado por outra pessoa – nesse caso por um dos pais.

A fantasia concretizada poderá simbolizar ou a reanimação ou a desanimação, trazer alguém de volta à vida ou “fazer” morrer aquele alguém. Portanto, muitas vezes submete os analistas daqueles que concretizam a tensão emocional quando, por exemplo, pacientes agem como se estivessem em perigo de serem mortos, ou quando se põem em real perigo, ao estarem sempre prontos para salvar a si mesmos ou a outros. O efeito de emergência criado pelo impacto dessa morte sempre iminente parece despertar sentimentos arcaicos de sofrimento (distress) e/ou vazio no analista. Isso poderá levar a uma sensação de urgência, que deve ser dominada antes que o analista possa ajudar o paciente.

Uma meta analítica importante do tratamento psicanalítico de filhos de sobreviventes do Holocausto é ajudá-los a aliviarem-se do fardo do passado dos seus pais (Klein & Kogan, 1986). O insight tem um efeito particularmente curativo com pacientes desse tipo. Pois o aumento do insight pode ajudá-los a entender o significado inconsciente embutido nas suas ações e, dessa forma, tornar mais fácil para eles se livrarem da concretização. Naturalmente, não estou falando aqui, em primeira linha, a respeito de uma realização cognitiva de parte do paciente. A fim de conseguir isso, o analista deve proporcionar – através de interpretações e do modo como são apresentadas – uma sensação de segurança (Sandler, 1985) que permitirá aos pacientes iniciar a busca do significado dessa atuação e, em lugar disso, colocá-lo em palavras.

Ilustrarei o efeito curativo do insight e dos fatores relacionais nas análises dos filhos de sobreviventes do Holocausto, apresentando fragmentos das análises de duas pacientes vistas antes da e durante a Guerra do Golfo.





## O Caso de Batia

Primeiramente, mostrarei uma tentativa de entender, através do aumento da capacidade de insight, os significados inconscientes embutidos nas ações da filha de sobreviventes do holocausto, e como a maior elaboração desse insight ajudou-a a renunciar à concretização de fantasias ligadas ao passado de sua mãe.

Batia, uma mulher casada de 40 anos de idade, mãe de três filhos, é a filha mais velha de dois sobreviventes do Holocausto. Tanto a mãe como o pai de Batia perderam suas famílias na Polônia. O seu pai uniu-se a um grupo de partisans que lutou nas florestas. Sua mãe tinha cerca de 12 anos de idade, quando seus pais e irmãos foram levados. Ela foi salva por uma mulher não judia, que a criou como cristã. Aos 16 anos de idade, ela foi enviada para a Alemanha, a caminho de Israel, onde ela conheceu um homem, 23 anos mais velho do que ela, com o qual se casou. Um ano após o casamento, aos 18, deu à luz a Batia. A família emigrou da Alemanha para Israel, quando Batia tinha um ano de idade.

Batia descreve sua mãe como uma pessoa infantil, que “nunca conseguiu cuidar de si mesma ou dos seus filhos. Ela era muito bonita, loira e de olhos azuis, mas, por baixo, ela sempre estava desarrumada e suja”. Batia sente que ela era muito ambiciosa na escola e na sua carreira, já que ela considera o sucesso como o único meio de lavar a “sujeira” que ela atribui à sua origem. Lutando por realizações materiais, ela incentivou seu marido a iniciar seu próprio negócio, no qual ele alcançou enorme sucesso. O casal construiu uma casa elegante nos subúrbios, porém, quando se mudaram para lá, Batia ficou deprimida. Ela odiava a beleza e elegância da casa e não conseguia explicar sua infelicidade nem para si nem para qualquer outra pessoa. Abaixo apresento um extrato de uma sessão que lida com sua atual busca de outra casa, melhor, o que está ligado à sua tentativa inconsciente de recriar o passado de sua mãe através de sua própria vida. Esse episódio ocorreu cerca de nove meses antes da Guerra do Golfo.

*B (Batia): Nos últimos dez a quinze anos, tudo o que eu sonhava, o dia inteiro, era ter uma casa. Eu queria uma casa minha, uma casa particular; isso seria a realização de minhas ambições. Uma casa é também um símbolo de alta condição social (status), indicando, talvez, qualidade de vida diferente. Eu desejava viver numa casa como aquelas que se vêem nas fotos de revistas. O problema da casa que o meu marido e eu construímos é que as cercanias não são como aquelas dos meus sonhos. Não há uma floresta verde, nenhum lago. Eu tenho que mudar-me. Definitivamente, está no lugar errado. E, quando eu sair de lá, não a venderei e sim a transformarei num monumento. A casa mostrará a todo o mundo o que conseguimos alcançar.*





Ilany Kogan

*I (Ilany): Por que você gostaria de transformar essa casa num monumento?*

*B: Eu lhe direi por quê. Isso está relacionado ao meu desejo de viajar para a Polônia, recortar uma estrela amarela e mostrá-la a eles: olhem para mim, com a minha estrela amarela e a minha bandeira israelense. Estou de volta! Vocês não conseguiram destruir-me. Orgulho-me de quem sou, não me sinto mais envergonhada, apesar de ter sentido vergonha durante muitos anos.*

*I: Deve ser muito difícil para você, sentindo tanto orgulho, mostrar-me todas as coisas das quais sentiu vergonha.*

*B: Sim... Sou uma pessoa complexa. Ontem vi um dos nosso ministros do governo na TV. Ele parecia tão vulgar, repulsivo, analfabeto. Esse governo nosso, são todos burros. Apenas quando vou a concertos é que vejo a parte refinada de Israel.*

*I: Acho que você está-me dizendo como se sente a respeito de você mesma: que há um aspecto refinado, mas também um aspecto que você considera vulgar e burro.*

*B: Bem, você sabe, as casas aqui são sujas. Não há muita estética aqui. Eu pessoalmente não sairia de casa sem fazer manicure e pedicure. Minha roupa de baixo tem de ser muito limpa. Minha mãe é suja, sabe. O soutien e as calcinhas dela são sujos. O forno da minha mãe é sujo, a banheira é suja.*

*I: Parece que você tem de apresentar um aspecto externo refinado e limpo, a fim de tapar o que você considera os lugares vulgares e sujos dentro de você.*

*B: A mãe é uma dama na aparência, mas longe de sê-lo por dentro. Ela dizia sempre que era cristã. Mas ela era mentirosa. E apesar de tudo que aparenta, ela nunca se interessou por alguém mais do que si própria. Isso é sujo.*

*I: Você parece ter muitas dúvidas sobre os meus sentimentos em relação a você, se são reais ou fingidos.*

*B: Você é esperta. Você está fazendo um jogo. Você está no seu papel de médica. A mãe nem tentava fingir um papel.*

Na contratransferência, senti-me empurrada para longe, ao mesmo tempo que percebia a necessidade de Batia.

*I: Eu sinto que você tenta manter-me à distância, ao mesmo tempo que você se sente sozinha e triste.*

*B: Estou muito triste, é verdade. Quero ocultar minha tristeza, mas, então, sinto como se estivesse brincando de jogar. Sinto vergonha de dizer-lhe que ultimamente não tenho-me lavado diariamente. Sinto-me suja. Gostaria de poder pegar minha casa e mudá-la para outro lugar. Preciso de terra a minha volta, silêncio, árvores, um lago.*





I: Penso que você me mostra a parte triste, “suja”, de você, esperando que eu a traga para outro lugar dentro de você, onde você gostará mais de você mesma.

B: *Você tem razão a respeito disso, não gosto muito de mim mesma... Você sabe... quando eu era mais jovem, lia muito. Eu até copieei descrições de paisagens em um caderno, eu amava tanto. Eu li a respeito de uma casa onde cem crianças judias foram salvas. Agora tudo está naufragando (se afogando) de volta na história. Tenho necessidade dessa casas.*

Ficamos sentadas por alguns minutos. Eu estava a par do desejo de Batia por um lar emocional na análise, um desejo ardente que, conforme eu muito bem sabia, ela não podia dar-se ao luxo de reconhecer nessa altura dos acontecimentos. Senti-me sobrepujada por uma sensação de frustração e tive o pensamento fugidio de que eu nunca poderia alcançar essa mulher, que era como querer chegar a alguém em outra época da história, algo irrealizável.

I: O que você parece compartilhar comigo, hoje, é o seu sentimento de perda e desejo intenso por algo que nunca poderá ser realizado... Conte-me mais sobre o livro do qual você copiou as descrições...

B: *Não me lembro... Acho... está voltando agora... O nome do livro é Meus Cem Filhos. É a respeito de uma casa em Zakopane, na Polônia, onde crianças foram salvas dos nazistas. A paisagem em torno da casa era linda. Tinha um amplo terreno, uma floresta, um lago (com ar perplexo): será possível que é essa a casa que eu estou procurando – como se eu estivesse tentando tornar-me a minha própria mãe e viver a vida dela no presente?*

Essa vinheta ilustra como Batia passou a dar-se conta do seu desejo de existir em dois níveis de realidade. Durante essa sessão, ela transmitiu-me, através de identificação projetiva, a sua tentativa fútil de viver tanto no presente como no passado. Não fiz imediatamente uma interpretação direta de transferência. Em vez disso, minha interpretação baseou-se na ressonância que esse afeto causou em mim: o sentimento de que eu nem sequer conseguia alcançá-la. Como resultado disso, Batia sentiu-se suficientemente compreendida, para poder procurar e encontrar o aspecto do seu mundo interno que ela estava procurando externalizar. Pudemos elaborar os sentimentos de Batia de ser “suja”. Batia ligava isso à história da sua mãe ter sido salva por uma mulher não judia em cuja casa “suja” ela vivera. Apesar de ver o passado cristão da sua mãe como “sujo”, ela realmente a acusava de ser, sob sua fachada “ariana”, uma judia “suja”, com a qual ela também se identificava. Embora maciçamente negada, a fantasia da sua mãe comportar-se de maneira “suja”, ser sexualmen-





Ilany Kogan

te promíscua a fim de salvar a vida, vem à tona aqui. A continuação da elaboração analítica desse insight forneceu uma matriz na qual o seu conhecimento atual sobre si mesma facilitou a diferenciação em relação ao passado de sua mãe.

Continuarei com o caso de Batia, ilustrando como tentei lidar com os sentimentos de raiva, impotência e terror que Batia apresentou logo depois do início da Guerra do Golfo. O meio de ação geralmente aceito em Psicanálise, aquele da interpretação, não mais parecia válido; outros fatores, pertinentes à minha relação real com a paciente, vieram para o primeiro plano.

B (sorrindo): *Hoje ouvi as palavras “destruição em massa” o dia inteiro. Passavam o tempo inteiro pela minha cabeça. Não tenho nem idéia se um abrigo selado é proteção suficiente contra ataques com gás. Será?*

Eu dava-me conta que, na transferência, Batia estava perguntando se eu poderia abrigá-la e protegê-la contra as coisas terríveis que poderiam acontecer. Mas, sentindo que tal interpretação de transferência me colocaria num papel onipotente, referi-me ao afeto, tentando entender o sorriso inadequado que acompanhava suas palavras.

I: Eu me pergunto... você estava sorrindo o tempo inteiro?

B: *Eu estou chorando por baixo. Tenho medo de um ataque a gás. No filme Shoah, havia uma cena de gente indo para a câmara de gás. Estavam nus, urinando, defecando: quando a gente tem medo, as coisas saem da gente. Quando eu vou para a sala selada, preciso ir ao banheiro. O pensamento que me vem à mente é que eu odeio os alemães. Sempre os odiei e amei, ambos. Mas, agora, a sujeira está saindo de novo com sua guerra química. Tenho medo que o gás penetre minha máscara contra gás. Fico terrivelmente ansiosa. Acho que, talvez, mande meus filhos para os Estados Unidos. Quando fico sentada lá, com a máscara contra gás no meu rosto, fico envergonhada pelos meus filhos: eu os trouxe para um mundo como este, onde temos de usar máscaras contra gás. Elas sentem a minha ansiedade. É transmitida através do ar. Há uma catástrofe no horizonte. Sou como um cão de guarda. Consigo farejar de onde vem o perigo e tenho sentidos sadios. Não quero repetir as experiências dos meus pais.*

Dei-me conta que, na transferência, Batia estava expressando suas dúvidas a respeito da minha capacidade de prevenir a catástrofe. Novamente, tive a sensação de que uma interpretação de transferência, nesse momento, me colocaria em um papel irreal. Como eu sabia que Batia e eu estávamos realmente no mesmo barco, expressei





os meus próprios sentimentos: “*Estamos todos ameaçados de morte e destruição... todos nós queremos viver*”.

Batia continuou, referindo-se a um evento real que eu também vi recentemente na TV e que causou terror nos corações de todos os israelenses: “*Ontem, vi uma meninazinha na TV, cuja casa havia sido bombardeada. Ela queria ir para casa, mas não podia, porque a sua casa transformara-se, repentinamente, em um monte de escombros.*”

Mais uma vez, na transferência, dei-me conta de que Batia temia que eu, no meu papel de lar emocional dela, na análise, seria destruída. Mas isso não era uma mera fantasia da sua realidade interna. Nesse momento era uma possibilidade viável.

Portanto, eu apenas podia reconhecer os nossos sentimentos comuns de terror, quando confrontados com a possível destruição. Contudo, realmente indiquei que o medo de que a sua casa pudesse ser transformada num monte de escombros tinha um significado especial para ela, porque estava ligado a uma possível repetição do passado da mãe, na realidade presente de Batia. Batia, que durante toda a sua vida procurara tão desesperadamente a Casa da Mãe que fora destruída no passado, agora era confrontada com a possibilidade de uma catástrofe semelhante na sua própria vida. Apenas depois, na análise, pudemos lidar com os sentimentos de transferência de Batia, quanto à possibilidade de minha destruição.

## O Caso de Hannah

A seguinte vinheta clínica, que ocorreu cinco anos antes da Guerra do Golfo, ilustra a tentativa de uma paciente no sentido de compreender o apelo da concretização através da interpretação do papel atribuído ao terapeuta na transferência e os papéis atuados pela paciente.

Hannah é filha de um sobrevivente do Holocausto, cuja primeira esposa nele pereceu, e que passara muito tempo escondido durante a guerra.

Durante o primeiro ano de análise, quando Hannah tinha 32 anos de idade e era solteira, houve muitos episódios de concretização que expressavam a tentativa inconsciente de Hannah no sentido de recriar o destino da primeira esposa do seu pai. No caso dela, o fato de que ela convive com a animosidade árabe em Israel está muito ligado às suas fantasias sobre o passado do seu pai.

Hannah apressou-se a voltar de uma viagem à Europa, em estado de pânico, para relatar, com enorme ansiedade, que ela se sente em grande perigo porque “*há um árabe atrás de mim*”.

No final das contas, o que acontecera era que, no lobby do hotel onde ela





Ilany Kogan

passou a noite, Hannah conheceu um homem elegantemente vestido que lhe parecia um espião árabe. Apesar de ter outra cidadania e de viver em Israel havia apenas poucos meses, ela imediatamente contou-lhe que era cidadã israelense. Após um jantar e cinema em sua companhia, Hannah foi ao quarto dele, onde os dois fizeram sexo sem pronunciar uma palavra. Ela se deu conta, então, de que sequer sabia o seu nome. Dando como desculpa que tinha de ir ao banheiro, vestiu-se às pressas, agarrou a sua bolsa e deixou o quarto dele. Duas horas depois, ela estava a bordo de um avião para Israel.

De volta a casa, ela informou ao hotel que deixara lá um par de sapatos e deu-lhes o seu endereço para que pudessem devolvê-los. Imediatamente após, veio procurar-me em estado de desespero, convencida de que o “espião árabe” agora iria persegui-la.

Hannah ligou esse episódio ao filme *O Porteiro da Noite*, que ela vira muitos anos antes numa viagem à Europa. Conforme contado por ela, o filme é a respeito de um encontro, alguns anos após a Libertação, entre uma mulher judia, que passou sua adolescência num campo de concentração, e um oficial nazista daquele campo que fora seu torturador. Nesse encontro, o passado prevalece sobre o presente, e os protagonistas, coagidos por uma força mais forte do que eles, retomam seus papéis do campo de concentração de perseguidor/vítima. O homem abusa da mulher sexualmente e, incapaz de continuar a enfrentar a realidade, mata-a.

Ao tentar entender a necessidade de Hannah atuar os seus desejos inconscientes e fantasias ligados à primeira esposa do seu pai, mostrei que Hannah estava me colocando no papel da sua própria salvadora, ao mesmo tempo que tentava trazer essa mulher de volta à vida, tornando-se ela. Mas, acrescentei, ela estava tentando colocar-se em perigo de ser morta pelo árabe/nazista. Seguindo essa interpretação, Hannah pôde trazer material que mostrava que, por detrás do seu desejo de ser a vítima, havia um desejo inconsciente de tornar-se minha perseguidora. No decorrer de toda essa análise, elaboramos o vínculo especial existente entre Hannah e seu pai que a fazia recriar o passado dele na vida dela. Elaboramos sentimentos de luto e culpa, que foram transferidos a ela além de palavras, através de um ambiente especial no lar. Isso permitiu a Hannah separar-se do fardo do passado e construir uma vida própria. A análise continuou, e cinco anos depois, durante a Guerra do Golfo, Hannah estava casada e era mãe de dois filhos. A vinheta apresentada a seguir teve lugar quatro semanas depois do início da Guerra do Golfo, período durante o qual ela não viera à análise. (Isso era pouco comum, porque, após alguns dias, a maioria dos pacientes voltou ao tratamento, na medida em que quase todo o mundo que trabalhava fora de casa voltou a trabalhar durante as horas diurnas.) Através deste fragmento da análise, podemos ver como Hannah lutou para alcançar um insight mais profundo





que lhe permitiu separar suas fantasias a respeito do Holocausto dos eventos traumáticos que tinham lugar na realidade corrente:

*H (Hannah): Na primeira noite em que ouvi a sirene, fiquei em pânico, tremia toda. Eu não conseguia respirar. Meu marido não estava em casa, ele estava na reserva. Sagi (seu filho de um ano de idade) gritava, com o seu rosto amassado contra a tenda plástica anti-gás. Ocorreu-me que, a qualquer momento, poderíamos estar todos mortos, as crianças também. Você também sentiu-se assim?*

*I (Ilany): Você está perguntando se tinha o direito de sentir-se assim? A primeira noite foi uma vivência assustadora. Máscaras contra gás nos nossos rostos por três horas e meia... sem saber o que poderia acontecer... sermos ameaçados de destruição...*

*H: Senti-me envergonhada de ter ficado tão assustada. Precisei de algum tempo para voltar à análise. Mas, agora, é como uma rotina. Você pode acostumar-se a quase qualquer coisa. Aquele ataque foi numa noite de sexta-feira. Eu estava sozinha com os dois bebês, não estava usando as minhas lentes de contato e não conseguia ver através da máscara. Ben (o marido dela) não estava em casa, e os bebês estavam ambos histéricos. Dan (o filho mais velho) queria uma mamadeira. Mas eles disseram que não deveríamos tirar as máscaras, de modo que eu não podia dá-la para ele... Eu sei que foi muito bom que consegui passar por tudo isso sem ter de falar com você.*

*I: Agora que você está mais forte, está-me contando sobre o bebê em você, que necessita da minha atenção e cuidados. Mas você provavelmente teme expor esse aspecto e ficar em contato com ele.*

*H: É verdade. Eu senti que deveria ser forte, que não podia permitir-me ser bebê, agora que as crianças têm necessidade de mim. Mas, há algo muito importante que queria contar-lhe. Eu me preocupei por muitos anos com pensamentos sobre o Holocausto. Agora senti que não é como foi naquela época. Aqui temos o nosso próprio país... exército, governo. Mesmo se algo químico cair aqui – todo o mundo fez essa ligação com a Alemanha – não sinto que estejamos à beira de outro Holocausto.*

*I: Você está lutando para desconectar o presente do passado.*

*H: Ben achou que deveríamos ir para o exterior, ou para Jerusalém. Mas eu disse que não. O meu destino e o das crianças estão ligados ao destino do país. Em algum lugar profundo dentro de mim eu sabia que aqui eu estou confortável na minha casa, com os meus filhos ouvindo o noticiário na rádio do exército israelense. Isso não ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial. Eu não comparo as duas experiências, o que faço, em vez disso, é contrastá-las. Nós temos alimento, nossa casa*





Ilany Kogan

*está aquecida. A única coisa que se tem de vencer é o seu medo. É o medo do desconhecido. Na primeira noite eu não sabia o que esperar. Agora é diferente. Falei com meu pai ontem. Ele disse que os judeus já passaram por situações piores.*

### **Um dia depois do fim da guerra, Hannah teve uma sessão.**

*H: É bom ficar sem máscaras contra gás. Mas aconteceu tão rápido. Eles deveriam ter esperado até estarem totalmente seguros. Assim, agora os psicólogos podem estudar Israel no momento após a guerra e as máscaras contra gás.*

*I: Você quer dizer que, agora que não há mais perigo, você não se sente tão próxima de você quanto antes? Que eu me tornei a psicóloga remota que poderia estar interessada nas suas reações para fins de pesquisa.*

*H: Quero dizer que haverá efeitos, que a vida não pode voltar ao normal. Na quinta-feira, quando abri a sala selada, senti vontade de telefonar e pedir uma sessão adicional para sexta-feira. Eu me sentia em estado de confusão. Chorava. A gente tem de controlar-se, mas depois... No dia após o primeiro míssil SCUD, estava no jardim com as crianças. Pensei a respeito do meu pai, que ficou escondido num porão durante meses, na guerra, e não podia ver o sol. Agora ele muitas vezes fica deitado no jardim. Ele gosta do sol, da sua família em torno dele, todos bem e em segurança. Provavelmente isso vem dele. Agora, tenho a sensação de que tenho de viajar. Você começa a apreciar mais as coisas. Levei as crianças a um kibutz, ao playground. Parecia surpreendente o simples fato de estar livre. Neste fim de semana, quero ir a Jerusalém. Quero fazer algumas viagens.*

*I: Então, voltando à análise, trazer o aspecto criança em você para esse playground é voltar à vida e à liberdade. Você quer continuar as viagens dentro de você mesma.*

*H: Eu costumava querer ficar com as crianças em casa. Agora estou cheia de ficar em casa. Quero que as crianças vejam o país. Todo o mundo tem essa sensação de estar saindo do esconderijo.*

*I: Você escondeu-se em casa durante quatro semanas, antes de decidir voltar ao tratamento.*

*H: Eu sei que meu pai ficou escondido durante a guerra... depois ele saiu para procurar comida e, quando voltou, sua mulher e filhos tinham desaparecido. Pode ser esse o motivo pelo qual eu não consegui sair de casa durante um mês inteiro, embora visse os outros à minha volta, trabalhando e vivendo normalmente.*

*I: Você parece comparar a atual situação às experiências do seu pai no passado.*

*H: É diferente, porque não nos tocou. Digamos que fomos ameaçados por*





*alguém semelhante a Hitler, para a maioria de nós era apenas uma ameaça. E isso a afeta tanto quanto você permite. Às vezes, eu sentia vontade de dizer a você: isso não é nada, é apenas uma ameaça. Mas, no dia seguinte, fiquei tão ansiosa que não mandei meu filho para a maternal.*

I: Você teve de ser forte e madura, você desejava acalmar a mim e a você, mas, por dentro, você estava ansiosa e não podia mandar a menininha em você à análise. Você tinha de selá-la numa sala dentro de você. Agora podemos abrir esse lugar e ficar mais em contato com o que está lá.

H: *Eu podia ter ido embora. Estava sozinha, o meu marido não estava lá. Disseram que muitos israelenses estavam saindo... Eu não consegui ir. Se eu fosse para o Exterior, estaria ocupada com o que está acontecendo aqui... As pessoas lá viveriam suas vidas normais. As únicas pessoas das quais me sinto próxima são aquelas que estenderam a mão para mim nos últimos anos. A coisa terrível era a ameaça às crianças. Por que, então, não as levei para o Exterior? Porque eu não conseguia, é isso aí.*

I: O que você parece estar dando a entender é que um dos motivos pelos quais você não foi para o Exterior foi porque você sabia que eu estava aqui, estendendo a mão para a criança ameaçada dentro de você.

H: *Você telefonou logo após o início da guerra e perguntou-me se estava tudo bem. Isso é muito pessoal.*

Estas sessões nos mostram a resistência de Hannah aos seus impulsos regressivos de obter abrigo e proteção no início da Guerra do Golfo, quando ela não se permitiu vir à análise. Através das minhas tentativas de interpretar isso para ela, Hannah deu-se conta do seu medo de ficar em contato com seus desejos infantis que ameaçavam seu desempenho maduro durante o período estressante da Guerra do Golfo. Através do aumento do insight, ela passou a compreender que se sentia e agia como o seu pai, que esteve escondido durante o Holocausto e perdeu a família quando saiu de casa por pouco tempo. Ao sentir-se mais forte e mais capaz de lidar com a realidade, Hannah pôde continuar a sua luta para separar a realidade presente do passado horrendo de seu pai.

## Discussão e conclusões

Aqui discutirei 1) o efeito curativo do insight e da interpretação nas análises dos filhos de sobreviventes do Holocausto e 2) o efeito curativo de fatores relacionais entre o analista e o seu paciente durante um período de ameaça à existência.





Ilany Kogan

Acredito que o insight, facilitado pelas interpretações do terapeuta, desempenha um papel curativo importante nas análises de filhos dos sobreviventes do Holocausto. Essas interpretações tornam-se uma ferramenta fundamental, para dar significado a tais ações e ajudar esses pacientes a traduzirem a atuação numa forma verbal e cognitiva. Por meio do aumento da capacidade de insight, os pacientes dar-se-ão conta de que tais ações simbólicas e deslocadas são inconscientemente dirigidas a entes queridos perdidos. Isso leva à consciência de que, com efeito, estão vivendo em dois níveis: aquele do seu próprio presente e aquele do mundo de fantasia ligado ao passado traumático de seus pais. Elaborar esses insights no contexto do relacionamento de transferência acaba melhorando a capacidade de diferenciar sua vida presente do passado dos seus pais.

No intuito de avaliar o efeito curativo do insight e de fatores relacionais durante a Guerra do Golfo, examinarei primeiro a maneira pela qual os filhos de sobreviventes do Holocausto perceberam a realidade durante esse período. Isso significa perguntar-se como o trauma presente afeta a memória do passado. Não existe um tempo no inconsciente (Freud, 1915a), apenas a articulação de significados (Schaeffer, 1980). O passado e o presente se fundem no inconsciente, de modo que os significados que foram ainda são, e os significados que são afetam e mudam aqueles que foram (Loftus & Loftus, 1980). Moses (1993) enfatizou o componente inconsciente encontrado mais claramente em sobreviventes do Holocausto que temem a repetição do passado que vivenciaram, embora essa não seja uma avaliação realista.

O modelo psicanalítico de trauma compreende dois momentos: um evento posterior que faz reviver um evento original, que apenas agora se torna traumático (Laplanche & Pontalis, 1967). Para os filhos de sobreviventes do Holocausto, a experiência da Guerra do Golfo reativou o trauma do passado dos seus pais. E, ligando-se a horrores do passado, essas experiências assumiram a qualidade dos temores e pesadelos da infância. Isso ameaçou destruir a fronteira entre o que está dentro e o que está fora, entre a realidade e a fantasia (Auerhahn & Prelinger, 1983). Muitos desses filhos perceberam os ataques de mísseis a Israel como prenúncio de outro Holocausto, que sempre haviam esperado aterrorizados. A política de não-retaliação de Israel apenas reforçou essa sensação e trouxe de volta o medo de, mais uma vez, se tornarem “ovelhas levadas para o matadouro”, de serem incapazes de evitar a repetição do destino dos seus pais. A participação de companhias alemãs no desenvolvimento de armas químicas no Iraque, especialmente armas com gás, trouxe o pesadelo do passado ainda mais próximo ao presente. Em outras palavras, para os filhos de sobreviventes do Holocausto, a sombra do terror presente era a realização assustadora de fantasias de um passado traumático.

Não existe resposta simples à pergunta se essa ligação entre o passado e o





presente era específica apenas à “segunda geração” de sobreviventes do Holocausto. Um grande segmento da população israelense ligou a ameaça da Guerra do Golfo ao passado de Holocausto do povo judeu. É, portanto, possível que a memória coletiva de traumas do passado tenha-nos transformado todos, em certo sentido, numa “segunda geração”.

Posteriormente, ocorreram-me alguns pensamentos referentes à semelhança entre a ideologia de Sadam Hussein durante a Guerra do Golfo e a ideologia nazista, que foi analisada por Chasseguet-Smirgel (1989) no seu trabalho “*Algumas reflexões de uma psicanalista sobre a biocracia nazista e o genocídio*”. Fundamentando a sua hipótese em “*A matriz arcaica do complexo de Édipo*” (Chasseguet-Smirgel, 1986), a autora afirma que é o corpo do povo alemão, os arianos, que deverá se tornar uno com o corpo da Mãe – a terra natal alemã (Pátria, Terra-Pai), Motherland (Terra-Mãe) – quando todos os obstáculos que impedem essa união tiverem sido varridos. Da mesma forma, Sadam Hussein declarou seu desejo de limpar a Terra Santa de “Judeus Americano-Sionistas” (seu rótulo para o povo israelense), de modo que pudesse ter lugar a unificação do povo palestino com a sua Pátria (Motherland). Podemos ver isso como uma identificação com os irmãos palestinos, voltando ao mundo islâmico unificado. Será por isso, perguntei-me, que Sadam Hussein deu a essa guerra o nome de “Mãe das Guerras”?

Voltando à exploração da transferência e contratransferência, bem como da nossa técnica psicanalítica durante a guerra, gostaria de mencionar que o meio de ação geralmente aceito na Psicanálise – aquele da interpretação – nem sempre era válido. Pois os analistas não eram mais observadores que, por formação e circunstâncias, “não deveriam” reagir pessoalmente às crises internas ou condições externas dos seus pacientes. Já em 1937, Glover escreveu: “*Pareceria que devemos creditar o efeito terapêutico... não unicamente à interpretação, mas à interpretação em combinação com outros fatores [a saber, à] relação humanitária na transferência*” (Glover et al., 1937, p.129). Assim, durante a Guerra do Golfo os analistas “mantêm[iveram] e apoiam[aram] o paciente” (Spitz, 1956), e transmitiram um sentimento de união ao reconhecer seus próprios sentimentos face à possível destruição.

Durante esse período, a meta do tratamento dos filhos de sobreviventes do Holocausto foi ajudá-los a perceber a realidade daquilo que lhes estava acontecendo na época, em lugar de concentrar-se naquilo que imaginavam ter acontecido com os seus pais no passado. Considerando que lidar com a realidade corrente, por ameaçadora que seja, é diferente de lidar com os sentimentos dos pacientes a respeito do passado dos seus pais, que não podem nem influenciar nem desfazer, parece necessário, para mim, como analista, recolocar o paciente muito bem na realidade presente, dando evidência dos meus próprios sentimentos como pessoa que compartilhava da





Ilany Kogan

mesma realidade, sem ficar paralisada pela regra de neutralidade (Nacht, 1962).

Aquilo que procurei descrever aqui como sendo específico à análise durante esse período, e, em especial à análise de filhos de sobreviventes do Holocausto, ocorre sobretudo no âmbito do “relacionamento real” entre analista e analisando. Em comparação com a duração total da análise, essa fase foi relativamente curta. Contudo, a base de trabalho analítico subsequente foi estabelecida nessas sessões, nas quais o analista foi percebido pelo analisando como colocando a realidade externa no presente, ao reagir emocionalmente à mesma sem borrar as fronteiras entre o agora e o então. Desse ponto de vista, essa fase era semelhante àquilo que Grubrich-Simitis (1984) denomina “a aceitação conjunta da realidade do Holocausto”.

Durante a guerra, eu, como muitos analistas, enfrentei uma resistência maior aos impulsos regressivos de busca de abrigo e proteção nos meus pacientes. Deparei-me com o dilema de como modificar a técnica analítica, de modo que pudesse ser eficaz numa situação ameaçadora à vida. Pois o caminho da recuperação, baseado no fortalecimento do ego, é trazido pela aquisição progressiva de insight. Entretanto, a situação analítica causa regressão, e isso enfraquece o ego, de modo que fica cada vez mais susceptível ao medo, o que por sua vez o enfraquece ainda mais. Além do mais, pessoas que sofrem de fronteiras do ego difusas, como os filhos de sobreviventes do Holocausto, vivenciam o insight a respeito de seus desejos infantis como ainda mais ameaçador à sua capacidade de lidar com a vida.

A minha experiência é de que o analista deve respeitar essa resistência e apoiar o ego até que esses pacientes se sintam suficientemente seguros para descobrir e elaborar seus aspectos infantis. Conforme foi ilustrado nas vinhetas apresentadas acima, reagi ao sofrimento dos meus pacientes durante a guerra, falando a respeito da nossa experiência comum de maneira natural, trabalhando com as suas preocupações em nível realista. Contudo, mostrei o terror oculto na ligação com o passado de seus pais no Holocausto.

Apenas perto do fim da guerra, quando os pacientes se sentiam mais seguros devido às fronteiras do ego mais estabilizadas, é que eu procurei interpretar transferências regressivas. Já que nesse momento puderam lidar melhor com a realidade que provocava ansiedade, foi possível elaborar os desejos infantis que haviam sido evocados pelo trauma real e a resistência que tinha aparecido com o rompimento da guerra através de um insight aumentado. Quando bem sucedido, esse processo criou a possibilidade de os pacientes poderem confiar nos seus analistas e, finalmente, em si próprios, ao lidar com as tensões e ansiedades despertadas pela realidade assustadora.

Tenho constatado que os fatores relacionais durante a guerra muitas vezes fortaleceram a organização mental até o ponto em que os pacientes puderam disso-





ciar alguns dos sentimentos de ansiedade e dor causados pela ameaça real que estavam enfrentando daquelas ligadas a fantasias a respeito do passado dos seus pais. Isso acabou facilitando a melhoria da capacidade de lidar e, em muitos casos, melhorou o trabalho analítico subsequente. □

## Referências

- AUERHAHN, N. C. & PRELINGER, E. (1983). Repetition in the concentration camp survivor and her child. *Int. Rev. Psychoanal.*, 10: 31-45.
- BERGMANN, M.V. (1982). Thoughts on superego pathology of survivors and their children. In: *Generations of the Holocaust*, ed. M.S. Bergmann & M. E. Jucovy. New York: Basic Books, pp. 287-309.
- CHASSEGUET-SMIRGEL, J. (1986). The archaic matrix of the Oedipus Complex. In: *Sexuality and Mind*. New York Univ.Press, pp.74-91.
- . (1989). Some reflections of a psychoanalyst on the Nazi biocracy and genocide. *Int. Rev. Psychoanal.*, 17: 167-172.
- ERIKSON, E. (1950). *Childhood and Society*. New York: Norton.
- FERENCZI, S. (1920). The further development of an active therapy in psycho-analysis. In: *Further Contributions to the Theory and Technique of Psychoanalysis*. London: Hogarth Press, 1926, pp. 198-217.
- FREUD, S. (1915a). The unconscious. *S.E.* 14.
- . (1915b). Thoughts for the times on war and death. (1) The disillusionment of the war. *S.E.* 14.
- GLOVER, E. (1937). Symposium on the theory and the therapeutic results of psychoanalysis. *Int. J. Psychoanal.*, 18: 125-189.
- GRUBRICH-SIMITIS, I. (1984). From concretism to metaphor. *Psychoanal., Study Child*, 39: 301-319.
- KESTENBERG, J. (1982). A metapsychological assessment based on an analysis of a survivor's child. In: *Generations of the the Holocaust*, ed. M. S. Bergmann & M. E. Jucovy. New York: Basic Books, pp. 137-155.
- KLEIN, H. & KOGAN, I. (1986). Identification processes and denial in the shadow of Nazism. *Int. J. Psychoanal.*, 67: 45-52. Also in *Psychoanalyse im Exil, Rechte Verfolgter Analytiker*, ed. S. Broser & G. Pagel. Königshausen & Neumann, 1987.
- KOGAN, I. (1988). The second skin. *Int. Rev. Psychoanal.*, 15: 251-260. In: *Libro Anual de Psicoanálisis* (1989).
- . (1989). The search for the self. *Int. J. Psychoanal.*, 70: 661-671.
- KOGAN, I. (1990). A journey to pain. *Int. J. Psychoanal.*, 71: 629-640. In: *Libro Anual de psicoanálisis* (1991).
- . (1992). From concretisation through acting out to differentiation. *Int. J. Psychoanal.*, 73: 455-467. Also in *Psychoanalysis in Europe, EPF Bulletin*, 39: 3-21.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. (1967). *The Language of Psychoanalysis*. New York: W.W. Norton, 1973.
- LOFTUS, E.F. & LOFTUS, G.R. (1980). On the permanence of stored information in the human brain. *Amer. Psychologist*, 5: 409-420.
- MOSES, R. (1993). Discussion of Sebek's paper 'Aggression in the society and on the couch'. Present-





Ilany Kogan

---

- ted at the Annual Conference on Aggression and Psychotherapy, Tel-Aviv, 1993.
- NACHT, S. (1962). The curative factors in psychoanalysis. *Int. J. Psychoanal.*, 43: 206-211.
- SANDLER, A.-M. (1985). The structure of transference interpretation in clinical practice. Paper presented to a Conference on Varieties of Transference Interpretation, Sigmund Freud Centre, Hebrew University, Jerusalem, 1985.
- SCHAEFFER, S.F. (1980). The unreality of realism. *Critical Inq.*, 6: 727-738.
- SLIPP, S. (1982). Introduction. In: *Curative Effects in Dynamic Psychotherapy*. New York: McGraw-Hill.
- SPITZ, R.A. (1956). Counter transference. *J. Amer Psychoanal. Assn.*, 4: 256-265.

Tradução de **Hedy L. Hofmann**  
Revisão técnica de **Anette Blaya Luz**

**Ilany Kogan**  
2 Mohaliver Street  
Rehovot 76304 – Israel

© Institute of Psycho-Analysis, London, 1993  
© Revista de Psicanálise – SPPA





# Crise da cultura e crise da Psicanálise

Jorge L. Ahumada\*, Buenos Aires

*A chamada “crise da Psicanálise” deriva de uma crise do pensar a respeito de si mesma na sociedade global, crise em cuja gênese tem papel principal a passagem da aculturação no meio familiar e a cultura do escrito até a aculturação nos meios visuais, isto é, em realidades mais e mais “virtuais”. Daí resulta uma evitação das perdas prematuras e um déficit identificatório, traduzidos na ubiquidade das adolescências intermináveis e na substituição da reflexão pelo uso da mente-como-músculo. As mudanças na psicopatologia no decorrer de décadas – que se retomam com Gaddini até se chegar, hoje, às “psicopatologias da gratificação peremptória” – mostram uma ambigüidade crescente, levando a uma “autarquia”, mediante defesas miméticas vividas como essenciais para a sobrevivência psíquica, convertendo o insight em ameaça temida. Problemas mais específicos resultam das dificuldades internas das sociedades e das divulgações acadêmicas da Psicanálise que supõem resgatar seus “conceitos”, ao mesmo tempo que abandonam o método.*

---

\* Membro Efetivo e Analista Didata da Associação Psicanalítica de Buenos Aires.





Jorge L. Ahumada

Se as primeiras épocas da Psicanálise sustentaram certo otimismo quanto a suas perspectivas de consolidar e influir de forma definitiva na cultura, dá-se hoje um consenso que inclusive sua prática clínica se depara com dificuldades crescentes. Diante de tal situação, são diversos os posicionamentos possíveis. Em uma obra de vasta repercussão no hemisfério norte, cujo título explicita com suficiente clareza sua postura, “*A Psicanálise. Uma teoria em crise*”, Edelson (1988) considera que o problema consiste na necessidade de revisar e retocar nossos esquemas teóricos fundamentais e na validação de nossos resultados terapêuticos, para contestar as críticas, numerosas por certo, à ciência e por tanto à vigência da Psicanálise.

É para mim de sumo interesse esclarecer e revisar os marcos conceituais a partir dos quais pensamos nossa disciplina, enfatizando não tanto nossas teorias, mas a investigação das lógicas implícitas que articulam como operam analisando e analisada, em sessão. Penso que o método é o apoio central da Psicanálise e que o bom uso do método analítico – e somente ele – permite ao paciente e ao analista a fertilidade do pensar da qual surgem os avanços genuínos das teorias. Isso, porém, não implica que, na minha opinião, os problemas centrais da prática da Psicanálise, nesta etapa de seu desenvolvimento, radiquem em fragilidades do nosso método ou de nossas teorias. Radicam, acredito, em fatos de outra índole. E parece-me oportuno, antes de mais nada, colocar o otimismo inicial da Psicanálise, quanto a suas possibilidades de influir na cultura, no marco da confiança que se dava, então, numa maior medida do que hoje em dia, na vigência do que André Green (1993) chama de um “projeto civilizador” na sociedade global. Projeto do qual a Psicanálise entendia, e com bons motivos, ser parte privilegiada, visto que abria as portas ao entendimento de dimensões humanas até então desconhecidas.

Costuma-se rastrear a crise do “projeto civilizador” que caracterizou a modernidade na “crise da subjetividade” que Nietzsche esboçou no terreno filosófico e sustentou boa parte da obra de Heidegger. Crise da subjetividade emergente da descoberta da superficialidade da consciência que, uma vez desmascarada, não abre vias para fundamentações mais seguras. Isso equivale, disse o filósofo hermeneuta Gianni Vattimo (1992), ao fim de toda possibilidade de qualquer fundamento último; é a “morte dos valores” ou “morte da Metafísica” que assinala a hermenêutica pós-moderna, outorgando, de maneira tácita, ao pensar filosófico o papel de contexto abrangente do qual depende o que ocorre na sociedade global. No meu entender, por outro lado, as inter-relações entre a problemática psicológica e social que caracteriza nossa época e o pós-modernismo como projeto filosófico são mais tênues. Esse tem, talvez, o papel do coro grego, que acompanha e canta os acontecimentos sem modificar seu trâmite. Parece mais adequado, então, seguir, aqui, Baudrillard (1988) que sustenta que os signos, e logo a escritura, surgidos para *indicar* realidades, passaram, desde o





século passado, com a publicidade e a propaganda, a usar-se para *ocultar* realidades e, na atualidade, no contexto do *hiper-real* da rádio e da televisão, começam a *ocultar a ausência de realidade* da cultura e dos meios. Em todo caso, os fenômenos aos quais me referir como “crise da cultura” situam-se nas antípodas do *Andenken* heideggeriano, do pensar rememorativo que aponta no sentido de fazer seu o que pertence a uma tradição cultural.

Voltando, por enquanto, ao terreno mais limitado dos questionamentos atuais da Psicanálise, no nível epistemológico, o passo inicial a assumir e ao qual dedico alguns trabalhos, reside, penso, em examinar detalhadamente os *a priori* das posturas de onde essas críticas emergem (1994,1995, no prelo). Além de esclarecer e questionar os ditos *a priori* epistemológicos, parece-me indispensável adotar um ponto de partida amplo, examinando o papel das mudanças da cultura nas dificuldades com que a Psicanálise se depara e – o que não é menos importante – nas dificuldades que as divulgações da Psicanálise criam, de modo inexorável, em torno do exercício de seu método.

Com isso evitaremos dois riscos maiores. No plano epistemológico, evitaremos o perigo de sujeitar nossa visão, de modo acrítico, a juízos provenientes de filosofias que estão fortemente contrapostas: as colocações positivistas e as posturas hermenêuticas coincidem em não fazer justiça ao *modus operandi* do método psicanalítico e à tradição clínica na qual se enraíza. É por isso que as tentativas de adequar nosso método às ditas proposta só fazem empobrecê-lo. Assim, Edelson e tantos outros incorrem em erro, difundido, mas não por isso menos sério, ao aceitar como critério científico geral o modelo de “leis” da ciência galileica, enquanto as posturas hermenêuticas e narrativas sacrificam eixos centrais da tradição clínica no altar das ontologias de base das tradições filosóficas ou literárias. No que se refere ao sócio-cultural, evitaremos o risco, ainda mais grave, de considerar como baremo\*, ou ainda pior, como *summa ratio*, o contexto social e cultural em que se insere, hoje, a Psicanálise, o que equivaleria a desprezar a oportunidade privilegiada que nossa tarefa clínica nos oferece – e a responsabilidade que essa oportunidade implica – de atender à significação, em muitos sentidos oculta e perturbadora, das mudanças sócio-culturais que nos cabem viver e as mudanças na psicopatologia ali implicadas. Em poucas palavras, na minha opinião, as dificuldades da prática, no momento atual, derivam, principalmente, de *uma crise do pensar reflexivo acerca de si*, abarcando a sociedade global, tendo como ponto de partida a incidência dos meios na aculturação inicial desde a infância.

\* Baremo – escala convencional elaborada para medir ou valorar algo. (Diccionario Básico de la Lengua Española -Sociedad General Española de Librería S.A., Madrid 1987) (N. do T.).





Jorge L. Ahumada

Um terceiro aspecto do problema, ou seja, que o exercício da Psicanálise tende a ser sufocado pelas divulgações e banalizações que surgem a sua volta como fungos depois da chuva, escapa, enquanto processo defensivo da sociedade global, ao que nós, psicanalistas, podemos controlar. Porém, não é demais esclarecer-nos e, na modesta medida de nossas possibilidades, esclarecer a sociedade a esse respeito.

### As mudanças na Psicopatologia

Há mais de trinta anos, Eissler já pôde assinalar que não havia garantias de que a Psicanálise, surgida em função de compreender as neuroses, cumpria o mesmo papel diante de psicopatologias articuladas de outra forma; é de conhecimento corrente que as psicopatologias clássicas da Psicanálise, as neuroses, têm sido, em boa medida, substituídas pelas *psicopatologias da gratificação peremptória*. Já por essa época, Winnicott (1956) advertia que o enquadramento psicanalítico se construiu em função de pacientes sem carências precoces excessivas. Tal não parece ser, hoje, o caso, o que redefine, parece-me, a função mesma da Psicanálise que, se outrora foi o resgate da homossexualidade, no contexto intelectual da época vitoriana, torna-se, hoje, muito mais ampla e necessária enquanto resgate da possibilidade do contato reflexivo com a emocionalidade profunda. Mas, se sua tarefa é hoje mais ampla, é também mais difícil, nesta era do *zapping*, dos meios visuais de massa, do *videoclip* e da realidade “virtual”.

Que o social incide na psicopatologia, e que os meios de massa incidem no social não são idéias novas. Recordando-nos que a meditação evita a pressa e que o pensar meditativo é busca de lucidez e é também consciência de que existem coisas que não chegaremos a descobrir, um eminente filósofo, Adolfo Carpio (1986), assinalava, há uma década, que ainda que os artefatos eletrônicos nos possam prestar grandes serviços, não se tem que ignorar que *ameaçam* a essência do pensamento (a ênfase é de Carpio); assimilado aos meios que inventa, o homem corre, dizia, grave risco de abandonar o pensar, o meditar e o poetizar.

Os riscos que acertadamente assinalam Baudrillard, Carpio e outros autores, e aos quais a observação detalhada da clínica psicanalítica, em especial a dos púberes e adolescentes, outorga um acesso privilegiado, comprometem-nos a entender em profundidade os obstáculos atuais da Psicanálise em termos das mudanças da cultura e da psicopatologia nas últimas décadas, mudanças essas que, ao se acelerarem ano após ano, afetam o futuro não já da Psicanálise e sim do pensar na cultura. Retomando e ampliando trabalhos anteriores, direi que *a passagem, na sociedade ampla, de uma cultura do escrito a outra do visual-atuado é aqui preferencial*, o que configura,





talvez, o mais redentor dos experimentos a que se submete, de modo voluntário e em escala global, a espécie humana.

Certo modo – bem distinto – de “virtualidade” da realidade sempre fez parte do jogo infantil e, de outra maneira, do teatro onde, já entre os gregos, uma realidade mítica atuada em cena possibilitava a “catarsis”. Mas, no contexto atual, a comparação com o lúdico e com o teatro, longe de esclarecer, induz ao engano, pois o impacto dos meios de massa, com sua capacidade de onipresença no tempo e no espaço, afasta-se do lúdico, ao tornar possível e, na verdade, quase inevitável *habitar neo-realidades substitutas, assimilar-se a elas*. Inicialmente, assimilarem-se a essas primeiras e mais tímidas formas de “realidades substitutas” massivas que foram o rádio e o cinema, depois à televisão e, agora, além disso, de modo cada vez menos humanizado, às “realidades virtuais” surgidas com a computação, entre elas os chamados “jogos eletrônicos”. Enquanto tendam a abolir os espaços de iniciação da reflexão – inclusive mediante a simples substituição dos espaços lúdicos interpessoais – tais artefatos eletrônicos incidem, tanto mais quanto em idades mais prematuras, na evolução das ansiedades de separação, nos mecanismos de defesa do ego e nas possibilidades egóicas de elaboração ulterior das emoções e conflitos.

Uma releitura do trabalho pioneiro de Winnicott, “*Objetos transicionais e fenômenos transicionais*” (1951, p.19), fornece marcos iniciais importantes na tentativa de compreensão da gênese e efeitos da obstrução do pensar por tais neo-realidades substitutas. Propõem, ali, que, no caminho em direção à patologia emocional, o objeto transicional passa a funcionar como objeto fetiche e que tal transformação do uso do objeto se dá no ponto em que a esperança está ausente e se emprega o objeto para abolir a separação. Diversamente do que ocorre nos jogos espontâneos infantis que, ainda que se repitam uma ou outra vez, conservam um começo e um final, não é difícil observar nas “adições eletrônicas”, que ocorrem também em analisados de meia idade, tornando-se assim acessíveis a nossa observação, que a permanente escalada da onipotência aniquiladora da mente, no contexto da “realidade virtual, se dá em – e veicula- um marco de atemporalidade.

Ali, onde tudo ocorre e nada ocorreu, não é possível nem necessário tolerar as frustrações, lapso indispensável para que surja o pensamento. Esse se estabelecerá, então, num nível puramente operatório, abolindo a vivência de ausência. Na medida em que posterga e perturba o surgimento desse nível elaborativo das perdas prematuras que, pela índole dos afetos em jogo, Melanie Klein chamou de “posição depressiva”, obstrui-se o processo de maturação emocional e a formação de símbolos a partir de vivências e afetos inconscientes.

Exemplificando o papel dos meios visuais na abolição do pensar que permitiria aceder a vivenciar a SEPARATIDAD, mencionarei um adulto em análise com um





Jorge L. Ahumada

vínculo simbiótico com sua esposa (e, aqui, uso o termo simbiótico no sentido de Mahler) que pôde reconstruir e, para sua surpresa, dar-se conta em sessão que, frente às “caras feias” agressivas ou melancólicas da esposa, fugia para a frente da televisão; não só não podia pensar o que acontecia com a parceira como apenas permanecia em frente à tela num estado de desmentalização tal que podia passar metade do filme sem saber do que se tratava, nem se lembrar de nada do supostamente visto. Essa abolição da vivência de SEPARATIDAD e também o estímulo à desmentalização são máximos nos videoclips cuja sucessão de imagens nem sequer se aproxima da constituição de um relato e carece, *stricto sensu*, de qualquer argumento pensável.

Se, no contexto da análise em andamento, em pacientes adultos neuróticos, podemos observar de perto o modo como se paralisa a oportuna elaboração das ansiedades de separação e a subsequente tolerância da SEPARATIDAD, isto é, da capacidade de permanecer reflexivamente em contato consigo mesmo, seja na solidão, seja no contato com outros, não é difícil aproximar-se de similar detenção da evolução em direção à tolerância da SEPARATIDAD operando no desenvolvimento infantil.

Valha um exemplo, relatado pela mãe. Sua filha de três anos, após ingressar numa creche, apresentou um episódio de mutismo: sentava-se impávida em sua casa, durante horas, diante da parede. Face às repetidas perguntas da mãe, disse finalmente: “*estou vendo televisão*”. Frente a isso, os pais saíram para comprar-lhe uma. Para a mãe, e é sem dúvida a opinião comum, o episódio evidenciou o isolamento social das crianças que não têm televisão e de jeito nenhum a capacidade aditiva do meio visual, televisivo, abolindo, mediante o equivalente externo de uma alucinação visual, a dor psíquica do contato com a vivência de SEPARATIDAD, no contexto emocional amplo de uma separação do objeto primário. Operando como provedor, que não pode faltar, de “formas autistas”, no sentido que Tustin (1984) dá ao termo, a “caixa boba” oblitera o contato com a perda objetal. Configura-se, assim, uma adição visual na qual ulteriores adições encontraram terreno propício, desde as adições a drogas ou a antidepressivos usados como euforizantes, até versões socialmente valorizadas como a adição ao centro de esportes, ao exercício muscular extremo, provedor de formas auto-sensoriais corporais por um lado, de endorfinas por outro. É muito provável que também se assente aqui – sobretudo em pacientes homens – a gênese da fetichização subjacente às perversões hoje no auge. Ora, na medida em que a abolição da SEPARATIDAD abrange a quase totalidade da população, ela se incorpora inevitavelmente à normalidade da “realidade social”.

Sirva, como contraste com a negação da temporalidade e das perdas e ganhos pessoais mais e mais notórios na cultura dos meios, um exemplo admirável dos índios carajás do qual foi testemunha e narrador privilegiado o Dr. David Azobel Neto (1996). Enquanto conversava com o chefe da tribo, uma menina entrou, fez um breve





comentário e logo saiu. Depois de uns momentos, ele perguntou ao chefe o que havia dito a menina; esse respondeu-lhe que anunciara que acabara de ter a primeira menstruação. Azobel perguntou-lhe, pouco depois, que aconteceria, então, recebendo como resposta que ela passaria algumas semanas numa choça com sua mãe e sua avó. Nesse tempo, ensinar-lhe-iam o que é ser mulher e os vizinhos deixariam alimentos na entrada da choça; depois se faria uma festa, porque a tribo acabara de ganhar uma mulher. Ao saírem ambos da cabana, escutava-se ao longe um choro, um canto de lamento. Diante da sua pergunta, o chefe informou-o que a tribo chorava, porque acabara de perder uma menina.

Pelo caminho da negação do contato com as lutas e a evasão da SEPARATIDAD concomitante à dita negação, as neo-realidades substitutas contribuem, desde a infância, acredito, à gênese dessas adolescências não elaboradas que prevalecem, hoje em dia, em que se incluem as psicopatologias narcisícas da gratificação peremptória. Ocupam, aí, lugar privilegiado, as adições cujo uso como fetiche já Winnicott vislumbra num anexo de 1969 a seu trabalho clássico acima citado. As adições, acrescento, sustentam, de modo contínuo, os mecanismos onipotentes de identificação defeituosa e negação maníaca nas quais, atuando e negando, ao mesmo tempo, as dependências primitivas não elaboradas, parece assentar-se a personalidade de base na cultura da gratificação peremptória.

Há uma década, num trabalho póstumo, de leitura obrigatória, Eugenio Gaddini (1987) indicava que os dados da experiência humana não podem fixar-se “objetivamente”, tal como pretendiam e pretendem fazer o DSM-III da Associação Psiquiátrica Americana e seus sucessores. Não são achados experimentais e, sim, experienciais, surgidos no contexto da relação, o que exige que sejam continuamente objetivados, na medida do possível, para o que se requer o prolongado tratamento que os psicanalistas adquirem em sua formação. No processo de objetivação dos dados experienciais, Gaddini distingue dois estágios sucessivos: o primeiro, de objetivação terapêutica, refere-se à objetivação da experiência subjetiva numa relação terapêutica particular e é ingrediente essencial do processo psicanalítico; o segundo, de objetivação científica, deriva do anterior, mas deve-se realizar a sós e implica expor-se pessoalmente no plano emocional em relação aos outros analistas. No plano do pensamento, supõe operações complexas tais como encontrar os nexos eventuais entre dados seletivos recolhidos em situações clínicas diversas e efetuar operações lógicas conducentes a formulações teóricas que se desvinculem do componente subjetivo de uma dada situação clínica.

No que concerne às mudanças da psicopatologia nas últimas décadas, adverte sobre uma evidente tendência ao agravamento das psicopatologias individuais, estabelecendo-se um sério problema para o futuro. Para Gaddini, e a partir da primeira





Jorge L. Ahumada

guerra mundial, ocorrem mudanças na psicopatologia para formas predominantes cada vez mais graves: primeiro a histeria, depois os transtornos de caráter, para se chegar, hoje, à dominância das formas limítrofes e das personalidades narcísicas às quais caberia agregar as adições.

Ao impacto social da Psicanálise e às defesas sociais frente a esse impacto dedica esse autor páginas exemplares que retomarei depois, brevemente, em torno da problemática administração da Psicanálise pelas instituições psicanalíticas. Destaca Gaddini que, perante a sociedade, o impacto da Psicanálise aparece como um inimigo capaz de descobrir e deixar inermes as defesas do desconhecimento que protegem os espaços profundos e perigosos que deveriam ter ficado eternamente inacessíveis; dali, tal como certos pacientes que, no início de seu tratamento, contam para todos que estão em análise e falam da Psicanálise onde quer que se encontrem, a informação psicanalítica superficial tende a se propagar na cultura. A Psicanálise parece, assim, penetrar a linguagem, os costumes e todo tipo de manifestações visíveis, o que não é senão uma defesa imitativa generalizada que consiste em converter-se cada um, magicamente, em analista. Cada um, assinala, encontra-se, então, de posse mágica da Psicanálise, em igualdade de condições com qualquer um. Os imitadores, intelectuais de qualquer índole, dissertam sobre a Psicanálise em jornais, revistas, livros e organizam simpósios e congressos. O eco do nome de Freud, ressoando por toda a parte, como se o conhecessem, veicula a impostura imitativa.

Em tal contexto, afirma Gaddini, perde sentido a patologia individual e entramos nos domínios da psicologia das massas nos quais a imitação mimética nos torna “todos iguais”, nos quais a identidade é sinônimo de identicidade e nos quais – como nas manifestações multitudinárias – todos são um e um são todos, e cada um se sente “normal”. Dos fenômenos miméticos resulta a ocultação, no social, da psicopatologia individual, e a identidade, a autonomia individual vê-se substituída pela autarquia, baseada num funcionamento imitativo, mágico e onipotente. Cabe agregar que, uma vez que se difunde amplamente, no meio social, a impostura imitativo-intelectual, englobando a Psicanálise em banalidades crescentes, essa se converte em vítima fácil de seu êxito aparente, uma vez que, atrás da erosão que implica funcionar como uma moda intelectual a mais, se torna tão natural descartar a Psicanálise como descartar qualquer outra moda cultural.

Essa erosão do pensar em profundidade, na cultura light dos meios visuais, não incide, repito, somente sobre a Psicanálise. Assim, assinala um crítico cinematográfico de Nova York que se tornou literato, David Denby (1996), “*os media situam-se no já, já, já, já: a excitação elétrica do televisivo torna o outro descolorido e bizarro. E é deliberada a maneira como os meios banalizam as artes, drenando-as, usando-as, caricaturizando-as para depois excluí-las como algo morto*”. O falso,





adverte Debord (1992), cria uma forma de sentir que vai-se reforçar com a eliminação, de pleno conhecimento, de qualquer referência possível ao autêntico. Em tal contexto, o genuíno é reconstruído, de imediato assimilando-se ao falso. E, já há anos, Kernberg (1989), com razão, enfatizou que aquele que, em qualquer área, buscando manter certas individualidades, tentar opor-se a uma convenção grupal, implícita mas não por isso menos prescrita, se expõe a um ataque consensual.

### A mímeses social na cultura dos meios visuais

As implicações dos fenômenos miméticos, magistralmente descritos por Gaddini, excedem, então, a área do impacto da Psicanálise, aproximando-nos à psicopatologia de base de nossa época. O que chamei (1996) de a cultura da vitrine poderia denominar-se também cultura da mímeses: “a vitrine universal” dos meios visuais é a vitrine onde essa nova casta, os comunicadores, agrupa, e de onde se lançam, os fenômenos imitativos mágicos e onipotentes de mímeses grupal que passam a ocupar, como diria Bion, “*o lugar onde um pensamento costuma estar*”.

Certamente, os fenômenos de mímeses grupal são tão antigos como o mundo; precedem aos meios massivos de comunicação e não dependem necessariamente deles. Cabe recordar, através das épocas, a busca de impacto verbal das oratórias demagógicas e a busca do impacto visual na arquitetura e nos ritos religiosos, dos exércitos ou dos impérios e, mais recentemente, na cenografia hitleriana. Mas, o aparecimento dos meios, que permite a indução auditiva e visual à distância, no que se passou a chamar a Aldeia Global, causa uma mudança qualitativa nos fenômenos grupais de mímeses. Ainda que a possibilidade de indução verbal e visual à distância surja junto com o rádio e o cinema – recorde-se da onda de suicídios, em diversos confins do planeta, desencadeada pela morte de Rodolfo Valentino, ou a histeria coletiva desencadeada por Orson Welles com sua leitura radial de “*A guerra dos mundos*” – os fenômenos de mímeses grupal a elas ligados potencializam-se e tornam-se hábito com o surgimento da televisão, incorporada desde a infância à vida cotidiana, ocupando, hoje, em certos países, mais tempo da vida da criança do que a escola. Mais ainda, ameaçam potencializar-se novamente, talvez em escala exponencial, com as novas tecnologias da realidade virtual.

Na cultura emergente da realidade virtual, o aniquilamento do pensar não se limita a ocorrer à maneira de um efeito colateral, o que, certamente, seria já suficientemente grave. Cada vez mais, em formas às vezes ocultas atrás da dinâmica da imagem e, em outras ocasiões, expressando-se em formas mascaradas, o aniquilamento do pensar passa a ser brasão ou, inclusive, elemento de propaganda. E, para se encon-





Jorge L. Ahumada

trarem tais evidências, basta recorrer a qualquer das publicações atuais: enquanto trabalhava numa versão inicial destas notas, folhava um exemplar de Newsweek de 15 de janeiro de 1996 no qual, na página 37, sob uma fotografia de capacetes de realidade virtual, indica-se que seu fabricante os promove como mind-blowing, literalmente, “voadores da mente”<sup>1</sup>. É ilustrativo, creio, quanto à magnitude do fenômeno em jogo, que os meios da imprensa escrita são também captados pela explosão do visual, incorporando quantidades crescentes de imagens nas quais, alguma vez, dominou o diálogo das idéias. Na tentativa de sobreviver, à imprensa escrita não lhe cabe senão modificar, dia a dia, seu uso da linguagem, adequando-a mais e mais à ambigüidade prescrita.

Como não poderia ser diferente, esses fatos refletem-se na maneira como os meios captam, redefinem e incorporam as psicopatologias como parte constitutiva de uma normalidade cada vez mais “plural”. Talvez, em boa medida, porque o cotidiano traz consigo o *entertainment* visual ao qual todo funcionamento social passa a assimilar-se; isso se evidencia na maneira de os políticos agirem hoje em dia, como *comunicadores* e na forma como, por sua vez, os *entertainers*, desde Ronald Regan em diante, fazem carreira política. A ambigüidade passa a funcionar como prescrição, tornando profecia a afirmação surrealista de André Breton de que “a natureza imita a arte”. Assim, e concordando com o que indica Gaddini, inclusive uma visão geral nos prova que, à medida que a realidade sócio-cultural se torna ambígua, a idéia mesma de psicopatologia – e possivelmente, a idéia de psicopatologia da sexualidade – desaparece, absorvida numa “normalidade” cotidiana na qual, em diversas variantes, ganha um papel crescente a idéia do “viva melhor através da química”. Tais variantes abarcarão desde a integração explícita da neuroquímica, como parte de próprio direito da vida habitual, na “cultura do Prozac”, até outras formas do mesmo fenômeno, como o é o desaparecimento crescente dos limites entre um vegetarianismo idealizado à garantia de saúde e uma cultura das drogas – drogas há pouco tempo vendidas livremente nos Estados Unidos por lei federal – na qual convivem euforizantes como a efedrina e a propanolamida, tidas como “boas” porque são “vegetais”. A recente e ampla aceitação, na Califórnia, por via de pebliscito popular, da proposição 215 permitindo o dito Estado plantar maconha para discutíveis e pouco controláveis usos médicos, é um passo a frente no sentido de instaurar, na norma social, a euforização por via da química.

A ambigüidade pessoal e cultural em expansão, que as psicopatologias veiculam, organiza-se no meio social, a partir da adolescência, em espaços sócio-culturais

1. Na realidade, o termo “mind blowing” pode tornar-se em dois sentidos, de explosão e de expansão, sendo o primeiro o significado primário. Vale a ambigüidade.





diferenciados isto é, em subculturas mais ou menos demarcadas no espaço social como *estilos alternativos de vida*.

Para tomar um exemplo ao mesmo tempo importante e ilustrativo, já se deixou de considerar a bissexualidade, ao menos nos meios, como uma psicopatologia, para redefinir-se como um estilo alternativo de vida. Atrás da incorporação à norma social – novamente no caso dos Estados Unidos, por lei federal – da homossexualidade masculina e feminina, a bissexualidade define-se – tomo aqui outro exemplo da imprensa escrita – encarnando “uma nova identidade sexual”. Os bissexuais desafiam toda definição. A vida erótica se converte em assunto fluido, não limitado pelas expectativas de gênero...<sup>2</sup>. Melhor que outras psicopatologias, a bissexualidade é capaz de encarnar o que parece ser um novo ideal sócio-cultural, *o ideal polissêmico de uma ambigüidade em expansão*.

Onde reside, cabe perguntar, o inocultável atrativo da ambigüidade crescente? Além dos óbvios lucros transgressivos, visto que permite que a agressão seja, ao mesmo tempo, atuada e negada, parece que *a ambigüidade é tida por fiadora da capacidade de abolir o contato com qualquer eventual vivência de carência*.

Prova dessa incorporação crescente das psicopatologias à norma social é que, na atualidade, em grupos de adolescentes e em grupos que, apesar de distantes de serem adolescentes com relação à idade, ficam submersos no atemporal pela abolição do pensar e da evolução emocional, os termos “louco”, “zarpado”\*, “volado”\*\*, “alucinado” e outros de igual cunho têm o valor de elogios como também o de “transgressor”. E existem motivos para se pensar que estamos diante de uma mudança, através de gerações, em duas ou várias etapas: nos atuais pais de adolescentes ou pós-adolescentes, seus usos e costumes assemelham-se, com certa freqüência, não mais à sua própria adolescência e, sim, talvez mais à dos filhos. Eles são o que a gíria de Buenos Aires passou a chamar os “pendeviejos”\*\*\*, contração de “pentelho” (que se refere ao pêlo pubiano e, por extensão, em quem lhes acabam de crescer) e “velhos”, ou seja, “velhos adolescentes”, com toda a atemporalidade que o termo implica. Atemporalidade que se traduz, entre outros fatos, na disfunção evidente da luta contra o impacto corporal do passar dos anos: as cirurgias plásticas “anti-idade”, outrora prer-

2. Newsweek, 17 de julho de 1995, p.1.

\* Zarpado – o verbo zarpar na língua espanhola significa desprender a âncora do fundo do mar. (Diccionario de la Lengua Española – Real Academia Española, Madrid 1992). O termo zarpado é uma gíria usada, em alguns países de fala hispânica, para designar uma pessoa que está fora do estado “normal”. (N.doT.).

\*\* Volado – Termo usado popularmente, em alguns países de fala hispânica, para designar uma pessoa demente. (Diccionario Básico de la Lengua Española -Sociedad General Española de Librería S.A., Madrid 1987). (N.doT.).

\*\*\* Pendeviejos – contração do termo pentelho, que é usado popularmente para designar uma pessoa que é inconveniente, chato e o termo velho. (N.do T.).





Jorge L. Ahumada

rogativas de divas e atrizes, abrange hoje ambos os sexos, mandatários incluídos. Daí a curiosa falta de percepção – ou a cumplicidade – de pais “pendeviejos” frente às patologias adolescentes de seus filhos, por mais visíveis que essas sejam: dado que não fazem senão amplificar a própria, não é infrequente que somente a psicose franca tome, frente a eles, peso de evidência de psicopatologia.

Na era da euforia, pensar converte-se em “*pálida*”, e isso desde idade precoce. Basta escutar uma criança dizer... ao entrar na sessão: “*vou fazer um desenho...*” e depois acrescentar diante do papel: “*Pensar... que trabalho!*”. Estamos longe, por certo, do *per aspera ad astra*\* que costumava citar Freud, que via o projeto civilizador da modernidade em ideais como a educação universal. Aliás, o reiterado uso freudiano do termo *arbeit* (o trabalho) em expressões essenciais, por exemplo, *deutungsarbeit*, isto é, o trabalho interpretativo do analista, ou a *durcharbeitung*, isto é, o trabalho elaborativo do analisando, encarna nuclearmente o método psicanalítico mesmo.

No contexto mimético de excitação-fusão, em que a vivência de SEPARATIDAD é abolida com ou sem ajuda de drogas, a brecha de gerações entre o papel adulto e o adolescente converte-se num abismo, perturbando-se os processos de identificação e o cotejo das experiências e do pensar entre as gerações; perturbam-se com isso, também, sem nenhuma dúvida, as possibilidades de identificação e de pensamento que dão uma coerência temporal a um passado, um presente e um futuro pessoais visualizáveis; ao anular-se a possibilidade da esperança, bloqueia-se a tarefa de pensar em si mesmo.

Entende-se, então, que o pensar acerca de si e o resgate da identidade individual presentes na Psicanálise tendam a convertê-la numa “inimiga do povo”, que ameaça a precária, mas não por isso indispensável, vivência de *autarquia* (uso o termo de Gaddini), vivência que, imiscuída nos mecanismos de onipotência e fusão grupal, se equipara à sobrevivência psíquica. Tal defesa onipotente do universo das sensações vinculadas à atemporalidade, à euforia e à mímeses grupal recobre e encobre um nível de ansiedades de aniquilação não elaboradas vivenciado como um “buraco negro”, imagem que já empregava Ferenczi, e que foi, para Enrique Pichon Rivière, núcleo da psicopatologia com o nome de “depressão básica”, logo destacado e precisado por Tustin em seus estudos sobre autismo infantil.

A fragilidade e tenacidade da defesa onipotente, nucleada na euforia, explica a resistência ao *insight*, tão óbvia hoje, desde já mais notória em pacientes adolescentes, os quais, por vezes, a expõem ao analista de forma aberta: “o senhor quer que eu

\* *Per aspera ad astra*, isto é, “Pelos caminhos difíceis é que se chega aos astros”. (N. da R.)





pense e eu não quero pensar, quero fumar um “porro”\* e não pensar em nada”. Na ausência da esperança que somente uma temporalidade tolerada torna possível, o pensar converte-se, como disse, em *pálida*, em morte da euforia e em incursão até zonas hiperestésicas do self infantil situadas em torno do “buraco negro” inabordable, por trás da defesa onipotente eufórico-mimética. Pois a cisão horizontal da personalidade dá-se, repito, entre um primeiro nível manifesto, organizado em torno da gratificação peremptória da onipotência, a euforia e a fusão grupal, e um nível subjacente em que a hiperestesia emocional e as vivências de carência insustentável – o “buraco negro” – se tornam extremas. Isso leva a que as aproximações afetivas – inclusive na sessão – tendam à fugacidade e a que o pensar acerca de si, tentando criar espaços mentais “em profundidade”, resulte indistinguível ao cair no “buraco negro” e a ele se resista como um equivalente da aniquilação. Assumir papéis adultos, com as responsabilidades que implicam, faz-se, por sua vez, indistinguível de ficar exposto ao ataque de um superego primitivo, o qual torna tais compromissos intensamente limitantes, dificultando ou impossibilitando seu desempenho. Daí o horror às responsabilidades suscetíveis de se tornarem ideologias de múltiplas maneiras.

A aculturação pelos meios visuais como substituto, cômodo porém espúrio, da aculturação “de pessoa a pessoa” na família nuclear é, então, no meu entendimento, fato principal nas mudanças da psicopatologia na cultura atual. As conseqüências sociais jazem na raiz do que a sociologia do primeiro mundo passou a chamar de a “nova miséria”: enquanto que, classicamente, a miséria é herdada por grupos carentes sem acesso possível à educação, surge hoje, nos países do primeiro mundo, uma crescente população que, proveniente de classes abastadas e beneficiária suposta de uma educação, é incapaz de incorporá-la e de realizar as evoluções mentais necessárias para assumir tarefas acordes. Cai, então, na marginalidade, frente ao fracasso social massivo dessa extensão à vida cotidiana do *Aufklarungsarbeit* freudiano, chamado por Bion “função psicanalítica da personalidade”, o qual refuta plenamente um projeto de base da cultura dos meios, a *ideologia da comunicação* cujo paradigma implícito do desenvolvimento psíquico expressa o que poderia chamar-se, na falta de melhor denominação e não sem certa ironia, *criacionismo da informação*.

A ideologia dos meios visuais e da cultura *light* expressa-se, às claras, na equiparação *informação=crescimento mental*, equiparação cujo grosseiro criacionismo se contrapõe em cheio, repito, à idéia freudiana do pensar surgindo na ausência do objeto e com a concepção bioniana do pensar como a tolerância ao não-peito.

\* Porro – cigarro de maconha misturado com tabaco. (Diccionario de la Lengua Española – Real Academia Española, Madrid 1992). (N. do T.).





Jorge L. Ahumada

Se algo é capaz de definir, ao mesmo tempo, a cultura dos meios, a ideologia de informação e a psicopatologia de base de nossa época, esse algo encontrá-lo-emos na intolerância ao que Bion chamou as “realizações negativas”. Da tolerância às “realizações negativas” isto é, da tolerância da ausência, depende, afirma Bion sem rodeios, a evolução mental.

É ilustrativo dos processos de negação e separação em jogo que, no âmbito da informação, não se conceba sequer que convenha discriminar diferentes tipos de comunicação, tampouco considerar que alguns – como os jogos eletrônicos – tenham, além de certos umbrais, efeitos deletérios<sup>3</sup>, que, por exemplo, a onipresença reiterativa da rivalidade nos jogos eletrônicos assente em e exacerbe mecanismos mentais de rivalidade e evacuação onipotente nesse nível de funcionamento da mente-comomúsculo, que Bion mencionou, em distintos momentos de sua obra, como a “tela beta” ou, depois e mais amplamente, como a transformação no âmbito das alucinoses. O slogan *Happiness is Kids Online*<sup>4</sup> resume a negação de um fato óbvio: a realidade virtual, na qual a aniquilação do rival consegue veicular uma euforia sem vivência alguma de culpa, opera em outros níveis psíquicos que não os da realidade da interação emocional entre pessoas. Portanto, não é ousadia supor que seus efeitos sobre a mente serão, também, diferentes.

Que a expansão da informação equivalha a crescimento mental é uma idéia que incorre num curioso “lamarckismo social”<sup>5</sup>, ao supor que *o incremento de informação, seja qual for sua índole, dará lugar a uma adaptação – “expansiva”, desde já – da mente que a recebe*. Porém, embora obscura, tal idéia é predominante. Assim, sustenta – em nota intitulada “Êxtase Digital” – um guru dos meios, o fundador do Laboratório de Meios do MIT, Nicholas Negroponte (1996): *“quando desprendermos imagens holográficas nas quais possamos entrar, quando desenvolvermos uma interfase táctil que possamos explorar com os outros sentidos, a Internet fornecer-nos-á algo quase indistinguível do mundo real... isso me entusiasma, declaro-me um otimista da era digital”*.

3. Até há pouco tempo, as exceções à suposição geral dos efeitos benéficos da exposição a estímulos visuais eram somente a violência massiva, a comunicação visual pornográfica, eufemisticamente chamada “adulta” no jargão dos meios, e a comunicação “on line” de sedução direta de adultos a crianças que já saíam do âmbito “virtual”, incorporando-se ao que, no *ciberjargão*, se conhece como uma simples sigla IRL (*In Real Life*, ou seja “na vida real”). Ultimamente, começam a levar-se mais em conta as “adições à Internet”. A geração de jogos interativos, hoje em desenvolvimento, em que participam até cem pessoas em jogos de guerra que eliminam, cada vez mais, os limites entre “realidade virtual” e “realidade real”, é recebida com um otimismo que termina na insensatez, como um “novo meio social”.

4. Traduzo literalmente: “A felicidade são as crianças conectadas com Internet”.

5. Valham as aspas no sentido de que não existem motivos para supor que J-B Lamarck houvesse aderido a tão esotérica tese de adaptação instantânea.





Tal apologia exultante da fetichização das “realidades substitutas” – e aqui estou usando o termo fetichização no sentido de Winnicott – obriga à proposição de uma idéia alternativa cujo naturalismo chocará, certamente, os profetas da tecnologia: foi descoberta reiterada de Harlow, no Laboratório de Primatas de Wisconsin, que, se foi fácil criar experimentalmente macacas com variados e predizíveis danos em suas capacidades emocionais e maternas, nunca conseguiram criar, nas condições de “realidade substituta” que o cativo impõe, macacas capazes de serem boas mães. Evidentemente, as famílias de macacos, nos grupos selvagens, sabiam lograr isso muito melhor que os primatólogos, por esclarecidos que esses fossem. Se é óbvio, não é menos correto que a evolução da emocionalidade se dá no contato pessoal no meio do grupo e da família, e não é banal que se tenha hoje que recalá-la. O que há anos (1980) atribuí à *organização parasitária da personalidade* que aponta para reduzir à inexistência – inclusive, e acima de tudo, no terreno da sexualidade – a dependência emocional genuína, recebe, hoje, um forte reforço social não só nos conteúdos, porém mais ainda a partir da estrutura vincular de uso da mente-comomúsculo que domina no universo dos meios de comunicação visual.

### A lei de Gresham e as instituições psicanalíticas

As disciplinas que estudam o homem limitam-se, disse Gregory Bateson (1979, p.5), a um equivalente da lei de Gresham. Segundo dita lei econômica, que data do século XVIII, quando, numa sociedade, circulam duas (ou várias) moedas, a mais valiosa desaparece de circulação (porque a economizam) e é substituída pela de menos valor.

Uma tendência à substituição por versões de menor – ou nulo – valor rege, parece-me, o destino da Psicanálise na sociedade global, o que é de se esperar, tendo em vista as resistências que indivíduos e grupos opõem ao crescimento mental. Freud não o ignorava e, como esclarece em seu “*História do movimento psicanalítico*”, institucionalizou a Psicanálise para antecipar-se a esse processo: “*considerarei necessário formar uma associação oficial, porque temia os abusos a que se veria submetida a Psicanálise, quando se popularizasse. Deveria haver, então, algum órgão que pudesse dizer: ‘Todo este disparate não tem nada que ver com a análise... isto não é Psicanálise’*” (1914, p.43). Também o que nos diz Gaddini sobre a apropriação mímica da Psicanálise pelos meios intelectuais e a observação cotidiana são, acredito, ilustrativos quanto à transformação degenerativa – para usar um termo de Lakatos – da Psicanálise em versões em voga dentro e fora dos meios acadêmicos, que supõem resgatar seus “conceitos”, ao mesmo tempo que abandonam o método.





Jorge L. Ahumada

Aqui nos chocamos com o dilema de base dos esforços para divulgar a Psicanálise: por um lado, a Psicanálise necessita incluir-se no meio social e que esse a leve em consideração; por outro lado, e dado que não há possibilidade de explicação genuína do método psicanalítico senão através de seu *uso* na sessão, o que se tenta explicitar a públicos amplos arrisca ser empregado, no melhor dos casos, à moda de uma filosofia e, no pior, de se banalizar em simples ideologia *à la page*. Daí que o risco maior para a disciplina psicanalítica resida hoje, precisamente, em seu êxito, isto é, nas periferias que sua divulgação engendra fora da clínica. O sepulcro da Psicanálise estará, com certeza, onde tenha pleno êxito sua apropriação mimética, isto é, onde sua transmissão suponha assumir-se segundo o verbalismo do modelo universitário de ensino, com a deterioração do trabalho de exploração e contato pessoal em profundidade com o próprio inconsciente no divã.

Historiar as tentativas da Associação Psicanalítica Internacional e suas sociedades para iludir, em seu meio, os efeitos da lei de Gresham, fica também, sem dúvida, fora do que podem abarcar estas linhas. A experiência mostra, parece-me, em muitas sociedades psicanalíticas, uma oscilação entre os processos de mímeses nas quais se os assimila às ideologias em voga, científicas, filosóficas ou culturais e a preocupação pelo cuidado e o desenvolvimento do instrumento analítico. Quanto aos processos de mímeses, Gaddini menciona a tentativa hartmanniana de fazer da Psicanálise uma psicologia geral; na atualidade, cabe, creio, agregar as tentativas de recriá-la à imagem e semelhança das filosofias lingüísticas, do estruturalismo primeiro e do pós-modernismo depois.

Desde já, as instituições psicanalíticas distam de ser imunes aos processos grupais: uma dificuldade permanente em seu meio reside no eterno conflito entre as ambições pessoais dos aspirantes e membros e suas inevitavelmente desiguais capacidades para assumir e pensar a Psicanálise. Como insistia, até o cansaço, Enrique Pichon-Rivière, *o prognóstico de uma análise depende da qualidade do analista* e o mesmo vale, penso, na evolução das sociedades psicanalíticas, cujo prognóstico, a longo prazo, será dado pela qualidade dos analistas que logrem formar.

A múltipla conflitiva entre o igualitarismo, a busca de status societários ou políticos como “equivalente” de evolução e a necessidade do respeito às evoluções mentais genuínas dramatiza-se de diversas formas em cada sociedade, para cujo efeito costumam alternar-se épocas políticas marcadas por conflitos em torno das ideologias da igualdade e/ou dos status societários e épocas de criatividade científica em que as evoluções conceituais conseguem ser levadas em consideração, absorvendo-se a turbulência emocional que desencadeiam. A seu tempo, e tal como nos relata Gaddini que a criatividade freudiana deu lugar a fenômenos de cisão e mímeses na sociedade global, a criatividade científica nas instituições psicanalíticas costuma,





ainda que contra a nossa vontade, exacerbar a problemática política. Exemplos a destacar seriam as “Controversial Discussions” na Sociedade Britânica, na década de quarenta, girando, em boa medida, em torno das tensões criadas em seu seio pelo pensamento de Klein e as múltiplas cisões na Associação Psicanalítica Argentina, na década de setenta, depois de um período de intensa criatividade científica. Mas, ainda que isso seja assim, é inegável que somente os frutos do conhecimento genuíno contribuem ao prestígio e à sobrevivência da Psicanálise.

Em outros lugares (1992, 1995), explicito simpatias e reservas diante da tese de Wallerstein de que os analistas dispomos de uma teoria clínica comum: penso se a atenção e a confiança compartilhada no método permitem a diversidade teórica e o surgimento de idéias novas. Pois é o respeito à dependência em relação ao método psicanalítico o que, no meu entender, define a divisória de águas entre aquilo que merece, por mais diverso que for, o nome de Psicanálise e o que configura mera divulgação acadêmica. Cabe, nesse ponto, advertir que, salvo que se reconheçam a si mesmas como simples extensões heurísticas a outros campos de idéias surgidas no âmbito clínico da Psicanálise, as divulgações acadêmicas da mesma operam em forma mimética, no meio social, como substituto espúrio do método psicanalítico. Se Freud pensou, no começo, que qualquer um podia repetir sua própria auto-análise e converter-se em analista, analisando seus sonhos, hoje estende-se e institucionaliza-se, nos meios acadêmicos, mesmo que não seja sempre mencionada em forma explícita, a convicção de que alguém pode legitimamente converter-se em psicanalista na leitura de textos segundo o modelo habitual do ensino universitário.

E é eloqüente retomar, aqui, o sucedido com a mais exitosa das mímeses acadêmicas da Psicanálise segundo o depoimento de uma testemunha surgida de seu meio, a discípula e biógrafa de Lacan, Elisabeth Roudinesco (1993) que reconhece honestamente que, enquanto os analistas da IPA puderam permitir-se significativas discrepâncias nas teorias, ao mesmo tempo que conseguiam certa estabilidade quanto ao método, as correntes lacanianas não tiveram outra opção senão unir a seu enfoque ametódico uma extrema ortodoxia teórica. O que não deve estranhar, pois a vitalidade dos conceitos psicanalíticos somente pode aprender-se e nutrir-se no contato com os fatos da emocionalidade que o respeito do método possibilita, contato em que, constantemente, se recriam e redefinem. Somente assim podem-se manter como “conceitos abertos”, evitando a via tão sedutora quanto deletéria em que palavras convertidas em *factus vocis* passam a idealizar-se à maneira de drogas, gerando, com ponto de partida na Psicanálise, uma verdadeira “realidade virtual” que alicerça as estruturas de pseudomaturidade de quem as enuncia.

Os resultados práticos da passagem, a partir da tradição clínica na qual se edificou a Psicanálise em direção ao verbalismo da tradição acadêmica, longe por





Jorge L. Ahumada

certo da práxis observacioanal inculcada no método freudiano, estão agora à vista: nos severos termos do filósofo Cornelius Castoriadis, o lacanismo “*teve uma influência absolutamente catastrófica com sua prática perversa de trato com os pacientes, na duração variável das sessões, etc....*”<sup>6</sup>

Então, apesar, dos múltiplos problemas das instituições psicanalíticas em cuidar do método, isto é, em cuidar dos meios idôneos para promover, em seu meio, as evoluções mentais das quais depende a transmissão viva da Psicanálise, ao mesmo tempo que zelam pelo desenvolvimento das idéias novas, a previsão de Freud, ao fundar a Associação Internacional, não foi, depois de tudo, em vão.

Dizia, com razão, Bion que “*precisamos desenvolver com urgência a Psicanálise, ou algo melhor*” (1979, p.86) e não exagero, creio, atribuindo ao cuidado do método, que é ao mesmo tempo o cuidado do analisando, papel reitor nessa difícil tarefa de pensar em e a partir da clínica uma melhor Psicanálise, imersos no contexto social de uma cultura *light* que, quando não a descarta plenamente, não duvida em adotar e promover, a um nível de igualdade ou de superioridade, quanto ao que se refere à Psicanálise, as banalizações miméticas de suas idéias. *Fluctuat nec mergitur*\*. □

## Referências

- AHUMADA, J.L. (1980) *Organización perversa y organización simbiótica*. Trabajo presentado a la Asoc. Psicoanalítica de Buenos Aires.
- . (1992) De l'ange déchu et du “sujet”: une critique des bases de la pensée de Jacques Lacan et de sa technique. *Rev. Franç. Psychanal.*, 56: 425-442.
- . (1994) Interpretation and creationism. *Int. J. Psycho-Anal.*, 75: (Trad. al português. In: *Livro Anual de Psicanálise*, v. 11, no prelo).
- . (1995) Cuerpo, significación y lenguaje. *Rev. Psicoanál.*, Número especial internacional, n. 4.
- . (1996) A função da escritura e os escritos psicanalíticos. *Rev. Psiquiatr. Rio Grande do Sul*, 18: 23-33.
- . Towards the epistemology of clinical psychoanalysis. A publicarse en el *J. Am. Psychoanal. Ass.* (no prelo)
- AZOUBEL NETO, D. (1996) *Mito e psicanálise*. Presentado en el 2º Encontro de Curitiba, junio de 1996.
- BATESON, G. (1979) *Mind and Nature. A Necessary Unity*. Nueva York, Bantam.
- BAUDRILLARD, J. (1988) *Selected Writings*. Stanford: Stanford Univ. Press.

6. A Descomposição do Ocidente. Entrevista com Cornelius Castoriadis. *La Nación Cultura*, 16 de junho de 1996, p.2.

\* *Fluctuat nec mergitur*, ou seja, “Embora sacudido pelas ondas, não submerjo”.





- BION, W.R. (1979) *The Dawn of Oblivion*. Perthshire, Clunie Press.
- CARPIO, A. (1986) Libro, filosofía y cultura. *La Nación*, Buenos Aires, 16 de febrero de 1986
- DEBORD, G. (1992) *Comments on the Society of the Spectacle*. London, Verso.
- DENBY, D. (1996) Live white male reader. *Newsweek*, 16 de septiembre de 1996.
- EDELSON, M. (1988) *Psychoanalysis. A Theory in Crisis*. Chicago, Univ. of Chicago Press.
- FREUD, S. (1914) On the history of the psychoanalytic movement. *S.E.*, XIV.
- GADDINI, E. (1987) *Cambios en los pacientes psicoanalíticos hasta nuestros días*. Monografía n° 4, Asociación Psicoanalítica Internacional.
- GREEN, A. (1993) Culture(s) et civilization(s), malaise ou maladie? *Rev. Franç. Psychanalyse*, 57: 1029-1056.
- KERNBERG, O. (1989) The temptations of conventionality. *Int. Rev. Psycho-Anal.*, 16: 191-205.
- NEGROPONTE, N. (1996) "Digital Bliss". *Newsweek*, 8 de enero.
- ROUDINESCO, E. (1993) *Jacques Lacan*. Paris, Fayard.
- TUSTIN, F. (1984) Autistic shapes. *Int. Rev. Psycho-Anal.*, 11: 279-290.
- VATTIMO, G. (1992) La muerte de la subjetividad de Nietzsche a Heidegger. En: *Ética de la interpretación*. Buenos Aires, Paidós.
- WINNICOTT, D.W. (1951) Transitional objects and transitional phenomena. En: *Playing and Reality*. Londres, Routledge, 1994.
- . (1956) On Transference. *Int. J. Psycho-Anal.*, 37:386-388.

Tradução de **Eva Maria Farjos Garcia/Centro Cultural Brasil-Espanha**  
Revisão técnica de **Carmem Emília Keidann**

**Jorge L. Ahumada**  
Av. Las Heras, 3898, 3° H  
1425 – Buenos Aires – Argentina

© Revista de Psicanálise – SPPA





Atenção montador  
a página **70** é branca





# A supervisão coletiva, a sobrevivência do psicanalista e o método científico

Juan Francisco Jórdan Moore\*, Santiago

*Este trabalho relaciona o conceito do uso do objeto de Winnicott com o falseamento das hipóteses de Popper. Assim como o objeto subjetivo é destruído e o objeto real sobrevive e se transforma em objeto percebido objetivamente, do mesmo modo as teorias científicas são expostas permanentemente a sua destruição para poderem ser consideradas objetivas quando sobrevivem a esse processo. Estabelece-se a diferença entre trabalho científico e labor científico. O labor científico é parte integral da atividade profissional do analista e consiste em falsear suas interpretações no diálogo psicanalítico com o analisando. A supervisão coletiva é o lugar privilegiado para aprender esse processo. Isso implica que o analista se exponha à destruição de suas criações, suas interpretações, subjetivas enquanto não são falseadas no diálogo com o analisando. As interpretações do analista são especialmente subjetivas, quando surgem de uma contratransferência insuficientemente integrada. Com base na freqüente equiparação pré-consciente entre ser e o pensar consciente, o analista pode experimentar, durante a supervisão coletiva e frente ao grupo, a sensação de destruição de sua identidade. Contudo, a sobrevivência à experiência emocional que supõe a destruição das próprias crenças faculta ao analista discriminar entre suas interpretações e seu ser e o capacita para exercer o labor científico que dele se espera na sua profissão. Apresenta-se uma supervisão coletiva realizada pelo Dr. Horacio Etchegoyen, para ilustrar a tese proposta, com uma discussão na qual se inclui o comportamento do grupo.*

\* Membro Efetivo e Analista Didata da Associação Psicanalítica Chilena.





## Introdução

Proponho-me, neste trabalho, investigar e desenvolver a relação entre a supervisão, a sobrevivência do psicanalista e o método científico.

A sobrevivência do analista foi enunciada por Winnicott (1974) em relação a seu conceito do uso do objeto. Nessa teoria, transita-se da relação com o objeto, na qual esse é criado pelo sujeito, ao uso do objeto. Isso acontece quando esse emerge como real, ao sair da esfera do controle onipotente do indivíduo. Para que isso ocorra, o objeto deve ser exposto ao máximo de agressão por parte do sujeito e sobreviver à mesma. O objeto subjetivo, isto é, criado pelo sujeito, é assim destruído, quando se consegue colocá-lo no exterior, no âmbito da realidade compartilhada e objetivamente percebida. A sobrevivência é definida como a capacidade do objeto de sustentar a agressão, sem atacar em represália. No caso do analista, isso inclui a integridade de sua técnica. Graças a essa atitude, o mesmo consegue sair da esfera da onipotência dos mecanismos projetivos do sujeito. Assim, começa a existir graças a uma qualidade que lhe pertence intrinsecamente, independizando-se de qualquer manobra que o indivíduo devesse realizar para possuir a qualidade de existente.

Nessa perspectiva, a emergência do real torna necessária a exposição do objeto ao máximo de destrutibilidade por parte da psiquê e a sua sobrevivência, para que, depois, essa possa considerar a realidade objetiva como aquilo que existe fora da sua capacidade onipotente de criar ou destruir, produto do desejo ou da necessidade. Desse modo, a agressão e a destrutibilidade do sujeito, junto com o comportamento adequado do objeto, em último caso, determinam a separação definitiva entre ambos. Possibilita-se, assim, a existência de um mundo objetivo que pode ser compartilhado e que o sujeito pode usar, daí para a frente, para crescer, podendo nutrir-se daquilo que ele mesmo não criou.

A supervisão, especialmente se é coletiva, é aquela instância em que o analista pode, primeiro, durante sua formação e depois, ao longo de toda sua vida profissional, confrontar os feitos que conceitua e formula na solidão da sua prática clínica com a visão proveniente de outras maneiras de conceituar e formular os mesmos feitos. Assim, o analista, ao expor uma sessão, expõe seus modos de pensamento no espaço público. Nesse espaço, todos podemos participar e, nesse sentido, coincide com o que Winnicott denomina de realidade compartilhada, aquela em que é possível perceber objetivamente. No entanto, para esse, a ciência é o modo mais acabado de conseguir a objetividade e, assim, constitui-se num dos pólos que limitam a zona intermediária da experiência, sendo o outro pólo o objeto subjetivo, aquela criação produto do desejo e da necessidade, quando, ao sujeito, se lhe apresenta, no momento preciso, o objeto de sua satisfação. Entre o objeto subjetivo e aquele percebido obje-





tivamente, encontra-se a terceira área da experiência definida por Winnicott; nela se mantêm, simultaneamente unidas e separadas, a realidade interna e a externa.

Durante o diálogo que brota na relação analítica, o analisando tem a oportunidade de contrastar o objeto subjetivo com o objeto percebido objetivamente, isto é, aquele que sobrevive. Para que isso chegue a acontecer, é imprescindível a ausência do *talionar*\* do analista frente à agressão do analisando. Assim, a possibilidade do analista de comparecer como objeto real é também um emergente da relação entre analista e analisando e, portanto, não se encontra garantida de antemão pelo sentido de realidade do analisando, ainda que a integridade dessa função facilite, sem dúvida, a tarefa do analista. Então, a realidade desse último é também um fenômeno vinculado, do mesmo modo que o é sua aparição como objeto transferencial. Casualmente, parece-me que, nos conceitos de aliança terapêutica, aliança de trabalho e transferência, como é sabido, encontra-se implícita a raiz vincular da realidade do analista.

No entanto, é incontestável, para Etchegoyen (1984), que a realidade do analista como tal se sustenta em sua técnica, sua ética e seu labor científico<sup>1</sup>. Dentro da sessão, essas indicam que, junto com verbalizar as interpretações, atende-se à resposta do analisando às mesmas. Assim, pode-se avaliar a validade das interpretações e seu impacto no analisando. Esse labor implica, para o analista, conter mentalmente todo um processo de falseamento das hipóteses que vão emergindo no processo interpretativo. A partir de tal ótica, pode-se considerar que aproximar-se às interpretações mais corretas constitui parte do amparo (*holding*) proporcionado pelo enquadre analítico, visto que, para realizar esse procedimento, é necessário ter sempre em mente o analisando, buscando aquelas interpretações que, para ele, ou ela, tenham mais sentido.

Se uma parte essencial da realidade do analista é sua atividade científica, a qual inclui o *holding*, pode-se deduzir que, quanto mais científico for seu labor, tanto mais se possibilitará sua emergência como objeto real, isto é, sua sobrevivência e a concomitante destruição do objeto subjetivo do analisando.

Por sua vez, a ciência, ao buscar o falseamento de suas teorias (Popper, 1962),

\* *Talionar* – Castigar uma pessoa com a lei de talião. (Diccionario de la Lengua Española – Real Academia Española, Madrid 1992) (N. do T.).

1. Falo de labor científico, divulgando a diferença, que Hannah Arendt (1993) resgata da linguagem, entre labor e trabalho. O labor é aquela práxis que não deixa objetos que permanecem, já que são imediatamente consumidos, e que é necessária para satisfazer nossas necessidades vitais, por exemplo, os labores domésticos. No cozinhar para comer, consome-se imediatamente o produto do labor. O trabalho, em compensação, é aquela práxis que produz objetos que não se consomem de imediato e têm, portanto, permanência, por exemplo, um par de sapatos ou uma obra de arte. O labor científico é o que o analista faz na sessão. Suas interpretações são “consumidas”. A práxis que faz fora da sessão, muitas vezes, termina sendo um trabalho. A maioria dos analistas fazem labor científico, a minoria, trabalho científico.





pode considerar-se equivalente, quanto à experiência emocional que provoca no indivíduo que a exerce, com a destruição do objeto subjetivo e a aparição do objeto percebido objetivamente. Pode-se propor que as teorias são criações subjetivas enquanto não são confrontadas com a base empírica, em busca de seu falseamento. Isso implica expor as teorias científicas a sua própria destruição. Sobreviver a esse procedimento confere-lhes a condição de objetivas, ao menos enquanto não são definitivamente eliminadas. Pode-se propor que laborar cientificamente significa tolerar a disposição de ser governado por um pensar cuja marca é a capacidade de negar-se a si mesmo. Isso supõe que, no vínculo emocional que se estabelece com as teorias, elas estão, permanentemente, transitando da relação ao uso. Assim, a relação com as teorias indica que as mesmas são subjetivas, isto é, referem-se mais à condição do sujeito; seu uso significa que elas são objetivas, isto é, referem-se à realidade do objeto de estudo de uma ciência e, portanto, são científicas. Por isso mesmo, as teorias científicas encontram-se, constantemente, em processo de destruição. Isso pode considerar-se como um processo que define, em parte, o método científico.

É de se esperar que o analista experimente a destruição de suas próprias teorias infantis inconscientes em sua análise didática; contudo, não é tão claro que, na mesma, chegue a criticar, como o exige o método científico, muitas das teorias que, conscientemente, sustenta e que, muitas vezes, compartilha com seu analista didata. A adscrição a um certo marco teórico complica-se, também, com fenômenos da psicologia de grupos que determinam que a afiliação ao grupo se sustenta na lealdade de seus membros a certas teorias. (Britton, 1995). Essas passam a constituir crenças, que podem chegar a articular-se numa ideologia pseudocientífica, transitando, desse modo, em direção ao âmbito da subjetividade.

Todavia, a supervisão certamente é uma prática na qual se podem questionar e colocar à prova as teorias que informam as interpretações do analista. Se essas teorias são questionadas, e se as mesmas se encontram configuradas antes como crenças, o analista que apresenta o material pode experimentar a destruição de um objeto de seu pensamento que chegou a se constituir num objeto subjetivo. Sobreviver a essa experiência de destruição do pensado supõe um reforço da atividade científica que o labor psicanalítico compromete, já que se quebra a identidade entre ser e pensar, esabelecendo-se, assim, a possibilidade de se exporem os conteúdos do pensamento a seu desbaratamento, transformando-se esse num pensar científico.

Com relação ao vínculo entre análise didática e supervisões e seminários, no ensino da Psicanálise, só posso concordar com Speziale-Bagliacca (1991) quando assinala: *“Dentro do padrão ideal da formação psicanalítica, a compreensão científica é transmitida basicamente usando métodos que pareceram destinados a fundir-se. Em primeiro lugar, existe uma transmissão que favorece os aspectos afetivos do*





*conhecimento. Isso se realiza através da análise do candidato. Aqui, a transmissão ocorre principalmente 'por identificação'. O segundo método constitui-se de discussões em seminários e supervisões... Esse método refere-se à conquista de uma transmissão crítica que pressupõe uma pluralidade de estratégias para a vida. Somente a análise pessoal, muitas vezes, não é capaz de liberar o futuro analista da imitação-identificação com seu próprio professor e estimular o processo de individuação, que deveria dar ao pupilo uma identidade pessoal e profissional.” (p.45.).*

A seguir, transcrevo uma sessão supervisionada pelo Dr. Horacio Etchegoyen, nessa época vice-presidente da A.P.I., no dia 26 de setembro de 1986, no âmbito de um seminário oferecido na Associação Psicanalítica Chilena, dedicado ao tema “O Diálogo Psicanalítico”.

Nesse diálogo é essencial que o analista examine a possibilidade de falsear suas interpretações. Trata-se de um paciente esquizóide, a quem chamarei Juliano, que consulta por instância de uma professora do secundário que o percebe com uma severa inibição afetiva. A sessão que apresento, a primeira das quatro que tem durante a semana, é do terceiro ano de análise. Nessa época, eu recém egressara da formação psicanalítica. Durante o ano seguinte ingressei, como Membro Associado, na Associação Psicanalítica Chilena.

### **A sessão.**

*P: Estou de férias. Para mim... eu imagino como dias entre a sessão e minha casa... como estar detido em Santiago. Hoje meu irmão telefonou para minha prima e escutei o meu irmão falando com ela, me parecia que ele falava como apresentador de televisão... como Sábados Gigantes, lhe perguntava se havia assistido “O Exorcista”. Eu achei ridículo (o filme) e meu irmão o analisava ou quase o analisava a sério. Ontem, também me aborreci com meu irmão, chegamos na minha casa com Rosita (sua namorada atual) e fui embora como se fosse para me livrar do aborrecimento. Me desagrada muito quando fala sério.*

*A: Talvez se sinta tomado de ciúmes do seu irmão; sente que ele lhe tira todas as pessoas.*

*P: Não sei. Ontem falei com ele e me contou o fim de semana detalhadamente... me cansa falar sério... muito sério.*

*A: Talvez se sinta com seu irmão como me imagina, às vezes, com você, talvez sinta, agora, que eu não tolero que me conte seu fim de semana.*

*P: Eu sinto que tenho que me opor a você para não me chatear... ficar como uma espécie de cordeirinho...*





Juan Francisco Jórdan Moore

A: Cordeirinho que perdeu a mamãe e que tem que pôr uma pele de lobo para sentir-se grande.

P: *A sensação é que, senão, estaria como me fundindo aqui.*

A: Se chega como um cordeirinho necessitado, teme que vai deixar de ser você mesmo.

P: *Isso, talvez... não sei como não tenho palavras para dizer-lhe. Se não me oponho, vou-me chatear. Se lhe dou razão, não posso, começo a sentir que tenho que lhe dar razão em tudo, de maneira desesperada. Me lembrei, agora, de uma interpretação e eu procurando, desesperadamente, lhe dar razão.*

A: Opor-se seria para defender-se de mim porque, senão, parece que sente que o devoro com minhas interpretações.

P: *Sinto uma especie de tédio, talvez... (faz como se fosse falar)... outra idéia, é muito difícil falar; aqui, para mim é muito rígido, já na maneira de falar estaria suavizando, deixando de me opor.*

A: Parece que sente que estou ansioso para conseguir que você concorde comigo.

P: *Sim, não sei... Parece.* (Faz um longo silêncio)

A: Como se eu necessitasse, desesperadamente, que você concorde comigo. Parece que tudo retorna de segunda à quinta, como se deixasse aqui, em mim, seu cordeirinho necessitado.

P: *Parece, todas as segundas são pesadas. A sessão da segunda é pesada e cansativa.*

A: Talvez a sinta pesada porque pode sentir que lhe devolvo algo do qual se aliviou.

P: *Que me devolve a dependência. Comecei a me sentir como quando tenho que estudar e prefiro dormir e me dá muito sono. Quando estava aqui, pensei que, ontem, estive com Teresa (uma ex-namorada), ou seja, bom, ela havia partido um dia antes de mim. Ela partia na sexta e eu no sábado. Houve uma coisa que estive me dizendo, me dizia que a Terê era mais difícil que eu de ficar com alguém; estou-me lembrando agora, ontem, caminhando pela beira do mar e me agradava. No ano passado o mar não me agradava muito, não me chamava a atenção. Me lembrei que você me falou de algo assim como do fim de semana, pareceu-me uma ordem, ter que lhe falar do fim de semana.*

A: É como se me dissesse: “seus desejos são ordens para mim”. Mas, parece que seus desejos e necessidades se transformam em meus desejos e, portanto, numa ordem para você, seus desejos terminam transformados em ordens minhas.

P: *Das outras pessoas. Bom, tem uma coisa que queria lhe contar, que nesta ida a L. (um balneário na costa central do Chile) é a vez que fui com menos certeza de*





*onde iria me alojar. A Rosita estava na casa de uma amiga e foi uma confusão encontrar a casa. Caminhei demais para encontrá-la, depois fomos a S (uma cidade da costa próxima a L.), depois tivemos que ir à outra casa de uma amiga. Depois fomos novamente a S., ao apartamento da minha irmã e ver se a amiga estava. Minha irmã estava em Santiago. O que estou querendo dizer é que não foi chato, é algo assim, divertido, não me aborreci na praia e, que bom, é como... não sei como dizê-lo... é como se não ter prefixado o que vou fazer não faz aborrecida a viagem. Outra coisa, me lembro, na sexta-feira, estive só e saí com um amigo, estive numa casa e tinham cocaína, não tive coragem de jalar\*, mas fumei um cigarro em que haviam posto cocaína. O que senti essa noite, me baixou uma espécie de paranóia de sentir-me excluído, pela pessoas, bom, uma característica dessa gente é que não pesca muito a gente. Eu queria ir embora, comecei a me sentir sozinho e sentir falta da Rosita, sentia muita falta, muito forte e, depois, quando fui para L. e a encontrei, foi como se eu não houvesse sido forte, parece que me aborreço facilmente se estou dependente. Ela tem mania de zombar, de dizer coisas de brincadeira, de rir.*

A: Talvez tema algo parecido aqui: chegar como um cordeirinho tendo sentido saudades da volta e que isso seria algo de que eu poderia zombar.

P: *Lembrei de uma coisa que disse meu pai numa Páscoa. Como se, depois de uma certa idade, não nos dariam mais presentes. Isso me deixou muito triste, porque já éramos grandes.*

A: Parece que se sente como uma criança, sentindo saudades, com medo de encontrar-se com um pai que lhe diz que já é grande e que é ridículo o que sente.

P: *Pensei em quando cheguei e agora. Como mudou! Agora não estou entediado.*

A: Chega dependente e aborrecido como você dizia.

P: *Sim, fico desiludido por qualquer coisinha. Uno a idéia de dependência à de que vai acabar a hora.*

A: Agora me sente como uma mãe que espera que esteja na melhor para lhe cortar a hora.

P: *Algo assim como de propósito, para que depois eu volte chateado. Me ficou marcada a recordação da Terê, quando falava, me lembrava o que me atraía nela, como ser fatal, contar que vai em ambientes estranhos, com pessoas que querem suicidar-se, que vão mal na escola.*

\* *Jalar* – correr ou andar muito ligeiro. (Diccionario de la Lengua Española - Real Academia Española, Madrid 1992). A palavra *Jalar* é uma gíria usada, em alguns países de fala hispânica, que quer dizer o mesmo que aspirar cocaína. (N. do T.).





Juan Francisco Jórdan Moore

A: Talvez sinta, que, assim como mudou a sessão, você também mudou, porque também queria suicidar-se.

P: *Sim, quando estou sozinho, sem ninguém, já não quero mais viver.*

### **A supervisão no grupo.**

A primeira coisa que pergunta Horacio Etchegoyen é por que esse paciente não se encontra em cinco sessões, em vista do nível psicótico de seu funcionamento. No que me diz respeito, fico surpreso pela pergunta incisiva e somente respondo, meio inibido, que essa é a modalidade como costume ter todos meus pacientes em análise, já que não os tenho em cinco sessões. Olho para o grupo, como pedindo auxílio, mas ninguém intervém. Não se comenta especialmente o problema da frequência das sessões.

Continua, indicando que muitas das interpretações são corretas, entretanto, considera que o paciente se encontra num nível mais regressivo que aquele que se pode alcançar com as interpretações que o analista lhe entrega. Por exemplo, os ciúmes do irmão são evidentes e estão no material, no entanto, ele não se atreveria a interpretar-se-lhos porque é muito arriscado o modo como o paciente pode entendê-los, isto é, justamente pode sentir-se preso pela interpretação dos ciúmes pelo irmão. Crítica a interpretação na qual o analista toma a imagem do cordeirinho e a inclui na interpretação seguinte, aludindo a que o paciente tem que colocar uma pele de lobo, isto é, opor-se, para sentir-se grande e não um cordeirinho que perdeu a mãe. Considera que se está introduzindo uma ocorrência contratransferencial do analista. Para ele, por exemplo, o cordeirinho poderia sugerir-lhe a idéia de comê-lo assado. Outros membros do grupo animam-se a argumentar que essa interpretação, em particular, conseguiu integrar o paciente e que, nesse sentido, foi uma intervenção acertada do analista.

O risco aludido associa-se ao nível regressivo no qual se encontra o paciente, em termos de um funcionamento psicótico. É um equívoco acreditar que o paciente pode falar e que o analista pode chegar, com suas palavras, ao que lhe ocorre. Talvez seja justamente isso o que haveria a interpretar, tendo em conta que se está utilizando uma linguagem psicótica pela qual se projeta intensamente, através da ação, a fantasia de um vínculo que somente se sustenta pelo acordo.

Mais adiante considera que a interpretação em que se assinala a Juliano que, aparentemente, sente que o analista se encontra ansioso para conseguir seu acordo está no caminho certo. Depois, há um silêncio e, a seguir, o analista insiste que Juliano o sente como necessitando desesperadamente de seu acordo. Considera que essa





intervenção é profunda e eficaz, mas é excessiva para esse paciente. Modificar a projeção nesse momento é intolerável para ele; vai reinstaurar-se o sentimento de que se lhe exige estar de acordo<sup>2</sup>. Melhor seria ter-lhe dito que, quando em silêncio, Juliano sente que se reproduz a situação na qual o analista espera que ele esteja de acordo. Comenta que, para esse paciente, as interpretações do analista são vivenciadas muito próximas ao delírio de influência. Isso como expressão das ansiedades de ser invadido, em represália, no contexto da indiscriminação sujeito-objeto, produto da intensidade da identificação projetiva. A zona de manejo que se lhe faculta, entre poder interpretar e o delírio de influência, é muito pequena. Para esse paciente, o processo interpretativo é similar ao que sucede no tratamento com digital. Os níveis terapêuticos estão muito próximos aos níveis tóxicos, o espaço de manobra que fica entre uma e outra condição é mínimo. Portanto, dever-se-iam dar passos muito pequenos e precisos, monitorando constantemente o impacto das próprias intervenções no paciente. Também pode-se descrever metaforicamente a situação na qual se encontra o paciente, considerando que, para esse, o analista é um exorcista que se transforma, com grande facilidade, num diabo que quer possuí-lo. Pode-se considerar que a contrapartida psicótica da dependência terapêutica é o delírio de influência.

O paciente se abre para relatar seu fim de semana, recupera seu desejo, há uma diminuição da confusão sujeito-objeto. No entanto, o analista depois de contatar emocionalmente com Juliano, quando esse lembra, com muita tristeza, o pai que disse às crianças que, ao crescerem, já não vão ganhar mais presentes de Páscoa, não consegue tolerar a dor contratransferencial de ser ele quem corta a sessão. Essa dor é enunciada pelo paciente, quando une a idéia da dependência com a que vai-se acabar a hora. Nesse momento, o analista introduz a mãe. Essa não aparece no material. Sobre esse ponto, chama a atenção outro dos participantes do grupo. Discute-se se a mãe está ou não no material. Outros participantes opinam que ela, a mãe, está presente no relato da busca que Juliano fez de sua noiva, durante o fim de semana.

Pergunta-se, ao Dr. Etchegoyen, o que ele chama de material. Esse responde: “Tudo que provém do paciente”, esclarecendo, a seguir, que isso inclui o verbalizado e os silêncios. Anteriormente esclarecera que a contratransferência é também estar no material, sempre que integrada. Se não é assim, corremos o risco de introduzir algo alheio ao paciente. É da opinião que se introduz a mãe como uma teoria à qual se

2. Olagaray (1995) comentou que, cada vez com maior ênfase, Horacio Etchegoyen insiste na capacidade do analista para tolerar e sustentar, no tempo, a projeção do paciente, sem tentar que esse a reintrote através de uma interpretação precoce da mesma. Em termos de Winnicott, trata-se da capacidade de sustentar o objeto subjetivo criado pelo analisando. No meu entender, a projeção, na obra de Winnicott, adquire mais o sentido de criação que de distorção da realidade do analista. Em todo caso, permanecer como um objeto subjetivo concebido pelo analisando implica a consideração da subjetividade do mesmo e a potencialidade de postergar a própria do analista.





Juan Francisco Jórdan Moore

recorre por não se conseguir encarregar-se da responsabilidade que cabe ao analista na transferência do paciente. Essa responsabilidade é projetada na mãe: ela é a frustradora e não eu, o analista, o que fecha a sessão. É como se esse dissesse: “Não quero me responsabilizar pela dor de lhe cortar a sessão”. Desse modo não se integra a contratransferência e isso dá motivo para se introduzir uma teoria. Isso é uma atuação do analista, através da qual se desfaz da dor que lhe provoca a sessão.

O grupo discute a relação entre a teoria e o observável. Questiona-se a postura do Dr. Etchegoyen, já que se considera que o analista está sempre interpretando a partir de uma teoria. Ele responde que é preciso discriminar entre o subentendido teórico que impregna a sessão e as teorias. Esclarece que ele não diz, nem o pretende, que a mente do analista seja uma “tabula rasa”, quando entra numa sessão. Mas, espera que sejamos capazes de confrontar nossas interpretações com os feitos que investigamos. Exemplifica, insistindo que, na sessão, para o analista, lhe é muito difícil, nesse momento, não falar da mãe. É-lhe mais fácil repassar-lhe a dor, experimentada na contratransferência, de abandonar o paciente que assumi-la como dele, analista. Por isso a teoria aparece como uma perturbação. Se o analista houvesse tido mais contato com a dor contratransferencial e se ele próprio se tivesse responsabilizado por ela, não surgiria, a seguir, no material, a referência ao suicídio.

## Discussão

No que foi apresentado mais acima, pode-se apreciar como se questiona, em primeiro lugar, a frequência de sessões do paciente. Nesse momento, pareceu-me uma pergunta difícil de responder, talvez pela ansiedade de candidato recém egresso que se sente questionado por um vice-presidente da A.P.I.. Hoje acredito que teria respondido que o paciente não havia-me solicitado uma quinta sessão e que tampouco parecia estar implícito tal pedido no material que ele trouxe. Além disso, tanto o paciente como o analista pareciam estar trabalhando adequadamente no marco prescrito.

Assim mesmo, chama a atenção, nesse primeiro momento, a ausência de resposta do grupo, visto que a maioria dos membros participantes trabalha, nesses momentos, a análise com uma frequência de quatro vezes por semana, incluindo as análises didáticas. Talvez o grupo já tenha delegado a um candidato passar pela experiência do questionamento das formas habituais de estabelecer o contrato analítico. Esse hábito não foi debatido, até o momento, no interior da instituição, o que leva a pensar na necessidade de algum agente externo ao grupo, para que esse comece a refletir no que, até o instante, pode considerar-se uma crença que alcançou um alto





grau inconsciente de consenso, isto é, uma certeza que ainda não foi objeto de uma argumentação que a exponha a um questionamento que implica seu potencial de perda de vigência, ou seja, sua destruição. Que a certeza seja “objeto” de discussão significa que a mesma já está a caminho de ser objetivada. Para isso seria preciso que quem apresenta o material seja o portador da certeza compartilhada e se exponha a experimentar a ansiedade de ser destruído. A necessidade de delegar por parte do grupo pode estar relacionada com uma inibição do mesmo no exercício da agressão ao serviço do conhecimento científico, enquanto esse implica poder destruir nossas certezas, para alcançar novos conhecimentos. Isso supõe expor-se a sentir-se destruído, com a fé de sobreviver à experiência. A sobrevivência significa que, a posteriori, a ansiedade de ser destruído pode considerar-se baseada em: i.) uma fantasia inconsciente na qual se igualam as próprias produções corporais idealizadas, isto é, um conjunto simetrizado em termos de Matte-Blanco, por exemplo, os pensamentos como idênticos às fezes idealizadas e ao sêmem, e ii.) na identificação pré-consciente entre ser e o que é concebido subjetivamente e do qual se tem consciência<sup>3</sup>. A compreensão de que a ansiedade se baseia numa fantasia e numa identificação falsa determina, simultaneamente, que se libere a subjetividade de seu ancoramento na consciência. Assim, pode-se experimentar a continuidade do existir, apesar da destruição dos conteúdos do pensar consciente. Essa experiência aparentemente é compartilhada pelo grupo. É possível apreciar, no relato apresentado, como o grupo começa a argumentar com Horacio Etchegoyen.

Pode-se pensar que quem apresenta o material delega, agora, ao grupo a capacidade de argumentar, enquanto experimenta ser ressuscitado pelo grupo. Essa foi minha experiência em relação à interpretação, cuja concepção muito me orgulhava, do corderinho que perdeu a mãe e que, para ocultá-lo tem que se disfarçar com pele de lobo. No caso dessa interpretação em particular acrescenta-se, por parte do supervisor, a idéia de que se trata de uma ocorrência contratransferencial do analista. Talvez se possa dizer que aqui é quando mais radicalmente se afirma que a hipótese interpretativa do analista é parte constitutiva do âmbito da sua subjetividade. Isso é o que, decididamente, entra no terreno da argumentação, quando o grupo assinala que a interpretação é válida, porque a mesma foi capaz de integrar o analisando. O que

3. É evidente que, aqui, estou-me referindo ao cogito cartesiano, “Cogito ergo sum”, o qual, segundo Heidegger (1962, p.254), além de inverter, haveria que precisar: “sou num mundo” e como tal ente, tenho várias possibilidades de ser junto aos demais entes no mundo. Uma dessas possibilidades de ser são as “cogitationes”. Para Descartes, em compensação, os pensamentos são entes que enfrentam um eu, “res cogitans”, sem mundo. A concepção cartesiana que relaciona o ser com a consciência está inserida nas nossas mentes através da culturização à qual somos todos submetidos e, nesse sentido, forma parte de nossa constituição mental. O conceito de ser assimétrico ou heterogêneo de Matte-Blanco (1975) informa dessa modalidade de funcionamento da nossa mente. Para ele, ser assimétrico e inconsciente ou ser simétrico se apresenta como uma ameaça de aniquilação.





Juan Francisco Jórdan Moore

quero enfatizar é que, além ou aquém da validade da interpretação, o importante é que a mesma comece a ser debatida; essa controvérsia, presente no curso do pensamento do grupo, implica o questionamento da subjetividade do analista. Assim, abre-se a possibilidade de transitar em direção à objetivação das hipóteses que estão informando as interpretações do analista. De fato, mais adiante, o analista aproxima-se da idéia expressa por Horacio Etchegoyen, isto é, que o cordeirinho poderia também sugerir a idéia de comê-lo num assado, quando interpreta que o analisando deve opor-se às interpretações, porque senão teme que o analista o devore com elas. Isso, por sua vez, indica que o paciente está funcionando em um nível mais psicótico que a interpretação que alude à insignificância por sentir-se como um cordeirinho necessitado. Esse nível é alcançado na seguinte interpretação: “Parece que sente que eu estou ansioso para conseguir que você concorde comigo.” Contudo, esse nível é novamente abandonado, quando, mais tarde, o analista insiste no cordeirinho necessitado e omite tomar o silêncio como parte do material, ignorando, assim, a predisposição do analisando.

Cabe, aqui, uma reflexão em relação ao lugar que ocupa o supervisor. Talvez não seria arriscado propor uma descrição do que seria, parafraseando Winnicott, uma supervisão suficientemente boa. Nessa o que ocorre é que o supervisor pode colocar-se, primordialmente, no lugar do inconsciente do analisando. A partir desse posicionamento, e com circunspeção, pode refutar a subjetividade do analista, toda vez que esse tenda a se apropriar da situação analítica e, portanto, se encontra ameaçado o desdobramento da subjetividade do analisando. O analista ser objetivo significa respeitar a subjetividade do analisando e não deveria confundir-se com um suposto acesso a uma verdade última em relação a esse último.

O mesmo ciclo de interpelação da subjetividade do analista repete-se ao final da supervisão grupal, isso, quando o Dr. Etchegoyen alude à introdução da teoria da mãe, motivada pela dificuldade de o analista tolerar a dor contratransferencial ligada a assumir a responsabilidade de que é ele quem está cortando a sessão. Novamente, aqui, pode-se avaliar como se argumenta, no interior do grupo, a validade da interpretação do analista e do proposto pelo supervisor. Essa argumentação implica o exercício da agressão para destruir as hipóteses propostas e conseguir maior objetividade. Finalmente, recorre-se ao material para tentar resolver a disputa. Se o analista se tivesse encarregado da dor contratransferencial, não surgiria a referência ao suicídio. Essa, por sua vez, pode ser objetada, mas a experiência de supervisão já finalizara e, portanto, só resta o suspense.





## Epílogo

Em comentários posteriores, Horacio Etchegoyen comentou-me o artigo de Winnicott (1974), “*O ódio na contratransferência*”, no qual esse estabelece que o analista deve assumir que cortar a sessão, por exemplo, é uma expressão particular, para o paciente, do ódio do analista. Talvez essa referência permita assinalar o valor positivo da agressão, quando a mesma se integra com o amor pelo conhecimento científico, colocando-se, assim, a serviço de conseguir perceber e pensar objetivamente algo que está presente no conceito do uso do objeto, já que a destruição do objeto subjetivo é uma destruição sem cólera. Trata-se, antes, da alegria, depois da sobrevivência do objeto, de ter encontrado uma realidade que não é criada por mim, a qual posso amar e da qual posso nutrir-me para continuar crescendo. No caso de que venho tratando, a realidade que se faz presente é aquela da sobrevivência do método científico e do pensar conjectural que esse exige. □

## Referências

- ARENDRT, H. (1993). *La condición humana*. Editorial Paidós: Barcelona.
- BRITTON, R. (1995). Publication anxiety: conflict between communication and affiliation. *Int. Jour. Psycho-Anal.* 75:1213-1224.
- ETCHEGOYEN, H. (1994). Validation in the clinical process. *Int. Jour. Psycho-Anal.* Pre-circulated papers for the 75th Anniversary Celebration Conference at Westpoint on 8th to 10th April 1994. pp.83-92.
- HEIDEGGER, M. (1962). *Being and Time*. Blackwell: London.
- MATTE-BLANCO, I. (1975). The unconscious as infinite sets. *An essay in bi-logic*. Duckworth: London.
- OLAGARAY, J. (1995). *Comunicación personal*.
- POPPER, K. (1962). *La lógica de la investigación científica*. Editorial Tecnos: Madrid.
- SPEZIALE-BAGLIACCA, R. (1991). On the shoulders of Freud. *Freud, Lacan and the psychoanalysis of phallic ideology*. Transaction Publishers: New Brunswick.
- WINNICOTT, D.W. (1947). Hate in the countertransference. *En “Through paediatrics to psychoanalysis”*. Karnac Books (1992): London.
- . (1974). “The use of an object and relating through identifications”. *En “Playing and Reality”*. Pelican Books: London.

Tradução de **Eva Maria Fayos Garcia/Centro Cultural Brasil-Espanha**  
Revisão técnica de **Jussara Dal Zot**

**Juan Francisco Jórdan Moore**  
Napoleon, 3565 Dpto. 1004  
Las Condes – Santiago – Chile

© Revista de Psicanálise – SPPA





Atenção montador  
a página **84** é branca





# V Simpósio de Candidatos do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

---





Atenção montador  
a página **86** é branca





# Algumas dificuldades técnicas na análise de pacientes narcisistas

*Benami Sokolovsky\*, Porto Alegre*



---

\* Candidato do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

---

Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 1, abril 1997 □ 87





Benami Sokolovsky

## Introdução

Segundo Jones (1953), a primeira referência pública de Freud ao termo narcisismo aparece no trabalho sobre Leonardo, em 1910, tendo, entretanto, empregado o termo, pela primeira vez, em 10 de novembro de 1909, na Sociedade Psicanalítica de Viena, onde dissera que o narcisismo era um estágio intermediário necessário na passagem do auto-erotismo para o amor objetal (trata-se aqui de narcisismo evolutivo, normal e transitório).

O narcisismo começa, então, a ocupar um lugar central no pensamento de Freud e no desenvolvimento da teoria psicanalítica.

Não é minha intenção fazer uma revisão do tema na literatura. A partir de um caso clínico e tomando alguns autores como referência, o presente trabalho pretende abordar algumas dificuldades técnicas frequentemente encontradas na análise de pacientes narcisistas, cujo impacto na prática psicanalítica pode-se manifestar através da dificuldade ou da impossibilidade de conclusão do processo.

## Sobre a origem do conceito na obra de Freud

Foi em 1914, num estudo especialmente consagrado ao narcisismo, que Freud introduziu o conceito enquanto tal no conjunto da teoria psicanalítica. Nesse trabalho ele dá sinais da necessidade de reformulação da primeira teoria das pulsões (pulsões do ego x pulsões sexuais), preceitos teóricos até então indiscutíveis.

A noção de narcisismo começa a introduzir a concepção de que as pulsões sexuais podem incidir sua energia no ego (libido narcísica), contradizendo a formulação inicial de Freud, segundo a qual as pulsões do ego não seriam sexuais. O tema da castração é abordado como ferida narcisística, que permite a aparição das pulsões sexuais e de autoconservação como interesses narcisistas. É como se o perigo da castração obrigasse a união dessas duas pulsões e incrementasse o interesse narcisista.

Em “*Além do princípio do prazer*”, Freud (1920) desenvolve a segunda teoria das pulsões e introduz a grande oposição, que iria sustentar até o fim de sua obra, entre pulsões de morte e pulsões de vida. É esse antagonismo, segundo ele, que constitui o aparelho psíquico. O movimento de toda energia psíquica fica sujeito a essa polaridade. Em Freud, o conceito de narcisismo parece colocar-se predominantemente a serviço da pulsão de vida.





## Alguns desenvolvimentos teóricos posteriores a Freud

André Green (1983) propõe que é impossível ater-se às formulações explícitas de Freud sobre o narcisismo, que o situam por inteiro do lado das pulsões de vida. Ao narcisismo positivo se deve acrescentar seu duplo invertido, que ele propõe chamar de narcisismo negativo: “Em lugar de dar sustentação à aspiração para a unificação do ego pelo caminho das pulsões sexuais, o narcisismo negativo, dominado pelo princípio de Nirvana, representante das pulsões de morte, tende ao rebaixamento de toda a libido ao nível zero, aspira à morte psíquica”. (A. Green, 1983, p. 260)

Para Green (1986), a meta da pulsão de morte é de realizar ao máximo uma “função desobjetalizante”, através do desligamento, função essa que é, para ele, o procedimento mais radical que se opõe ao trabalho de luto, característico de personalidades narcisistas.

Rosenfeld (1971) afirma que o instinto de morte gera inveja, a qual torna intolerável para o sujeito ver o objeto separado. Para rejeitar o reconhecimento da dependência com relação ao objeto, o sujeito trata de fundir-se com ele, para assim controlá-lo onipotentemente num duplo momento: por um lado, apoderar-se dos aspectos invejados do objeto e senti-los como próprios, e, por outro, situar, através da identificação projetiva, tudo o que causa desprazer. Nesse caso, o narcisismo tem a característica de uma defesa do sujeito, algo que, apesar de ocorrer no seio das relações objetais, surge de dentro do sujeito, impulsionado pela pulsão de morte e pela inveja. O sujeito é incapaz de depender verdadeiramente de alguém, devido à desconfiança e ao desprezo que sente pelos outros.

De acordo com o referencial kleiniano, o ataque ou a destituição do objeto de suas boas características é antes defesa contra a inveja, isto é, defesa contra o reconhecimento de que o objeto é possuidor e propiciador daquilo que ele, sujeito, tanto deseja ou necessita. Essa é uma defesa que o protege da catástrofe da posição depressiva. É uma defesa que se baseia na onipotência e na negação da dependência.

Para Kernberg (1975), em um plano superficial, observa-se nesses pacientes uma notável carência de relações objetais, porém, em um nível mais profundo, suas interações refletem relações objetais internalizadas muito intensas, primitivas e de natureza atemorizante e uma incapacidade de depender de seus objetos bons internalizados. Segundo ele, esses pacientes possuem uma patológica condensação de aspectos do self-real, do self-ideal e de objetos ideais da infância que produz uma hipertrofia do self-real, configurando um self-grandioso (termo introduzido por Kohut). Em conseqüência, a integração superegógica é insuficiente, os limites do ego e do superego desvanecem-se em certas áreas; todo o mundo intrapsíquico de relações objetais deteriora-se e é substituído pelo self-grandioso, por representações desvalo-





Benami Sokolovsky

rizadas e esvaziadas de si mesmo e dos demais e por imagens potencialmente perseguidoras.

Predominam, nesses pacientes, mecanismos de defesa primitivos como a dissociação, a negação, a identificação projetiva, a onipotência e a idealização. Também apresentam intensos e primitivos conflitos vinculados à agressão oral.

Diversos autores, entre eles Kernberg (1975), Guedes (1978) e Zimmerman (1988), referem que a história desses pacientes se associa a fracassos ambientais em relação às necessidades de apego da criança, pela privação materna, na qual aparecem figuras parentais frias, indiferentes, eventualmente intrusivas e hostis, ou caracterizadas por uma possessividade narcisista.

### Um exemplo clínico e alguns comentários

A incapacidade de tolerar sentimentos de dependência é uma característica essencial nos pacientes de personalidade narcisista, e isso traz como consequência algumas dificuldades específicas na prática analítica. São pacientes extremamente difíceis de lidar, conforme pretendo ilustrar a seguir.

L. havia sido adotado e tornou-se uma espécie de “reizinho” da casa. Os pais procuravam atender todos os seus desejos. Tinha uma irmã mais velha, filha legítima de seus pais. Quando contrariado, tornava-se agressivo, o que deixava os pais desconcertados. Tornou-se uma criança muito exigente e que, de certa forma, controlava os pais.

Aos 10 anos tomou conhecimento de que era adotado e, segundo relato, tornou-se uma pessoa muito controlada quanto à expressão de suas emoções, na tentativa de sentir-se um bom filho, merecedor do lugar que ocupava naquela família. Foi um período em que se sentiu invadido por sentimentos confusos, associados a constrangimento, raiva e culpa.

No decorrer de sua adolescência e vida adulta, teve vários relacionamentos amorosos que não duraram, inclusive dois casamentos.

Ao me procurar, L. estava com 38 anos. Sentia-se triste e confuso com sua situação de vida. Mostrou-se inquieto e ansioso junto à perspectiva de levar adiante o tratamento analítico. Falava de suas experiências em tratamentos anteriores e, transferencialmente, expressava dúvidas quanto à possibilidade de confiar em mim. Parecia ter uma depressão antiga, parcialmente encoberta por traços obsessivos e paranoídes.

Apesar de mostrar-se interessado desde o início, expressou uma forte resistência ao tratamento através de dúvidas quanto à capacidade de a análise modificá-lo.

Passada a ansiedade inicial observada nas primeiras semanas de tratamento,





uma angústia silenciosa instalou-se no paciente e em mim. Eventualmente, esse silêncio era quebrado por uma atitude muito queixosa e associações persecutórias eram características nessa época. A vivência de maior proximidade comigo, advinda do fato de ter deitado no divã, mobilizou no paciente sentimentos persecutórios e ele defendia-se paranoidemente. Somava-se a isso um sentimento de temor e desconfiança de mim. Tinha fortes sentimentos de vazio e, por vezes, sentia-se muito infeliz. Sentia medo de estar sendo “sacana” quanto às exigências que fazia a sua família e sentia culpa pela inveja da irmã, que era filha legítima. Era invadido por sentimentos de descrédito em relação a mim e eu, em contrapartida, sentia-me invadido, via identificação projetiva, por sentimentos de dúvidas e desesperança frente à capacidade de o paciente levar adiante sua análise.

Segundo Calich e outros (1993), os sentimentos despertados no analista, frente à manifestação da parte destrutiva do paciente, podem ser de diferentes tipos. É possível observar no analista um temor da parte destrutiva do paciente, bem como o despertar de fantasias destrutivas nele próprio. A ação da parte destrutiva pode também mobilizar, no analista, sentimentos de outra ordem, tais como impotência, nulidade, paralisia, desinteresse, rechaço e distanciamento afetivo.

Desde o início, as sessões foram caracterizadas por longos períodos de silêncio, durante os quais o fluxo associativo cessava de tal forma que, se eu não intervisse, o paciente ficava mudo até o fim da sessão. Por vezes era como se não quisesse saber sobre si mesmo. Quando o clima das sessões e minhas intervenções eram como ele gostava, tudo ia bem. Se não, tomava minhas interpretações como uma invasão, um ataque anal. Entrar em contato comigo provocava um grande turbilhão afetivo e a sensação de pensamentos imperfeitos. Seus traços obsessivos conferiam-lhe uma atitude crítica consigo mesmo, por vezes quase cruel. Não podia admitir o que não sabia e sentia medo de conhecer e se conhecer. Em certos momentos, entrava em franca reação paranóide, reativa à sensação de intrusão no seu mundo organizado. Sentia muita raiva e um enorme ressentimento por ter sido adotado. Interpretava as ações do mundo como uma grande sacanagem que lhe fizeram. A idéia predominante era de que ele não tinha direito a nada por ser adotivo. Sentia-se um ser virtual, sem nada e privado de tudo. Vivia um luto eterno pela perda da condição de filho legítimo, o que evidenciava a existência de um núcleo melancólico.

Tudo isso era vivido na transferência, em que me via ora como a mãe que iria submetê-lo e com quem desenvolveria uma relação simbiótica, ora como um ser desprezível, um empregado contratado e inferior como ele se percebia, ora como alguém inútil e secundário como via o pai. Contudo, predominava nele um nível pré-edípico de funcionamento, em que a relação idealizada com a mãe, quase simbiótica, caracterizava a dimensão narcísica de sua personalidade. A dificuldade de abordar todos





esses aspectos estavam no seu estilo defensivo: silêncios que dominavam boa parte das sessões e manifestações de hostilidade e desconfiança de mim.

Segundo Liberman (1958) (apud Boschan, 1986), pacientes com transtorno narcisista, cujo conflito central é um déficit na auto-estima, caracterizam-se por predomínio de distúrbio semântico. Ocorre, em consequência, um déficit em suas conexões com as outras pessoas, que se ampliam na relação analítica.

Maldonado (1987) afirma que a meta do narcisismo é negar toda comunicação, como forma de desconhecer a existência do outro. Segundo ele, na situação narcísica, a mensagem inconsciente não se emite, pois o sujeito narcisista desconhece o outro como objeto do diálogo inconsciente. O narcisismo adquire, assim, sua máxima expressão em um material vazio de significação inconsciente ou no silêncio.

Bion (1959) esclarece que o silêncio do paciente pode ser uma forma de ataque contra a comunicação verbal entre analista e paciente, para evitar o contato com a realidade psíquica insuportável, pela intolerância à percepção da existência de objetos não-eu e conseqüente impossibilidade de entrada na posição depressiva.

Por volta do quarto mês de análise, ele, contudo, estava mais próximo de mim. Raramente faltava e quase sempre chegava na hora. Mostrava-se mais interessado em mim e curioso a meu respeito. Chorava mais e falava sobre a perda da condição de filho legítimo e da vivência de união perdida em relação a sua família. Nessa época, seus longos silêncios eram predominantemente de elaboração e, possivelmente, momentos de tentativa de organização, nos quais estávamos mais próximos, alternando com silêncios que eram expressão do medo de se aproximar de mim e de estabelecer uma grande relação comigo. Na transferência eu era ora a mãe que adota e acolhe, ora a mãe que abandona.

Nessa época, as brigas com a mãe eram constantes e caracterizavam tentativas de separar-se dela. Ao mesmo tempo, o medo de repetir comigo essa relação simbiótica com a mãe era evidente. Contudo, demonstrava vontade de se aproximar de mim e sair da relação total com a mãe. Manifestações de que iria sentir minha falta e angústia de separação caracterizaram a proximidade do período de minhas férias. Fazia associações com crianças que têm convulsões na ausência dos pais, filhos “que ficam na merda”, pais relapsos. Sentia-se desprotegido e abandonado e preocupava-se com a loucura que poderia irromper na minha ausência.

Observa-se que interrupções, suspensão de sessões, ou qualquer outra alteração do enquadre provocam importantes perturbações do equilíbrio narcisista que se manifestam através das reações do paciente e que são vividas como desprezo, desatenção, descuido, abandono, etc., ou seja, reativam as emoções experimentadas em situações análogas da mais primitiva infância referidas aos cuidados maternos e paternos.





A ferida narcísica, por ter-se sentido abandonado por mim, parecia que não iria fechar. Faltou a primeira semana pós-férias. Ao retornar, mostrou-se distante e indiferente, do tipo “não preciso mais de ti”. Os longos silêncios voltaram a ser frequentes, com ele tentando impor uma situação de relação em que eu ficava excluído, como ele se sentia.

Contratransferencialmente, o sentimento era de ter sido abandonado pelo paciente. Manifestações de ataque ao tratamento e a mim tornaram-se frequentes, com brigas e o surgimento da idéia de interromper o tratamento. Explosões de irritação e raiva eram alternadas com períodos de longos silêncios. Foram semanas de silêncios enormes. Transferencialmente eu passara a ser o objeto primitivo no qual ele estivera simbioticamente ligado e que o abandonara. Parecia que minhas interpretações não adiantavam nada e a transferência negativa havia-se instalado. Ele tentava convencer-me a desistir e que não adiantaria tratá-lo. Defendia-se, encastelado num sistema narcisista-paranoide, com um ressentimento brutal de mim e do mundo. Manifestava sentimentos de desastre e ameaça e a vivência de um mundo externo catastrófico. Nas suas associações, relatava histórias de cachorros matando uns aos outros e de uma cadela cancerosa atacada por todos os lados. Contratransferencialmente eu me sentia estraçalhado por ele, pelos seus silêncios enormes e pela atitude hostil comigo. Fazia uma tentativa sistemática de me envenenar e me contaminar com idéias de desistir de tratá-lo, defendendo a tese fanática de que ele era um caso perdido. Eu, por outro lado, já me sentia invadido pela desesperança dele. Entretanto, seu desejo de ficar e a luta que existia dentro dele ficou evidente quando, num ato falho, ligou para minha casa “por engano”, pensando estar ligando para a casa de um amigo. Apesar de me sentir contaminado pelo niilismo e negativismo absolutos dele, entendi e interpretei o seu telefonema como uma tentativa de se ligar, de se aproximar de mim e como um pedido de socorro no sentido de não deixá-lo ir embora. No entanto, no final, fazendo um grande esforço para se comunicar comigo, como se estivesse refugiado numa torre narcísica, admitiu que não queria vincular-se a ninguém e interrompeu o tratamento.

## Considerações finais

Considerando a descrição clínica acima, podemos destacar algumas características comuns às organizações narcisistas de personalidade, segundo os critérios de Kernberg:

1 – atitude instável, zangada e infeliz, culpando constantemente o mundo pelo seu destino e sentindo desesperança em relação a si mesmo;





Benami Sokolovsky

- 2 – dificuldade em estabelecer vínculos;
- 3 – defesas sistemáticas contra a dependência.
- 4 – sentimento de abandono por mim, durante as minhas férias, vivido como grave ferida narcisista;
- 5 – intolerância em reconhecer a separação da mãe/analista e de estabelecer um relacionamento efetivo comigo;
- 6 – vivência de uma realidade externa catastrófica e construção de um mundo seu onde ninguém entra;
- 7 – tentativa de evitação do contato com o mundo externo ou com a realidade interna e da experiência de separação e relação com o objeto;
- 8 – ódio de ter que estabelecer um contato verdadeiro com a parte do self capaz de amar, interessada e muito necessitada, e de trazê-la para a relação comigo, de forma a mobilizar-se emocionalmente;
- 9 – as interpretações que o colocavam em contato comigo e com o mundo externo eram freqüentemente sentidas como incômodas e perturbadoras;
- 10 – mudar, receber ajuda eram vividos como fraqueza, e o contato comigo significava um enfraquecimento da superioridade narcísica onipotente do paciente;
- 11 – absorção do paciente para dentro de si e para dentro de seus próprios processos de pensamento e fantasias, deixando-me em contato apenas com uma parte pseudocompreensiva do seu self.

Conforme assinala Fagundes (1993), “quando o paciente transfere para o analista a vivência fusional, a relação fica paralisada, coisificada, pervertida, cindida entre idealização e perseguição, gerando, no analista, sentimentos de inutilidade e angústia. (...) São casos em que o indivíduo recorre à união total com o objeto idealizado como forma de manter sua onipotência narcísica, por medo de perder o objeto ideal, experimentar inveja e cair no desespero, abandono e desintegração mental” (p. 423-424)

Bion (1962) salienta a importância de o analista funcionar como continente para as associações e projeções que o paciente faz dentro dele, antes de formular uma interpretação, contendo dentro de si as angústias do paciente, de tal forma que tenha tempo de acolhimento e elaboração. Assinala, entretanto, que o analista pode ver-se levado a interpretar, para negar a ansiedade que produz nele uma situação desconhecida e incognoscível. Klauber (1972) (apud Boschan, 1986) assinala que o objetivo dessas interpretações é preservar o ego de identificações projetivas que são sentidas como desorganizantes.

A não compreensão desses sentimentos no analista, ou a dificuldade em auxiliar o paciente a entrar em contato com partes excindidas de sua personalidade podem conduzir a impasses no tratamento analítico.





A certa altura o paciente se pergunta se sua necessidade de amor será mais poderosa que seus ataques agressivos contra o analista. Essas vivências dão lugar a uma situação transferencial atemorizante e de grande ambivalência.

A persistência dessas situações de dificuldades da interação paciente-analista e, principalmente, aquelas que levam o paciente a uma saída dessas dificuldades e a um progresso com o desenvolvimento de alguma relação de dependência do paciente em relação ao analista, podem desencadear uma reação terapêutica negativa. A RTN se deve a um contra-ataque da parte narcisista onipotente no paciente, deslocada de sua posição dominante e que atua com o fim de restituir seu status quo e de recuperar o controle. São situações em que, após um insight, diminuição da onipotência e o estabelecimento de um clima mais próximo, todo progresso posterior fica bloqueado por uma passividade acentuada, aparentemente inacessível.

O problema técnico consiste em atravessar essa barreira e mobilizar os afetos enclausurados e paralisados dentro da torre narcísica.

A situação toda pode ser vista como uma seqüência de tentativas, por parte do paciente, de afastar a percepção (conhecimento) que lhe traz uma visão de si que é dolorida, pois mobiliza sentimentos de inveja, perda da auto-estima e depressão.

A percepção dolorida de si está associada, nesses pacientes, à ansiedade de castração e, mais primitivamente, à ansiedade de aniquilamento por desamparo. Essa ansiedade de aniquilamento ou de desintegração pode ser de grande intensidade e corresponde ao “terror sem nome” descrito por Bion ou ao “medo do colapso” (breakdown) descrito por Winnicott.

Assim, as defesas narcísicas organizam-se frente a ameaças de perdas de partes do self e ante a vivência de desestruturação, despedaçamento ou aniquilação do próprio corpo.

É necessário, então, estar atento aos impactos contratransferenciais, para não responder vingativamente aos ataques do paciente. Da capacidade de *rêverie* do analista e da capacidade de suportar tais ansiedades por parte do paciente depende o destino do tratamento.

O narcisismo patológico tende a paralisar a capacidade de construir e a criatividade do paciente e do analista e impede a mudança. Esse quadro impõe ao analista, ao meu ver, um maior compromisso e atenção ao processo e reclama um delicado controle da contratransferência. □

## Referências

BION, W.R. (1959). Ataques à ligação. In: *Estudos Psicanalíticos Revisados* (Second thoughts). 3 ed., Rio de Janeiro, Imago, 1994, Cap. 8, p.109-126.





Benami Sokolovsky

- BION, W.R. (1962). *Aprender com a experiência*. Rio de Janeiro, Imago, 1991, p.141.
- BOSCHAN, P.I. Dependência e resistências narcísicas no processo psicanalítico. *Rev. Bras. Psicanal.* 20:167, 1986.
- CALICH, J.C. e outros. Organizações narcísicas: alguns aspectos técnicos. *Rev. Bras. Psicanálise*, 27(34):405-422, 1993.
- FAGUNDES, J.O. Ilusão de fusão e narcisismo. *Rev. Bras. Psicanal.*, 27(3):423-442, 1993.
- FREUD, S. (1914). Sobre o Narcisismo: uma introdução. In: *Edição Standard Brasileira, Vol. XIV*, Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- FREUD, S. (1920). Além do Princípio do Prazer. In: *Edição Standard Brasileira, Vol. XVIII*, Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- GREEN, A. (1983). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Buenos Aires, Amorrortu, 1986, p.263.
- GREEN, A. et al. (1986). *A pulsão de morte*. São Paulo, Ed. Escuta, 1988, p.109.
- GUEDES, F.L.V.; CORRÊA, F.R. e ROSA, M.A. Sobre o conceito de narcisismo – introdução a seu estudo. *Rev. Bras. Psicanal.*, 12:411, 1978.
- JONES, E. (1953). *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1989, Vol. 2, p.514.
- KERNBERG, O. *Desordenes fronteirizos y narcisismo patológico*. Mexico, Ed. Paidós, 1975.
- MALDONADO, J.L. Narcissism and unconscious communication. *Int. J. Psychoanal.* 68:379, 1987.
- ROSENFELD, H. A clinical approach to the psychoanalytic theory of the life and death instincts: an investigation into the aggressive aspects of narcissism. *Intern. J. Psychoanal.*, 52:169, 1971.
- WINNICOTT, D.W. (1963). O medo do colapso. In: ———. *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994. Cap. 18, p.70-76.
- ZIMERMAN, D.E. Manejo técnico do paciente de difícil acesso. *Rev. Bras. Psicanal.*, 22:297, 1988.

**Benami Sokolosky**

Rua Vieira de Castro, 150/302  
90040-320 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA





**Comentário de  
Alice Milman Bugin\*, Porto Alegre**

Primeiro, quero agradecer à comissão de organização do Simpósio pelo convite para comentar o trabalho do Benami, *Algumas dificuldades técnicas na análise de pacientes narcisistas*. Fico muito satisfeita de estar participando do nosso Simpósio e duplamente satisfeita por comentar esse trabalho que discute questões fundamentais da nossa prática clínica.

Todos nós, sem dúvida, já atendemos ou estamos atendendo pacientes narcisistas e tivemos interrupções. Esse trabalho nos ajuda a pensar, questionar e agora, juntos, temos a oportunidade de trocar idéias que nos auxiliem a enfrentar essas dificuldades da nossa atividade diária. O trabalho do Benami está bem escrito, conta com uma bibliografia de peso e um caso clínico que, sem dúvida, levou cada um de nós, quando o leu ou ouviu, a lembrar de seus pacientes atendidos.

A revisão bem fundamentada parte de Freud, passa por Green, Rosenfeld, Kernberg e outros. Ocorreu-me a sugestão de incluir uma discriminação entre narcisismo primário e secundário. Embora apareça que, de acordo com o referencial kleiniano, se considera o narcisismo como uma defesa contra a inveja protegendo da catástrofe da posição depressiva, parece-me interessante deixar mais claro a que narcisismo cada autor se refere, por exemplo, diferenciando o conceito do narcisismo estudado por Green (narcisismo 1<sup>a</sup>) do conceito da escola inglesa. Como foram apresentados, os conceitos de Green e, segundo, os de Rosenfeld, podem não ficar clara as diferenças.

Ao preparar o comentário, reli a lenda de Narciso. Segundo a versão da *Enciclopédia Britânica* (Pausanius), Narciso era filho do rio Ceviso e da ninfa Liríope. Quando nasceu, seus pais consultaram Tirésias sobre o futuro da criança. O adivinho lhes respondeu claramente: "O menino viverá longos anos se não se conhecer". A continuidade da lenda é muito nossa conhecida e quero me ater a essa recomendação que, para viver, Narciso não deveria se conhecer.

Benami nos deixa claro, em seu trabalho, que L não podia admitir o que não sabia, sentia medo de conhecer e se conhecer. L não podia lidar com a verdade e a frustração decorrente da mesma. Bion, em *Cogitations*, escreveu que a verdade é fundamental para o desenvolvimento, sem verdade o aparelho psíquico morre da mesma forma que o homem não sobrevive sem alimento.

Mas, não podemos deixar de admitir que a verdade é fonte permanente de dor

\* Candidata do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.





Alice Milman Bugin

e a mente humana está sempre criando formas de eliminar o sofrimento. Bion disse que conhecer a verdade pode ser tão perigoso que doses de verdade podem ser letais. O que já fora previsto por Tirésias.

Se, no nosso trabalho psicanalítico, a busca pela verdade é um pressuposto básico e os pacientes narcisistas podem fugir da verdade, constantemente nos perguntamos: o que esses pacientes buscam em análise? O que Narciso buscava na fonte já que, para sobreviver, precisava ficar longe dela? Muitas vezes o que buscam é o próprio reflexo que não tiveram no início da vida.

Winnicott nos alertou para os problemas de quando o bebê olha para a mãe e vê, no lugar dele mesmo, as necessidades narcísicas dela. Alice Miller complementou que o transtorno narcisista se caracteriza pela busca incessante de atender a todas as necessidades o tempo todo. São pacientes acostumados a procurar no olhar dos outros seus desejos, buscando corresponder e serem correspondidos. Benami mostrou, com sensibilidade, como L era no setting, insatisfeito, exigente, silencioso e a importância da contratransferência.

Concordo e acho que é uma das maneiras que pode nos auxiliar no trabalho com pacientes graves e, como minha função é introduzir o debate, gostaria de levantar a questão que, além do cuidado com o impacto contratransferencial, como tão bem mostrou Benami, também é fundamental a mente do analista e como o seu funcionamento entra no campo (partindo de conceitos de Bion, do casal Baranger e, mais recentemente, de Antonino Ferro, que trouxe novas contribuições). O analista está presente com todo o peso de sua vida mental na situação analítica. As identificações projetivas, não somente as evacuativas e perturbadoras do paciente em direção ao analista, mas por serem uma modalidade normal das mentes se comunicarem, serão recíprocas, ou seja, cruzadas.

Então, se a identificação projetiva é cruzada, temos que considerar que o paciente sabe muito de nós. Antonino Ferro escreveu que os pacientes graves sabem quando o analista se tornou mentalmente ausente e quando está presente.

Isso pode tornar o nosso trabalho mais difícil, pois, ao trabalhar com pacientes graves, no caso, narcisistas, somos mantidos constantemente sob observação. Um paciente que se exige e exige do seu analista um estado permanente de perfeição ficará, também, com frequência, insatisfeito, até porque, muitas vezes, é conhecedor de variados estados mentais do analista agregado à característica do paciente de buscar a imagem perfeita no espelho, procurando captar o que o analista quer dele.

É impossível termos uma capacidade permanente de metabolizar os nossos próprios elementos beta, por mais que nos analisemos, de modo que não haja intervenção alguma de nossa parte na vida mental dos nossos pacientes. O que pode ser um problema pode ser, também, uma maneira de trabalhar o drama em que vive o





---

Comentário ao trabalho: "Algumas dificuldades técnicas na análise de pacientes narcisistas"

---

paciente narcisista. Se o paciente nos nota de uma determinada forma, aparecem, de alguma maneira, no material, por exemplo, pelo menos referências a menor disponibilidade, desconfiança, silêncio excessivo, competição, exagero interpretativo. Antonino Ferro sugere que, sem confissões contratransferenciais, mas nos incluindo no campo, podemos compreender e interpretar os sentimentos do paciente. Winnicott, no seu trabalho sobre o colapso, já havia sugerido a importância da falha do analista, o quanto isso pode contribuir para o trabalho analítico. Isso pode suscitar alívio ao paciente, mas também preocupação, pois não há garantias quando duas mentes estão operando. Muitas vezes não podemos captar o que se passa na nossa própria mente, mas podemos nos interrogar quando surgem problemas ampliando a questão de reações contratransferenciais. Outra maneira de trabalhar e minimizar as dificuldades técnicas é discuti-las em reuniões científicas, através de trabalhos como esse do Benami. Meus cumprimentos ao Benami e obrigada. □

## Referências

- BION, W. R. *Cogitations*. London: Karnac Books, 1992.  
DAVIS, M. et al. *Explorações Psicanalíticas de D. Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.  
FERRO, A. *A técnica na psicanálise infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.  
MILLER, A. *El drama del niño dotado*. Barcelona: Tusquets editores, 1990.  
WINNICOTT, D.W. *O Brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

### Alice Milman Bugin

Rua Des. Augusto Loureiro Lima, 129  
90470-120 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA





Jacó Zaslavsky

## **Comentário de Jacó Zaslavsky\*, Porto Alegre**

Primeiramente, gostaria de agradecer aos integrantes da comissão organizadora deste Simpósio pelo convite para comentar o trabalho do Dr. Benami. Gostaria de cumprimentar o colega pela escolha do tema, pela disposição em expor as dificuldades no trabalho com esse tipo de situação clínica, pois todos nós, em algum momento de nossa trajetória, nos deparamos com essas dificuldades.

Desejo ser breve em meu comentário, porém o tema é bastante complexo e, por isso, pretendo dividi-lo em duas partes. A primeira, sobre a teoria, e a segunda, sobre o caso utilizado para ilustrar as dificuldades técnicas com pacientes narcisistas. Antes de mais nada, devo salientar que vou expressar aqui minhas impressões, que, devido às circunstâncias, estão sujeitas a erros.

Não foi por acaso que Freud usou, pela primeira vez, o termo narcisismo para dizer que esse “é um estágio necessário na passagem do auto-erotismo para o amor objetal”. Há alguns anos a palavra narcisismo vem deixando de ser vista como um “palavrão” ou algo ofensivo e desprezível no indivíduo. Uma certa dose de narcisismo todos temos e é importante que tenhamos, pois esse está ligado, entre outras coisas, ao prazer e ao instinto de sobrevivência, como o próprio Freud já destacou nos primórdios da Psicanálise.

No trabalho do Dr. Benami encontramos uma revisão sobre alguns autores que, sem dúvida, contribuíram para o estudo do narcisismo, tanto do ponto de vista teórico quanto técnico. Além dos trabalhos de Freud, são citados trabalhos de Green, Rosenfeld, Kernberg. Gostaria de lembrar, porém, que a bibliografia sobre o tema é mais ampla como acredito ser do conhecimento do Dr. Benami, que, talvez, possa enriquecer o debate com acréscimos.

Por exemplo, o próprio Freud, nos trabalhos de 1924 sobre “*Problema econômico do masoquismo*”, já falava sobre os perigos da “ *fusão pulsional*” e sua relação com a destrutividade. Mais adiante, em “*Novas conferências introdutórias*” (1933), discutiu novamente a fusão de Eros com a agressividade e tentou encorajar os analistas a usar clinicamente essa teoria. Quatro anos mais tarde, em “*Análise terminável e interminável*” (1937), retomou a aplicação clínica de sua teoria da pulsão de morte para a compreensão das resistências profundas contra o trabalho analítico, dizendo: “*Estamos lidando aqui com coisas mais profundas que a pesquisa psicológica pode apreender: o comportamento das duas pulsões primais, sua distribuição, fusão e*

\* Graduado do Instituto da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.





*desfusão...*". Creio estar aí, nesse ponto, algo que poderíamos debater com mais profundidade. Qual o papel da desfusão dos instintos no narcisismo, particularmente a questão da destrutividade? Ou, então, será que pesa mais a fusão do ego com o objeto ideal, como lembra Kernberg?

Entre os autores contemporâneos, gostaria de me deter um pouco mais nas contribuições de Rosenfeld, por julgá-las muito úteis clinicamente, embora, contestadas por alguns analistas. Rosenfeld, em outros trabalhos (1964, 1972, 1986) além daquele citado pelo Dr. Benami, segue aprofundando o estudo sobre o tema. Sugere, a partir de Melanie Klein, que o indivíduo tem uma irrefreável necessidade de destruir seus objetos e, ao mesmo tempo, um desejo de preservá-los. O problema parece ser crítico, dentro desse ponto de vista, porque a ansiedade surge em função da ação da pulsão de morte dentro do organismo (o objeto é interno), que é sentida como um medo de aniquilação. Quando predominam os mecanismos esquizo-paranóides, o estado de desfusão das pulsões é mais complicado.

Em 1964 Rosenfeld já sugeria que as relações objetais narcísicas são defesas contra qualquer reconhecimento da existência de uma separação entre self e objeto. O reconhecimento da separação levaria a sentimentos de dependência do objeto e também à ansiedade, pois, ao reconhecer que o objeto tem algo de bom, a inveja é estimulada, produzindo sentimentos hostis. Desse modo, descreve uma de suas descobertas mais originais, qual seja, de que o narcisismo é uma forma de defesa contra a inveja. E o Dr. Benami destaca isso sinteticamente em seu trabalho.

A implicação mais imediata dessa constatação de Rosenfeld é que a inveja dificilmente aparece diretamente. O foco da observação e da interpretação deve recair sobre as relações de objeto narcísicas. De acordo com esse ponto de vista, as interpretações devem dirigir-se prioritariamente à dificuldade do paciente em perceber o analista como separado dele e seu horror à dependência de um objeto externo que não esteja sob seu controle onipotente. É preciso mostrar que a hostilidade do paciente para com o analista é estimulada pela percepção desse como um objeto valorizado, com qualidades que ele, paciente, desejaria ter.

Mas, o problema que parecia equacionado não é tão simples. Em 1986 foi publicado postumamente o livro "*Impasse e Interpretação*", no qual Rosenfeld resume várias de suas idéias sobre formas de interpretar o material do paciente que poderiam levar a um impasse analítico e sugere alterações técnicas que possibilitem o "insight". O autor aprofunda sua investigação do narcisismo, descrevendo-o como fruto de duas etiologias distintas e que devem ser interpretadas diferentemente. Faz uma distinção entre um narcisismo reativo, fruto de experiências traumáticas na infância (narcisistas de pele fina) e um narcisismo baseado na inveja primária, no qual a destrutividade predomina (narcisistas de pele grossa). Os narcisistas de pele fina, de





Jacó Zaslavsky

acordo com o autor, são pessoas hipersensíveis que podem ser seriamente danificadas se for dada ênfase excessiva a seus aspectos destrutivos, o que inibirá sua capacidade de estabelecer relações objetivas satisfatórias. Os de pele grossa devem ser tratados com firmeza na análise, e sua inveja e destrutividade devem ser interpretadas. Com isso Rosenfeld quer nos dizer que os narcisistas não são todos iguais.

No caso ilustrado pelo Dr. Benami, uma dificuldade crucial encontrada é que se trata, antes de mais nada, de um paciente silencioso. Isso dificulta em muito nosso trabalho, pois os aspectos contratransferenciais podem-se tornar demasiadamente pronunciados frente ao significado da parte silenciosa do paciente, gerando frequentemente uma sensação de impotência e desconforto. Nesse sentido, acredito que a interação do par necessitaria ser repensada. Algo pode ter-se criado como produto das subjetividades individuais. O Dr. Benami mencionou 19 vezes em seu relato a palavra silêncio ou silencioso, assim como outras tantas vezes a palavra vazio. Isso também me fez pensar na hipótese de tratar-se de um paciente deprimido. Por exemplo, quando o autor refere que, no 4º mês de análise, o paciente se encontrava mais próximo, curioso com o analista, chorando. Essa descrição, e o clima afetivo em que isso transcorreu, não parece coincidir com um padrão narcisista para essa etapa tão inicial de análise. Talvez o autor possa explicar isso de outra forma. Além disso, quando se refere a longos silêncios de elaboração, fiquei-me perguntando, novamente: o que foi elaborado numa etapa tão prematura da análise? Fiquei com a impressão de tratar-se de algo muito precoce na análise de um narcisista. Como explicar isso?

Mas, ainda assim, se fosse um narcisista, pergunto-me: como estabelecer um contato afetivo e um clima de sintonia com esses pacientes? Creio que esse paciente, em função do abandono real precoce (vivido como trauma), talvez se aproxime da descrição de Rosenfeld, quando menciona os narcisistas de pele fina. Essa parece ser a marca registrada do paciente que deseja, através da transferência e via identificação projetiva, fazer seu analista experimentar toda a sorte de vazios, desamparos, solidão, desesperança que vive em seu mundo interno. Esse paciente apresenta uma dificuldade primitiva de estabelecer uma relação de confiança com um objeto. O objeto (analista/mãe) que cuida e que não abandona, mas que se separa dele, não pode ser admirado pela ameaça de invasão invejosa avassaladora e grande temor de abandono. Nos momentos de aproximação e de separação, cria-se um verdadeiro “terror sem nome”, diria Meltzer. A meu ver, trata-se de uma pessoa com uma estrutura bastante frágil, mais para a linha depressiva e paranóide (como salienta Grinberg). Assim, proporia ao colega repensar a função continente frente aos temores do paciente, primariamente de aproximação e, posteriormente, de ser abandonado e de ficar separado do analista/mãe.

Ainda pensando na linha narcísica, poderíamos lançar mão, tecnicamente, de





uma necessidade de o paciente formar uma espécie de “quadrilha ou gangue” para manter a organização interna defensiva, narcísica e destrutiva. Rosenfeld (1971) e Steiner (1987) nos chamam a atenção para a formação de organizações patológicas que se estruturam na mente sob a forma de “gangues”, que visam proteger a estrutura narcisista contra qualquer modificação, pela ameaça de fragmentação do ego. Para esse tipo de paciente, receber ajuda significa fraqueza, vulnerabilidade em seu delicado psiquismo e fracasso da organização narcísica. A parte destrutiva fica idealizada e o objeto bom, aprisionado.

Observa-se, no relato, um esforço do Dr. Benami em acolher as angústias (depressão paranóide) avassaladoras tão primitivas, porém o paciente não resiste à tentação de seguir se isolando em seu antigo funcionamento esquizóide.

Por tudo isso, caro colega, não desanimes. A cada experiência analítica adquirimos mais ferramentas para lidar com essa situação de extrema dificuldade para todos nós. Acho que o teu paciente, apesar de ter interrompido a análise, levou com ele algum extrato de um bom objeto, produto da relação contigo. Algumas vezes, esses pacientes só vão-se permitir reconhecer algum valor do bom objeto à distância.

Para finalizar, ao escutar uma música de Milton Nascimento, ocorreu-me que a letra dessa parece expressar um pouco do que se passa no mundo interno desse paciente e que se reflete na interação do par:

### **Amor amigo**

“O que eu vou te dizer/ você nunca ouviu de mim/ pois minha timidez/ não me deixou falar por muito tempo. Para mim você é a luz/ que revela os poemas que fiz/ me ensina a viver/ me ensina a amar/ quem conhece da terra e do sol/ muito sabe os mistérios do mar.

O que eu vou dizer/ você nunca ouviu de mim/ pois quieto que sou/ só sabia sangrar cantando. Quantas vezes eu quis me abrir/ e beijar e abraçar com paixão/ mas as palavras que devia usar/ fugiam de mim recolhidas na minha prisão.

O que vou dizer/ você nunca ouviu de mim/ pois minha solidão/ foi não falar, mostrar vivendo. Quantas vezes eu quis me abrir...” [e falar]. □





Jacó Zaslavsky

---

## Referências

- FREUD, S. (1924). Problema econômico do masoquismo. In: *E.S.B.*  
———. (1933). Novas Conferências Introdutórias. In: *E.S.B.*  
———. (1937) Análise Terminável e Interminável. In: *E.S.B.*  
KERNBERG, O. (1975). *Desórdenes Fronterizos y Narcisismo Patológico*. Buenos Aires. Paidós. 1979.  
ROSENFELD, H. (1964). Da psicopatologia do narcisismo: uma aproximação clínica. In: *Os estados psicóticos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.  
———. (1972). Introdução à discussão sobre “Uma abordagem clínica à teoria psicanalítica das pulsões de vida e de morte. In: BARROS, E.M.R. *Melanie Klein: evoluções*. São Paulo, Escuta, 1989.  
———. (1986). *Impasse e interpretação*. Rio de Janeiro, Imago, 1987.  
STEINER, J. (1987) *La interacción entre las organizaciones patológicas y las posiciones esquizo-paranóides y depresivas*. Libro Anual de Psicoanálisis.

### Jacó Zaslavsky

Av. Taquara, 572/301  
90460-210 – Porto Aletgre – RS – Brasil



© Revista de Psicanálise – SPPA





# Sexualidade feminina: uma revisão do complexo de castração

*Denise Lahude\*, Porto Alegre*



---

\* Candidata do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

---

Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 1, abril 1997 □ 105





Denise Lahude

*“A verdade é filha do tempo, não da autoridade”*  
Francis Bacon (filósofo inglês, 1561-1626)

## Introdução

A teorização do complexo de castração constitui um tema controverso. Ao mesmo tempo que apresenta particularidades na sexualidade feminina, torna-se assunto da sexualidade em geral, na medida em que o modo como elabora seu complexo de castração determinará muito do caráter da mulher e da sua relação com o sexo masculino e feminino.

Também são importantes as repercussões que a compreensão desse tema pode ter no trabalho clínico.

## Conceito e extensão do uso do termo à mulher

Conforme observou Rado (1933), o conceito “complexo de castração”, aplicado, inicialmente, para designar geneticamente um grupo de importantes manifestações ligadas à vida psíquica dos homens, passou a ser empregado proveitosamente à psicologia feminina.

Abraham (1922), em seu estudo clássico do complexo de castração nas mulheres, reuniu um numeroso material justificando a extensão do termo. Encontrou manifestações nas mulheres, tais como idéias e fantasias carregadas de fortes emoções que revelaram angústia pela falta de pênis, o desejo de possuí-lo, o prejuízo que implica o ser mulher, o desejo de ser homem, as experiências de mutilações ativas e passivas, estabelecendo, assim, a indubitável relação que existe entre tais idéias e certos conceitos que pertencem ao complexo de castração nos homens.

Em Laplanche e Pontalis (1986), encontramos o seguinte:

*“O Complexo de Castração é um complexo centrado no fantasma (fantasia) de castração, que vem trazer uma resposta ao enigma posto à criança pela diferença anatômica dos sexos (presença ou ausência de pênis): esta diferença é atribuída a um corte do pênis da criança do sexo feminino. (...) O rapaz teme a castração como realização de uma ameaça paterna em resposta às suas atividades sexuais, do que lhe advém uma intensa angústia de castração. Na menina, a ausência do pênis é sentida como um dano sofrido que ela procura negar, compensar ou reparar. O complexo de castração está em estreita*





*relação com o complexo de Édipo e, mais especialmente, com a sua função interditoria e normativa.”*

## O pensamento de Freud e outros autores

Em seu artigo “Sobre as Teorias Sexuais das Crianças” (1908), Freud descreve a primeira teoria infantil que, do ponto de vista de um menino, consistiria em atribuir a todos – homens e mulheres – a posse de um pênis. Ao verificar os genitais de sua irmã, o menino, falseando sua percepção e demonstrando a valorização que concede ao seu pênis, diria que o de sua irmã ainda é muito pequeno e vai aumentar quando ela crescer.

Na página 220, Freud fala sobre “ameaça de castração”, quando o menino é surpreendido estimulando seu pênis, obtendo prazer nesse ato e seus pais e ama o intimidam com a ameaça de cortar-lhe o pênis. Segue falando sobre lendas e mitos que atestam o traumatismo da vida emocional e o horror ligado ao “complexo de castração”. Os genitais femininos serão encarados, mais tarde, como um órgão mutilado, relembrando aquela ameaça e causando horror, em vez de prazer, no homossexual.

Essa seria a primeira vez em que o termo “complexo de castração” aparece em uma publicação e não o trecho em “Little Hans”. Antes disso, a idéia da ameaça de castração aparece em “*A Interpretação dos Sonhos*” (1900), em que Freud diz que as meninas compartilham a opinião que seus irmãos têm do pênis, interessam-se por ele e o invejam, sentindo-se prejudicadas por não tê-lo e declarando até que prefeririam ser meninos.

Em “Little Hans” (1909), Freud volta a tocar no complexo de castração, ao descrever a reação do menino ante a visão dos órgãos sexuais de sua irmã, a qual denota uma negação da realidade de que sua irmã não tem pênis.

Em Laplanche e Pontalis (1986), fala-se na significação narcísica do pênis, considerado pela criança uma parte da imagem do ego: a ameaça que lhe diz respeito põe em perigo essa imagem.

Há uma passagem na mitologia grega que parece retratar o complexo de castração feminino não como uma concepção masoquisticamente distorcida de feminilidade, mas descrevendo a supervalorização do pênis (1935). É a história de Kaineus, originalmente uma menina, Kainis que, tendo sido raptada por Poseidon, achou essa experiência tão terrível que lhe pediu para transformá-la num homem, de modo que nada poderia novamente acontecer com ela e, além disso, tornar-se-ia invulnerável. Esse desejo foi concedido mas, logo após, Kaineus, como agora ela era, tornou-se notável por sua impiedade, na medida em que se recusava a cultuar e venerar qual-





Denise Lahude

quer coisa que não fosse seu próprio arpão. A descrição da menina e do ser mitológico em que ela se transformou sugere que o pênis é herdeiro da onipotência atribuída à mãe fálica invasora, destruidora, divisora, desestruturante, como bem diz Janine Chasseguet-Smirgel (p. 132).

Embora, para Freud (1923), não se devesse falar de um complexo de castração até essa idéia de perda ter-se vinculado aos órgãos genitais masculinos, ele faz alusão a uma injúria narcísica anterior, quando diz na nota de rodapé (p. 182-183):

*“... a criança obtém a idéia de um dano narcísico mediante uma perda corporal originária da experiência de perder o seio da mãe após o sugar; da entrega diária de sua fezes e, em verdade, até de sua separação do útero, ao nascer.”*

No trabalho “A Dissolução do Complexo de Édipo” (1924), Freud diz que é a ameaça de castração que ocasiona a destruição da organização genital fálica da criança. No caso da menina, a renúncia ao pênis e a aceitação da sua castração ocorreria deslizando através de uma equação simbólica do pênis para o bebê que espera receber do pai. Como isso não acontece, abandona o complexo de Édipo, mas mantém catexizados no inconsciente os dois desejos – ter pênis e ter bebê – preparando-se, assim, para o seu papel posterior.

Helen Deutsch (1960) acredita, como Freud, que é a diferença anatômica entre os sexos que obriga a menina, ao contrário do menino, a interiorizar seus interesses, renunciando a suas reações emotivas pela falta de pênis e dirigindo-se à idéia da criança. Nesse mesmo trabalho ela afirma que, em mulheres para quem o filho significa uma compensação da falta de pênis, o luto em relação ao filho pode muito bem ser uma repetição da conhecida reação à perda genital (p. 150).

Zilboorg (1929), referindo-se ao puerpério de suas enfermas esquizofrênicas, diz:

*“O bebê parece que tem para estas mulheres o valor de um órgão masculino perdido, mais que qualquer outro valor... o parto seria uma castração, a reação psicótica a ele é uma recrudescência de sua inveja.”*

Abraham (1922) fala na conexão entre a alta estima da criança por seu corpo e seu narcisismo. Na menina, a descoberta do genital masculino atua como injúria ao seu narcisismo. Estando no período narcisístico do desenvolvimento, vendo a vantagem do menino sobre ela, desenvolve-se um impulso hostil e o desejo de roubar o que o outro tem. A união dessas tendências constitui a inveja, expressão típica da fase sádico-anal.





Para Stürcke (1920), algumas meninas têm a idéia de que, como punição, foram privadas de um pênis que elas possuíam anteriormente: um pênis é imaginado numa parte do corpo onde ele não existe, mas existiu. Ele sugere que se compare essa situação com outra, de ocorrência universal, que é o desmame. A posse de um órgão perfeito como o mamilo e sua perda deixam engramas na criança do sexo feminino. Para Stürcke é o sentimento da perda do mamilo na zona oral que se desloca para a região genital em virtude da diferença dos genitais.

Karen Horney (1950) faz um levantamento das idéias de Freud e Abraham sobre as marcas indeléveis que a inveja do pênis deixa no desenvolvimento da mulher. Considera importantes os argumentos de Freud (p. 86) que procuram demonstrar como as mais significativas atitudes e desejos da mulher derivam suas energias do seu desejo de possuir um pênis.

Essas atitudes seriam as seguintes: o mais forte desejo de uma mulher seria o de ter um filho varão, porque esse desejo é o herdeiro direto do desejo de ter um pênis; felicidade na gravidez é considerada satisfação simbólica pela posse de um pênis (no caso, o pênis é o filho); quando o parto se atrasa por motivos funcionais, suspeita-se de que a mulher não quer se separar do pênis-criança; a maternidade pode ser recusada, por outro lado, como um resíduo da feminilidade; depressões e irritações menstruais seriam consideradas como provenientes do fato de a mulher encarar essa função como um resíduo de feminilidade; perturbações na relação com homens são consideradas como conseqüência final de inveja do pênis; a inveja do homem pode-se evidenciar através de tendência a suplantá-lo ou no esforço para obter independência, o que significaria dispensa de ajuda do homem; na esfera sexual, o repúdio do papel feminino pode aparecer após o defloramento que pode engendrar animosidade contra o parceiro, porque aquele ato é concebido como castração; os sentimentos de inferioridade da mulher são considerados como expressão do desprezo que sente em relação ao seu sexo por lhe faltar um pênis; para Freud a mulher seria mais vaidosa que o homem para compensar a falta do pênis; o pudor que a mulher tem de exibir seu corpo teria origem, segundo Freud, no seu desejo de ocultar a “deficiência” de suas partes genitais; “*sua preferência pelos interesses mentais e profissionais que pertencem à esfera de atividade dos homens*” (Karl Abraham, “*Manifestações do Complexo de Castração Feminino*”) também e praticamente todos os impulsos ambiciosos da mulher (em Freud) teriam por origem energética última o desejo feminino de ter um pênis.

Karen Horney não crê que a mulher, constituída fisiologicamente para desempenhar funções tipicamente femininas, seja caracterizada psiquicamente pelo desejo de ter atributos do outro sexo. Acha que as mulheres que sonham com pênis ou símbolos fálicos são mulheres neuróticas e que esses casos não podem ser usados como





Denise Lahude

provas para a afirmação de que a inveja do pênis se relaciona com as diferenças anatômicas.

Chama a atenção para o fato de que *preconceitos teóricos*, que até coincidem com preconceitos culturais existentes, podem levar o analista a considerar como indicadores de subjacente inveja do pênis tendências apresentadas por mulheres de dominarem o homem, zangarem-se com ele, invejarem seu sucesso, mostrarem-se ambiciosas, quererem ser auto-suficientes e não gostarem de aceitar auxílio; essas seriam, para ela, tendências da pessoa neurótica, homem ou mulher.

Cita outra fonte que pode alimentar a convicção do analista a respeito da inveja do pênis, que reside nos seus pacientes do sexo feminino que é sua tendência de aceitarem interpretações ou de falarem em termos de masculinidade e feminilidade para evitarem se defrontar com verdades mais penosas e menos simples a respeito de seu caráter.

Assim, a tendenciosidade das bases teóricas do pensamento do analista pode coincidir com a tendência apresentada pelo paciente de deixar intactos os seus problemas verdadeiros.

Horney lembra Adler, quando, esse diz que o *desejo de ser homem* pode ser a expressão de um desejo de possuir aquelas qualidades e privilégios que, na nossa cultura, são considerados como masculinos: força, coragem, independência, sucesso, liberdade sexual e direito de escolher um companheiro. Na medida em que não considere plausível que esses sentimentos sejam reprimidos e, portanto, não necessitem de uma expressão simbólica, sugere que se busque descobrir, em cada caso, que ambição recalcada se esconde por trás desses desejos.

É importante para ela não aceitarmos a tendências dessas mulheres a responsabilizar o fato de serem mulheres pelos seus sentimentos de inferioridade.

Horney afirma que a ambição pode ser tão destrutiva, a ponto de ficar impregnada de angústia e necessitar ser recalcada e que o que se exige da Psicanálise é a descoberta dos elementos destrutivos e egocêntricos da ambição e análise de suas causas e dos seus efeitos sobre a personalidade.

Em resumo, considera interpretações em termos de inveja do pênis como obscuras do verdadeiro problema, especialmente do ponto de vista terapêutico.

No interessante livro de Harold Blum (1977) sobre psicologia feminina, Grossman e Stewart (p.193) citam dois casos de segundas análises de pacientes do sexo feminino que, em suas primeiras análises, receberam interpretações de sua inveja inconsciente do pênis e aceitaram essas interpretações com aparente convicção. Segundo os autores, nenhuma das segundas análises confirmou essa visão, atribuindo, como problema central, conflitos envolvendo o senso de identidade, sensibilidade narcísica e problemas de agressão. Esses sentimentos eram expressos em termos de





inveja geral, sentimento de falta de valor, inadequação, dano e privação.

As pacientes aparentemente aceitaram facilmente o reducionismo da interpretação da inveja do pênis nas suas primeiras análises primariamente porque ela se ajustava à sua própria tendência no sentido desse tipo de entendimento. Elas regularmente explicavam qualquer infelicidade que experimentavam como devida a alguma privação, o que levava a um constante estado de inveja. A interpretação inexata (Glover, 1931) – ou, pelo menos, a interpretação incompleta – de sua inveja do pênis reforçava seu senso de serem defeituosas e privadas e incrementava seu senso de injustiça.

Nesse trabalho, os autores pretendem mostrar que a interpretação teve um efeito organizador, mas não terapêutico. A interpretação, no ponto de vista dos autores, trouxe ordem para o que seria, de outra maneira, um tipo de “free-floating envy” ou uma pronta tendência de tornarem-se invejosas. A idéia do desejo de um órgão perdido e irreversível provia uma concreta e compreensível explicação para sua insatisfação.

Essas pacientes não podiam ver as emoções e experiências que estão por trás dessa maneira de expressarem seus conflitos. Os autores chamam a atenção para o fato de que “como analistas nós podemos também em ocasiões ter dificuldades similares em saber quão concretamente as metáforas do desenvolvimento devem ser compreendidas”.

Em seu livro “*Sexualidade Feminina*”, Janine Chasseguet-Smirgel (1964) expressa sua crença no caráter primário tanto das pulsões receptivas femininas como da inveja do pênis.

Observa, na clínica, o quanto a mulher se sente dolorosamente incompleta, do ponto de vista narcísico, e encontra a raiz desse sentimento de incompletude nas primeiras relações das crianças dos dois sexos com a mãe.

Cita Ruth Mc Brunswick que insiste no caráter onipotente da imago materna primitiva (ela é ativa, fálica e onipotente). A dependência da criança em relação a essa mãe capaz de tudo provoca “feridas narcísicas que aumentam enormemente a hostilidade da criança”. Essa hostilidade projetada sobre a mãe leva as crianças dos dois sexos a terem da melhor mãe a imagem inconsciente mais terrível:

*“Quando o menino descobre que a mãe onipotente não tem pênis e ele sim, encontra aí a saída narcísica satisfatória de sua relação primitiva com a mãe. Já a menina, não tendo nenhum valor narcísico a opor, não poderá contar com o exibicionismo fálico.*

Assim, entende Janine que “a inveja do pênis não é uma reivindicação viril





Denise Lahude

*concebida como um fim mas uma revolta contra a mãe onipotente*". Coloca a ferida narcisista e a inveja do pênis em estreita relação de dependência.

Acredita que os termos expressos por pacientes dos dois sexos são grandemente análogos (medo de ficar cego, de ficar paralítico, de enlouquecer, de ter câncer, sofrer acidente, sofrer um fracasso, etc.) e que, no inconsciente, toda ferida narcísica equivale à castração, em razão do valor narcísico conferido ao pênis nos dois sexos, de modo que, tanto no homem como na mulher, os temores de castração nunca terminam, pois podem perder ainda algo que conservará uma significação fálica.

Janine concorda com Abraham quando esse diz que a mulher com ambições profissionais manifesta também sua inveja de um pênis, mas crê que tanto o desejo de realização de mulher quanto a inveja do pênis remetem à ferida narcisista que tentam reparar.

Para Janine, a mulher com inveja do pênis não quer ser um homem, quer libertar-se de sua mãe, sendo completa, autônoma, mulher.

Janine Chasseguet-Smirgel (1984) disse:

*"... os trabalhos de Kestenberg, Galenson, Roiphe... têm, em meu ponto de vista, invalidado e desacreditado os clamores de que a teoria do monismo fálico deva ser vista como a verdade infalível. De fato, esta não é simplesmente uma questão de rejeitar esta teoria sexual como puramente defensiva, mas de delinear as conseqüências desta rejeição para a teoria psicanalítica acima de tudo. Se a menina se coloca em primeiro lugar não por deficiência, mas, primordialmente, por receptividade, então nossa concepção de evolução psicosexual deverá mudar de direção ou mesmo ser revertida, o local do que é mais instintivo e animal ao ser humano deverá ser redescoberto.*

Eglé Laufer (1986) concorda com Janine, a partir de achados de analistas de crianças e adultos que demonstraram convincentemente que *"a consciência da menina de seu próprio corpo não é primariamente a de carecer de um pênis. Ela tem consciência muito precoce de seu corpo como contendo um espaço dentro dela e das aberturas em seu corpo: a boca, ânus e, possivelmente, a vagina."*

O que Eglé pretende clarificar é que *"o significado da atividade masturbatória infantil precoce e as experiências sensoriais junto com as fantasias que as acompanham, repousa na relação que ela estabelece entre ela e seu corpo e a extensão na qual esta relação então facilita ou detém a habilidade da criança de destacar-se da dependência da mãe."*

Falar em monismo sexual fálico é o mesmo que dizer que só existe o que é visto, negando a existência do que é sentido. É uma formulação que carece de maior





exploração científica, pois ignora a fonte de conhecimento cenestésico que as meninas têm de si mesmas.

Toda a formulação posterior em termos de castração corre o risco de obscurecer conteúdos subjacentes e não trazê-los à luz.

### Uma discussão dos achados na literatura

Ao contrário das minhas expectativas, encontrei nas leituras de Freud e seus seguidores, sobre sexualidade infantil e particularmente feminina, dados obtidos através da observação que considero fidedignos e atuais. A descrição do complexo de castração na menina, sua inveja do pênis, etc., confere com minhas observações de meninas não só na atividade clínica como fora dela.

Percebi que a visão de Freud sobre a sexualidade feminina deverá ser apreciada de um ângulo cientificamente crítico e, por isso, empático, que se ocupe em considerar todas as variáveis que incidem sobre sua compreensão dos fatos: sua época, o lugar, suas experiências pessoais, a relação com seus objetos primários, a moral da época, o fato de ser homem, etc.

A persistente controvérsia a respeito da teoria de Freud da inveja do pênis sugere que a questão teórica básica não foi bem clarificada. Em “Análise Terminável e Interminável” (1937), Freud afirma que “com o desejo por um pênis e o protesto masculino nós penetramos através de todos os estratos psicológicos e alcançamos a base da rocha (bedrock), e assim nossas atividades estão no fim.” (p. 287)

Foi o mesmo Freud quem comparou a investigação analítica do indivíduo com um trabalho de exploração arqueológica. Sabemos hoje, através da atividade clínica e dos desenvolvimentos teóricos da Psicanálise, que há outros estratos mais profundos da psicologia feminina que Freud não pôde alcançar e aos quais, hoje, temos acesso, assim como há aqueles sobre os quais ainda nada sabemos.

Dessas questões podemos derivar uma outra que se refere aos riscos do dogmatismo em Psicanálise. Afirmações absolutas servem apenas para encerrar uma discussão. É importante que o analista tenha sempre em mente a realidade do fato de que ele não é um ser discrepante do resto dos homens. Conforme Racker (1981), uma análise

*“é um assunto entre duas personalidades cujo ego está pressionado pelo id, pelo superego e o mundo externo, cada um com suas dependências internas e externas, angústias e defesas patológicas, cada um, também um menino com seus pais internos e respondendo toda esta personalidade, tanto do paciente*





Denise Lahude

*como do analista, a cada um dos acontecimentos da situação analítica.” (p.124)*

As permanentes disputas pelo poder, até em Psicanálise (e isso dever ser mais uma manifestação do complexo de castração), impedem a incorporação das contribuições de todos os que se dedicam a construí-la e atualizá-la, desde o princípio, pois é da união dos conhecimentos que a geometria psicanalítica vai-se alimentar.

No artigo “As Teorias Sexuais das Crianças” (1908), Freud assinala que, no setor das pesquisas sexuais, *“as crianças produzem muitas idéias errôneas a fim de refutar o conhecimento mais antigo e mais preciso que se tornou inconsciente e reprimido”*. (p. 228) Diz que, em algumas crianças, a repressão sexual está tão adiantada, que elas conseguem permanecer ignorantes mesmo na idade adulta. Penso que o ponto sobre o qual incide e a quantidade de repressão desses conhecimentos pode informar a natureza da ferida narcísica que as crianças de ambos os sexos sofrem, ao descobrirem os fatos relacionados à vida sexual dos pais e à concepção.

Creio que o complexo de castração, tanto no menino quanto na menina, tal como Freud o descreveu constitui o que se poderia chamar de fenomenologia psicanalítica, isto é, a descrição dos fatos tal como são manifestados pelas crianças e adultos neuróticos.

Quando Rado (1933) afirma, em seu trabalho *“O Temor à Castração nas Mulheres”*, que a inveja do pênis representa uma tentativa, por parte da menina, para rebelar-se contra a confirmação anatômica de sua “castração” e para preservar sua “masculinidade imaginária” e, com base nessa inveja, a menina desenvolve um complexo de masculinidade, alucinando um pênis que ele chamou de “pênis ilusório”, ele está descrevendo fenômenos que, de fato, ocorrem com as mulheres, seu trabalho baseando-se numa vasta experiência analítica.

No entanto, ele descreve um fenômeno e toma sua manifestação como descritiva da psicologia mais profunda e não como uma forma de se expressarem conflitos que têm origens mais primitivas.

Rado se questiona: *“Se o único motivo do interesse pelo pênis ilusório é um desejo narcísico para apaziguar sentimentos de inveja, então a terrorífica intensidade do temor à castração, que surge quando o pênis ilusório é ameaçado, é incompreensível”*.

Penso que a resposta está inscrita no problema. Se há sinais evidentes na clínica do temor pela perda ou ante a ameaça de perda do pênis ilusório, é precisamente porque ele foi alucinado em lugar de algo que faltava, algo a respeito do que já havia um sentimento de falta. O que faltava não era o pênis – as meninas, como os meninos, têm um aparelho genital completo que é fonte de satisfações desde o início da vida – e sim o significado atribuído a ele.





O valor do pênis ilusório para a menina ou mesmo a hipervalorização narcísica do pênis (nos meninos) podem ser um sinal de que está representando atributos que contêm grande valor.

Se pensássemos em termos de complementaridade, o valor do pênis não deveria exceder o da vagina. A descoberta das diferenças geraria, nas crianças, uma atitude de curiosidade e interesse pelo sexo oposto, uma verdadeira aproximação entre os sexos, até pelo componente epistemofílico da personalidade do ser humano.

Assim, quando um se sente privilegiado ou prejudicado em relação ao outro (o que não se encontra nos outros animais porque eles não questionam suas naturezas), essas super ou subvalorizações podem, a meu ver, ser entendidas como dados manifestos (em suas mais variadas formas e apresentações), cujo sentido latente poderia ser comum aos dois sexos.

É importante também considerar o nível cognitivo do pensamento das crianças nos períodos em que as diferenças são descobertas. O pensamento da criança é concreto: ter pênis e não ter pênis é, em primeiro lugar, ser diferente; depois, é ter mais e ter menos e só mais tarde é que se vão formar as teorias de por que um teve mais que o outro.

Irmãos competem entre si pelo amor dos pais e um modo mais primitivo de determinar quão querido ou quanto mais em relação ao outro é através da valorização quantitativa. Só depois vem a valorização qualitativa. Assim, o qualitativo se vale do quantitativo e não de uma reflexão realista sobre a complexidade de uma relação. Isso é trabalho para a Psicanálise.

A descoberta do prazer que advém da manipulação do clitóris tem um efeito restaurador da auto-estima nas meninas. Não porque ele substitua o pênis, mas porque ele devolve, recupera o sentido de ser alguém autônomo e que não se encontra agora tão submetido à onipotência materna, além de não ter sido agraciado com aquele órgão a mais.

Por isso se vê, na clínica, que a inveja é mitigada verdadeiramente nunca através da destruição e afastamento do outro, até porque o ódio pelo que vale e está no outro não recupera o sentido de autovalorização. Ao contrário, incrementa. O ódio aumenta a inveja que aumenta o ódio.

O que mitiga a inveja é a recuperação do sentido de valorização através do reconhecimento genuíno da própria capacidade de existir como um indivíduo íntegro, com autonomia.

Sabe-se que o fato de possuírem pênis não livra os homens da inveja do pênis. Há alguém que é maior, que é melhor.

Acredito que interpretações da inveja do pênis em homens e mulheres não são interpretações, mas réplicas, em termos científicos, do pensamento concreto encon-





Denise Lahude

tradição nas crianças, nos indivíduos que não alcançaram o pensamento abstrato e nos indivíduos neuróticos que não puderam ainda formular a questão de maneira mais evoluída.

O pênis tem o valor de um representante concreto daquilo que não se tem e sem o que nada se pode fazer. Qual é o objeto representado pelo pênis? Para Janine Chasseguet-Smirgel, é a mãe onipotente. Como diz a palavra, onipotente é aquele que tudo pode, tudo sabe, tudo tem. É uma imagem idealizada formulada por alguém que não descobriu ainda sua potência, tampouco tem idéia da possibilidade de ser um indivíduo, quando separado da mãe. Sem ela, ele não sobrevive. É confortador, por algum tempo e em alguma medida, que o bebê se sinta protegido por um ser com tais características. Mas, o bebê está em pleno desenvolvimento e logo vai dar-se conta de sua potência, porque ele nasceu e deseja ser e poder.

## Conclusão

Se a descoberta das diferenças leva o menino a encontrar aí uma saída narcísica satisfatória de sua relação primitiva com a mãe, também considero verdadeiro que a menina se beneficie da descoberta, na medida em que a onipotência da mãe, para ela, começa a dar sinais de ser limitada.

A descoberta da diferença anatômica dos sexos informa à menina que sua mãe pertence ao mesmo gênero que ela, o que a torna dependente do outro gênero, numa relação de complementaridade, que já se opõe à plenipotência.

O incremento da capacidade de obter satisfações, usando seu próprio corpo, incluindo as masturbatórias, a descoberta do orgasmo, leva a menina a desenvolver seu senso de autonomia em relação à mãe. Essas experiências colaboram para o declínio da noção primitiva da onipotência materna, a “castração” passando a ser aceita com menos ansiedade persecutória.

Somente a recuperação da noção de sua competência é que vai permitir à mulher retomar prazerosamente, não com conformismo, sua receptividade ao homem. E, assim, também o homem sentir-se-á mais potente e autônomo como homem. □

## Referências

- ABRAHAM, K. (1922). Manifestations of the female Castration Complex. *The International Journal of Psycho-Analysis*. Vol. III, London: Wm. Dawson & Sons Ltd., 1953. p.1-29.
- BUNKER, H.A. (1935). Three Brief Notations Relative to the Castration Complex. *The Psychoanalytic Quarterly*, vol. IV, New York: *The Psychoanalytic Quarterly*, Inc. p.342.





- CHASSEGUET-SMIRGEL, J. (1964). A culpabilidade feminina. In: *Sexualidade Feminina*. Porto Alegre: Editora A. Médicas, 1988, p.122-135.
- . (1984). The Femininity of the Analyst in Professional Practice. *Int. J Psychoanal*, 65:169-178.
- DEUTSCH, H. (1960). *La Psicología de la Mujer*. Vol. II, 4. ed., B. Aires: Editorial Losada, S.A.
- FREUD, S. (1900). *A Interpretação dos Sonhos*, Ed. St. Brasileira, Vol. V, Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. 2. ed, 1972, p.657.
- . (1908). *Sobre as Teorias Sexuais das Crianças*, Ed. St. Brasileira, Vol. IX, Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. 2. ed, 1987, p.211-228.
- . (1909). *Análise da Fobia em um Menino de Cinco Anos*, Ed. St. Brasileira, Vol. X, Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. 2. ed, 1989, p.13-154.
- . (1923). *A Organização Genital Infantil*, Ed. St. Brasileira. Vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 2. ed. 1989, p.177-184.
- . (1924). *A Dissolução do Complexo de Édipo*, Ed. St. Brasileira, Vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1976, p.215-224.
- . (1937). *Análise Terminável e Interminável*, Ed. St. Brasileira, Vol. XXIII, Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., p.287.
- GROSSMAN, W., & STEWART, W. (1977). Penis Envy: From childhood wish to Developmental Metaphor. In: *Female Psychology*. New York: International Universities Press, Inc., 1977, p.193-212.
- HORNEY, K. (1950). Psicologia Feminina. In: *Novos Rumos na Psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2. ed., 1966, p.85-99.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B. (1986). *Vocabulário da Psicanálise*, 9. ed. p.111-116, Livraria Martins Fontes Editora Ltda, Lisboa – Portugal.
- LAUFER, M.E. (1986). *The Female Oedipus Complex and the Relationship to the Body. The Psychoanalytic Study of the Child*. vol. 41. New Haven: Yale University Press. p.256-276.
- PIAGET, J. (1966). *O Nascimento da Inteligência na Criança*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- RACKER, H. (1981). *Estudos sobre Técnica Psicanalítica*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1982. p.124-125.
- RADO, Sandor (1933). El Temor a la Castración en las Mujeres. *Revista de Psicoanálisis*, vol. VI. Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica Argentina. p.648-700.
- STÄRCKE, A. (1920). The Castration Complex. *The International Journal of Psycho-Analysis*, vol II, London: Wm Dawson & Sons Ltd. p.179-201.
- ZILBOORG, G. (1929). The Dynamics of Schizophrenic Reaction, Related to Pregnancy and Childbirth. *Am. J. Psychiat.* vol. 8.

**Denise Lahude**

Rua Fernando Gomes, 188/202  
90510-010 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA





Atenção montador  
a página **118** é branca





# Feminilidade em Freud

*Patrícia Fabrício Lago\*, Porto Alegre*

*A autora, neste trabalho, procura compreender a concepção freudiana da feminilidade, sem discuti-la. Considerando a castração como seu aspecto central e distintivo, busca entender o desenvolvimento da feminilidade e sua relação com a castração à luz dos modos sucessivos de organização da libido. Segue, para isso, os trabalhos de Freud relacionados ao tema, bem como autores que os discutiram.*



---

\* Candidata do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.





Patrícia Fabrício Lago

*“Não sei se sempre me senti assim –  
mutilada. Não sei!  
Não tenho nenhuma mutilação!  
Acho que é só um jeito de falar.  
A única coisa que eu posso pensar  
que está mutilada é a minha  
autoconfiança. Que não é completa.  
Falta um pedaço da minha autoconfiança.  
Não sei se eu já tive e foi cortado,  
se nunca existiu, ou se existe  
e está atrofiado.” Ana, 27 anos.*

## Introdução

Entre as antigüidades de Freud, encontra-se Atena, uma fêmea masculinizada cuja carência é manifesta: sua lança perdeu-se, a Medusa em seu peitoral não apresenta serpentes, ela não tem falo (Pereira,1994).

Freud evidenciou seu apreço à estatueta, ao escolhê-la como a única peça a ser contrabandeada para fora da Áustria, em 1938, quando estava sob ameaça de perder toda a sua coleção de antigüidades. Posicionava-a no centro de sua escrivaninha. Essa Atena e a afeição de Freud por ela ilustram a importância da castração na concepção freudiana de feminilidade (Pereira,1994).

A descrição de Freud da mulher como um ser castrado contribuiu para que seus trabalhos sobre a feminilidade suscitassem vivas oposições. Além de ele ter dito *“algumas coisas profundamente ofensivas sobre as mulheres”* (Gay,1989,p.455), suas pesquisas eram, em geral, indiretas. Inferia o feminino a partir do estudo do masculino. Ernest Jones, Karen Horney e Melanie Klein incluem-se entre os que não aceitaram essa teoria “falocêntrica” (Chasseguet-Smirgel, 1988; Gay, 1989; Gillespie, 1975; Stoller, 1982).

Entretanto, por mais instigantes que sejam as questões que os aportes freudianos provocam, este trabalho não objetiva discutir as idéias de Freud, apenas entendê-las.

Embora muitas vezes chocantes, as contribuições de Freud não podem ser desprezadas. Inúmeros aspectos de suas descobertas foram questionados, mas não sua descrição como um todo. Além disso, a constatação de material clínico, como o transcrito acima, impõe seu estudo.

Considerando a importância do tema (a maioria dos pacientes é do sexo feminino!) e a indiscutível relevância clínica das idéias de Freud – independente do lugar





que elas devam ocupar em uma compreensão definitiva da feminilidade – resolvi enfrentar meu próprio sentimento de “pequenez” diante da tarefa, bem como a dificuldade de, sendo mulher, trabalhar com uma visão “desprezível” do feminino.

Meu intuito é o de entender, como Freud (1933) sugere, “*como é que a mulher se forma, como ela se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual*” (p.144). Vendo na “castração” o aspecto central e distintivo da concepção freudiana da feminilidade, procurarei entender o desenvolvimento da feminilidade e sua relação com a castração, à luz dos modos sucessivos de organização da libido. Seguirei, para isso, os trabalhos de Freud sobre o tema, bem como alguns autores que os discutiram.

### Fases iniciais do desenvolvimento sexual

Freud, na carta 52 (1896), diz-nos que o “*nosso mecanismo psíquico forma-se por um processo de estratificação...os sucessivos registros representam a realização psíquica de épocas sucessivas da vida*” (p.254). Nesse mesmo texto, introduz outra noção importante, a de zona erógena, que viria a detalhar nos “Três ensaios...”. (1905): a percepção de uma necessidade interna (pulsional) é projetada na superfície do corpo (zona erógena) como um prurido. A ação específica que substitui o prurido pela sensação de satisfação contribui para a abertura da zona erógena. Posteriormente, a pulsão será projetada da periferia do corpo para o exterior, para o objeto que atendeu à necessidade e gerou a experiência de satisfação, estabelecendo a relação com o objeto.

Assim, a vida sexual passa por uma série de fases sucessivas, conforme entram em atividade as várias pulsões sexuais em ordem filogeneticamente determinada (Freud,1896,1897,1905,1916). Um novo componente pulsional institui-se, de tempos em tempos, promovendo um novo rearranjo dos traços de memória segundo novas circunstâncias, uma retranscrição (Freud,1896). O ponto crítico desse desenvolvimento é a subordinação de todas as pulsões parciais à primazia dos órgãos genitais e, com isso, a sujeição da sexualidade à função reprodutiva. Precede uma vida sexual anárquica, a atividade independente das diferentes pulsões parciais buscando o prazer do órgão (Freud,1916). Esse prazer precisa ter sido experimentado anteriormente, associado à satisfação de uma necessidade, a fim de deixar atrás de si a necessidade de repetição (Freud,1905).

A primeira organização sexual descrita por Freud é a “oral” ou “canibalesca”. Nela, a atividade sexual ainda não se separou da ingestão de alimentos, tendo ambas o mesmo objeto: o seio materno (Freud, 1916; 1918). Nessa fase, o objetivo sexual é a incorporação do objeto, ou, dito de outra forma, o canibalismo, o propósito de





Patrícia Fabrício Lago

devorar/ser devorado (Bar de Jones, 1988; Freud, 1905, 1918). Embora aqui coexistam tendências ativas e passivas, essas ainda não se situam como tendências antagônicas (Laplanche & Pontalis, 1995). A lógica dessa fase evidencia-se na fobia do “Homem dos Lobos”. Seu medo de “ser comido pelo lobo” foi interpretado, por Freud (1918), como uma transformação regressiva, oral, do desejo edípico (feminino) de ser copulado pelo pai.

A organização sádico-anal pode ser entendida como uma continuação e um desenvolvimento da oral. A atividade muscular violenta que a caracteriza corresponde a uma ação preparatória para comer. O comer deixa de ser um objetivo sexual e a ação preparatória torna-se, em si, um objetivo suficiente (Freud, 1918). “*Cada transcrição subsequente inibe a anterior e lhe retira o processo de excitação*” (Freud, 1896, p.254).

A novidade essencial desse período é que a função passiva receptiva se desprende da mucosa oral e se liga à mucosa anal (Freud, 1918). Surge, então, a oposição entre duas correntes que persistirá durante toda a vida sexual. O contraste entre “ativo” e “passivo” estabelece a lógica precursora da polaridade sexual que, daí em diante, se solda a essa polaridade (Freud, 1905, 1916). Freud adverte-nos a não equivalermos “ativo” com “masculino” e “passivo” com “feminino”. Considera característico da feminilidade dar preferência a fins passivos. Salienta, entretanto, que, para chegar a um fim passivo, pode ser necessária grande quantidade de atividade (Freud, 1905, 1933).

O objetivo sexual passivo, nessa fase, é o prazer obtido na membrana mucosa erógena do ânus (Freud, 1905, 1916). Como ilustra Schreber: “*Quando... consigo evacuar...o processo é sempre acompanhado pelo aparecimento de uma sensação extremamente intensa de voluptuosidade espiritual, pois o alívio da pressão causada pela presença das fezes nos intestinos produz...*” (Freud, 1911, p.44)

A atividade é instituída pela pulsão de domínio (sadismo), por intermédio da musculatura somática. O objetivo é a descarga muscular violenta sobre o objeto – o prazer obtido na musculatura, que pode facilmente transformar-se em crueldade. “Ser espancado” é o objetivo passivo (masoquista) correspondente (Bar de Jones, 1988; Freud, 1905, 1919).

A musculatura menos desenvolvida nas mulheres diminui a possibilidade de descarga do sadismo. As tendências destrutivas são desviadas para dentro, favorecendo o desenvolvimento do masoquismo (Bar de Jones, 1988; Bonaparte, 1935; Freud, 1933; Lampl de Groot, 1933). “*O masoquismo é verdadeiramente feminino*”, conclui Freud (1933).

Outro aspecto digno de nota é o do significado das fezes. Sua relação com a parede mucosa anal, a qual preenche e excita, atua como um protótipo da relação





ulterior do pênis com a vagina (Freud, 1905, 1917b, 1918). Além disso, as fezes representam o primeiro “presente” da criança, uma parte do corpo que ela dá a alguém por afeto. Posteriormente, esse interesse pelas fezes ressignifica-se como desejo por um bebê, que é concebido como algo que se separa do corpo, passando pelos intestinos. Nessa seqüência associativa, prototípica da castração, logo se inclui o pênis. Assim, “fezes”=“bebê”=“pênis” vêm a formar uma unidade, um conceito inconsciente. A saber, o de um “pequeno” que se separa do corpo (Freud, 1917b, 1918).

Até então, o desenvolvimento de meninos e meninas era semelhante: tinham ambos o mesmo objeto de amor, a mãe, e a mesma possibilidade de satisfazer impulsos libidinais ativos e passivos de todas as fases. Estavam expostos aos mesmos desapontamentos amorosos e abalos narcísicos (Freud, 1933; Lampl de Groot, 1933). Somente na etapa seguinte – a fálica – é que a menina irá defrontar-se com duas tarefas extras para as quais não há nada de equivalente no desenvolvimento de um homem. Essa dupla tarefa, que torna o desenvolvimento feminino muito mais difícil e complexo, consiste na mudança de zona erógena diretriz (do clitóris para a vagina) e mudança de objeto de amor (da mãe para o pai) (Freud, 1933; Laplanche & Pontalis, 1995). Ambos os processos, para Freud, estão intimamente relacionados com a descoberta que a menina fará nessa fase: falta-lhe um pênis, é castrada (Mayer, 1985).

### Fase fálica

A terceira fase, a fálica, caracteriza-se pelo fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, o masculino. É a primazia do *falo*. Nessa fase, contemporânea do complexo de Édipo, evidencia-se uma atividade masturbatória vinculada aos órgãos genitais, que propicia descarga à excitação própria dessa etapa (Freud, 1923, 1924, 1925; Laplanche & Pontalis, 1995).

A situação anatômica dessa região, as secreções em que ela é banhada, o lavar e o friccionar a que é submetida durante a limpeza de uma criança despertam a sensação de prazer durante a lactância, dando surgimento à necessidade de repetição. Do terceiro ano de vida em diante, aproximadamente, a excitação genital retorna pela instituição da pulsão fálica. Tanto nos meninos quanto nas meninas, a atividade das zonas genitais (glande e clitóris) é posta em conexão com a micção. O aparelho urinário age, nesse período, portanto, como representante do aparelho sexual ainda não desenvolvido (Freud, 1905).

A suposição de que todos os seres humanos têm a mesma forma (masculina) de órgão genital é a primeira das muitas teorias sexuais infantis (Freud, 1905). Freud chama a atenção para a persistência desse aspecto surpreendente do período fálico na



Patrícia Fabrício Lago

Mitologia: deusas egípcias e gregas apresentam um corpo feminino com um falo, simbolizando, assim, a força primitiva criadora da natureza (Freud, 1910). A mãe edípica, valorizada, é, portanto, uma mãe fálica. Isso nos mostra o Pequeno Hans (dirigindo-se à sua mãe): “*Pensei que você era tão grande que tinha um pipi igual ao de um cavalo*” (Freud, 1909, p.20).

### A fase fálica no menino

A atração erótica que o pequeno Édipo sente por sua mãe logo se transforma em um desejo pelo seu órgão genital, que supõe ser um pênis (Freud, 1910). A ignorância da existência da vagina e o temor à castração fazem com que explique os fatos sexuais pela “teoria cloacal”: imagina que o bebê vive dentro do intestino da mãe, nasce pela saída intestinal, onde o coito dos pais também deve ocorrer. Hans apresentava fantasias simbólicas de relações sexuais, como a de “forçar passagem por um espaço proibido”. Mas, apesar de as sensações de seu pênis terem-no colocado no caminho de pressupor uma vagina, ele ainda não podia resolver o problema. Não existia, na sua concepção, tal coisa como seu pipi exigia. A idéia (necessária, pela angústia de castração) de que sua mãe, tal como ele, possuía um pênis, estava no caminho de qualquer solução (Freud, 1909).

Mas o menino, nesse período, apresenta um intenso desejo visual como atividade erótica pulsional. Sua curiosidade sexual eventualmente propicia que ele observe o genital das meninas. É incapaz de admitir o que vê: não há um “pipi” nas meninas. Essa falta parece-lhe algo sinistro e intolerável. Conclui que as meninas também possuem um pênis, ainda muito pequeno, mas que depois crescerá. Mais tarde, percebendo que isso não ocorre, encontra outra explicação: as meninas também tinham um pênis, mas ele foi cortado e, em seu lugar, ficou apenas uma ferida (Freud, 1910). Começa a dar crédito às ameaças que provocou ao brincar com esse órgão e cai sob o temor de castração (Freud, 1923). Daí em diante, receará por sua masculinidade, passando a menosprezar as infelizes criaturas que já receberam o cruel castigo (Freud, 1910).

Na verdade, a percepção da diferença dos sexos já existia, estava registrada, mas como um resto mnêmico, sem significado. Apenas com o surgimento das pulsões fálico-uretrais, o “excedente sexual” impregna os restos mnêmicos, dando-lhes sentido (Machado, 1995).

Assim, lembranças são reorganizadas *a posteriori*. Surgem, em determinados momentos, por uma herança filogenética, fantasias primitivas – da cena primária, de sedução e de castração – que organizam vivências anteriores. Promovem uma retranscrição (Freud, 1917a; 1918).





Estabelece-se, então, uma nova lógica, cuja polaridade sexual reconhece a masculinidade, mas não a feminilidade. A antítese dá-se entre possuir um pênis e ser castrado (Freud, 1923). O menino compreende que as mulheres são castradas, que, no lugar do pênis, elas têm uma ferida que serve para as relações sexuais, (Freud, 1918). Quando a castração é generalizada como uma condição necessária à feminilidade, o menino conclui que sua mãe também é castrada, e seu desejo por ela transforma-se em repulsa (Freud, 1910). Fim do Édipo.

Cabe lembrar que o complexo de Édipo possui uma orientação dupla, ativa e passiva, de acordo com a constituição bissexual da criança. Assim, o menino pode colocar-se no lugar de seu pai, à maneira masculina, e ter relações com a mãe, tendo o pai como rival, ou assumir o lugar da mãe e ser amado pelo pai. A ameaça de castração impele-o a abandonar as duas atitudes, uma vez que ambas acarretam a perda do seu pênis: a masculina como punição e a feminina como pré-condição (Freud, 1924). Sob o impacto do perigo de perder o pênis, o complexo de Édipo é abandonado, reprimido e, na maioria dos casos, inteiramente destruído. Instala-se, em seu lugar, um severo superego como seu herdeiro (Freud, 1933).

Assim, nesse momento, surge a angústia de castração que estrutura a neurose, promove uma nova retranscrição e inibe o Édipo. No entanto, se essa tradução despertar angústia excessiva, ocorre uma falha na transcrição. É como se o desprazer provocasse, no pensamento, um distúrbio que impede o trabalho de tradução. A excitação é, então, manejada segundo a lógica vigente no período anterior, ou regride a lógicas anteriores (Freud, 1896).

Tanto o “Homem dos Lobos”, com seu medo de ser comido pelo lobo, quanto “Schreber”, através de seu delírio de ser transformado em mulher, regrediram para o Édipo negativo. “*Afinal de contas, deve ser muito bom ser mulher e submeter-se ao ato da cópula*”, nos diz Schreber (Freud, 1911, p.28).

### A fase fálica na menina

Uma mudança importante foi introduzida no pensamento de Freud em 1931 (Freud, 1931; Gillespie, 1975). Aceitou, então, a contribuição de Lampl de Groot (1927) relativa à existência de uma fase negativa do complexo de Édipo da menina, que precede a positiva. Freud até então tendia a estender ao desenvolvimento da menina o do menino, que conhecia melhor. Tendo percebido a importância do vínculo inicial da menina com sua mãe, é levado a “*adotar um ponto de vista específico sobre a sexualidade feminina*” (Freud, 1931; p.259). Conclui que a vida sexual da mulher é regularmente dividida em duas fases, a primeira, das quais possui um cará-





Patrícia Fabrício Lago

ter masculino, ao passo que apenas a segunda é especificamente feminina.

A menina inicia, portanto, a fase fálica, como um homenzinho. Toda a atividade masturbatória é executada no clitóris, esse equivalente do pênis. A vagina, verdadeiramente feminina, ainda não foi descoberta. Mantém-se intensamente ligada à sua mãe, agora sob efeito do erotismo fálico-uretral e dos anseios edípicos. O desejo que mais claramente se expressa é o de dar à mãe um filho, bem como de obter dela um filho (Freud, 1931; 1933).

Essa poderosa vinculação da menina com sua mãe é interrompida com a instituição da diferença anatômica entre os sexos.

O complexo de castração inicia-se, da mesma forma, com a visualização dos genitais do outro sexo (Freud, 1933) (A visão é o sentido organizador dessa fase.) A menina descobre que o menino tem algo que lhe falta: um “pipi”, com o qual ele pode fazer proezas das quais ela não é capaz (exibicionismo, masturbação visível, urinar de pé, etc.). Se, além disso, ela chega à conclusão que tal órgão é realmente indispensável à posse da mãe, vivencia um importante impacto (Lampl de Groot, 1933). Sente-se injustiçada e a “inveja do pênis” invade-a. Inveja que culmina no desejo, tão importante em suas conseqüências, de ser menino (Freud, 1905; 1931). Passa, assim, a alimentar, por longo tempo, o desejo de possuir um pênis, acreditando nessa possibilidade durante muitos anos. Além disso, inicialmente, ela considera sua castração como um infortúnio individual. Da mesma forma que o menino, não generaliza imediatamente essa condição a todas as mulheres. Como supõe que a falta de um pênis resulta de ter sido castrada como punição, supõe que apenas as mulheres desprezíveis perderam seus genitais. Mulheres a quem respeita, como sua mãe, retêm o pênis por longo tempo (Freud, 1933).

Com a descoberta de que a mãe é castrada, torna-se possível abandoná-la como objeto. Ressentida, responsabiliza sua mãe por não lhe ter dado um pênis. A vinculação à mãe termina, portanto, em ódio, originado nas frustrações pré-edípicas e agora ressignificado (Freud, 1933; Lampl de Groot, 1933). Compreendendo a natureza geral dessa característica, a feminilidade sofre uma grande depreciação aos seus olhos. Essa ferida no seu narcisismo desenvolve como cicatriz um sentimento de inferioridade (Freud, 1925; 1931; Lampl de Groot, 1933).

A descoberta de que é castrada representa, portanto, um marco decisivo no crescimento. Daí partem três linhas de desenvolvimento possíveis: uma conduz à inibição sexual ou à neurose; outra, à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade; a terceira, finalmente, à feminilidade normal (Freud, 1931; 1933).

Para compreender o conteúdo essencial da primeira, deve-se considerar que a menina, até esse momento, havia vivido como um menino, intensamente envolvida





com sua mãe, no Édipo negativo. Ora, a inveja do pênis estraga o gozo da sua sexualidade fálica. Seu amor próprio é afrontado pela comparação com o menino, muito melhor dotado. Renuncia à satisfação masturbatória clitoridiana, repudia seu amor pela mãe e, ao mesmo tempo, reprime boa parte de sua sexualidade em geral (Freud, 1931; 1933).

A segunda reação possível, face à descoberta da castração feminina, é o desenvolvimento de um intenso complexo de masculinidade. A menina como que se recusa a reconhecer que é castrada e apega-se à sua atividade clitoridiana, refugiando-se numa identificação com sua mãe fálica ou com seu pai. O fundamental é que fica impedida a afluência da passividade que abriria caminho à mudança rumo à feminilidade (Freud, 1933). Esse “complexo de masculinidade” pode também resultar numa escolha de objeto homossexual manifesta (Freud, 1931).

Só se o desenvolvimento seguir o terceiro caminho, muito indireto, ela atingirá a atitude feminina normal final, em que toma o pai como objeto (Freud, 1931; 1933). O desejo que leva a menina a voltar-se para seu pai é, originalmente, o desejo de possuir o pênis que sua mãe lhe recusou e que, agora, espera obter de seu pai (Freud, 1933). Abandona a masturbação clitoridiana, auxiliada por um impulso precursor da onda de repressão que, na puberdade, removerá o clitóris como centro organizador da excitabilidade (Freud, 1925). Renuncia, dessa forma, a uma determinada soma de atividade. Predomina, agora, a passividade. A menina começa gradualmente a dirigir seus desejos passivos de amor para o pai (Freud, 1933; Lampl de Groot, 1933). Tal sinuosidade no desenvolvimento, a qual remove a atividade fálica como organizadora da excitabilidade, prepara, por nova retranscrição, o caminho para a feminilidade (Freud, 1933).

No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo pelo pênis for substituído pelo desejo de um bebê. Ou seja, seguindo uma antiga equação simbólica, um bebê assume o lugar do pênis (Freud, 1933). Essa transformação converte um desejo hostil à função feminina em outro favorável à ela (Freud, 1917b). A menina desejou um bebê antes, na situação edípica negativa; mas, esse desejo, evidenciado no brinquedo com bonecas, não era uma expressão da sua feminilidade. Derivava da identificação com sua mãe, na tentativa de substituir a passividade (ser cuidada) pela atividade. É somente com o surgimento do desejo de ter um pênis que a boneca-bebê se torna um bebê obtido do pai e, assim, o objetivo mais intenso do desejo feminino (Freud, 1933). Freud considera o desejo do pênis como sendo um desejo feminino por excelência (Freud, 1933; 1937). Com a transferência do desejo de um pênis-bebê para o pai, a menina torna-se uma pequena mulher: alcança a situação do complexo de Édipo positivo (Freud, 1933).

Portanto, nas mulheres, o complexo de Édipo constitui o resultado de uma





Patrícia Fabrício Lago

evolução longa e difícil. Ele não é destruído, mas criado pela influência da castração (Freud, 1931; 1933; Lampl de Groot, 1933). A menina é forçada a abandonar a ligação com sua mãe através da influência de sua inveja do pênis e entra na situação edipiana como se essa fora um refúgio. Permanece na situação edipiana por tempo indefinido. Na ausência do temor à castração, destrói-o tardiamente e de forma incompleta, com prejuízo para a formação do seu superego (Freud, 1933).

Talvez o “Caso Dora” possa ser ilustrativo, considerando-se seus sintomas históricos como decorrentes da impossibilidade de transformação fálico-genital, pela angústia de castração.

Observa-se Dora envolvida em uma relação triangular que corresponde a uma ressignificação da relação edípica com os pais. A relação de amor com Herr K. refere-se à relação amorosa com seu pai, enquanto a relação de amor com Frau K., anterior e mais profunda, se relaciona com a mãe de forma dissociada. A dissociação da figura feminina contempla as duas figuras de mãe: a fálica, valorizada, capaz de ser amada (Frau K.), e a castrada, sem nada de valor, alvo de ressentimentos, representada na sua mãe.

Sua fantasia de defloração, concebida do ponto de vista masculino – “vi uma floresta espessa a minha frente e nela penetrei” (Freud, 1905, p.91) – ilustra os desejos sexuais ativos de Dora dirigidos à figura materna. A fantasia de parto representa seus desejos passivos: ter um filho da mãe fálica. Surgem também representações simbólicas do genitais femininos – caixa de jóias, bolsinha de moedas – que, enquanto representações de continente e conteúdo, podem ser entendidas como do genital feminino fálico. Aparecem, depois, representações de uma “caixa” e de uma “chave”, que podem corresponder aos genitais feminino e masculino, do erotismo genital, penetrado e penetrante. Por fim, as preocupações de Dora com o “molhar”/“ser molhada”: “molhar”, enquanto ativo, corresponde à lógica fálico-uretral, ao ter pênis; “ser molhada”, na medida em que é passivo, passa a representar o erotismo genital, receber gotas (sêmen). Dora “precisava evitar ser molhada”, o que pode representar o temor à castração, na medida em que “ser molhada”, na lógica fálico-uretral, tem um sentido intolerável, não é receber o pênis, mas ser castrada, ter só uma ferida.

## Puberdade

Com a chegada da puberdade, após a latência, operam-se mudanças importantes destinadas a dar à vida sexual feminina sua forma final. O processo que desembocará na puberdade inicia-se aos 8 anos, sendo esse um período importante de repressão e transcrição. Tais processos são mais acentuados na menina, porque agora ela





terá que completar sua segunda tarefa evolutiva rumo à feminilidade: a mudança de zona erógena principal, iniciada na fase fálica (Freud, 1896a; 1905).

Portanto, a puberdade é marcada por uma nova onda de repressão em que é afetada precisamente a sexualidade clitoridiana. Um objetivo fálico de penetração, ativo, clitoridiano, tem que ser transformado em passivo, de ser penetrada: o papel da vagina é o da recepção puramente passiva. A suscetibilidade erógena precisa ser transferida do clitóris para a vagina. O clitóris mantém uma função, ou seja, a tarefa de transmitir a excitação às partes sexuais femininas adjacentes. No decorrer dessa transferência ocorre uma anestesia, que pode tornar-se permanente, se a zona clitoridiana não consegue abandonar sua excitabilidade (Bonaparte, 1960; Freud, 1897, 1905).

O erotismo genital estabelece-se com a ereção peniana e polução noturna de sêmen, no homem, e pela lubrificação vaginal e menstruação, na mulher. Aparece um novo objetivo sexual e todas as pulsões parciais combinam-se para atingi-lo, ao passo que as zonas erógenas – às quais cabe agora o “pré-prazer” – ficam subordinadas ao primado genital. Institui-se o orgasmo genital. A pulsão sexual está agora subordinada à função reprodutora (Freud, 1905).

Somente após o desenvolvimento haver-se completado, na puberdade, é que a polaridade sexual coincide com masculino e feminino. Adquirem agora um sentido de penetrante e penetrado, ambas as partes biologicamente incompletas (Machado, 1995). A masculinidade combina os fatores de sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa os de objeto e passividade. A vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis (Freud, 1923).

Freud considera indiscutível a importância da inveja do pênis. Entende que ela origina uma maior relevância do ciúme e da inveja na mulher, menor senso de justiça e capacidade de sublimação, narcisismo acentuado, vergonha (pelo órgão genital inferior) e vaidade física (compensatória) exacerbadas (Freud, 1933) Numa atitude conciliatória, respondendo a críticas feministas, em 1925, Freud diz: “...*todos os indivíduos humanos combinam em si características tanto masculinas quanto femininas, de maneira que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto*” (p.320).

### Considerações finais

Freud concebe a feminilidade como uma difícil aquisição resultante da renúncia progressiva, e dolorosa, de traços masculinos. Uma condição que tem que ser aceita, após resignar-se com a impossibilidade de alcançar outra mais desejável.





Patrícia Fabrício Lago

Inúmeros autores questionam as contribuições freudianas, interpretando-as como defensivas ou até infantis, adequadas ao menino, mas não à menina (Chasseguet-Smirgel, 1976; Gillespie, 1975; Mayer, 1985; Silver, 1991; Stollner, 1982).

Freud, ao longo de toda sua obra, faz alusões à dificuldade de estudar a mulher. Em 1918 dizia: “...quase se pode dizer que a mulher inteira é um tabu” (p.183). Ou, em 1933: “...o enigma da feminilidade tem quebrado a cabeça de homens de todos os tempos” (p.140).

Tal dificuldade, para Chasseguet-Smirgel, deve-se ao fato de a sexualidade feminina despertar certos fatores internos de forma particularmente intensa que, de alguma maneira, interferem no progresso em direção ao conhecimento. Entende que a feminilidade toca em conflitos profundos com a primeira mulher que conhecemos, a mãe, e com a identificação com ela, qualquer que seja nosso sexo (Chasseguet-Smirgel, 1976).

Mas, apesar dessas dificuldades que parecem inerentes ao tema, e de contar apenas com sua “auto-análise”, o gênio de Freud propiciou, pela primeira vez, compreensão científica do desprezo para com as mulheres baseado em fantasias inconscientes irracionais sobredeterminadas. Promoveu uma revolução no conhecimento com amplas e profundas repercussões.

Considerando as informações à sua disposição na virada do século, o contexto cultural patriarcal no qual ele se inseria e o excessivo recato vitoriano vigente, o surpreendente é que Freud possa ter alcançado tanta compreensão sobre a sexualidade feminina (Gillespie, 1975).

Suas principais descobertas continuam a ser o núcleo fundamental da teoria analítica e a fundamentação para pesquisas e desenvolvimentos posteriores. □

## Summary

The author, in this paper, aims to understand Freud's views on femininity, without discussing it. Considering castration as its central and distinctive aspect, the author approaches femininity development and its relation to castration in the light of the progressive ways of libido organization. The author follows Freud's papers related to this matter as well as others writers which have discussed them.





## Referências

- BAR DE JONES, G.M. (1988) Algunas reflexiones acerca del masoquismo y la femineidad en la obra de S. Freud. *Rev.de Psicoanálisis*. Vol. 45, nº 1, pp.207-216.
- BONAPARTE, M. (1935) Passivity, masochism and femininity. *Intern. Jour. of Psycho-Analysis*. Vol XVI, pp.325-333.
- CHASSEGUET-SMIRGEL, J. (1988) *Sexualidade Feminina*. Porto Alegre, Artes Médicas, p.227.
- . (1976) Freud and female sexuality – the consideration of some blind spots in the exploration of the “Dark Continent”. *Int. J. Psycho-Anal.* 57, pp.275-286.
- FREUD, S. (1896a) Carta 46. *ESB*. Imago, R. Janeiro, Vol. I, pp.249-53.
- . (1896b) Carta 52. *ESB*, Imago, R. Janeiro, Vol. I, pp.254-59.
- . (1897) Carta 75, *ESB*, Imago, R. Janeiro, Vol. I, p.287-291.
- . (1905[1901]) Fragmento da Análise de um Caso de Histeria. *ESB*, Vol. VII, p.1-109.
- . (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *ESB*, Imago, Vol. VII, p.121-252.
- . (1909) Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. *ESB*, Vol. X, p.13-154.
- . (1910) Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. *ESB*, Vol. XI, p.54-124.
- . (1911) Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. *ESB*, Vol.XII, p.23-108.
- . (1914) Sobre o Narcisismo: uma introdução. *ESB*, Vol.XIV, p.89-119.
- . (1916-1917[1915-1917]) Conferência XXI – O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. *ESB*, Vol. XVI, p.375-395.
- . (1917[1916-1917]) Conferência XXIII – Os caminhos da formação dos sintomas. *ESB*, Vol. XVI, p.419-39.
- . (1917) As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal. *ESB*, Vol XVII, p.159-166.
- . (1917[1916-1917]) O Tabu da Virgindade. *ESB*, Vol. XI, p.179-192.
- . (1918[1914]) História de uma neurose infantil. *ESB*, Vol. XVII, p.19-151.
- . (1919) Uma criança é espancada. *ESB*, Vol. XVII, p.225-253.
- . (1923) A Organização Genital Infantil. *ESB*, Vol. XIX, p.177-184.
- . (1924) A Dissolução do Complexo de Édipo. *ESB*, Vol. XIX, p.217-24.
- . (1925) Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. *ESB*, Vol. XIX, p.309-320.
- . (1931) Sexualidade Feminina. *ESB*, Vol. XXI, p.259-79.
- . (1933[1932]) Conferência XXXIII – Feminilidade. *ESB*, Vol. XXII, p.139-65
- . (1937) Análise Terminável e Interminável. *ESB*, Vol. XXIII, p.247-87.
- GAY, P. (1989) *Freud – Uma vida para nosso tempo*. São Paulo. Cia. das Letras, p.454-74.
- GILLESPIE, W.H. (1975) Woman and her discontents – a reassessment of Freud’s views on female sexuality. *Int. Rev. Psycho-Anal.* 2,1. pp.1-9.
- LAMPL DE GROOT, J.(1933) Problems of femininity.*Psychoanal. Quarterly*, vol 2, p.489-518.
- LAPLANCHE e PONTALIS (1995) *Vocabulário da Psicanálise*, trad. Pedro Tamen, São Paulo, Martins Fontes, pp.42-3, 178-80, 273-4.
- MACHADO, R. (1995) Comentários sobre textos selecionados de S. Freud. Comunicação pessoal.
- MAYER, E.L. (1985) “Todos deben ser iguales a mí”: en torno a la angustia de castración femenina. *Int. J. Psycho-Anal.* 66,331.
- PEREIRA, G.J.ed. (1994) *Sigmund Freud e Arqueologia – sua coleção de antiguidades*. Salamandra, Rio de Janeiro, pp.131.
- SILVER, D.(1991) Freud, Gisela, Silberstein and the Repudiation of Femininity. *Psychoanalytic Inquiry*, Vol. 11, N.1 & 2, pp.441-56.





Patrícia Fabrício Lago

---

STOLLER, R.J.(1982)A feminilidade primária.In: BLUM, H. *Psicologia Feminina: uma visão psicanalítica contemporânea*. Artes Médicas, Porto Alegre, Cap.1, pp.47-101.

**Patrícia Fabrício Lago**

Av. Taquara, 193/405  
90460-210 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA





## Comentário de *Ingeborg Magda Bornholdt\**, Porto Alegre

Temos aqui dois trabalhos diferentes, escritos em anos diferentes por diferentes candidatos. Mas sua leitura conjunta nos mostra um interessante encadeamento da discussão e revisão de aspectos e teorias sobre a *sexualidade feminina*.

Faço os comentários na ordem cronológica do surgimento teórico. Assim, inicialmente pretendo comentar o trabalho de Patrícia que aborda a *Feminilidade em Freud*.

Patrícia inicia seu trabalho apresentando-nos a gravura da estatueta de Atena – “uma fêmea masculinizada” (segundo Pereira) – cuja lança se perdeu. A Medusa está sem serpentes, “sem falo”. Essa introdução logo nos remete, de forma estética, ao conteúdo das idéias de Freud. Atena foi uma de suas estatuetas favoritas e nela Freud podia ver representada sua concepção falocêntrica.

Patrícia destaca, logo na abertura do seu trabalho, que pretende entender as idéias de Freud sem discuti-las e se mantém nessa postura durante o desenvolvimento. Essa atitude de Patrícia favorece a compreensão das idéias de Freud, sem o compromisso de defendê-las ou refutá-las.

Ainda na introdução, a frase “A maioria dos pacientes são do sexo feminino” deveria ser melhor sedimentada, no meu entender. Pacientes de quem, quando em que lugar?...

A seguir, Patrícia resume as fases iniciais de desenvolvimento como Freud as postulou. As pulsões sexuais migram sucessivamente pelas zonas erógenas nas fases oral, anal e fálica. Nessa última, Patrícia se detém mais, pois esse é o interesse do trabalho.

Freud concluíra que a vida sexual da mulher é dividida em duas fases. Na primeira, de caráter masculino, a menina perceberia seu clitóris como equivalente ao pênis e não teria conhecimento da sua vagina. Na segunda fase – de caráter feminino – enfrentaria, então, todas as implicações das fantasias de castração. A falta de pênis seria a constatação da castração.

Quero destacar essa questão (aliás, interligada ao trabalho da Denise) para discussão: *visão da mulher e concepção de si mesma como um ser castrado* (Freud, 1908). Isso teria implicações tais como a menina não ter modelos identificatórios na mãe, geradora e nutriz.

Lembro-me de uma pequena paciente menina que certamente não poderia ser

\* Candidata do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.





Ingeborg Magda Bornholdt

vista como “castrada”. Tratava-se de uma criança muito criativa, que podia reconhecer a diferença entre sexos e que, paralelo aos sentimentos de inveja dos meninos, evidenciava satisfação com seus aspectos femininos. Nos desenhos, essa menina colocava um pequeno traço na altura dos genitais nas figuras masculinas. Evidentemente incentivada a comentar o fato, disse: “*é um calombinho que sempre aparece nos homens*”. Com esse pequeno e simples traço, ela conseguia distinguir, no seu desenho, o masculino e o feminino. Talvez pudéssemos interpretar esse “falocentrismo” como inveja do pênis, representação da castração etc. Nisso não abrangeríamos, no entanto, o total do psiquismo dessa criança. Ela podia fantasiar sobre seu próprio aparelho genital com suas implicações de interioridade e, assim, seguir sua concepção cognitiva das coisas.

O próprio Freud referiu-se à vida sexual das mulheres adultas denominando-a “continente misterioso” ou “continente negro” (1931). Lado a lado a suas brilhantes descobertas e compreensões, algo aqui lhe permaneceu mais oculto, mais enigmático. E ele pensou a feminilidade a partir do masculino, com um modelo masculino. Deixou o campo de estudos dos acontecimentos pré-genitais na menina para seguir sendo estudado por outros psicanalistas.

De fato, surgiram estudos de observações de crianças e de observações clínicas, teorias que procuraram lançar mais focos de luz sobre esses pontos “negros”.

E isso ilustra, também, a estratificação do conhecimento como Freud o concebeu e Patrícia descreve no seu trabalho. Os outros autores puderam partir das linhas de pensamento de Freud e a sexualidade feminina tornou-se um campo polêmico. Isso valoriza mais esse trabalho que Patrícia procura fazer com toda a neutralidade possível.

Hoje sabemos que, pelo menos uma das vigas que sustenta a teoria de Freud sobre a sexualidade feminina ruiu: o desconhecimento por parte da menina da sua vagina até a puberdade. E, é claro, tendo ela esse conhecimento – no mínimo a capacidade para – isso terá suas repercussões em toda a compreensão do seu desenvolvimento.

Finalmente, Freud não fez mistério de que havia pontos obscuros e, como Patrícia conclui, ele foi longe na compreensão de fatos, considerando as informações à sua disposição na virada do século e o contexto cultural vigente.

Encadeando com essas idéias, podemos passar ao trabalho de Denise cujo título é *Sexualidade Feminina: uma revisão do complexo de castração*.

Denise escreve, na introdução, que o estudo da “*sexualidade da mulher acaba sendo um tema da sexualidade em geral*”, assim logo destacando o sentido da complementariedade. Na conceitualização que segue, há o registro de que o “*complexo de castração está em estreita relação com o complexo de Édipo e, mais especialmen-*





*te, com sua função interdítoria e normativa”* (Laplanche e Pontalis).

A seguir, Denise faz um rastreamento do conceito de complexo de castração na obra de Freud que destacava o falocentrismo nas crianças de ambos os sexos. O termo complexo de castração em ambos os sexos só deveria ser usado em relação à castração do falo.

Quero destacar que foi igualmente Freud que, em 1923, escreveu que “*a criança obtém um dano narcísico mediante uma perda corporal originária de perder o seio da mãe*”... Podemos pensar que o central das vivências de castração é o sentimento de impotência, de fragilidade e de incapacidade diante das perdas.

Adiante, Denise começa a se movimentar entre autores (H. Deutsch, Zilborg, K. Horney) que, creio, têm em comum o reconhecimento de que a falta de pênis – um genital que possa ser visto externamente – impele as meninas para a interiorização dos interesses. Há um destaque importante para as contribuições de K. Horney que escreve que as dificuldades resultantes da inveja do pênis fazem parte das neuroses. Errado debitá-las como elementos do desenvolvimento normal e estruturante regular da identidade feminina. Seguem-se, no trabalho, as contribuições de Harold Blum e de Janine Chasseguet-Smirgel entre outros. Autores esses que, também, defendem a existência de um senso de identidade feminina e pulsões receptivas.

Denise fez um estudo sério muito bem encadeado. A crítica que faço, justamente por se tratar de um trabalho desse porte, é a da falta das contribuições de Melanie Klein sobre o tema. Independente de aceitarmos ou refutarmos suas idéias, essa autora escreveu trabalhos originais sobre o assunto. Há citações, inclusive, de trabalhos, como o de Eglé Laufer, por exemplo, que, em realidade tem alicerces teóricos nas descobertas de Klein.

Passo rapidamente ao resumo de postulados de Melanie Klein (1981) que considero importantes no tema.

Para a referida autora, a raiz do desejo de saber surge do interesse da criança em descobrir seu próprio corpo, assim como o interior do corpo materno. Essa exploração e investigação leva-a não só a concepções sobre seu interior como também sobre o coito e a como os bebês se desenvolvem dentro da mãe. Mary Chadwick (1988), abordando a questão da origem das crianças, escreve: “*as crianças sentem-se chocadas e humilhadas pela privação de um saber tão ardentemente cobiçado e sofrem uma ferida narcísica. Sentem sua ignorância como inferioridade em relação ao adulto... sentem a falta de alguma coisa que os adultos possuem: instala-se o complexo de castração*” (p.139). Quero destacar essas conclusões da escola kleiniana, uma vez que, parece-me, ampliam a compreensão do complexo de castração realmente observável no desenvolvimento normal das crianças de ambos os sexos.

Especificamente na menina, os sentimentos de inveja, de pequenez podem ser





formulados como a falta da posse de um pênis (como no menino podem ter a formulação da falta de uma barriga capaz de gestar crianças, ou de um seio que alimente). Em 1932, Klein sustentou que a menina atravessa uma fase masculina no início do complexo de Édipo. Deseja muito um pênis, para utilizá-lo com fins restitutivos (reparação à mãe atacada pela rivalidade e desejos de apaziguá-la e de repará-la). Primeiramente fantasia um pênis como meio de reparação. Após algum tempo, porém, abandona essa posição edipiana invertida. À medida que a menina se identifica com a “boa” mãe, pode conceber a vagina como órgão benéfico, proporcionador de prazer. A identificação com a mãe a capacita a experimentar o pênis do parceiro amoroso como “bom” pênis. Essa atitude inconsciente, segundo Melanie Klein, é a base de um desenvolvimento sexual bem-sucedido e permite o estabelecimento de um elo terno e sensual com o objeto. Klein postula que a menina tem um conhecimento da vagina (por profantasias herdadas e pela equiparação à boca). Horney concordou com essa idéia, fazendo seus próprios desenvolvimentos teóricos. Para Klein os impulsos vaginais são receptivos e a menina deseja receber o pênis como equivalente do peito.

Concordo especialmente com uma das conclusões de Denise que nos faz pensar a sexualidade feminidade ligada a uma identidade própria com características próprias.

As características femininas estão ligadas à interioridade, o que é diferente de castração. Guardam relação com o genital interno que deve ser imaginado e concebido sem as características da atividade, da objetividade pela comprovação e do sadismo masculino. Pensar esse gênero feminino nos faz pensar em identificação com a figura da mãe e, enfim, nas teorias das relações de objeto.

Um núcleo de identidade feminina traz percepções de nosso sexo, uma convicção sobre nosso self. Naturalmente essa maneira de entender a sexualidade feminina leva-nos a uma revisão da teoria falocêntrica. O complexo de castração perde sua força estruturante e constituinte do psiquismo para a identidade de gênero, complementariedade e identificações.

Para finalizar meu comentário sobre os dois trabalhos, quero ilustrar esse “núcleo”, ou “identidade”, ou “característica” feminina própria e particular através das “*Mil e Uma Noites*” (Ibañez, 1950).

Esses contos, novelas, histórias datam do séc. VIII. Originaram-se na Índia e foram traduzidos ao árabe (Pérsia) no séc. X.

Conta-se que o rei Schahriar havia sido traído pela sua primeira esposa com um escravo negro. O mundo se escureceu. Ele matou a ambos com sua espada instituindo a seguinte lei: a partir de agora seu visir deveria providenciar-lhe uma virgem a cada noite. Schahriar se vingaria em todas as mulheres, tirando-lhes a virgindade e





mandando matá-las na manhã seguinte.

Assim seu ódio se espalhou: o terror e os lamentos tomaram conta da cidade. Ao cabo de 3 anos já não havia mais jovens virgens na cidade. Estavam mortas ou conseguiram fugir do lugar. O rei, porém, exigia do visir que lhe trouxesse mais jovens até que, finalmente, só restavam as duas encantadoras filhas do próprio visir. A filha mais velha chamava-se Scheherazade. Era bela e havia lido muitos livros. Sabia sobre as lendas e a história dos povos passados. Possuía livros sobre reis e poetas. Quando Scheherazade viu o desespero de seu pai, ofereceu-se para ser a próxima donzela do rei. O pai se rebelou mas, finalmente, não teve escolha, levando-a, ao anoitecer, para o rei Schahriar. Esse muito se alegrou com a beleza de Scheherazade. Após deflorá-la começaram a conversar. Ela havia pedido que ele lhe permitisse chamar sua irmã. O rei consentiu e a irmã pediu que Scheherazade lhes contasse uma de suas histórias. Scheherazade pede permissão ao rei, que consente. E assim, naquela primeira noite, ela inicia a contar uma história. O rei a escuta deliciado. Abraçou-a e assim viu chegar o amanhecer. Scheherazade se calou discretamente. A irmã pediu que ela seguisse o relato. Mas Scheherazade lhe respondeu que não podia, porém, se estivesse viva, na próxima noite poderia contar outra história ainda mais fascinante. O rei diz que ainda não vai matá-la nessa manhã, pois quer ouvir a continuidade da história à noite. Saiu então para seu trabalho no tribunal. Realizou julgamentos, nomeou, destituiu e despachou assuntos durante todo o dia. À noite retornou, para ouvir mais uma história. E assim seguem durante mil e uma noites no palácio. Sempre ao ver a manhã despertar, Scheherazade se cala, é poupada da morte e faz promessas de mais contos à noite.

Assim, com essas características somente uma mulher lidaria com as ameaças, exigências e/ou conflitos. Ilustra uma maneira feminina de ser e de estar, tal como Schahriar tem sua maneira própria e característica. Assim como o homem tem seu senso de ser macho, concordo inteiramente com os autores que entendem que a mulher, na sua infância mais precoce, tem um senso fundamental de ser legitimamente uma fêmea. □

## Referências

- CHADWICK, M. citada in *Melanie Klein I* de Jean-Michel Petot. Ed. Perspectiva. SP. 1988.
- FREUD, S. Sobre as teorias Sexuais das Crianças (1908). *Obras Completas. Vol. IX.*
- . Sexualidade feminina (1931). *Obras Completas. Vol. XXI.*
- IBAÑEZ, V.B. *El Libro de las Mil Noches y una Noche* 1950. Colección Clásicos inolvidables. Vol.I El Ateneo Editorial. Buenos Aires.





Ingeborg Magda Bornholdt

---

KLEIN, M. O Significado das Primeiras Situações de Angústia no Desenvolvimento do Ego; Os Efeitos das Primeiras Situações de Angústia Sobre o Desenvolvimento Sexual da Menina. *Psicanálise da Criança* . Ed. Mestre Jou. São Paulo. 1981.

**Ingeborg Magda Bornholdt**  
Rua Indianápolis, 240  
91330-060 – Porto Alegre – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA





# **A eterna luta entre o conhecer e o não conhecer. Uma discussão sobre a gestação e a teoria do conhecimento de W.R. Bion**

*Margot Aguzzoli\*, Porto Alegre*



---

\* Candidata do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

---

Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 1, abril 1997 □ 139





Margot Aguzzoli

## Considerações iniciais

*“Uma gestação como uma análise,  
é uma viagem sem rumo certo”*  
Arnaldo Chuster

No trabalho “Cesura” (1977) Bion afirma que o empreendimento analítico se torna difícil pelo fato de que uma personalidade em constante mudança fala para outra.

Dois anos após, desenvolve a idéia de que, quando duas personalidades se encontram, se cria uma tempestade emocional. Contudo, já que elas se encontraram e como tempestade emocional é inevitável, as duas partes devem decidir *“como tornar proveitoso um mau negócio”*. (Bion, 1979).

Tendo em vista esses comentários, pretendo com este trabalho estabelecer uma discussão sobre a teoria do conhecimento de Bion, relacionando-a com a gestação da analista.

Sabemos que a gestação é uma das maiores realizações femininas na qual a mulher passa por significativas transformações físicas, fisiológicas e psicológicas. Acresce-se a isso o fato de que tais transformações vêm acompanhadas da ativação ou reativação de conflitos emocionais tanto em si própria como em suas relações próximas (parceiro, filhos, pacientes...).

Cláudia Rosito (1993) comenta que a gravidez é um evento pessoal da vida da analista que acaba necessariamente sendo partilhado com os pacientes. *“A questão do nascimento, em torno da qual tantas fantasias, desejos e medos estão ligados, encontra-se concretamente vivenciada nesta situação através da relação transferencial.”* (p.47)

Bion, ao longo de sua obra, considerou a relação mãe-bebê como um bom modelo para a relação analítica. Ninguém duvida que, em termos psíquicos, em muitos aspectos, as funções da mãe e do psicanalista são semelhantes.

A relação da mãe com o bebê inicia no período da gestação. Essa fase, complexa e tumultuada, é marcada por períodos de regressão que são fundamentais para a futura relação com o bebê. Além disso, como nos adverte Nara Caron (1996), *“a capacidade procriadora dá à mulher um sentimento de posse e controle sob a vida e morte de um ser cuja existência depende estritamente dela”*. É interessante assinalar que, por ser um vínculo visceral em sua origem, no qual uma criatura em formação depende de outra, se torna, por vezes, difícil para a mãe negociar o grau de separação psicológica com o seu bebê.

Entendo que o período de gestação é toda uma relação com a criança que





A eterna luta entre o conhecer e o não conhecer. Uma discussão sobre a gestação e a teoria do...

inicia antes do nascimento. Já existe uma relação com os desejos, expectativas, fantasias, nome, sexo que começam a fazer parte da vida de um casal antes mesmo de a criança ser concebida. Porém, é no curso da gravidez que a criança passa a ser colocada dentro de um espaço.

Conforme vimos, os encontros favorecem tempestades emocionais. Nesse sentido, podemos pensar que uma análise bem sucedida é equivalente a uma gestação bem sucedida, o que pressupõe conflitos, tumultos, transformações e principalmente como tudo isso acontece no vínculo entre analista e paciente.

Para mim, praticar Psicanálise significa poder criar uma atmosfera analítica favorável e segura, para que eu e meus pacientes possamos vivenciar uma relação única. Dessa forma, sinto-me bastante identificada com as idéias de Bion, no sentido de que a tarefa analítica tem como finalidade o crescimento mental. Essa tarefa, em busca do conhecimento, inclui inevitavelmente o enfrentamento das verdades e a dor inerente às mesmas.

Ainda dentro desse contexto, gostaria de ressaltar que, ao longo da gestação, a mulher vai também experimentando um processo de discriminação. Os movimentos do feto, cada vez mais presentes, dão a real dimensão de que, muito embora exista um ser que depende do outro para sobreviver, ele tem a sua autonomia, seu ritmo, seu sexo. De acordo com Bion, penso que o processo analítico só possa se desenvolver plenamente quando o analista puder afastar de sua mente “a memória e o desejo”, seguir o paciente e não conduzir, buscar significado e não moral, restringir ao máximo as influências sobre o paciente, para que esse possa movimentar-se com liberdade e autonomia.

Outro aspecto a destacar é que, desde a gravidez, a mãe tem a tarefa de proporcionar condições para o desenvolvimento de um novo ser, o que inclui aceitar que o terceiro (pai) está sempre presente. Como veremos, a negação do terceiro, a não aceitação da relação entre os pais é um desvirtuamento do vínculo K em -K, utilizado para evitar o sofrimento que acompanha a pulsão epistemofílica.

## Considerações teóricas sobre o conhecimento

*“Winnicott disse: ‘um bebê sozinho, isso não existe. É preciso considerá-lo juntamente com sua mãe’. Quanto a mim, eu digo a Winnicott: um bebê e sua mãe, isso não existe; há sempre um pai, em algum lugar, para fazer uma criança, é sabido que o pai e a mãe têm que fazê-lo juntos.”*

(André Green)





Margot Aguzzoli

Para Green é um equívoco pensar ou afirmar que a mãe vem antes e o pai depois. “*Os dois estão juntos desde o início.*” (p.167) A mitologia confirma isso.

Tirésias, filho de Everes e da ninfa Clárico, passeava pelo monte Citerão, quando viu duas serpentes que se acoplavam num ato de amor. O jovem as separou, ou, numa variante da lenda, matou a serpente fêmea. O resultado dessa intervenção foi imediatamente tornar-se mulher. Sete anos mais tarde, escalou o mesmo Citerão e, encontrando novamente duas serpentes acasaladas, repetiu a intervenção, matando a serpente macho. O castigo dessa vez foi retornar ao sexo masculino. Tirésias era, portanto, alguém que tinha experiência dos dois sexos. Devido a essa dupla existência, foi tomado por Zeus e Hera como árbitro numa discussão sobre o amor “quem teria maior prazer num ato de amor, o homem ou a mulher?” Ao afirmar que a mulher teria nove e o homem apenas uma parcela de prazer, encolerizou Hera que o cegou. Para Hera, Tirésias havia revelado o grande segredo feminino e decretado a superioridade do homem – responsável pelos nove décimos do prazer feminino.

Para compensá-lo pela cegueira e também por gratidão pelo perfil de superioridade e potência atribuído ao sexo masculino, Zeus tornou-o um adivinho capaz de predizer o futuro e concedeu-lhe o privilégio de viver longo tempo.

São atribuídas a Tirésias numerosas profecias ligadas aos mais importantes acontecimentos de Tebas, como revelar a Édipo seu involuntário incesto e parricídio.

Como se vê, fica evidente, na lenda o desejo de conhecer as verdades, o ataque às mesmas, a punição pela tentativas de conhecimento bem como as compensações.

É dentro desse contexto que, no trabalho de 1958, *Sobre arrogância*, Bion faz uma releitura do mito edípico, salientando que o crime central não é o sexual, mas sim o desejo de conhecer a verdade. Ele enfatiza que os personagens da trama edípica são regidos pela tríade curiosidade, arrogância e estupidez, estando essas a serviço da destrutividade.

Por essa razão, parece oportuno esclarecer o significado da palavra conhecer. Zimerman (1995) comenta que conhecer alude à curiosidade primitiva relativa aos mistérios do nascimento e da cena primária, podendo, portanto ser considerado uma universal pré-concepção edípica.

Em 1959, Bion escreve *Ataques ao elo de ligação*. Esse texto parece inaugurar a Psicanálise vincular; nele Bion assinala que os pacientes podem fazer ataques destrutivos a tudo aquilo que, no seu entender, tenha a função de vincular um objeto ao outro, entre o paciente e o ambiente, ou mesmo entre as distintas partes de sua personalidade. Salienta a importância da mãe compreensiva para lidar com as identificações projetivas de seu bebê e estende a necessidade dessa “função continente” para o analista com seu paciente.

O trabalho “*Uma teoria sobre o pensar*” (1962) e o livro “*O aprender com a*





A eterna luta entre o conhecer e o não conhecer. Uma discussão sobre a gestação e a teoria do...

*experiência*”, também de 1962, demonstram ao leitor, como, para Bion, a formação do conhecimento é indissociada da formação dos pensamentos. O conhecimento irá desenvolver-se em função dos pensamentos.

Uma síntese desses trabalhos ajudar-no-á a entender as idéias do autor. O ponto de partida é que o pensamento causa sofrimento desde a sua origem mais remota. Bion restringiu o termo pensamento à união de uma pré-concepção com uma realização negativa. A partir dessa frustração, surgem dois destinos radicalmente opostos: quando a personalidade consegue tolerar a frustração, o “não seio” interno torna-se um pensamento e se desenvolve um aparelho para pensá-lo. No entanto, se prevalece a incapacidade de tolerar a frustração, o “não seio” transforma-se num objeto mau que deve ser evadido e expulso. Isso resulta num desenvolvimento hipertrofiado do aparelho de identificações projetivas.

Em seus estudos, Bion tomou como modelo o vínculo mãe-bebê, salientando que a capacidade de tolerância à frustração tanto depende das inatas demandas pulsionais do bebê, como da capacidade de *rêverie* da mãe. Para ele, o vínculo emocional entre a mãe e o bebê não pode ser descrito somente em termos de amor (L-love) e ódio (H-hate). É fundamental um terceiro vínculo, o vínculo K (Knowledge) que pressupõe o desejo da mãe em compreender e conhecer seu bebê.

Sob esse vértice, percebe-se como Bion amplia a Psicanálise. Ela torna-se diferente da Psicanálise de Freud (pulsional) e da Psicanálise de Klein (objetal). A Psicanálise para Bion é vincular e seu eixo central são as emoções, o pensamento, o conhecimento.

Segundo Bion, os três vínculos (L, H, K) estão intimamente relacionados entre si e dependem tanto da disposição constitucional da criança (inveja, avidez), como, e fundamentalmente, da capacidade de *rêverie* da mãe.

Como vimos, uma adequada capacidade de *rêverie* proporciona ao bebê a introjeção da função K da mãe, como um objeto interno capaz de desenvolver uma função K na criança, que a possibilita aprender com as experiências.

Entretanto, quando a mãe não consegue conter a angústia da criança, as projeções são reintrojadas sob a forma de um “terror sem nome” o qual gera um círculo vicioso de mais angústia e mais ódio. Ao invés do vínculo K, forma-se um vínculo -K. O *Conhecer* é substituído pelo *Não conhecer*. O resultado, segundo Bion, é o predomínio da onipotência e onisciência arrogante, da curiosidade intrusiva e sádica e de mecanismos de defesa ligados à negação.

Na concepção de Bion, a teoria do pensamento é indissociada da teoria do conhecimento. Elas se originam frente à experiência emocional da ausência do objeto. “*A dimensão fundamental de uma relação (mãe/bebê – analista/paciente) é o esclarecimento das emoções entre os objetos que se acham vinculados. O vínculo K*”





Margot Aguzzoli

*poderia ser descrito por uma frase quase axiomática: ‘dois para formar um terceiro, para benefício dos três’. Em vez do desentendimento mútuo, da não compreensão que produz: ‘dois para formar um terceiro, para destruição dos três’.*” (Seewald, 1994, p.13).

## Material clínico

*“É como querer colocar móveis novos numa casa que não tem chão.”*  
(Paula)

Os mitos universais expressam o quão dolorosa pode ser a busca do conhecimento. Nesse sentido, as idéias de Bion sobre a origem, normalidade e patologia do vínculo K representam uma importante contribuição para a Psicanálise. Com ele, aprendemos que, nos mitos individuais, ocorre uma tendência a evitar a dor que acompanha a pulsão epistemofílica.

No início de sua análise, Paula anunciou com muita clareza um de seus principais conflitos. *“Eu sempre quis, desde os meus tempos de caçula, ser o sol das pessoas. Acho que vem daí a dificuldade que tenho quando entra uma terceira pessoa para disputar. Eu acho que isto de eu querer ter um corpo escultural, de ser a melhor profissional, é para não ter ninguém para competir”.*

Estar próxima afetivamente, como veremos, coloca Paula em contato com realidades penosas de enfrentar. Por essa razão, desde o início, desenvolveu comigo uma aproximação basicamente intelectual. Quando começou a sentir-se mais próxima, afetivamente, sistematicamente passou a faltar uma ou duas sessões semanais: *“Eu sempre me senti assim na vida. Se eu não estou completamente envolvida, eu me sinto mais tranqüila”.* Para manter a “tranqüilidade” na nossa relação, ou, nas palavras de Bion, evitar a tempestade emocional, ela dificilmente aceita correlações do nosso vínculo com sua vida lá fora.

Como Paula é uma pessoa muito atenta ao aspecto físico (dela e dos outros), acredito que, em maio, ela já havia registrado a percepção da minha gravidez (na época 20 semanas). Mais de uma vez notei que, ao despedir-se, olhava com atenção para meu corpo. Coincidentemente passou a falar em largar a análise, alegando dificuldades financeiras e negando qualquer possível benefício com o tratamento, o que anteriormente fazia: *“Eu acho que quando meu consultório começou a andar melhor foi coincidência, não tem nada a ver com nosso trabalho aqui, eu não acredito que esteja fazendo algo para boicotar meu consultório”.*

Intervim, assinalando que eu concordava que ela não estava boicotando o tra-





A eterna luta entre o conhecer e o não conhecer. Uma discussão sobre a gestação e a teoria do...

balho com os pacientes dela e aponte o que estava-se passando entre nós. “*Na semana passada te sentiste muito próxima, mas anunciaste, via filmes, como a aproximação é perigosa. Como conhecer pode ser trágico*”. No filme a personagem mata o detetive (que amava) após esse fazer a ligação entre seus atos atuais (matar os homens com quem se envolvia) com sua amnésia infantil (o pai matou a mãe e responsabilizou a filha, para não ser preso). Ao fazer contato com essas verdades, a personagem mata o detetive e também o pai. Esse ataque maciço aos vínculos fecha toda e qualquer possibilidade do aprender com a experiência, deixando em aberto o caminho para a compulsão à repetição.

Minha paciente, na transferência alterna movimentos de aproximação (nos quais pode pensar e vincular) com movimentos de afastamento (nos quais não pode fazer contato com seus aspectos pulsionais (L, H). Vejamos:

*P – O que eu mais desejo na vida é a garantia de que nunca vão me deixar. Tenho pensado muito no que quero da análise: anestesia ou mudar a forma de encarar as coisas?*

*M – Esta é uma questão importante, no teu trabalho tu podes e deves anestesiar até para poder trabalhar. Já o nosso trabalho aqui, como tu tens sentido, é muito diferente.*

*P – O problema é este, eu não consigo deixar de sentir. É como Chopin que eu adoro, eu acho muito lindo, mas eu sinto muita tristeza, eu queria mesmo era achar lindo, mas sentir alegria.*

*M – Bom exemplo o teu. Tu queres modificar sem passar pela dor. Desistir da análise agora tem o significado de anestesiar possíveis dores. Tu repetes este teu círculo vicioso para não entender, não pensar, não enfrentar o que sentes.*

Entendo que a resistência que Paula manifesta, na relação transferencial, reproduz sua estrutura caracteriológica. Tanto na análise como na vida real, ela se defende, retirando os investimentos. Com a “anestesia”, ela deixa em suspenso os elos de ligação entre os pensamentos e as emoções e evita assim a dor depressiva: “*Eu tento evitar situações onde eu possa correr riscos nos meus relacionamentos eu sempre quis o que não existe, um contrato que vai dar certo. Hoje começo a me dar conta como isto me impede de ir adiante porque sempre tem risco*”.

Neste momento estou na 25ª semana da gestação e Paula não toca no assunto. Sem dúvida incluir a questão da minha gravidez significa reviver a situação do nascimento do irmão. Paula foi caçula durante 7 anos. “*Eu era o xodó do meu pai, vivia junto com ele e ele fazia minhas vontades, me dava as coisas que a mãe não me dava, me levava para a escola... Tudo na minha vida mudou depois do nascimento do*





Margot Aguzzoli

*Pedro. O pai é assim, ele fica próximo dos filhos enquanto são pequenos, à medida que vão crescendo se afasta”.*

A história de Paula é marcada por situações nas quais a inclusão do terceiro na relação é vivida como algo ameaçador. O risco de ser preterida permeia todas suas relações: *“Todas as brigas começam por isto, eu começo a me sentir inferior, daí qualquer coisa me abala e eu fico com muita raiva”.*

Paula não consegue vivenciar, tanto ali comigo como em outros relacionamentos, a agressividade: *“Quando eu fico com raiva, é muito intenso, eu não raciocino. É um sentimento tão forte, que eu tenho que me afastar, sair de perto por um tempo”.* Entendo e interpreto que ela não pode perceber fatos que, por vezes, são evidentes para não correr o risco de sofrer. Ela confirma: *“É, eu vou postergando para não sofrer, só que também não dá muito certo, mas eu faço assim para não aumentar minha lista de decepções”.*

Aliás, a postergação ficou muito evidente. Nesse período, num final de semana, encontramos-nos em uma situação fora do consultório em que as pessoas falaram da minha gravidez. Paula não compareceu à primeira sessão da semana e, nas demais, não fez qualquer alusão direta ao assunto. Só referia sua dificuldade financeira (emocional) com seu novo empreendimento profissional: *“Não sei se saio de vez ou se fico, por ser uma boa oportunidade”.* Tive que lhe apontar como sequer pode mencionar nosso encontro. Após algumas racionalizações diz:

*P – Como não percebi? Como tu não me contou?*

*M – Entre estas hipóteses qual tu consideras mais produtiva?*

*P – Sem dúvida eu perceber. Porque será que eu não posso perceber ?*

*M – Porque perceber significa entrar em contato com teus sentimentos.*

*P – Até minha empregada me disse outro dia: “a senhora quando está brava não consegue falar”. Isto é real, só que eu não sei se é só quando estou brava. Eu também tenho muito medo da reação dos outros.*

Segundo Bion, a capacidade para conhecer algo pressupõe o vínculo primitivo da *rêverie* materna. No ambiente familiar de Paula, a imprevisibilidade da mãe foi bastante freqüente. Na infância e adolescência, muitas vezes foi humilhada em seus sentimentos de auto-estima. O resultado disso são os sentimentos de inferioridade, rejeição e vulnerabilidade a críticas que a acompanham até hoje. Certa ocasião a mãe atribuiu-lhe a responsabilidade pelas bagunças do irmão: *“Ela me deu um tapa na cara que meus óculos voaram e era uma injustiça, pois eu não tinha aberto a porta do quarto deles para que o Pedro entrasse... um outro dia eu estava no quarto do pai e da mãe, eles se preparavam para ir a uma festa, eu peguei o colar que a mãe ia*





A eterna luta entre o conhecer e o não conhecer. Uma discussão sobre a gestação e a teoria do...

*usar, eu olhava encantada para ele, mas eu o quebrei. Ela ficou furiosa e eu levei uma surra do pai ”.*

Gostaria de fazer, agora, alguns comentários ilustrativos sobre meu primeiro encontro com Paula. Era um dia chuvoso de inverno, quando nos vimos pela primeira vez. Ela cumprimentou-me, entrou em meu consultório e, antes de sentar-se, disse: *“Vamos enfrentar o dilúvio”*. Vale assinalar que o dilúvio lembra Noé e sua arca cheia de casais. Assim sendo, como é possível hoje entrar em contato com as emoções relacionadas à cena primária, se o quarto dos pais sempre foi um lugar tão perigoso, tão imprevisível? Como se movimentar no vínculo transferencial, se eu a coloco tão próxima ao contexto de como ela funciona com suas pulsões?

Por essas razões, o tema de minha gestação só pode ser trazido de maneira indireta: *“A minha empregada faz um monte de bobagens, mas como não quero mandá-la embora, não quero perdê-la, eu passo por cima, mudo de assunto”*. Paula seguidamente fala do sobrinho, lembrando como acompanhou a gestação da irmã mais velha. Aliás, essa também foi uma vivência complicada para Paula. A gravidez da irmã coincide com o período do seu aborto. Paula havia iniciado sua vida sexual e engravidou. Mais uma marca em sua vida na qual conhecer a sexualidade adulta vem acompanhada de nova tragédia.

Ao longo da vida, Paula tem tentado ocultar seus sentimentos de inferioridade, baixa auto-estima e escassa tolerância à frustração, através de uma busca incansável de sucesso profissional e financeiro e da extrema preocupação com sua aparência física. No entanto, como ela própria tão bem assinalou, necessita construir o alicerce-chão (ser continente para ela mesma) e, assim, poder usufruir da decoração (móveis). Ela busca a sustentação (chão) que não tem no outro e, via de regra, decepciona-se.

Num material recente, Paula pôde falar mais claramente sobre seus temores infantis ligados ao nascimento do irmão e também questionar minha capacidade materna.

Paula iniciou a sessão, referindo que, na noite anterior, ficou sabendo que seu pai estava ajudando Pedro a comprar um apartamento: *“Juro que não fiquei com inveja, só triste, pois ele não fez isto por nenhum de nós. Fui dormir irritada e sonhei a noite inteira com confusão.”*

Sonha que, apesar do alarme e da tranca especial, haviam roubado seu carro. Depois sonhou que as mulheres da casa se preparavam para ir a uma festa: *“A mãe era a costureira, quando ela foi experimentar a roupa em mim, me espetava com os alfinetes e, além disto, ficava olhando para os outros. E eu pensava, a mãe não me dá atenção, ela nunca tem tempo para mim”*.

Paula prosseguiu dizendo:





Margot Aguzzoli

*P – Acordei de mau humor. A confusão estava armada, não sabia nem mesmo que roupa colocar... Mais tarde eu pensei, não é possível ficar assim por causa de um sonho... Tudo parece bobagem, mas eu me sinto muitas vezes rejeitada, abandonada, é um sentimento muito forte, como eu me senti no sonho, na hora de experimentar a roupa. Mas porque será que o pai não apareceu?*

*M – De bobagem não tem nada. Tu expressas com clareza teu drama infantil, te sentir roubada, deixada de lado, espetada nos teus sentimentos. E teu pai aparece sim, só que antes do sonho. Aparece o pai, a mãe, o Pedro e curiosamente, pela primeira vez, tu reclamas da falta de atenção da tua mãe.*

*P – Mas eu não concebo uma mulher de 30 anos ter problemas na vida, até hoje, por causa disto. Não dá para entender... Como mudar isto? Nascer de novo? Ser filha única? Eu passei dos 7 aos 30 anos sentindo todas estas coisas, mas os outros não me deixavam sentir, eu não podia demonstrar...*

Com esse material fomos trabalhando como a única forma que encontrou para lidar com a intensidade destas emoções, foi tornando-se uma especialista em controlar, anestesiá-lo e principalmente sair de perto de situações que reatualizem seu conflito:

*P – Eu me dou conta que todos nós, inclusive eu, reprimimos meu sobrinho quando ele manifesta qualquer sentimento de ciúmes, de raiva em relação à irmãzinha... Também fico pensando o que uma menina de 7 anos, que é a mimosa, pode fazer quando ganha um irmãozinho?*

*M – Se tu pudesses exprimir, expressar teus sentimentos, principalmente os de ciúmes, de raiva, de abandono?*

*P – Eles tinham medo tanto quanto eu... Como tu vais fazer com o teu outro menininho quando nascer este?*

*M – Acho que a grande interrogação não é o que vou fazer com meus filhos lá de fora. Mas, sim, o que eu vou fazer com essa mulher de 30 anos que traz dentro de si uma menina de 7. Será que eu vou permitir que ela expresse, aqui, seus sentimentos em relação ao nascimento do meu bebê? O que tu estás querendo saber é como eu vou reagir contigo, se eu vou poder ser diferente dos teus pais, e até de ti mesma. Eu serei capaz de suportar tuas manifestações, eu terei olhos para ti?*

*P – Eu me vejo uma pessoa programada, cheia de barreiras, tudo me toca até um ponto. A rejeição me atinge até um ponto, depois eu já tenho a resposta pronta: “Precisa mais que isto para me deixar brava”.*

Acredito que, em nosso trabalho analítico, Paula precisa encontrar em mim um objeto que reaja diferente dos seus objetos originais. Entendo que só assim ela





A eterna luta entre o conhecer e o não conhecer. Uma discussão sobre a gestação e a teoria do...

poderá, gradativamente, enfrentar, modificar e transformar suas frustrações.

Essas últimas vinhetas clínicas esclarecem os movimentos de Paula frente às sensações dolorosas e sua eterna luta entre o Conhecer e o Não conhecer. Sei que temos um longo caminho pela frente.

## Comentários finais

No decorrer da minha gestação, registrei o movimento de meus pacientes em relação à mesma. Pude, com isso, constatar que, assim como a vivência de uma gravidez é única, a reação de cada um deles também o é. Foi também durante esse período que entrei em contato mais direto com a obra de Bion. Sem dúvida mais um “bom negócio”.

Bion concebeu seu artigo “*Cesura*” (1977) a partir da citação de Freud “*há muito mais continuidade entre a vida intra-uterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do ato do nascimento nos permite acreditar*”.

Vejo o processo analítico, assim como o desenvolvimento do ser humano, como essa interminável passagem de um estado ao outro, rumo ao crescimento.

Quero terminar este trabalho, mencionando a citação que Magali Fischer utilizou, algum tempo atrás, num discurso de formatura: “*Aos nossos filhos (e eu acrescentaria e aos nossos pacientes) só podemos dar raízes e asas.*” □

## Referências

- BION, W.R. (1958) Sobre arrogância. In: *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro, Imago, 1967.
- . (1959) Ataques aos elos de ligação. In: *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro, Imago, 1967.
- . (1962a) Uma teoria sobre o pensar. In: *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro, Imago, 1967.
- . (1962b) *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro, Zahar, 1966.
- . (1977) Cesura. In: *Rev. Bras. Psicanal.*, v. 15, p. 123, 1981.
- . (1979) Como tornar proveitoso um negócio. In: *Rev. Bras. Psicanal.*, v. 13, p. 467, 1979.
- BLÉANDONU, G. *Wilfred R. Bion. A vida e a obra*. Rio de Janeiro, Imago, 1993.
- BRANDÃO, J.S. *Mitologia Grega*. Petrópolis, Vozes, 1995. v. 2.
- CARON, N.A. Conferência proferida na *IV Jornada científica do Instituto Wilfred Bion*, 1996.
- FISCHER, M. Discurso de paraninfa da *XIII turma de formandos do CEAPIA*, 1996.
- CHUSTER, A. *Um resgate da originalidade. As questões essenciais da Psicanálise em W. R. Bion*. Rio de Janeiro, Degrau Cultural, 1989.
- GREEN, A. Uma entrevista com psicanalistas brasileiros. In: *Conferências brasileiras de André Green*





Margot Aguzzoli

---

– *metapsicologia dos limites*. Rio de Janeiro, Imago, 1990.

ROSITO, C.A.M. Percepção da gravidez materna e formação do pensamento. A repercussão da gravidez da terapeuta sobre o processo analítico. In: *Rev. do CEP-PA*, v. 2, p. 47, 1993.

SEEWALD, F. *O espaço do encontro. Um estudo sobre espaços e conhecimento*. Trabalho apresentado na SPPA em 1994.

ZIMERMAN, D.E. *Bion da teoria à prática*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

———. A psicanálise vincular contemporânea. In: *Rev. do CEP-PA*, v. 4, p. 5, 1996.

**Margot Aguzzoli**

Rua Florêncio Ygartua, 271/308

90430-010 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA





Comentário ao trabalho: "A eterna luta entre o conhecer e o não conhecer. Uma discussão sobre..."

### **Comentário de Inúbia Duarte\*, Porto Alegre**

Inicialmente desejo expressar a minha satisfação em estar comentando este trabalho da colega Margot Aguzzoli, trabalho que versa sobre um tema instigante, que por si só já abre diversos aspectos ricos para uma discussão neste Simpósio.

A eterna luta entre o *conhecer* e o *não conhecer* é travada entre duas forças básicas: a pulsional e a defensiva. A pulsão epistemofílica está na raiz do impulso para conhecer, o K; o -K é produto da defesa construída, quando se torna doloroso demais o conhecer uma realidade. Junto a essas duas forças, e concomitante a elas, estão as duas pulsões, de vida e de morte. Quando o *conhecer* é sentido como uma ameaça à vida, o *não conhecer* surge como defesa. Os afetos de amor (L) e ódio (H) duelam nessa luta de vida e de morte, na qual, parece-me, o cerne da questão é a inveja, inveja do bom objeto.

Esse é o ponto que desejo salientar no meu comentário para introduzir a discussão deste trabalho.

A autora se propõe a discutir sobre a gestação, a gestação de seu segundo filho e a teoria do conhecimento de W.R.Bion. Interessante seria poder fazer uma correlação entre as duas gestações: a do bebê e a da condição para pensar e conhecer, desde as pré-concepções, as concepções e os nascimentos das idéias, a necessidade do outro (pai), da falta (do objeto primário), do transcurso percorrido no processo do pensamento via simbolização até atingir a capacidade para *realmente* conhecer, ou seja, correlacionar as teorias do pensar e do conhecimento segundo Bion e as etapas da gestação de um filho(a)...

No entanto, neste momento, dentro deste tema, gostaria de focalizar a relação transferencial – e contratransferencial, tendo por denominador comum a inveja – da paciente em relação à analista-mãe grávida, e o temor dessa analista do ataque invejoso, destrutivo da paciente-filha. Penso que desse modo poderíamos entender, tanto o *modo* através do qual a paciente se defende da inveja (-k), como por que ela necessita dessa defesa, que ataca o vínculo do conhecimento que é um dos objetivos da Psicanálise.

Vimos, através do relato da autora-analista-mãe, que a paciente traz em sua história fatos significativos que exarcebaram seu sentimento de inveja frente à gravidez que tenta negar, desconhecendo, ou não reconhecendo, o nascimento do irmão, aos 7 anos, que teve a conseqüência da perda da situação privilegiada com o pai, esse

\* Candidata do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.





Inúbia Duarte

preferindo crianças pequenas, o aborto voluntário coincidindo com a gravidez da irmã, o seu desejo de ser o “sol”, que revela o seu aspecto narcísico, e os sonhos – do roubo do carro e de ser alfinetada pela mãe-costureira – que evidenciam a intensidade de suas ansiedades persecutórias.

Como foi colocado pela autora, “(...)a gestação é uma das maiores realizações femininas na qual a mulher passa por significativas transformações físicas, fisiológicas e psicológicas.” Podemos imaginar como o encontro dessas duas mulheres, nesse momento, foi vivido, vivenciado: “...quando duas personalidades se encontram, cria-se uma tempestade emocional”, escreveu Bion. Podíamos acrescentar: ainda mais quando uma delas está grávida, exatamente aquela que tem a tarefa de ser continente das ansiedades da outra.

Para se defender de ansiedades intensas, a paciente tentou não conhecer a realidade, a gravidez da analista, mas por quê? Penso que lhe era intolerável a idéia de, além de ficar excluída da relação mãe-bebê, que a analista-mãe estivesse em contato íntimo com seu bebê pela dupla identificação que fazia: ela como mãe não pode ter um bebê, poderia a analista ter o seu bebê? Ela, como bebê, seria desejada, querida, ou seria abandonada e morta?

A inveja despertada pela condição de concepção e gestação da analista, condição que ela, paciente, não teve, era-lhe insuportável. Assim, podemos pensar que, ao se identificar com o bebê, dois sentimentos contraditórios lhe eram despertados, tendo por base a inveja: queria ser ele, ou como ele, para receber o bom daquela mãe-analista, mas, também, sendo ele, poderia atacá-la, destruindo-a internamente. Por outro lado, ao se identificar, ou tentar fazê-lo, com a mãe-analista grávida, teria de reconhecer a satisfação de poder gestar um bebê, mas, também, tendo de reconhecer seus impulsos destrutivos que tentaram atacar, matar aquele bebê. E sua analista estava sendo a mãe que ela não teve e que não foi e ainda não podia ser.

Ela não aprendeu a manifestar seus afetos, na infância. Não teve a condição indispensável para aprender a pensar, para poder conhecer a *rêverie* materna. Invejava, assim, o bebê, por imaginar que ele, sim, teria o que ela não teve, a mãe que ela gostaria de ter. E invejava a mãe-analista, por ter condições de procriar e de cuidar, além do bebê, dela própria, paciente.

O ataque ao vínculo que a paciente faz com o -k é produto, penso eu, da inveja.

E a analista, em seu estado de gravidez, não pode [poderia?] ficar imune a esse sentimento. Penso que, contratransferencialmente, o momento é bastante delicado. Sentindo-se satisfeita com seu bebê, pode ela se voltar à paciente? Não estará ela, analista, necessariamente, dividida?

É natural do processo de gestação que cada vez mais a mãe gestante se torne identificada com o seu bebê, fundindo-se com ele. Não temerá um ataque destrutivo,





Comentário ao trabalho: "A eterna luta entre o conhecer e o não conhecer. Uma discussão sobre..."

invejoso, da paciente? Não temerá suas fantasias? Poderá manter sua neutralidade?

A relação da mulher com seu bebê é intensa e permeada de fatores inconscientes, dependentes de suas vivências e de sua relação anterior com sua mãe. Por sua vez, estará revivendo seus temores pelos seus ataques agressivos à sua mãe; qual terá sido o efeito de sua inveja, da inveja da mãe, de sua condição de conceber, amamentar os irmãos, de ter tido filhos de seu pai?

Os riscos oriundos das identificações projetivas, das contra-identificações, dos -k são grandes nesse vínculo, nesse momento, devido à realidade – data do nascimento e período de separação [real] necessária, quando a mãe-analista ficará cuidando realmente do bebê que nasceu.

Seria interessante termos dados da evolução dessa análise... talvez pudéssemos sugerir um trabalho continuado: como foi a volta, o reencontro das duas mulheres, a analista e a paciente?

Nessa luta eterna, o tempo pode ter sido um aliado valioso, encarregado de fazer vencer o *conhecer*: a realidade de uma gestação impõe-se, por mais difícil que seja e por mais forte que seja a defesa. Penso que é mais uma etapa de quebra do narcisismo e da força da vida que leva a uma situação triangular, se a inveja puder ser tolerada e transformada e os ataques, reparados.

Interessante esse trabalho que procura correlacionar a teoria do conhecimento com uma situação específica de vida da analista, exatamente a sua gravidez. Parece ser uma situação por excelência ansiogênica, uma vez que traz em sua própria essência a necessidade de enfrentar uma realidade dolorosa muito semelhante, para não dizer idêntica [através da transferência], àquela com que a criança se deparou e que a fez lançar mão do uso da negação, da onipotência e da onisciência.

A curiosidade natural infantil oriunda da pulsão epistemofílica foi bloqueada, inibida porque ela temeu ver, conhecer o interior do corpo materno. Como era esse interior? E agora, como estará esse interior, o interior do corpo de sua analista? Resistiu, resiste, resistirá a seus ataques? Nesse caso, o nascimento do bebê, sadio, perfeito, será um bela experiência para a reparação e a entrada na posição depressiva, após, é claro, ter sobrevivido às ansiedades persecutórias da posição esquizo-paranoide.

Penso que pode ser favorecida, nessa experiência, uma oportunidade para aprender uma nova modalidade de agir frente às ansiedades e frustrações, porque a analista-mãe não repete as mesmas proibições anteriormente feitas.

Por outro lado, tendo acesso a esse conhecimento, as verdades surgirão. Mas, quais verdades devem ficar [ainda] escondidas, encobertas? A evidência de um bebê vivo, dentro da mãe, é uma prova substancial da sexualidade dos pais e de tudo o que ela traz junto, prazeres, satisfações e que ela, criança, não é o único objeto do univer-





Inúbia Duarte

so materno. A onipotência é quebrada pela descoberta da importância do pai para a mãe. Ela, criança, perde a ilusão de ser o “sol”, o centro do universo, ou, em outras palavras, sai, ou deve sair do narcisismo e é lançada no conflito edípico.

E, como Édipo, essa mulher precisa desvendar as verdades do nascimento, da morte, da sexualidade, ser conhecida e reconhecida, conhecer e reconhecer, ou seja, para ter sua identidade, precisa saber sua origem, seus sentimentos, responsabilizar-se por seus atos, pertencer a um grupo, a uma sociedade, a uma cultura que, por sua vez, deve reconhecê-la como um de seus membros.

Na esperança que esses pensamentos possam favorecer o debate, agradeço mais uma vez a oportunidade de participar dessa discussão. □

## Referências

- BION, W. *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro, Imago, 1988.  
———. *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro, Imago, 1991.  
———. *Experiências com grupos*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.  
———. *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro, Imago, 1973.  
———. *Elementos de Psicoanálisis*. Buenos Aires, Hormé, 1966.  
———. *Conversando com Bion*. Rio de Janeiro, 1992.  
GRIMBERG, L.; SOR, D.; BIANCHEDI, E.T. de. *Introdução às idéias de Bion*. Rio de Janeiro, Imago, 1973.  
KLEIN, M. *Inveja e Gratidão*. Rio de Janeiro: Imago. 1991.  
———. *Psicanálise da Criança*. São Paulo: Mestre Jou, 1981.  
———. *Contribuciones al Psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós-Hormé, 1983.  
———. *Desarrollos en Psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós-Hormé, 1974.  
MATTOS, J.A.J. Seminário clínico com Bion. *Revista IDE*, São Paulo, 20 : 8-15, 1991  
ZIMMERMAN, D.E. *Bion – da teoria à prática*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995  
SPILLIUS, E.B. Melanie Klein hoje. Rio de Janeiro, Imago, 1991 [vols. 1 e 2]

## Inúbia Duarte

Av. José Bonifácio, 519/401  
90040-130 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA





Comentário ao trabalho: "A eterna luta entre o conhecer e o não conhecer. Uma discussão sobre..."

### **Comentário de Paulo Oscar Teitelbaum\*, Porto Alegre**

Ao tomar contato com o trabalho que a Margot nos oferece para discutir neste Simpósio, achei, desde logo, estimulante a idéia de pensar a respeito da gestação da analista e suas repercussões sobre o processo analítico.

Porém, em seguida, assaltou-me uma certa angústia, ao defrontar-me com a idéia de que isso significaria falar a respeito de uma experiência que eu, como homem, não tenho.

O pensamento que, então, me ocorreu, e que logo coloquei de lado, por motivos que, acredito, se relacionam à própria idéia contida no trabalho, foi algo mais ou menos assim: "Gestação? Eu vou ter que falar sobre gestação? O que eu, um homem, sei sobre gestação?"

Creio que o entusiasmo inicial que senti foi confrontado com a responsabilidade de elaborar um comentário que viesse a se revelar útil para estimular a nossa discussão, e a ansiedade daí decorrente obscureceu (felizmente) momentaneamente minha possibilidade de pensar. Em outras palavras, movido pela angústia, subitamente o tema "gestação" adquiriu para mim um sentido concreto, perdendo suas ligações com representações mentais, passíveis de serem pensadas e elaboradas (como por exemplo, fantasias ligadas a minha própria gestação, às gestações de minha mulher, de minhas pacientes) e adquiriu a qualidade de "uma coisa em si mesma", dependente de suas representações sensoriais, como nos fala Bion (1962).

O processo de evasão da dor mental, em proporções que podem variar, dependentes de sua intensidade e da capacidade para tolerar a frustração, expressa-se, no dizer de Bion, pela impossibilidade de utilização da função  $\alpha$ , que é responsável pela transformação das impressões sensoriais e experiências emocionais em elementos  $\alpha$ , utilizáveis para pensar. No caso de tal não acontecer, a permanência dessas impressões sensoriais e emoções em estado bruto vai produzir os elementos  $\beta$ , que não se prestam ao pensamento e são passíveis tão somente de evacuação, via identificação projetiva.

O acréscimo oferecido por Bion (1958, 1959, 1962) à descrição concebida por Melanie Klein do fenômeno da identificação projetiva foi a observação de que a identificação projetiva, muitas vezes, não é apenas uma fantasia onipotente, e, como descreve, por exemplo, Britton (1992), "... o paciente dá passos no sentido de dar efeito à sua fantasia... Isto se opera pela evocação ou provocação de tal experiência

\* Candidato do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.





para o analista, através do comportamento verbal e não-verbal do paciente”, que é o que a autora assinala à pg.5. Zimerman (1995) acentua essa “função” de comunicação primitiva dos elementos  $\beta$ , por meio das identificações projetivas, lembrando o efeito de contra-identificações projetivas produzidas no outro.

Seguindo a revisão dos conceitos de continente-contido, função  $\alpha$ , *rêverie* e vínculo K, a autora assinala que “a mãe (através de sua função  $\alpha$ ) não só metaboliza, como pode devolvê-las (as sensações desprazerosas projetadas) ao bebê, devidamente desintoxicadas”.

De outro lado, segue a autora, quando tal processo se acha perturbado, em maior ou menor grau, as identificações projetivas são reintrojadas, sem desintoxicação, gerando mais angústia. Para Bion (1962) essa é a expressão de -K, na qual, ao invés do conhecimento, temos a negação, a arrogância, a onipotência, a curiosidade intrusiva.

É com essas idéias em mente que passo ao material da análise de Paula. Entre as várias questões que me ocorreram ao tomar contato com o material clínico, uma, desde logo, chamou minha atenção e é a que pretendo privilegiar nesta rápida abordagem, uma vez que me parece oferecer uma interessante e rica possibilidade de debate, que é a opção técnica da analista de não introduzir o tema da gestação no diálogo analítico, o que veio a ocorrer através de um evento fortuito, exterior à análise, pelo menos 5 semanas depois, ainda que, na minha maneira de ver, houvesse material a denunciar a presença aguda do tema na “sala de análise” (Ferro, 1995).

A analista, sintonizada com as dificuldades de Paula e receptiva às suas comunicações não-verbais, teve a noção, desde a 20ª semana, da percepção de sua gestação pela paciente, a qual, no entanto, não parecia capaz de referi-la, ou mesmo, de processar mentalmente essa percepção através de pensamentos.

Ao invés disso, a paciente assume uma postura arrogante, desvalorizando a análise e negando os benefícios obtidos, falando em interrupção, caracterizando, conforme nos assinala a analista, uma marcante mudança em sua atitude anterior para com a análise, o que, a meu ver, confirma a impressão da analista de que algo ocorreria, relacionado à percepção de sua gestação.

Creio que as impressões sensoriais da paciente, bem como as violentas emoções despertadas por essas percepções, resultados de conflitos anteriores, agora atualizados na relação com a analista, impossibilitadas de modificação, via função  $\alpha$ , restaram acumuladas como elementos  $\beta$ , *incapazes de produzirem pensamentos*.

Bion (1962, pg.56) diz o seguinte: “Como analista que trata um paciente adulto, eu posso ser consciente de algo que o paciente não é. Do mesmo modo que a mãe pode distinguir um estado anímico em seu bebê, antes que ele possa ser consciente do mesmo, como por exemplo, quando o bebê dá sinais de necessitar comida, antes





Comentário ao trabalho: “A eterna luta entre o conhecer e o não conhecer. Uma discussão sobre...”

*de dar-se conta disto. Nesta situação imaginária, a necessidade do peito é um sentimento e esse sentimento mesmo é de possuir um peito mau dentro de si; o lactente não sente que quer um peito bom, mas sim que quer evacuar um peito mau”.*

Paula, segundo nos relata a autora, fala explicitamente de experiências emocionais que não podem ser pensadas: “*Quando eu fico com raiva, é muito intenso, eu não raciocino. É um sentimento tão forte que eu tenho que me afastar, sair de perto por um tempo*”.

Ferro (1995), que desenvolve suas idéias em relação à comunicação entre paciente e analista, a partir de um referencial bioniano, enfatiza repetidamente a importância da utilização de interpretações não saturadas por parte do analista, isto é, de interpretações que possuam um caráter muito mais narrativo (sobre o que se passa no campo analítico) do que explicativo, uma vez que essas últimas tendem a fechar, restringir as possibilidades criativas da dupla, no sentido de ampliar os entendimentos possíveis da experiência emocional compartilhada. Nesse contexto, parece-me de capital importância que tentemos encontrar o “ponto ótimo”, no qual o estilo “narrativo”, proposto por Ferro (1995), não implique a não explicitação de angústias transferenciais presentes no campo a cada momento.

Lembro Ferro, porque penso que, ao introduzir o tema gestação no diálogo analítico, mobilizado pelo material trazido pela paciente, restariam ampliadas as possibilidades de pensar e elaborar conjuntamente experiências emocionais que, de outra forma, permanecem impensáveis, pressionando a paciente no sentido da atuação (as faltas às sessões, a ameaça de deixar a análise, p. ex.), isto é, pressionando no sentido do ataque à análise, segundo me parece, como resultado da necessidade de evacuação de um objeto/peito mau.

Quando falo em “mobilizado pelo material da paciente”, tenho em mente as associações presentes de Paula, entendidas pela autora e referidas como estando em conexão com a gestação: nascimento de irmãos, a expressão de sentimentos de dor e impulsos assassinos (filmes), sua história de uma vivência com objetos originais na qual não podia expressar qualquer sentimento tido como negativo (ciúme, raiva, inveja, agressão enfim): “não se fala mais nisto” era a conduta dos pais, ao intervir nas situações em que tais sentimentos se manifestavam.

Pergunto-me qual teria sido a vivência de Paula durante, pelo menos, as 5 semanas em que, no diálogo analítico, “não se falou” sobre uma percepção, no meu modo de ver, compartilhada por ambas, e extremamente dolorosa e conflituada para Paula.

Ferro (1995), utilizando-se da imagem criada por Bion, do “paciente melhor colega”, sugere que o analista deve aproveitar as sinalizações do paciente para manter “a rota útil para navegação, isto é, aquela que consente que as partes psicó-





Paulo Oscar Teitelbaum

*ticas da personalidade tenham aquelas “realizações” que nunca tiveram”* (pg 72).

Quando Bion (1962) fala sobre a capacidade de *rêverie* da mãe, definindo-a como “*aquele estado anímico que está aberto à recepção de qualquer ‘objeto’ do objeto amado e é, portanto, capaz de receber as identificações projetivas do lactente, sejam elas sentidas como boas ou más*” (pg.59), afirma que a *rêverie* é fator da função-alfa da mãe. Isso pressupõe que, à recepção das identificações projetivas do bebê-paciente, se segue um processo de transformação e desintoxicação das partes projetadas (experiências emocionais não processadas – elementos-beta), que não podem ser pensadas, as quais, então, serão devolvidas sob uma forma tolerável e compreensível de elementos-alfa, passíveis de constituírem os pensamentos oníricos da vigília, os sonhos, de serem, enfim, simbolizadas. Segundo Ferro (1995), a *rêverie* é a base do processo analítico e dá-se através “... *de sua acolhida, no metabolizar, transformar do paciente, tornar pensáveis as angústias, as ânsias, as identificações projetivas...*” (pg.125).

Caracterizam-se, assim, para Bion, dois momentos componentes na capacidade de *rêverie*: um primeiro, que envolve a possibilidade de receber as identificações projetivas e sua desintoxicação, via função  $\alpha$ , e um segundo, quando ocorre a devolução desses elementos projetados, no caso da situação analítica, via interpretação.

A importância da atividade (da mãe, do analista), quando se considera a utilização do referencial bioniano, parece-me uma idéia básica. Ainda em “*O Aprender com a Experiência*” (1962), à pg.73, Bion afirma que “... *assim como L e H, K representa um vínculo ativo e sugere que se x K y, logo x faz algo a y*” (grifos meus). Segue, afirmando textualmente: “*Isto representa uma relação psicanalítica*”. Um pouco mais adiante (pg.75), Bion ressalta que “... *É possível aumentar a compreensão de um enfermo mental, considerando seu fracasso para substituir uma representação distorcida dos fatos, pela representação que corresponde à realidade e, portanto, que a esclarece*”.

Penso, de acordo com as idéias que procurei articular aqui, que a análise e a relação transferencial proporcionaram a Paula a atualização de vivências infantis de não continência de aspectos agressivos, de rivalidades, inveja, desejos proibidos, ligados ao complexo de Édipo, que foram sensibilizados pela percepção da gestação da analista. Tal percepção, matizada por emoções de intensidade superior à que ela é capaz de suportar, resulta num acúmulo de elementos  $\beta$ , imprestáveis para o pensar. Nisso, aliás, penso estar de acordo com o entendimento expresso pela autora ao longo do trabalho.

A questão que procurei discutir diz respeito, como falei no início, à opção técnica de não focar a gestação da analista diretamente no diálogo analítico, com base no material que temos disponível, através do relato. Penso, de acordo com o que





Comentário ao trabalho: “A eterna luta entre o conhecer e o não conhecer. Uma discussão sobre...”

propõe Bion, que, sensíveis aos movimentos do paciente na sua “eterna luta entre o conhecer e o não conhecer”, devemos utilizar ativamente as comunicações verbais e não verbais que conseguimos perceber, para tentar ampliar as possibilidades de pensar da dupla, trazendo à cena os aspectos não “pensáveis e não verbalizáveis” pelo paciente. Essa atividade, creio, não deve perder de vista as respostas do paciente, as quais são a medida da correção da rota adotada e da intensidade interpretativa que utilizamos, de acordo com a tolerância e possibilidades do paciente para suportá-la.

Ou, como diz Ferro (1995), numa referência ao sonho que penso podermos extrapolar para as comunicações em geral do paciente: “... o sonho, que diz respeito, em certos aspectos, à vida mental de ambos, espera um trovador/menestrel que faça o seu canto sobre ele e que contribua para colocar, posteriormente, em história pensável e narrável, o que nele acontece sincreticamente em imagens” (pg.105).

Para finalizar, quero citar Bion que, em “O Aprender com a Experiência” (1962), afirma “... para o psicanalista, a escolha oscila entre procedimentos que tendem a evitar a frustração e os que tendem a modificá-la. Esta é uma opção decisiva” (pg.52). □

## Referências

- BION, W.R. (1958) Sobre a Arrogância. In: *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro, Imago, 1967.
- . (1959) Ataques ao elo de ligação. In: *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro, Imago, 1967.
- . (1962) *Aprendiendo de la experiencia*. Buenos Aires, Paidós, 1991.
- BRITTON, R. (1992) Mantendo coisas em mente. In: *Conferências clínicas sobre Klein e Bion*. Organizado por Robin Anderson. Rio de Janeiro, Imago, 1994.
- FERRO, A. (1995) *A técnica da Psicanálise Infantil*. Rio de Janeiro, Imago, 1995.
- ZIMMERMAN, D.E. (1995) *Bion da teoria à prática*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

### Paulo Oscar Teitelbaum

Rua Alvares Machado, 44/402  
90630-010 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA





Atenção montador  
a página **160** é branca





# A equação etiológica de Freud à luz de desenvolvimentos posteriores: o biológico e o transgeracional

*Maurício Marx e Silva\*, Porto Alegre*

*O autor apresenta e discute algumas das idéias de Freud sobre etiologia, incluindo os elementos constitucionais e os ambientais, confrontando-as com concepções modernas da genética e com estudos sobre a transmissão inconsciente através das gerações. São levantadas algumas hipóteses buscando explicar as confusões de origem defensiva entre a herança biológica e a transgeracional, tanto em Freud quanto em vinhetas clínicas.*

---

\* Candidato do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.





## Introdução

Na vigésima segunda de suas “*Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*”, Freud, com seu método característico de antecipar as principais questões e objeções que deveriam estar brotando na mente de seus interlocutores, questiona-se: “*São as neuroses doenças exógenas ou endógenas? São elas o resultado inevitável de determinada constituição, ou são produto de determinadas experiências de vida prejudiciais (traumáticas)?*” (1917, pg.405).

Mais adiante, na mesma conferência, ao conceituar conflito psíquico, Freud “*Aponta para a probabilidade de os impedimentos internos terem surgido de obstáculos externos reais durante os períodos pré-históricos da evolução do homem*”. Com isso ele retoma, nesse texto, uma idéia que já havia sido proposta em outros momentos importantes de sua teorização, qual seja, a da *herança filogenética*. Essa herança fica, assim, intimamente ligada ao elemento constitucional acima citado. Além disso, como a concepção freudiana era a de que as experiências vividas pela humanidade, em sua pré-história, poderiam ficar incorporadas a sua constituição (lamarckismo), os elementos da série complementar poderiam, *grosso modo*, ser divididos em elementos exógenos atuais e elementos exógenos pretéritos. Ou seja, os elementos que não derivassem diretamente das experiências do indivíduo com seu ambiente, os tradicionalmente chamados fatores inatos, derivariam das experiências dos seus ancestrais com o ambiente, as quais constituiriam a citada herança filogenética. Assim é que, num prefácio de 1914 para a terceira edição dos “*Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*” (1905), afirma: “*Por trás do processo ontogenético, pode-se observar a atuação da disposição filogenética. Mas a disposição é, afinal de contas, o precipitado da experiência anterior da espécie, a que se superajuntam, como soma dos fatores acidentais, a experiência mais recente do indivíduo*”.

Como assinala Cruz (1986), ao estudar a influência das teorias da evolução de Darwin e Lamarck sobre o pensamento freudiano, a *concepção lamarckista de que as experiências do indivíduo podem vir a ser transmitidas biologicamente aos seus descendentes* estava subjacente quando Freud concebeu a teoria das “*protofantasia*” (vida intra-uterina, cena primária, castração, sedução) (1915, pg. • 303). Essas fantasias, supostamente herdadas da experiência filogenética, são bem ilustradas pelo uso que Freud (1913, pg.152) fez da hipótese darwiniana da horda primeva. A concepção lamarckista de Freud manifestava-se na sua crença, cuja possível origem discutiremos adiante, de que o sentimento de culpa pelo parricídio ocorrido dentro da horda persistiu e tem permanecido operativo em gerações que não poderiam ter tido conhecimento dele, transmitido por uma forma de “*herança (biológica) de disposições psíquicas*” e não pela “*comunicação direta ou tradição*”. Ele argumenta, ainda, nes-





sa obra, em favor da realidade do crime primitivo em contraposição à hipótese de que esse tenha ocorrido apenas em fantasia.

Essas teorizações foram feitas há quase um século, muito antes da descoberta dos gens e das mutações ter superado a hipótese lamarckiana da Genética. Estudos de Psicologia Evolucionista (Sociobiologia) têm buscado, agora sob o prisma neodarwinista, encontrar os elementos do comportamento humano determinados geneticamente, a *natureza humana*, embora com resultados ainda muito discutíveis.

Vários desenvolvimentos têm sido feitos também dentro da Psicanálise, como estudos das vivências fetais e das identificações transgeracionais, que têm lançado outras luzes sobre elementos anteriormente dados como constitucionais. As investigações sobre a transmissão transgeracional partem da descoberta freudiana de que *“podemos presumir com segurança que nenhuma geração pode ocultar à geração que a sucede nada de seus processos mentais mais importantes, pois a Psicanálise mostrou que todos possuem, na atividade mental inconsciente, um “apparatus” que os capacita a interpretar as reações de outras pessoas, isto é, a desfazer as deformações que os outros impuseram à expressão de seus próprios sentimentos.”* (1913, pg.188). Cruz (1986) salienta que, se Freud contasse, na época, com os conhecimentos atuais da Biologia como alternativa às concepções lamarckistas, talvez pudesse dar mais ênfase a essas suas próprias afirmações. Mijolla (1986) levanta outras explicações para a opção de Freud pela herança biológica filogenética em detrimento da transmissão inconsciente transgeracional, explicações relacionadas a sua resistência a analisar a sua própria trama familiar e possíveis identificações inconscientes, como veremos adiante.

O que trago para discussão com este trabalho é a forma como os desenvolvimentos da Genética e o estudo das identificações inconscientes transmitidas através das gerações vieram enriquecer, de forma importante, a equação introduzida por Freud para explicar a origem dos sintomas e traços de caráter do ser humano.

## A Genética e a “natureza humana”

O elemento constitucional das séries complementares parece-me prestar-se facilmente para ser uma espécie de último recurso para explicar aquilo que não se consegue entender nos pacientes, seja por falta de desenvolvimento científico, seja por fatores resistenciais do terapeuta (pontos cegos). Apelar para a constituição sempre pode aliviar-nos da angústia de não saber, ou da angústia de vir a saber de algo que não se tolera. Por muito tempo o fator constitucional foi um elemento obscuro, tão indiscutível quanto indefinível, sempre aguardando a realização da profecia freu-





diana de que acabaríamos descobrindo os elementos biológicos nos quais se assentavam os achados da Psicanálise. Podemos dizer que, só muito recentemente, o desenvolvimento científico tem-nos permitido ir além das especulações, muitas vezes geniais, dos primeiros teóricos.

A idéia lamarckiana de que a herança biológica dos seres humanos é fruto da incorporação das experiências da espécie à carga genética constitui, a meu ver, o que Monod (1971), em seu clássico ensaio sobre a filosofia da Biologia moderna, chama de *projeção animista* na ciência, ou seja, “a hipótese de que os fenômenos naturais podem explicar-se ... pelas mesmas “leis” que a atividade humana subjetiva...” (pg.42). Ela pressupõe (por projeção) que a Genética (fenômeno natural) obedeça às mesmas leis da transmissão cultural (atividade humana subjetiva), pois, como assinalam Cavalli-Sforza e Feldman (1981), a herança cultural, sim, faz-se de maneira lamarckiana: o que é adquirido na cultura é que se transmite através das gerações, às vezes de forma surpreendente, como demonstram alguns autores que discutiremos adiante.

As concepções lamarckianas foram, portanto, substituídas pelo conhecimento das mutações espontâneas e ao acaso que sofrem a seleção natural darwiniana, permitindo a sobrevivência e proliferação dos mais aptos. A partir disso, a Sociobiologia tem buscado os elementos do comportamento humano que seriam determinados geneticamente. A concepção de que haveria grupos geneticamente superiores, subjacente a ideologias como a nazista, tem-se mostrado cientificamente falsa, como seria de esperar de uma teoria ancorada no narcisismo. Assim é que, numa das mais recentes sínteses sociobiológicas, o autor declara que “*Mesmo quando os novos darwinistas focalizam as diferenças - seja entre grupos de pessoas ou entre pessoas de um mesmo grupo - geralmente não costumam explicá-las em termos de diferenças genéticas. Os antropólogos darwinistas vêem as culturas inegavelmente diversas do mundo como a reação de uma única natureza humana a circunstâncias extremamente variáveis... E os psicólogos evolucionistas, contrariando a expectativa geral, endossam uma doutrina cardeal da Psicologia e Psiquiatria do século XX: o poder que tem o ambiente social inicial de formar a mente adulta... as diferenças mais radicais entre as pessoas são aquelas mais provavelmente atribuíveis ao ambiente*” (Wright, 1994, pgs.XVII-XVIII).

Embora Freud tenha-se equivocado, ao supor que a herança filogenética (protopantusias e outras tendências de comportamento) fossem fruto da experiência da espécie incorporada à constituição, o ponto de vista moderno não difere totalmente da sua formulação, à medida que reconhece que quaisquer comportamentos que porventura possam ser influenciados geneticamente sofreram seleção natural na pré-história da humanidade. A seleção natural é um processo muito lento e incapaz de





antecipar necessidades futuras. Está sempre, por assim dizer, atrasado no tempo, pois seleciona indivíduos cujas características os tornaram mais aptos a sobreviver e procriar em condições que ocorreram no passado. Se essas condições mudarem bruscamente, os indivíduos selecionados ficarão desadaptados. Terá que haver um novo processo de seleção, no qual alguns indivíduos que tenham gens mais favoráveis à nova situação, e que eram minoria, se tornem maioria. Isso permite compreender por que a seleção natural favoreceu mais a preservação de uma adaptabilidade geral e inespecífica do que características específicas que pudessem tornar superiores alguns indivíduos ou grupos. Uma superioridade específica pode-se tornar uma inferioridade, se as circunstâncias mudarem. Além disto, há uma concordância de que quaisquer características de comportamento atuais que sejam influenciadas geneticamente teriam sido geradas no chamado AAE (Ambiente de Adaptação Evolutiva) da humanidade, entre cerca de 4 milhões de anos e alguns milhares de anos atrás, quando o ser humano vivia em hordas de caçadores-coletores. Devido à lentidão da seleção natural, essas características deveriam ser compreendidas como favoráveis à sobrevivência e proliferação naquela situação, muito diferente das condições atuais (entenda-se como atuais os últimos séculos).

Gens que estimulassem uma tendência a buscar uma posição de superioridade através de uma luta com o líder pelas fêmeas teriam favorecido sua própria preservação naquele ambiente (AAE) e poderiam ser os responsáveis por pulsões que teriam, como consequência psíquica inevitável, as profantasias, uma concepção semelhante à explicação kleiniana da origem das fantasias inconscientes como correlatos psíquicos das pulsões (Segal, 1991, pg.35). Esses gens ter-se-iam produzido por mutações ao acaso, mas teriam sido preservados por sua utilidade adaptativa. Nesse ponto, creio ser mais que mera curiosidade citar uma observação feita por De Waal (1989) em uma comunidade de chimpanzés, onde dois machos mais jovens se uniram para depor o alfa (líder). Após feri-lo mortalmente em combate, eles lhe arrancaram os testículos, num gesto de simbolismo surpreendente para chimpanzés que provavelmente nunca leram *“Totem e Tabu”*.

Há, no entanto, fortes críticas, entre os próprios geneticistas, às hipóteses sociobiológicas: *“Na verdade, nenhum estudo demonstrou que existe um determinismo genético de algum traço, mesmo que seja da personalidade humana. Os únicos estudos que poderiam ter um valor de demonstração aos olhos dos geneticistas são os que tratam dos gêmeos univitelinos separados... como assinalou o geneticista R. Lewontin, nenhum destes estudos é suficientemente rigoroso: não há realmente diversidade dos meios de adoção dos gêmeos univitelinos separados, de maneira que a semelhança de comportamento pode ser atribuída a uma semelhança de seus respectivos ambientes... os pesquisadores franceses, C. Capron e M. Duyme, ...obtiveram,*





*por meio de um estudo sobre crianças adotadas, resultados que sugeriam que o quociente intelectual (ou QI) seria determinado, em parte, por fatores biológicos. No quadro de seu estudo, foi-lhes impossível dizer se estes fatores eram de ordem genética ou pré-natais (com o estado da mãe durante a gravidez, podendo influenciar o desenvolvimento cerebral e, portanto, intelectual, da futura criança.” (Blanc, 1994, pgs.202-203). Esses questionamentos certamente não invalidam o método dos gêmeos em si, mas servem de alerta contra sua idealização.*

Segundo Blanc, biólogos importantes (R. Lewontin, S.J. Gould, S. Wright, P.J. Darlington, V. Grant, J. Médioni e outros) assinalam que os erros metodológicos da Sociobiologia são muitos. P. Kitcher os centra em torno deste raciocínio: (1) sugerir no papel que, se existisse entre os animais um dado comportamento, esse teria como efeito aumentar a eficácia darwinista do indivíduo que a manifestasse; (2) recolher na natureza algumas observações que indicassem que esse comportamento parece realmente existir em determinada espécie; (3) sustentar que existe um determinismo genético para esse comportamento (uma vez que, por hipótese, foi promovido pela seleção natural (Blanc, 1994, pgs. 211-212). Segundo Sewall Wright, a teoria do *gene egoísta* de Dawkins, na qual se assentam as hipóteses sociobiológicas, trata os genes como unidades independentes que poderiam conquistar representação na descendência, sem a participação do resto do genoma, quando, na verdade, os genes são coadaptados (Blanc, 1994, pgs. 215-216).

Somam-se a esses questionamentos, descobertas como a da proteína MAP2, que ajuda a ditar a morfologia dos sistemas neuronais e cuja ativação depende de estímulos externos principalmente no início da vida. Está documentado em animais que eventos traumáticos precoces, tais como falta de estímulo, podem causar alterações morfológicas no sistema nervoso, mostrando que mesmo alterações dessa ordem não são necessariamente determinadas geneticamente. “*Estes achados podem ser facilmente transportados para a díade mãe-bebê no contexto do desenvolvimento emocional. Abandono, ausência de estímulo e trauma ocasionam que a psiquê se desenvolva de maneira imprópria...*” (Giovacchini, 1993, pgs.366-367). Os estudos de Psicologia Evolucionista parecem-me, por vezes, tomar essas variáveis ambientais de forma bastante simplista, ao considerar somente os elementos muito óbvios e conscientes. Dificilmente considerariam, por exemplo, a possibilidade que uma mãe de gêmeos univitelinos possa, sutil e inconscientemente, desencorajar as iniciativas do que nasceu primeiro, desde bebê, por projetar nele a imagem de um irmão mais velho com relação ao qual se sentia preterida na infância e identificar o segundo com ela própria, com toda a complexidade que pode resultar dessa ou de outra das incontáveis tramas inconscientes que observamos cotidianamente. Isso não significa, porém, que a Sociobiologia, como uma ciência tão nova, não vá, num futuro breve,





trazer importantes contribuições à compreensão das tendências geneticamente influenciadas do comportamento humano, com o amadurecimento de seus pressupostos e os novos conhecimentos advindos dos mapeamentos genéticos.

## As identificações transgeracionais

Gostaria de discutir esse ponto a partir de um fragmento de um caso:

*Neusa, 19 anos, queixava-se de confusão e indefinição quanto ao seu futuro e de dificuldades de relacionamento com sua família. Quando buscou tratamento, estava-se preparando para viajar para o exterior, para trabalhar como camareira ou faxineira em algum hotel. Pouco depois, contou-me que tinha e tivera, desde o início da adolescência, namorados que a família não conheceu. Eram vigias de rua, brigadianos e até mesmo um rapaz que já fizera alguns assaltos. Com alguns não chegou a ter relacionamento sexual. Gostava de sua companhia, justificava, dizendo que, com eles, se sentia muito à vontade. Não se questionava inicialmente sobre o contraste entre seu padrão cultural e econômico (classe média alta) e o dos rapazes, típicos “namorados de doméstica” em nossa sociedade.*

*Sua dificuldade de relacionamento com a família piorou há alguns anos, quando descobriu que o pai tinha um caso antigo com outra mulher, com a qual já tinha, inclusive, uma filha. Apesar disso, ele não deixava a casa, embora dormisse fora frequentemente sob vários pretextos, sem que ninguém questionasse isso. Descobriu que o irmão convivia, há anos, com a outra família do pai, de modo que só sua mãe não sabia da história.*

*Mais ou menos no mesmo período, a mãe de Neusa contara para os filhos que descobrira que era adotada, fato do qual já suspeitava, mas só confirmara após investigar com parentes distantes há pouco tempo. Descobriu que era filha de uma empregada doméstica que a família tivera num período em que moraram na capital (vivem no interior do estado). Não sabia quem era o pai. Nunca cogitou desmascarar o delírio de sua mãe adotiva, a qual sempre contara detalhes de como fora a gestação e o parto, salientando semelhanças físicas como o formato dos ombros de ambas que eram, dizia, hereditárias.*

*A mãe de Neusa pareceu ter avançado no seu reconhecimento dessa realidade enquanto se tratava, mas, após algum tempo, interrompeu o tratamento e, embora “oficialmente” soubesse da mentira, uma parte cindida do seu ego que negava esse fato desenvolveu sintomas conversivos iguais aos da mãe adotiva (que mora numa casa contígua), fato tomado por essa (avó de Neusa) como mais uma característica hereditária. Era aparentemente mais próxima de Neusa que do filho, mas esperava*





Maurício Marx e Silva

*que Neusa fizesse trabalhos domésticos como arrumar o quarto, lavar louça e fazer compras que o irmão nunca fez. Chamava as suas conversas íntimas com a filha de “assuntos de cozinha”.*

*Toda essa situação familiar era mantida através de uma espécie de lei do silêncio, tacitamente respeitada. Na transferência, Neusa mostrava uma aparência humilde, uma estranha idéia de que o cheque que o pai me mandava para pagar o tratamento não fazia parte do dinheiro que ele lhe dava, mas era uma obrigação semelhante aos encargos sociais pagos por um empregado, e, principalmente, um estado de ausência, uma espécie de desmentalização. Trazia os assuntos como se fosse uma mensageira que não participa do que está relatando. Contratransferencialmente, provocava inicialmente em mim um estado de distração que se transformou, após algum tempo, em irritação e vontade de sacudi-la, para ver se acordava. Após a interpretação repetida dessa atitude, Neusa teve o seguinte sonho: “Olhava para um terreno (que associou, após, pertencer à avó) e, de repente, via uma cabeça meio enterrada no chão. Queria ir ver, mas a mãe lhe dizia para virar o rosto”.*

Faimberg (1985), referindo-se ao que chama de “identificações alienantes”, remete sua origem à regulação narcisista de objeto exercida pelos pais em relação à criança. Esses se conduzem como se *“tudo que merece ser amado é eu, mesmo que provenha de ti, criança...o que reconheço como procedente de ti, criança, eu odeio; ademais, carregar-te-ei com tudo que não aceito em mim; tu, criança, serás meu não-eu. Dou ao primeiro momento de amor narcisista o nome de função de apropriação e ao segundo momento de ódio narcisista, o nome de função de intrusão”*. Explica que essa atitude, que, obviamente, tem graus variados, gera no paciente um psiquismo ao mesmo tempo vazio, devido à apropriação do que é bom e espontâneo no paciente, e cheio em excesso, devido à intrusão dos elementos rejeitados pelos pais. Esses elementos rejeitados correspondem à história dos pais com seus próprios pais, resultando no paciente em identificações com situações de gerações anteriores a dos pais, ao que ela denomina “telescopagem de gerações”. Creio que essa conceituação ajuda a compreender a identificação de Neusa com a parte “empregada doméstica” da mãe, referente à relação com sua mãe natural, inadmissível para a mãe adotiva e, portanto, para ela própria. O processo de transmissão é complexo, mas foi, sem dúvida, central a ordem vinda desde a avó para “virar o rosto”, não ver e “não pensar” (cabeça enterrada do sonho), manifestada, por exemplo, pela mãe, em atitudes como o não ver o que estava diante do nariz: o fato de que o marido tinha outra família. Penso que essa atitude era responsável pela sensação contratransferencial de distração, correspondente à ausência da capacidade de pensar da paciente.

Berenstein (1990, pg.42-44) salienta, de forma semelhante, a importância da





intrusão (identificação projetiva parental) na formação da “intersubjetividade” da Estrutura Familiar, “cujo sentido e fundamento é inconsciente. Constituíram-se para o ego incipiente em um momento originário, quando não havia distinção entre inconsciente e consciente, nem distinção entre ele e os egos parentais”. Com relação ao funcionamento mental de Neusa, que seguia a ordem da mãe e da avó de “virar o rosto”, assinala Berenstein (pg.49) que “O mandato de onde vem sugerida a defesa, em sua origem sugerido de outro e concordante tanto com requerimentos socioculturais e do próprio ego, opera como uma mensagem transpessoal...em uma dimensão transgeracional”. Evidentemente, essas identificações, como salienta Berenstein, estavam de acordo com o ego de Neusa, inseridas dentro de sua conflitiva edípica, o que não cabe examinar aqui.

Baranger, Goldstein e Goldstein (1989, pg.433), nesse mesmo sentido, referem que “Em muitos casos, os episódios mais vergonhosos da vida dos pais foram sepultados na memória do sujeito e funcionam como segredos familiares que ele não tem direito de recordar. Porém, o segredo permanece presente e atua como um fator dissociativo. O resultado pode ser um sentimento de carência de identidade, ou um funcionamento paradoxal do ideal do ego, com grandes contradições entre seus aspectos conscientes e inconscientes”. Creio que a impossibilidade de ter filhos da avó de Neusa (e possível apropriação do bebê da empregada) foi um desses episódios vergonhosos sepultados na sua memória, e a cabeça semi-enterrada do sonho pode representar o início de um processo de exumação muito importante para a desalienação de Neusa. Ao menos, a viagem para o exterior já foi descartada em função da percepção da necessidade de se tratar.

Um questionamento que certamente se faz necessário aqui é se essas tramas identificatórias não seriam meras fantasias a serviço do ego e das pulsões, fantasias do mundo interno sem maiores conexões com a realidade externa. A esse respeito é interessante o que diz Mijolla (1986), outro autor a estudar em profundidade essas identificações transgeracionais a que chama “Visitantes do Ego”: “Parece-me cada vez mais artificial tomar um partido definido na disputa de escolas que opõe, entre os teóricos da Psicanálise, os sustentadores da ‘fantasia pura’ aos campeões da ‘história real’” (pg.66). “Temos recordado a dificuldade que sente a maior parte dos analisandos de arriscar-se mais além de suas próprias pulsões e defesas para reencontrar e exercer de novo uma curiosidade antigamente dirigida ao inconsciente dos pais” (pg.188). Mijolla também discute as possíveis fontes de resistência à abordagem transgeracional provindas do nosso narcisismo: “Parece muito difícil reconhecer... que nossos pais também foram dirigidos por poderosas correntes inconscientes e se encontraram igualmente presas de poderosos conflitos inconscientes (...) à época em que se supunha que deveríamos ter o posto de ‘his majesty the baby’ (...) não





Maurício Marx e Silva

*representávamos, em realidade, mais que um peão suplementar (...) (pg.87) um substituto tardio de seus primeiros objetos de desejo e ódio, esses avós com cujos atavios nos vestimos tão freqüentemente sem o saber” (pg.92). Sua concepção da função do terapeuta frente a essa situação vem, muito a propósito, do estranho funcionamento da família de Neusa: “...a situação psicanalítica mostra sua originalidade neste terreno, já que autoriza a reconstrução, na presença de outro, de uma história profunda das famílias e, ao decifrar os fantasmas de identificação, transgribe a lei do silêncio...” (pg.192).*

Recentemente uma revista leiga publicou uma reportagem sobre crianças que praticam esportes perigosos. Um pai que comprou um paraquedas duplo para saltar com o filho, quando esse tinha cinco anos, declarou: “A iniciativa de voar sempre foi do Rafael...Acho que é genético. Ele é muito parecido comigo” (“Isto é”, 1996). Essa vinheta quase caricatural, porém real, certamente adquiriria mais significado se conhecêssemos mais da história desse pai. Baranger, Goldstein e Goldstein(1989) explicam que “A princípio, as identificações não têm história. Observamos seus resultados, em nós mesmos, como traços de caráter, como condutas ou situações repetidas que vão moldando nosso destino. Em forma espontânea, costumamos atribuir muitas delas a antecedentes familiares genéticos como a cor de nossos olhos, a forma de nosso nariz”. O uso defensivo da atribuição à Genética também ficou patente nas supostas características físicas herdadas pela mãe de Neusa (sintomas conversivos, forma dos ombros).

Vimos que a concepção lamarckista errônea de Freud, quanto à herança filogenética, estava relacionada à confusão entre herança biológica e herança transgeracional, essa última, sim, funcionando de forma lamarckista. Uma possível origem para a resistência de Freud a uma maior valorização de suas próprias idéias sobre a transmissão inconsciente transgeracional foi investigada em profundidade por Mijolla, através do estudo da sua trama familiar no qual ele defende a hipótese de que Jacob (pai de Sigmund), cujo pai era homem respeitado pela sabedoria, teria transmitido esse ideal ao filho, já que ele próprio fora uma ovelha negra nesse sentido, tendo fraco desenvolvimento cultural. Schlomo Sigmund, assim o pai o chamou, nasceu dois meses após a morte do avô paterno Schlomo. Por outro lado, *Jacob foi um homem precocemente sexual, de múltiplos matrimônios mal conhecidos, que submetia as mulheres ou as fazia morrer, ao menos na imaginação do menino que presenciou o coito dos pais em Freiberg* (pg.111). Essa identificação proibida de Sigmund com o pai teria, segundo Mijolla, sido transposta para o mito do pai sexualmente superpotente da horda primeva (pg.112). Dessa forma, a fantasia da horda primeva encontra uma explicação mais verossímil na trama familiar de Freud do que em supostos precipitados da experiência da espécie transmitidos biologicamente.

170 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 1, abril 1997





## Conclusão

O conhecimento biológico moderno indica que se deve ser muito cuidadoso, ao atribuir diferenças de personalidade a fatores genéticos. É, portanto, concordante com um crescente número de autores psicanalíticos que demonstram a importância e amplitude da transmissão transgeracional, para explicar tendências antigamente tidas como genéticas. Esses fatores obviamente se inserem dentro dos interesses do ego do indivíduo, de seus desejos de dependência e seu complexo de Édipo, por exemplo, mas possuem também certo grau de independência desses interesses, não podendo simplesmente serem reduzidos a meros coadjuvantes. Essa independência parece ser proporcional ao grau de intrusão que existe por parte dos pais (regulação narcisista de objeto), de forma que pode chegar a inserir-se, de modo traumático, na personalidade, gerando as identificações alienantes.

As profantasia, embora possam ter certo componente constitucional, como representantes psíquicos de tendências ocasionadas por mutações genéticas preservadas pela seleção natural, são, provavelmente em grande parte, determinadas pela transmissão transgeracional e, sem dúvida, não são produto de experiências dos antepassados que foram incorporadas aos gens.

Os fatores constitucionais, certamente existentes e importantes, devem ser, no entanto, depurados de concepções cientificamente superadas e que podem, inclusive, servir para usos defensivos contra a investigação das complexas tramas familiares nas quais todos estamos inseridos. □

## Summary

The author presents and discusses some of Freud's conceptions on aetiology, the innate and the environmental elements, and confronts them with modern findings of genetics and with studies on the unconscious transmission through generations. Some hypothesis are upraised aiming to explain defensively motivated confusions between biological and transgenerational inheritances, so in Freud as in clinical vignettes.

## Referências

- BARANGER, W.; GOLDSTEIN, N. & GOLDSTEIN, R.Z. (1989). "Acerca de la desidentificación", in: *Artesanías Psicoanalíticas*, Buenos Aires, Ed. Kargieman, 1994.
- BERENSTEIN, I. *Psicoanalizar una Familia*, Buenos Aires, Ed. Paidós, 1990.
- BLANC, M.. *Os Herdeiros de Darwin*, São Paulo, Ed. Página Aberta, 1994.





Maurício Marx e Silva

- CAVALLI-SFORZA, L.L. & FELDMAN, M.W. (1981). "Cultural transmission and evolution: a quantitative approach", in: Salzano, F.M., *Biologia, Cultura e Evolução*, Porto Alegre, Ed. da UFRGS, 1993.
- CRUZ, J.G. "A Influência da teoria da evolução na obra de Freud", *Rev. Psiq. RS*, 8(1):56-62, abril, 1986.
- DE WAAL, F. (1989). "Peacemaking among primates", in: Wright, R., *O Animal Moral*, Rio de Janeiro, Campus, 1996.
- FAIMBERG, H. "El telescopaje de generaciones: la genealogía de ciertas identificaciones", *Rev. de Psicoanálisis*, v. 42, nº 5, 1985.
- FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, *Ed. Standard Brasileira*, v. VII, Rio de Janeiro, Imago Ed., 1976.
- . (1913). Totem e tabu, *Ed. Standard Brasileira* v. XIII, Rio de Janeiro, Imago Ed., 1976.
- . (1915). Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença, *Ed. Standard Brasileira* v. XIV, Rio de Janeiro, Imago Ed., 1976.
- . (1917). "Conferência XXII: Algumas idéias sobre desenvolvimento e regressão-etilogia", Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, *Ed. Standard Brasileira* v. XVI, Rio de Janeiro, Imago Ed., 1976.
- . (1926). Inibições, sintomas e ansiedade, *Ed. Standard Brasileira* v. XX, Rio de Janeiro, Imago Ed., 1976.
- GIOVACCHINI, P. "Contemporary perspectives on technique", in: *Master Clinicians on Treating the Regressed Patient*, Boyer, L. B. & Giovacchini, P.(eds), London, Karnac Books, 1993.
- ISTO É, revista semanal, São Paulo, Ed. Três, 10/7/1996.
- MIJOLLA, A. *Los Visitantes del Yo, Fantasmas de Identificación*, Madrid, Tecnipublicaciones, 1986.
- MONOD, J. *El Azar y la Necesidad: ensayo sobre la filosofía natural de la biología moderna*, Barcelona, Monte Ávila Editores, 1971.
- SEGAL, H. (1991). *Sonho, Fantasia e Arte*, Rio de Janeiro, Imago Ed., 1993.
- WRIGHT, R. (1994). *O Animal Moral*, Rio de Janeiro, Campus, 1996.

**Maurício Marx e Silva**

Rua Mostardeiro, 333/514, Moinhos de Vento  
90430-001 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA





**Comentário de  
César Luís de Souza Brito\*, Porto Alegre**

O trabalho do Maurício está muito bem escrito e leva o leitor a percorrer agradavelmente a trajetória do estudo que ele fez para destacar o tema: o enriquecimento da equação etiológica de Freud (série complementar) (1917[1916-17]), através dos recentes conhecimentos da Genética, da importância das vivências do período fetal e das identificações inconscientes transmitidas através das gerações.

Utiliza-se do conceito freudiano para enriquecê-lo e, mesmo que aponte para o "equivoco lamarckista" de Freud, em nenhum momento desconsidera a importância dessa equação como fator integrador das diversas áreas de conhecimento de que dispomos hoje em dia a respeito da constituição do sujeito.

O trabalho é percorrido pela noção do determinismo, mas essencialmente pela noção de quantidade daquilo que determina: o determinismo genético, das vivências fetais, das identificações transgeracionais.

Esses elementos imediatamente evocam a questão da constituição do sujeito. O que Freud propunha, em sua equação etiológica, era a múltipla determinação da constituição do aparelho psíquico, seus sintomas e traços de caráter.

Assim, convém destacar que uma "revolução copernicana" feita por Freud foi justamente a de que o sujeito era na verdade "*sujeitado*" a determinações além de sua consciência, diferentemente do "Cogito" cartesiano.

Psicanálise implica necessariamente na noção de subjetividade. Sujeito traduz a noção daquele que é senhor de si, um indivíduo, mas também aquele que é sujeito (sujeitado) a uma ordem maior. Aí repousa o tema desse trabalho do Maurício.

Para formarmos uma imagem mais complexa desse sujeito/sujeitado, poderíamos partir do exemplo do jogo de xadrez. Em função das regras estipuladas, convencionadas, são possíveis as jogadas, mas, em cada jogada, é o sujeito que fica localizado em certa posição relativa à jogada do outro. O interessante é que a posição relativa do sujeito está mediatizada por um sistema de regras que marca uma posição e não um conteúdo interno (quem joga sabe a força que um peão pode ter em determinadas situações).

Aqui, o sujeito não é o agente, como na postulação cogitativa, é determinado pela relação com o outro dentro de um determinado sistema de regras, que poderão ser simbólicas, genéticas, ambientais. Note-se que não basta o conteúdo interno pró-

\* Candidato do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.





prio (pulsões, instintos, fantasias, determinações genéticas, bioquímicas, etc.), é necessária a contextualização dentro de um sistema previamente determinado, no entanto, isso não significa que o conteúdo interno não vá ter importância, muito antes pelo contrário, é condição *sine qua non* para que o sujeito possa ocupar o lugar determinado.

Do ponto de vista da simbolização, convém destacar que a intersubjetividade (isto é, no espaço simbólico do sujeito psíquico) não é fundada em uma reciprocidade imediata, mas sim numa relação triádica que passa pela convenção das regras simbólicas. A estrutura da intersubjetividade é supra-individual, é uma dimensão de código e não uma reciprocidade (Vallejo & Magalhaes, 1981).

Essa noção de posição que o sujeito ocupa tem sido atualmente estudada sob a forma de diversos conceitos: noção de campo transferencial, *rêverie*, holding, intersubjetividade, sociobiologia, entre outros.

Isso se apresenta como um sistema supra-individual. Sistema que predispõe as potenciais relações interpessoais e intrapsíquicas. A singularidade do sujeito psíquico, no entanto, provém do modo como age suas fantasias inconscientes e da função que elas exercem dentro do contexto sistêmico, como variações dentro da forma.

Assim, vai-nos interessar qual o estágio de estruturação do aparelho psíquico em que essas vivências vão se manifestar, de que forma poderá deixar sua marca no sujeito psíquico.

Penso em duas possibilidades: ou a marca se fará dentro de um aparelho psíquico constituído, ou em um aparelho psíquico em formação (Killingmo, 1989/1990).

Num aparelho psíquico desenvolvido, teremos a representação simbólica, dentro de um modelo conflitivo, como representações-palavra (caso do exemplo citado pelo Maurício), com toda a gama de riqueza simbólica que gostamos de trabalhar. Necessitamos interpretar os sintomas, para a mente funcionar plenamente.

Num aparelho psíquico em formação, sua marca far-se-á na ausência de simbolização, como representação-coisa, marca mnêmica, dentro de um modelo deficitário (ausente da estrutura funcional plenamente desenvolvida) no qual teremos o psicossomático, os espaços desmentalizados, elementos beta, portanto pré-sujeito psíquico, ou seja, necessitamos auxiliar e estimular o desenvolvimento do aparelho psíquico do analisando para que esse possa pensar e sentir.

Dentro dessas perspectivas, podemos pensar a determinação genética como tipo deficitário, sua marca far-se-á dentro de um modelo clínico de traço mnêmico, representação-coisa. Uma determinação transgeracional entraria num campo simbólico, tipo conflitivo, no modelo de representação-palavra.

A principal questão das vivências fetais seria a seguinte: a partir de qual momento do desenvolvimento incorporar-se-iam essas experiências no rudimentar apa-





relho psíquico do indivíduo?

Porém, as coisas podem ser mais complexas. A marca genética pode ser usada dentro do contexto simbólico (i.e.: cor da pele) e, portanto, dentro do modelo representação-palavra, e, de outra parte, uma identificação transgeracional pode provocar a falha funcional do desenvolvimento de estruturas (áreas desmentalizadas) com o que o sujeito fica deficitário em seu desenvolvimento funcional.

Vemos por esses aspectos de compreensão do mundo psíquico que a ênfase dos fatores determinantes da realidade psíquica se deslocam para fora da mente individual. Talvez poderíamos traduzir que o modelo é interpretar (decodificar) a superestrutura, para que o rumo natural do desenvolvimento psíquico siga seu caminho.

Assim, uma questão importante é a de onde colocar, ou melhor ainda, como colocar a importância dos aspectos pulsionais dentro deste contexto: pulsões de vida, de morte, levando a investimentos libidinais ou de-fusões libidinais do objeto, a noção de relações objetais, realidade psíquica, ataques ao vínculo, com toda a sua riqueza, em que a ênfase é colocada no interior do aparelho psíquico do indivíduo. Que lugar ocuparia, dentro desse desenvolvimento marcado pelo campo intersubjetivo?

Do ponto de vista clínico, é importante compreendermos a contextualização de como está estruturado o sintoma/traço no interior do sujeito psíquico. O trabalho psicanalítico, no entanto, deve seguir a busca pela representação e função intrapsíquica do sintoma, ou pela detecção da ausência dessa e de sua estrutura psíquica necessária, evitando os desvios, a que permanentemente estamos sujeitos, de “culpabilizar” o externo como forma de tratamento intrapsíquico, defesa projetiva que visa, por vezes, aliviar a angústia que nós, analistas, sentimos, ao depararmos-nos, no calor emocional da sessão, com a pressão de pavor que exerce o *unheimlich* (Freud, 1919) (o sinistro, o fantástico, o misterioso, o terror do retorno do reprimido) em nosso mundo interno. □

## Referências

- FREUD, S. (1917[1916-17]). Conferências introdutórias sobre Psicanálise: Parte III – Teoria geral das neuroses. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1976.
- FREUD, S. (1919). O estranho. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1976.
- KILLINGMO, B. Conflicto y déficit: implicaciones para la técnica. *Libro Anual de Psicoanálisis 1989*, 1990, tomo V, p. 111-26.





César Luís de Souza Brito

---

VALLEJO, A. & MAGALHÃES, L.C. *Lacan: Operadores de leitura*. Ed. Perspectiva S.A., São Paulo, 1981.

**César Luís de Souza Brito**  
Rua Fernandes Vieira, 637/405  
90035-091 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA





Comentário ao trabalho: "A equação etiológica de Freud à luz de desenvolvimentos posteriores..."

### Comentário de *Manuel José Pires dos Santos\**, Porto Alegre

O trabalho é muitíssimo interessante. Bem documentado, conta inclusive com bibliografia de ciências afins com a Psicanálise (como a Psicologia Evolutiva). Fiquei me perguntando se, quando eu estava no primeiro ano do Instituto, conseguiria escrever um trabalho tão rico e tão bem articulado. Não tenho, portanto, nenhum reparo significativo a fazer, a não ser dar os parabéns ao colega. Gostaria, isso sim, de considerar uma questão que o trabalho coloca, de forma implícita, que é o questionamento de uma teoria, ou de um dado aspecto de uma teoria.

Seguindo o caminho indicado pelo Maurício, poderíamos pinçar outros componentes da equação etiológica e os examinarmos à luz atual. O conceito de *neurose*, por exemplo: temos hoje a mesma maneira de compreender a neurose que tinha Freud, quando elaborou a equação etiológica? Fenichel, já na década de 30, assinalava que as neuroses estavam cedendo seu lugar ao caráter nos tratamentos analíticos. *Fixação* é um outro componente da equação freudiana que também pode ser examinado. Será que utilizamos, hoje, a noção de libido fixada, seja num objeto, seja numa fase, como Freud a utilizava? Fixação, salvo engano meu, refere-se à libido e não à agressão. Com a crescente importância que a agressão foi adquirindo na Psicanálise, notadamente após Freud, como poderíamos considerar o impulso agressivo na equação etiológica? Um outro exemplo, o papel do objeto na equação (que me parece estar diluído nos elementos *frustração e vivências infantis* da equação): nos modelos etiológicos atuais ainda tem o papel secundário que lhe atribuíra Freud?

Citei esses exemplos para mostrar que a idéia que o Maurício teve pode ser levada adiante, o que mostra sua pertinência. Sem querer ser impertinente, por outro lado, penso que uma outra maneira também útil de questionar a atualidade de uma teoria, ou de um aspecto de uma teoria, seja considerá-la a partir do que podemos chamar de *modelo*. São muitos os autores que se referem ao modelo freudiano, modelo kleiniano, modelo da psicologia do ego, etc. Às vezes, isso mais confunde do que esclarece. Para o psicanalista, principalmente aquele que ainda está em formação, como é o nosso caso, a avalanche de conceitos e teorias com que se depara chega a ser angustiante. Saber o que ainda é válido, ou o que não é, como articular um dado clínico com tal ou qual teoria, são questões que nos são colocadas de forma permanente.

\* Graduado do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.





Entre os vários autores que tentam organizar, de forma útil e crítica, as várias teorias atuais da Psicanálise, Greenberg e Mitchell, no livro *Relações Objetivas na Teoria Psicanalítica*, parecem colocar algumas questões de forma bastante esclarecedora.

Vou tentar sintetizar: dizem eles que há dois modelos, ou duas estratégias básicas, nos quais as diversas teorias podem ser alinhadas. O primeiro modelo, que chamaram de modelo pulsional, tem na *pulsão instintiva* seu conceito central, em torno do qual todos os outros conceitos são articulados; além disso, ou como decorrência disso, é o indivíduo como entidade separada que é o objeto de estudo da teoria. Os representantes desse modelo são Freud, obviamente, e, após, Hartmann, Mahler, Jacobson e Kernberg que mantiveram e ampliaram o modelo pulsional.

O segundo modelo, ou estratégia, rompe radicalmente com o modelo pulsional e coloca como conceito central a relação com o outro, a *relação com o objeto*. Nas palavras dos autores, esse segundo modelo “*coloca o relacionamento com os outros no centro da teoria, construindo um modelo que deriva toda a motivação, inclusive os impulsos sexuais e agressivos, das vicissitudes em busca de relacionamento e manutenção de relacionamento. Nesse modelo, o conceito de pulsão é abandonado*” (*op. cit.*). São seus representantes Sullivan, Fairbairn, Klein, Winnicott, Sandler.

Bem, o que quer dizer isso? Quer dizer várias coisas: primeiro, que esses dois modelos (ou as teorias que se alinham dentro desses modelos) não são complementares. Um modelo não completa o outro, não aprofunda o outro, pelo óbvio motivo de que cada um parte de premissas diferentes e constrói edifícios teóricos diferentes. Por exemplo, Melanie Klein não aprofunda Freud. Klein criou um sistema teórico *diferente* do de Freud, não redutível ao modelo freudiano.

Mas, então, podemos nos perguntar, se os modelos são diferentes, não seria recomendável testá-los clinicamente e estabelecer qual o mais útil, ou mais operativo? Não, isso não é possível, porque os modelos não são testáveis independentemente. Não são testáveis porque cada modelo estabelece, dentro do seu contexto, o que deve ser considerado como dado clínico, assim como cada modelo estabelece quais são os critérios de verificação do raciocínio clínico. Cada modelo estabelece seus critérios teóricos, técnicos, clínicos, etc. Ou seja, nem teoria, nem técnica, nem clínica, sobre qualquer dado da vida do paciente, sustenta-se fora do modelo teórico.

Resumindo, o modelo pulsional (que tem em Freud seu melhor representante) e o modelo relacional (que tem em Klein uma digna representante) ambos encarnam concepções fundamentalmente distintas da natureza humana, e suas teorias (distintas entre si) conduzem a técnicas também distintas.

Nesse sentido, no dizer dos autores citados, não é útil nem adequado questionar qual modelo é certo ou errado. Ambos são complexos, elegantes e flexíveis o





Comentário ao trabalho: "A equação etiológica de Freud à luz de desenvolvimentos posteriores..."

suficiente para explicar todos os fenômenos. O modelo pulsional estabelece a busca de prazer individual e a descarga pulsional como o fundamento da sociedade humana; o resto do comportamento e das experiências humanas, inclusive necessidades e atividades sociais, é derivado da operação de pulsão e suas vicissitudes. O modelo relacional estabelece as configurações relacionais como o fundamento da existência; os demais comportamentos e experiências humanas, inclusive sexualidade e agressão, são derivados relacionais. Cada modelo estabelece uma ordem natural diferente; cada um pode explicar tudo. Os modelos são *incomensuráveis* (isto é, não são comparáveis), baseiam-se em premissas a priori fundamentalmente distintas. Qualquer diálogo entre seus adeptos não alcança uma resolução significativa (*op. cit.*).

Vou finalizando. Minha intenção, neste breve comentário, foi assinalar uma outra forma possível de examinar uma teoria, colocando-a num contexto mais amplo e examinando-a como um dado modelo em confronto com outros. Penso que é importante, neste momento de nossa formação, o questionamento de nossas teorias. Embora possamos, conscientemente, não optar por nenhuma, utilizando, por momentos, a que nos pareça mais adequada, há sempre uma escolha *inconsciente*, baseada seja na identificação maior ou menor com nosso analista, com nosso supervisor, no clima intelectual de nosso Instituto e, naturalmente, nosso estudo individual. O exame crítico, esse sempre consciente, do nosso referencial teórico, instrumentaliza-nos de forma a que nossa escolha inconsciente possa ser sempre renovada.

Mais uma vez, parabéns ao Maurício pelo excelente trabalho. □

## Referências

GREENBERG & MITCHELL. *Relações Objetivas na Teoria Psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

**Manuel José Pires dos Santos**  
Av. Taquara, 564/405  
90460-210 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA





Atenção montador  
a página **180** é branca





# Entrevistas

---





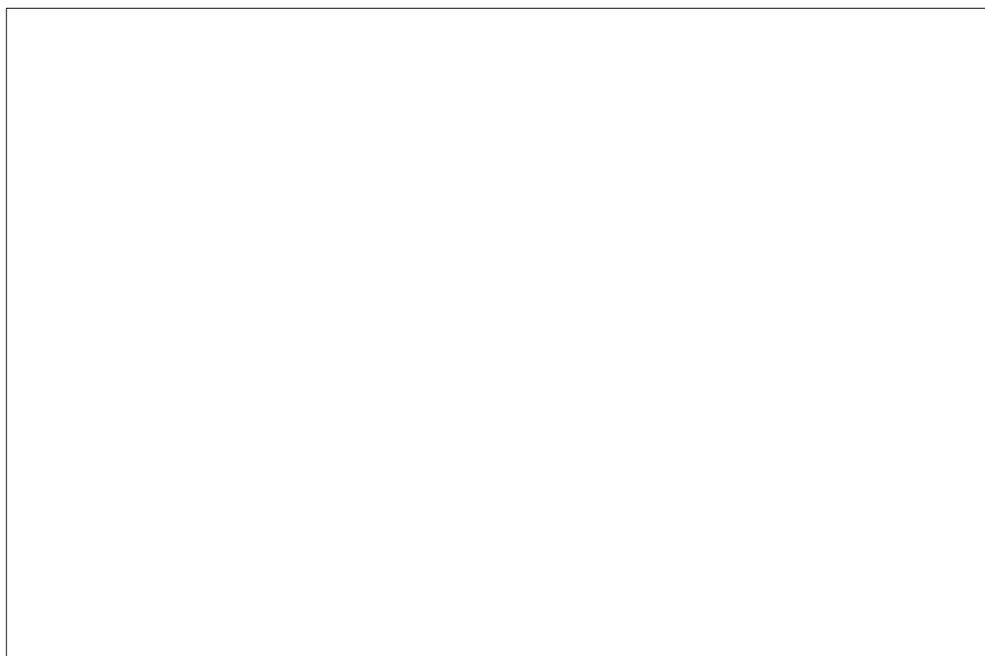
Atenção montador  
a página **182** é branca





# Entrevista com Jean Laplanche

*Entrevista concedida, em 04 de outubro de 1996, ao membro da Comissão de Redação Raul Hartke.*





O Dr. Jean Laplanche é analista titular, ex-presidente da Association Psychanalytique de France e professor honorário de Psicanálise na Sorbonne – Universidade de Paris VII.

É o diretor científico e responsável pela terminologia da tradução francesa das Obras Completas de Freud e autor – juntamente com Pontalis – do internacionalmente reconhecido “VOCABULÁRIO DA PSICANÁLISE”. Seu profundo conhecimento e capacidade de rigorosa reflexão crítica sobre o pensamento freudiano podem ser constatados nos cursos que ministrava na Universidade, transcritos na coleção “PROBLEMÁTICAS”. Além disso, a originalidade e criatividade do seu pensamento evidenciam-se em sua “Teoria da sedução generalizada”.

As seguintes obras suas estão traduzidas para o português:

1. *Hölderlin e a Questão do Pai* (1961), Jorge Zahar Editor.
2. *Vocabulário da Psicanálise* (em colaboração com J.B.Pontalis) (1967). Editora Martins Fontes.
3. *Fantasia Originária, Fantasias das Origens e Origens da Fantasia*. (em colaboração com J.B. Pontalis) (1967), Jorge Zahar Editor.
4. *Problemáticas I* (1980): *A angústia*, *II* (1980): *Castração/Symbolizações*, *III* (1980): *A sublimação*, *IV* (1981): *O inconsciente e o Id*, *V*, (1987): *A tina*, Editora Martins Fontes.
5. *Vida e Morte em Psicanálise* (1985), Editora Artes Médicas.
6. *Novos Fundamentos para a Psicanálise* (1987), Editora Martins Fontes.
7. *Traduzir Freud* (em colaboração com Cotet e Bourguignon) (1989), Editora Martins Fontes.
8. *Teoria da Sedução Generalizada* (1988), Editora Artes Médicas.

De formação inicialmente filosófica, o Professor Laplanche analisou-se com Lacan e posteriormente cursou Medicina.

Além de eminente psicanalista, Jean Louis Laplanche é um conceituado produtor de vinho, proprietário de um renomeado “domaine” na região da Borgonha. Seu vinho, o “Château de Pommard”, está incluído entre os grandes tintos da França.

O Dr. Laplanche teve a gentileza e disponibilidade para conceder esta entrevista ao Dr. Raul Hartke, representando, então, a Revista, no seu belíssimo Château, em Pommard, próximo à cidade de Beaune, justamente num momento importante da vinificação.

A psicóloga Leonor Guiromand auxiliou na tradução durante a entrevista.

Previamente ao encontro, a Revista lhe enviou as seguintes questões, sublinhando que ele poderia responder quais e na ordem que desejasse, ficando, também,





totalmente aberta a possibilidade de outros tópicos serem levantados e desenvolvidos no transcorrer da entrevista:

1 – Conhecemos e estudamos o Prof. Laplanche, tradutor fundamental de Freud, incluindo uma obra especificamente sobre esse tema. Conhecemos também o Prof. Laplanche, exegeta de Freud, tanto, por exemplo, no “*Vocabulário da Psicanálise*” como na série “*Problemáticas*”, na qual, como o próprio Professor gosta de destacar, o criador da Psicanálise é “posto a trabalhar”. Conhecemos e estudamos, finalmente, o Prof. Laplanche como autor psicanalítico, com sua teoria da sedução generalizada que proporia, inclusive, novos fundamentos para a Psicanálise. Levando em conta todo esse seu cabedal de pesquisa, estudo, reflexão e criação, nós o consideramos uma das pessoas mais indicadas para perguntar sobre o que o Sr. considera como sendo os principais desafios quanto à teoria e quanto à prática psicanalíticas nesta virada do século?

2 – Ainda dentro do espírito da pergunta anterior, ocorreu-nos que, no próximo ano-1997- estaremos comemorando o centenário do desaparecimento (manifesto) da “neurótica” (a teoria da sedução) e do aparecimento do complexo de Édipo, transição essa muito bem dissecada pelo Sr. Como o Sr. considera que está a situação do complexo de Édipo, cem anos depois? Levando em conta sua teoria da situação e da sedução originárias, esse complexo ainda continuaria sendo “o complexo nuclear das neuroses”? O “Édipo” que circula atualmente nos textos psicanalíticos é ainda o mesmo de cem anos atrás? A situação edípica precoce descrita por Melanie Klein constituiria apenas um importante acréscimo à teoria do Édipo freudiano ou envolveria, como pensa, por exemplo, Willy Baranger, uma mudança de um aspecto central de toda a teoria do criador da Psicanálise, por confundir, por exemplo, aquilo que é uma prioridade cronológica com uma preeminência na determinação, uma prioridade lógica, pois, segundo esse autor, na ordem lógica, a situação triangular antecede à situação dual.

3 – Numa revisão de 1993 sobre a psicosexualidade e a diferença entre os sexos, no livro “*The Gender Conundrum*” (Editora Routledge, London & New York), Dana Breen diz, a certa altura, que a noção de *Nachtrachlichkeit*, envolvendo uma reestruturação psíquica retrospectiva, a partir do complexo de Édipo e da castração, marca uma diferença essencial na concepção geral da Psicanálise entre grande parte dos psicanalistas franceses em relação aos anglo-saxões, esses últimos ligados a uma concepção progressiva linear do desenvolvimento psíquico. Já que o Sr., junto com Pontalis, é um dos responsáveis pela divulgação desse importante conceito resgatado por Lacan da obra de Freud, gostaríamos de saber qual seu ponto de vista sobre essa afirmação. Essas possíveis diferenças conceituais, caso fossem tão fundamentais (a ponto de originar concepções distintas da Psicanálise como um todo), teriam reper-





cussões decisivas na prática clínica? Estaríamos diante de diferentes “modelos” de um mesmo paradigma ou de distintos paradigmas, se é que esse conceito de Khun é aplicável à Psicanálise?

4 – O tema oficial do próximo congresso da IPA, em Barcelona, será a sexualidade e consideramos que o Sr. tem coisas muito importantes para dizer a respeito dessa questão. Recentemente, num artigo publicado no IJPA, intitulado “Has sexuality anything to do with psychoanalysis?” (1995), Dr. André Green disse que a sexualidade, considerada por Freud como central no desenvolvimento psíquico, na teoria psicanalítica e no trabalho clínico, tem sido negligenciada pela Psicanálise atual e que, inclusive, o conceito atual de sexualidade não é o mesmo de Freud. Qual o seu ponto de vista a esse respeito?

5 – O Sr. considera possível uma “teoria clínica” psicanalítica que dispense a “bruxa” metapsicologia?

6 – No livro “Novos Fundamentos para a Psicanálise”, o Sr. diz que “a situação analítica instaura uma relação originária com o enigma e com o seu portador” e que, nesse contexto, o essencial é a recusa do analista “do saber” e “de saber”, sendo esse o motor que propulsiona o tratamento, pois “é a corrida atrás do saber que sujeita e propulsiona o analisando assim como propulsionou a criança”.

Donald Meltzer dá uma importância central, no desenvolvimento humano, ao que ele denomina de “conflito estético”, envolvendo a admiração pelo exterior do objeto, diretamente acessível aos sentidos, versus seu interior enigmático, que só pode ser apreendido mediante a imaginação. Esse conflito mobiliza tanto o desejo de conhecer, preservando a liberdade do objeto, como o desejo de possuí-lo ou de violá-lo.

O Sr. veria alguma relação ou alguma possibilidade de articulação de suas idéias acima referidas com o “conflito estético” de Meltzer?

No início da entrevista, realizada no dia 4 de outubro de 1996, o Dr. Laplanche disse que é, ao mesmo tempo, vinicultor e psicanalista e que, no momento, se encontrava em plena atividade de fabricação de seu vinho.

RH – *Gostaríamos de lhe agradecer imensamente por nos haver recebido e dedicado um espaço de seu tempo num momento tão importante de suas atividades como vinicultor.*

JL – Com efeito, este é um momento de muito trabalho e, sobretudo, porque aqui sou eu mesmo quem faz tudo.

RH – *Nós já ouvimos falar muito do seu vinho, o Château de Pommard.*





JL – Após a entrevista vocês irão ver um pouco de tudo isso comigo.

RH – *É um prazer poder estar aqui e fazer esta entrevista porque o Sr., utilizando uma expressão sua, é um objeto-fonte para nossa atividade diária como psicanalistas e para nossas reflexões teóricas.*

*No caminho, vindo em direção à sua propriedade, eu pensava numa temática que o senhor aborda muito seguidamente – a questão da teoria da sedução – e deixo conta de que estamos atravessando um aniversário do período mesmo dessa mudança, pois, no dia 21 de setembro, Freud enviou a carta a Fliess dizendo que havia abandonado sua “Neurotica” e, no dia 15 de outubro, como, aliás, o senhor sublinha, escreveu-lhe a respeito da descoberta do complexo de Édipo. Estamos, então, aqui com o Sr., exatamente nos dias correspondentes a essa profunda e decisiva virada no pensamento freudiano.*

JL – (Risos) É muito divertido porque, com efeito, estamos na época do equinócio de outono e eu nasci no solstício de verão. Sendo assim, nasci nove meses após o abandono da teoria da sedução, ou seja, fui concebido – isto é obviamente, uma fantasia\* – no momento do abandono da teoria da sedução. Nasci no dia 21 de junho, portanto, nove meses após. (Risos).

RH – *Uma outra coisa que me pareceu curiosa e interessante é que alguém como o senhor, conhecedor profundo da “bruxa metapsicologia”\*\*, trabalhe igualmente a terra. Lembro-me da passagem do Fausto de Goethe, quando Mefisto sugere a Fausto cultivar a terra ou então procurar a bruxa. E, neste momento, estamos junto a alguém, o Sr., que conseguiu conciliar a “bruxa” e o trabalho da terra. (Risos).*

JL – (Risos) Mas o senhor verá daqui há pouco que minhas tinas, onde faço o vinho, são, de certa forma, como o caldeirão da bruxa. (Risos).

RH – *Eu gostaria, agora, de ouvi-lo sobre algumas das perguntas que lhe enviamos a título de sugestão para um início de diálogo.*

\* Laplanche emprega aqui a palavra francesa “fantasme”. Ver o comentário sobre a tradução desse termo do alemão para o francês no verbete “fantasia”, do Vocabulário da Psicanálise, de Laplanche e Pontalis, Editora Martins Fontes, 2ª edição, 1991. (N. do R.).

\*\* Alusão a “Fausto” de Goethe na cena intitulada “Na cozinha da Bruxa”. A partir dela Freud estabeleceu uma analogia entre a metapsicologia e a bruxa. Fausto, já com setenta anos, gostaria de remocar. Mefisto propõe-lhe, inicialmente, levar uma vida simples de agricultor no campo, mas Fausto rejeita essa proposição. Mefisto responde-lhe: “Pois venha então a bruxa, amigo”. A bruxa prepara-lhe uma poção mágica, Fausto a ingere e, dessa forma, recupera sua juventude. (N. do R.).





JL – Sim. Eu examinei o primeiro ponto das questões que me foram enviadas, a respeito do desafio para a virada do século. Para mim, existem dois desafios, o prático e o teórico e os dois estão ligados. Entendo o desafio prático da seguinte maneira: a Psicanálise está a perigo de tornar-se uma *profissão de saúde*. Isso significa estar subordinada ao poder institucional, tanto ao poder institucional das organizações de saúde quanto ao poder institucional das associações psicanalíticas. Acredito que o perigo está também no risco de que as associações de Psicanálise se tornem uma transmissão das demandas sociais de saúde. Isso se observa tanto em relação à prática quanto à formação. Vê-se, cada vez mais aqui na Europa, mas também em outros países, que a prática está subordinada à obrigação de resultados sintomáticos de saúde. O pagamento das curas torna-se cada vez mais um pagamento em função da intervenção de um juiz, poder-se-ia dizer, que julga se o resultado é ou não é bom. Isso significa dizer que a relação psicanalítica não é mais entre dois, existindo um terceiro que intervém, porque paga, porque pede certificados, etc. E afinal, é preciso que se diga – e eu direi as coisas francamente – para resultados socialmente reconhecidos há técnicas mais eficazes que a Psicanálise. A Psicanálise não pode combater baseada no plano do resultado social e da adaptação, mesmo porque, naquilo que diz respeito à adaptação – repito – há muitas técnicas mais eficazes do que a Psicanálise.

Outro perigo, ainda sob o ponto de vista da prática, é que, em função dessa demanda social, a *formação* enquanto tal se torne uma formação que deve ser aceita e reconhecida pelas instituições. Mesmo a Psicanálise pessoal, que é o fundamento da formação analítica, tende a tornar-se cada vez mais alguma coisa de institucional: é o que se chama de análise didática (*training analysis*) e eu tenho-me batido, há dezenas de anos, contra a própria idéia de “*training analysis*”. Nós somos, acredito, a única Sociedade que suprimiu completamente a idéia de “*training analysis*”, ou seja, uma análise empreendida e aceita pela instituição. Na medida em que a sociedade psicanalítica deve aceitá-la, ela deverá, também, mais cedo ou mais tarde, prestar contas à instituição estatal. Na nossa Associação, que se opõe completamente às regras da IPA – embora estejamos na IPA – tomamos, então, uma posição radical em relação a esse ponto de vista, ou seja, suprimimos completamente a Psicanálise didática. Para nós a Psicanálise, seja ela de formação ou de cura, é uma coisa puramente pessoal, que deve ser empreendida de maneira absolutamente pessoal, sem a intervenção da instituição em nenhuma instância.

Acredito que, atualmente, fora dessa questão um pouco técnica, o grande perigo para a Psicanálise é aquele de ser confundida com uma *técnica psicoterapêutica*. Na minha opinião é o primeiro desafio que traz o risco de suprimir a Psicanálise, mesmo que o nome subsista. O nome provavelmente subsistirá, mas a coisa não, ou seja, os verdadeiros psicanalistas serão forçados a encontrar um outro nome. Na Eu-





ropa vemos muito disso, mas acredito que, sob outras formas, também na América do Sul e, sob outras formas ainda, nos Estados Unidos. Na Europa, a institucionalização caminha muito rapidamente: vê-se isso na Alemanha, na Holanda, etc. A França é um dos raros países onde a Psicanálise permanece uma profissão que não é verdadeiramente uma profissão, uma profissão não reconhecida enquanto tal. Isso é tudo para rapidamente dizer qual é o desafio prático o qual, acredito, é o maior desafio e que não sei como vamos ultrapassar.

Agora, naquilo que diz respeito à teoria e à metapsicologia eu, diria que, efetivamente, o desafio é de extrair todas as consequências da experiência freudiana e, a partir daí, renovar a teoria. É o que procurei fazer com a teoria da sedução.

RH – *Colocar Freud a trabalhar, como o senhor tanto gosta de dizer...*

JL – Sim, eu acredito que é, inicialmente, fazer trabalhar Freud, mas há um momento em que já se fez com que Freud trabalhasse bastante e, então, é preciso trocar as coisas, não é assim? Acredito que uma noção como a de “mensagem” substitui a noção de “representação”, que a noção de “outro” tomou o lugar da de “objeto” e que o primado do outro, na constituição do sujeito sexual, é algo que faz uma revolução no pensamento de Freud.

RH – *Seria possível falar um pouco mais a respeito dessa substituição da noção de “representação”?*

JL – A noção de representação permanece uma noção subjetiva ligada à idéia do primado do sujeito, ou seja, em última instância, uma noção solipsista : não saímos da pessoa que “se” representa alguma coisa. Freud não saiu dessa noção de representação.

Acredito que a perspectiva muda completamente, a partir do momento em que pensamos que aquilo que acontece ao sujeito não são somente percepções e representações, mas “mensagens” significativas vindas do outro.

RH – *Isso estaria incluído na sua teoria da sedução generalizada?*

JL – Sim. Se quiser, podemos também tomar o exemplo da diferença entre “traço”\* e “mensagem”. Robinson (Crusoé), na sua ilha, vê passos na areia: são traços, são representações. Podem ser tanto traços de um homem como de um animal

\* No original: “des traces”.





ou mesmo traços de um meteorito: são representações. Nós ficamos, então, numa situação que eu chamo de ptolomaica, ou seja, na qual Robinson se considera como o centro do mundo: ele deve interpretar os signos. Mas, ao contrário disso, se ele vê que as impressões\* de passos estão organizadas para indicar uma direção, nesse momento, não se trata mais de traços mas, sim, de mensagens. E aquilo que a criança e o ser humano devem interpretar não é um mundo abstrato de percepções e de representações, é um mundo de mensagens, onde já há sentido que é enviado pelo outro. É o que chamo de “reversão copernicana da perspectiva”\*\*, ou seja, do mesmo modo que Copérnico compreendeu que a terra rodava ao redor do sol e não o sol ao redor da terra, o ser humano deve compreender que ele se move ao redor do outro e não que o outro é, pura e simplesmente, sua percepção.

Gostaria de falar de Melanie Klein, porque, num certo momento, vocês se referem a ela. Ela também, como Freud, fica num mundo subjetivo, ou seja, quando fala do objeto, esse objeto é um objeto “para” a criança: ele é bom ou ele é mau, porque a criança projeta sobre ele suas pulsões boas ou más, mas não há a idéia de que entre a criança e o adulto não existe objeto, mas, sim, mensagens. Os objetos são enviados para dizer alguma coisa, os objetos já estão cheios de significação, são os significantes ou as mensagens. Em Freud, tanto quanto em Melanie Klein os objetos estão sempre colocados em relação com a “minha percepção” do objeto. Em outros termos, o próprio Freud ficou na antiga tradição européia da filosofia que também é a do sujeito, na centralização no sujeito, filosofia de Descartes, de Kant e de tantos outros. Mesmo para os fenomenólogos, é sempre o mundo que é “minha representação”. Ora, eu digo, o mundo não é somente minha representação – e eu não nego que existam representações – mas o mundo é habitado por mensagens que comportam sentido antes que eu tenha necessidade de dar-lhes sentido.

RH – ...*E que vão provocar, em mim, a necessidade de um trabalho de tradução...*

JL – Certamente e isto é a parte da tradução na teoria da sedução. Ou seja, a teoria da sedução comporta também um aspecto que é uma tentativa de dar conta do recalçamento, uma tentativa de compreender o recalçamento como resultante de um trabalho justamente de tradução das mensagens do outro e de uma tradução que é imperfeita, que deixa restos não traduzidos.

\* No original: “*les empreintes*”.

\*\* O último livro publicado pelo Dr. Laplanche, ainda não traduzido para o português, intitula-se “*La révolution copernicienne inachevée*” (Editora Aubier, 1992).





RH – *O senhor faz, aqui, referências à carta 52 de Freud?*

JL – Sim. Encontramos também outras passagens nas quais ele quase que toca essa idéia, mas Freud ficou prisioneiro da idéia de que as pulsões eram pura e simplesmente biológicas e endógenas. Eu, não nego absolutamente o biológico e o endógeno, mas acredito que o domínio da Psicanálise não é o endógeno. Existe o endógeno, existe o biológico, absolutamente, mas o próprio da Psicanálise, ou seja, a sexualidade e as fantasias, não são endógenos. Não podemos considerar as fantasias como sendo pura e simplesmente endógenas, ao contrário daquilo que pensou Freud num certo momento e ao contrário do que pensou Melanie Klein ou Susan Isaacs. Meu pensamento não é absolutamente antibiológico. Ele dá seu lugar ao biológico e diz que o domínio da Psicanálise – que é o domínio das pulsões sexuais (que chamo pulsões sexuais de vida e de morte) está “*fora do biológico*”. Esse domínio fundamenta-se no domínio biológico, mas está fora do biológico, ele é relacional. E, nesse relacional, coloco o primeiro acento não no vetor que vai de mim para o outro, mas no vetor que vai “*do outro para mim*”.

Vocês me questionaram a respeito do complexo de Édipo. Não acredito que deva ser dito que a teoria da sedução substitui o complexo de Édipo. Não se deve dizer: antigamente o complexo nuclear era o complexo de Édipo, agora é o complexo de sedução. A sedução não é um complexo, ela é uma situação originária, logo ela é uma situação, eu diria, até mais fundamental que a do Édipo. Por que? Porque a relação da criança pequena com um adulto poderia existir mesmo, por exemplo, se não houvesse família. Imaginemos, como na ficção científica, que se façam crianças nos tubos de ensaio. Mesmo assim permaneceria uma relação adulto-criança, mesmo se não existisse mais família. Essa relação originária é o fato de que uma criança pequena se encontra confrontada a um mundo adulto já evoluído, cultural e sexual. Para mim, trata-se de uma situação mais fundamental.

Quanto ao complexo de Édipo – o grande “complexo” – penso que, nessa medida, é preciso considerá-lo como muito importante, mas, apesar de tudo, como algo contingente e “variável”. Penso que é necessário, sob esse ponto de vista, reavaliar um pouco o culturalismo e dizer que as formas do complexo de Édipo, ou as formas do complexo de castração, ou outras – tudo que pode ter sido inventado – são muito variáveis e que elas não são estruturas fundamentais do inconsciente vindas do biológico. Aliás, não se saberia como o complexo de Édipo viria do interior e do biológico. Freud, num determinado momento, acreditou que ele era herdado mas é muito difícil pensar a filogênese do complexo de Édipo. Eu acredito que essas grandes teorias que a Psicanálise descobriu não são, falando propriamente, a metapsicologia. A Psicanálise descobriu no ser humano grandes mitos como esses. Não foi ela





que os fabricou, ela os encontrou no ser humano. E esses grandes mitos são uma maneira para o ser humano de procurar fazer face justamente ao enigma da mensagem do outro, uma maneira de pôr em ordem esses enigmas. Dito de outra maneira, situo os grandes complexos do lado do processo secundário da simbolização, do organizador, e não do lado do processo primário e do inconsciente. Para mim o complexo de Édipo não é o complexo nuclear do inconsciente, ele é *uma maneira de organizar o inconsciente*. Eu disse uma vez, por brincadeira, que o homem Édipo foi o primeiro assassino por “sentimento de culpa”, ou seja, ele não tem uma culpa porque matou, mas ele tinha uma culpa ou uma angústia fundamental e matou para dominar essa angústia. Isso seria um pouco no mesmo sentido de Eichhorn quando ele explicou, certa vez, que os jovens podiam cometer crimes por sentimentos de culpa. Penso que Édipo realizou o complexo de Édipo, não porque era obrigado a isso pelo inconsciente, mas para “dominar” o inconsciente.

RH – *Isso pode ser colocado em relação com o fato de Édipo haver encontrado a Esfinge antes de Tebas?*

JL – Sim, ele encontrou o enigma da Esfinge e o complexo é uma maneira de responder ao enigma. Talvez a Esfinge fosse a figura do outro, a figura anterior ao incesto e ao crime.

Vocês me perguntam igualmente a respeito do “après-coup”\*, a *Nachträglichkeit*. Minha posição é bastante complexa a respeito do “après-coup”. Tenho um remorso: é um artigo de quarenta páginas sobre a *Nachträglichkeit* que está para ser terminado há 3 ou 4 anos...

Existem duas interpretações do *Nachträglichkeit* e procuro encontrar uma terceira.

É preciso dizer que, para Freud, a *Nachträglichkeit* tem, fundamentalmente, um efeito determinista, ou seja, alguma coisa foi depositada em algum momento e ela tem seus resultados “après-coup”. Isso se daria exatamente da mesma maneira como quando alguém coloca uma bomba com controle remoto num avião e a bomba explode “après-coup”. Não há mistério: o tempo se desenvolve desde o momento em que se põe a bomba até a explosão. A flecha do tempo é, então, retilínea.

Pode-se compreender o “après-coup” de outra maneira: ao ver uma casa que cai, eu digo, “après-coup”: “ela estava mal construída”. Ou seja, eu volto atrás e, dessa vez, interpreto a flecha do tempo ao contrário. Nas perguntas, vocês dizem que

\* Traduzido para o português como “a posteriori”. Para uma discussão detalhada dessa tradução ver o “Dicionário Comentado do Alemão de Freud”, de Luiz Hanns, Editora Imago, 1996.





são os franceses que têm esse ponto de vista. Não são somente os franceses. Vocês têm aí todos os adeptos da hermenêutica psicanalítica atualmente dizendo que o sentido do acontecimento não vem da infância, mas que somos “nós” que reprojamos para trás nossa interpretação a respeito. Pensemos, aqui, nas idéias de Schafer ou de Spence a esse respeito, ou nas idéias de Thomä e Kaechele: todas essas pessoas interpretam a *Nachträglichkeit* no sentido de uma hermenêutica, ou seja, pouco importa aquilo que se passou na infância, nós, adultos, reinterpretemos aquilo que aconteceu, nós fazemos uma história do passado como o queremos.

RH – *Mas, nesse momento, estaríamos muito próximos de Jung...*

JL – Sim, isso mesmo. É a *Zurückfantasieren* (fantasiar retroativamente: do presente em direção ao passado). Para mim o essencial da hermenêutica diz respeito ao *Zurückfantasieren*, que, acredito, não é mais válida do que a outra direção, ou seja, a do determinismo do passado em direção ao presente. Então, o que fazer?

Na verdade, acredito que existe alguma coisa que está no começo, mas que não está completamente determinada, porque é uma mensagem e, mais especificamente, uma mensagem enigmática. Assim, o que está no início não é uma causa, mas é alguma coisa que é dada como sentido, mas como sentido que é necessário interpretar e traduzir. Eu tomo o exemplo que dá Freud na *Traumdeutung* (*A Interpretação dos Sonhos*) sobre a *Nachträglichkeit* no qual ele conta a seguinte história: um jovem – grande apreciador das mulheres – encontra, certa vez, uma linda mãe que dá o seio ao seu bebê, e esse jovem diz: “que pena que eu não soube isso quando era pequeno”, Freud dá esse exemplo para explicar a *Nachträglichkeit*. Esse exemplo pode ser compreendido no sentido da hermenêutica, ou seja, tudo vem do adulto. Jung vai dizer, ou a hermenêutica vai dizer: a relação da criança com o seio é puramente inocente e é o adulto que projeta para trás seus desejos. Ou então, inversamente, Freud vai dizer: a criança já é sexual e tornou-se sexual no adulto, mas tudo vem da criança. Eu digo simplesmente que Freud, no seu exemplo, esqueceu alguma coisa: a mãe que amamenta. Ele esqueceu-se de que há um outro personagem na cena: é aquela que amamenta e que ela é sexual quando dá o seio à criança.

RH – *... e envia mensagens enigmáticas...*

JL – Isso mesmo. Veja então: a *Nachträglichkeit* não está nem inteiramente na direção passado-presente, nem inteiramente na direção presente-passado, embora aquilo que seja dado já esteja dado, mas dado numa mensagem e não num determinismo biológico puro e simples. Quanto à bomba que explode, para retomar o exem-





plo do avião, não estamos completamente seguros: a bomba que explode é enigmática!

RH – *Nós teremos simplesmente “versões” a respeito de tudo isso...*

JL – Sim, temos diferentes traduções, mas, apesar disso, a mensagem está lá de qualquer maneira: não podemos negar que houve, na partida, uma mensagem sexual.

RH – ... *que nos faz pensar sem parar...*

JL – ... É isso, é ela que nos faz pensar.

Agora falemos a respeito do Congresso da IPA em Barcelona. Eu tenho muitas coisas a dizer a respeito da sexualidade e é típico da instituição internacional que não me tenham pedido um relatório sobre isso. Mas é assim, a instituição é dessa forma: é uma burocracia que decide e isso é típico da burocracia internacional. O que se pode fazer?

Quanto a mim, eu também não esperei André Green para dizer que, na verdade, a Psicanálise fala sempre e tão somente do sexual, e isso porque acredito que mesmo a pulsão de morte é uma pulsão sexual. E eu insisto: a Psicanálise fala tão somente do sexual. O domínio da Psicanálise é o domínio do sexual, não somente o sexual biológico (que existe), mas o sexual fantasmático. Pergunto-me, então, se esse Congresso – tão clássico – conseguirá dizer coisas psicanalíticas, visto que o movimento psicanalítico atual é um movimento de dessexualização. Não estou seguro de que um congresso será suficiente para recolocar a sexualidade na sua devida posição.

Vocês perguntam também a respeito de minha opinião sobre a teoria e a metapsicologia.

Vocês sabem que eu sou completamente a favor da metapsicologia. Eu acredito que a metapsicologia é um pensamento rigoroso e não um pensamento mítico como Freud algumas vezes sugeriria. Essa idéia da “bruxa” metapsicológica é um pouco perigosa, porque pode levar a pensar que a metapsicologia é a respeito de fantasias. Para mim, o domínio próprio da metapsicologia e o ponto de partida não é a “clínica”, mas é a *prática*. Para mim a grande invenção de Freud é a prática e não a clínica. Eu faço uma grande diferença entre as duas. A clínica é a descrição dos mecanismos psíquicos (as neuroses, as psicoses, etc.) e, para mim, a invenção genial de Freud é a prática. Ela é genial, porque está numa espécie de comunicação interna com a situação originária do ser humano. Ele inventou, com a situação analítica, uma situação que se encontra em ressonância com a situação originária do pequeno ser





humano. Ele renovou, então, alguma coisa da situação de sedução originária na prática psicanalítica. Para mim, a finalidade da metapsicologia – e isso é o que me levou a ela – é a de dar conta da eficácia extraordinária dessa prática psicanalítica. E por quê? Porque a prática psicanalítica consegue mudar coisas – dificilmente – mas mudar coisas que existem depois dos primeiros anos e vida. E, se podemos mudar, é porque essa situação tocou em alguma coisa que está em relação com a sedução originária.

RH – *Ou seja, a prática psicanalítica recoloca a situação originária e cria uma nova oportunidade.*

JL – Ela reitera, de uma outra maneira evidentemente, mas ela reitera a relação no que se refere ao enigma.

RH – *Sempre me pareceu curioso que Freud empregue a figura da bruxa no momento em que se refere à metapsicologia.*

JL – Eu penso que é um pouco uma imagem de Jung. Nos seus discípulos, não em Ferenczi, mas em Lou Andreas Salomé, há expressões como “a bruxa metapsicológica”, “a metapsicologia é nossa mitologia”. Não concordo absolutamente com isso. Penso que isso vem do fato de que, no pensamento psicanalítico, não se soube distinguir bem dois aspectos: os mitos, efetivamente descobertos pela Psicanálise no ser humano – a respeito dos quais eu falava há pouco, mas que não são a teoria psicanalítica – e, por outro lado, a teoria da relação originária ou seja, essencialmente, a teoria do recalco e da constituição do aparelho psíquico. Essa segunda parte é, na minha opinião, uma parte que deve ser rigorosa no sentido de que não é científica como a matemática, mas que pode ser discutida e que podemos procurar modelos cada vez melhor adaptados para essa metapsicologia. Eu, pessoalmente, procurei trazer um modelo do tipo não diria lingüístico no sentido de Lacan, mas um modelo moldado na linguagem e que eu chamo de “modelo tradutivo”. O modelo da tradução é, aqui, um modelo mais amplo que o modelo lingüístico, na medida em que existem igualmente traduções nas linguagens que não são organizadas, ou seja, pode-se traduzir uma mensagem não-verbal. Repetindo, essa noção é mais ampla que a noção lingüística porque existem traduções de mensagens que não se baseiam nessa linguagem: os gestos, a mímica, a música. E, para a criança, há um mundo de linguagem que ela deve traduzir antes de ter acesso à linguagem organizada.

A respeito de Donald Meltzer, devo dizer que não o conheço. De acordo com a pergunta, ele diz “este conflito surge pela admiração do exterior do objeto, etc”.





Entrevista com Jean Laplanche

Pergunto-me se não ficamos aí, ainda, numa concepção que eu chamaria de ptolomaica, ainda não copernicana.

Existe uma noção na qual estou trabalhando neste momento: é a noção de sublimação. A noção de sublimação, assim como está, constitui-se num impasse para a Psicanálise.

RH – *O senhor escreveu um livro sobre a sublimação...*

JL – Fiz um livro que mostra que a sublimação é um impasse, mas agora procuro ir além do impasse e penso: por que a sublimação seria um impasse? É porque, uma vez mais, ela procura explicar tudo a partir de pulsões internas. E é preciso tentar pensar a sublimação igualmente a partir do outro, ou seja, da estimulação do outro.

RH – *...dentro da teoria da sedução generalizada ?*

JL – Sim, é isso mesmo. Penso, aqui, numa noção como a de “inspiração”, que foi uma noção dos românticos alemães, embora eles não a tenham elaborado. Acho muito interessante colocar em foco a noção de inspiração, porque nela, uma vez mais, o que está em jogo é o vetor que “vem do outro” e não o vetor que “vem de mim”. “Eu sublimo”, mas eu “sou inspirado”, ou seja, o vetor da inspiração vem do outro. Evidentemente é necessário desembaraçar essa noção de todo aspecto mítico; não se trata de fazer misticismo, mas é preciso voltar à idéia de que o próprio da criatividade é estar aberto à mensagem do outro e não somente refabricar as coisas a partir das suas pulsões puramente internas.

RH – *Teria alguma coisa com a idéia de “musa”?*

JL – Sim, algo assim, mas, evidentemente, sem misticismo. Se bem que um pouco de misticismo não é assim tão mau... Só um pequenino grão...

Eu vejo os artistas, por exemplo, alguém como Giacometti: para mim ele é o exemplo próprio de alguma coisa que ultrapassa a idéia de sublimação. Ele busca alguma coisa, mas é alguma coisa que, na sua partida, é uma estimulação que lhe veio do outro.

RH – *Então teremos o prazer de poder lê-lo a esse respeito.*

JL – Em 1987 irei a Montevideo e seguramente a Buenos Aires, mas não acre-





Entrevista com Jean Laplanche

dito que possa, então, ir a Porto Alegre. Talvez em 1998. É preciso que eu veja isso. Mas não é impossível.

RH – *Seria uma grande honra poder recebê-lo em Porto Alegre em 1998. Estudamos seu pensamento e procuramos compreendê-lo, mas gostaríamos de poder igualmente contar com a sua presença, visto que o senhor é uma fonte de inspiração para todos nós.*

JL – Ir a Porto Alegre trar-me-á um grande prazer.

RH – *Muito obrigado. Eu gostaria de, mais uma vez, lhe agradecer, em nome da nossa Revista de Psicanálise e da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.*

JL – Muito bem. Agora vamos conhecer a tina da bruxa. (Risos).

Transcrição e tradução de **Maria Carolina dos Santos Rocha**

Revisão técnica de **Raul Hartke**

© Revista de Psicanálise – SPPA



Atenção montador  
a página **198** é branca





# Cem anos de Cinema e Psicanálise

---





Atenção montador  
a página **200** é branca





# ***“Pulp Fiction”***

*Frederico Seewald\*, Porto Alegre*



---

\* Membro Efetivo e Analista Didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

---

Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 1, abril 1997 □ 201





Frederico Seewald

## “Seis passeios pelos bosques da ficção”

Antes que surja um Mike White\* gaúcho acusando-me de plágio apresso-me a apontar meu uso – com o maior reconhecimento e admiração – do título do último livro de U. Eco para a abertura deste comentário.

Cinema e Psicanálise têm mais do que uma temporalidade percorrida como identidade. Cinema como arte e análise como artesanania têm a história comum de “chacoalharem” com as emoções humanas.

Numa discussão local sobre “*Pulp Fiction*”, José Pedro Goulart encerrava seu 3º artigo de debate, dizendo que “o mundo não faz da arte um espelho. A arte verdadeira não espelha, perturba. Conspira.” Verdade. A arte, o cinema, assim como a Psicanálise, é transgressora. Algo nos toca porque provoca uma cesura, dissolve fronteiras e tangencia a barreira do mistério.

O que nos deixa rigorosamente iguais, no cinema como na Psicanálise, não serviu para nada. “*Pulp Fiction*” serve para várias coisas. O que proponho é um pequeno passeio, ao modo de U. Eco, em torno de umas poucas questões, usando *Pulp Fiction* como pano de fundo.

### 1º Passeio – Cinema e Psicanálise completam 100 anos.

Cinema e Psicanálise completam 100 anos? Sim e não. Se considerarmos Freud e os irmãos Lumière como marco referencial de um processo, sim. Mas, se observarmos a trajetória do homem ao longo do tempo na criação de mundos virtuais e na materialização do imaginário, veremos que cinema e Psicanálise se perdem no horizonte da ausência.

No século X, o matemático e astrônomo árabe Al-Hazen já havia estudado vários procedimentos que, hoje, sem dúvida, chamaríamos de cinematográficos. Platão, na célebre metáfora da caverna, descreve minuciosamente o mecanismo imaginário da sala escura de projeção. Da mesma maneira, muitas das imagens encontradas nas paredes de Altamira, Lascaux, etc, foram gravadas em relevo na rocha e seus sulcos pintados com cores variadas. Enquanto o observador caminha, as figuras parecem movimentar-se diante dele e toda a caverna parece agitar-se em imagens animadas.

\* Mike White, ex-admirador de Tarantino, acusou-o de plágio. Utilizando-se de um curta-metragem – “*Who do you think you're fooling?*” (Quem você acha que tapeia?) assinala várias coincidências entre “*Cães de Aluguel*” (1992), de Tarantino, e “*City of fire*” (1987), de Rino Lam.



Uma assim chamada "função psicanalítica da personalidade" não só existe em cada um de nós como, de certo modo, acompanha-nos no nosso trajeto de hominização. A perpétua e inevitável conclusão da subjetividade de nossos atos e do mundo que nos cerca repousa tanto na gestualidade mágica xamânica, dos feiticeiros da tribo quanto, também, quando as crianças eram postas para dormir e alguém lhes contava histórias. As histórias, de fato, eram suas próprias histórias, constituíam-nas como pessoas e lhes traziam um sentido de existência. Nessa historização fundante, o bebê-homem brinca e, desde que ele brincou, tornou-se analítico. Alguém já disse que "não é somente um velho sonho da humanidade que o cinema realiza, mas também uma série de velhas realizações empíricas e de velhas técnicas de representação que ele perpetua". No que é diferente a Psicanálise? A cena inicial de "2001, Uma Odisseia no Espaço", quando nosso antepassado símio lança ao ar o osso, condensa tudo.

## 2º Passeio – O início marginal.

O cinema, nos seus primórdios, reunia, na sua base de celulóide, várias modalidades de espetáculo derivadas das formas populares de cultura como o circo, o carnaval, a pantomima, a prestidigitação, a lanterna mágica. Como tudo que pertence à cultura popular, ele formava, também, um outro mundo, um mundo paralelo ao da cultura oficial, um mundo de cinismo, obscenidades, grossuras e ambigüidades onde não cabia qualquer escrúpulo de elevação espiritualista abstrata. Era um mundo que se baseava no princípio do prazer-desprazer, um mundo "invertido" que possibilitava permutações constantes entre o elevado e o baixo, o sagrado e o profano, o nobre e o plebeu, o masculino e o feminino.

A Psicanálise como método esteve desde sempre ligada ao mundo da loucura, da irracionalidade, dos excluídos. Freud, quando apontou o 3º abalo do narcisismo humano, descreveu um homem que não era o dono de sua vontade, que tinha grande parte de sua vida anímica retirada da consciência. Muito sofreu a Psicanálise na direção de um reconhecimento científico, talvez porque ela, em parte, aponte cenários onde somos "feios, sujos e malvados" e estejamos longe da espiritualidade e altruísmo que desejaríamos.

Durante o período do primeiro cinema, cerceado por um movimento de autocensura em 1908, os realizadores não tinham vergonha nem medo de exprimir, em seus filmes, preconceitos étnicos, sociais, sexuais e profissionais, nem de ridicularizar as figuras de autoridade. Os filmes depreciavam imigrantes, ridicularizavam mulheres e exibiam retratos pouco edificantes de padres, policiais e da própria justiça. Tal falta de escrúpulos não era censurada, porque o cinema permanecia sendo uma





Frederico Seewald

atividade marginal, tanto econômica quanto culturalmente, estando fora das atividades consideradas recomendáveis, saudáveis e familiares.

A Psicanálise não tinha melhor fama: crianças e mocinhas podiam ser influenciadas pela pansexualidade da teoria psicanalítica, assim, bem como velhos, temíveis e indesejáveis impulsos podiam ser acordados pelo método. De súbito desvenda-se um indivíduo bissexual, disposto a ódios assassinos e aos piores sentimentos.

### 3º Passeio – O espectador e o paciente-modelo.

A norma básica para alguém se dirigir ao cinema ou a uma sessão analítica é que o indivíduo aceite tacitamente o que Coleridge chamou de “suspensão da descrença” ou que Keats entendeu como “capacidade negativa”. O espectador tem de saber que o que está sendo exibido é uma história imaginária, mas nem por isso deve pensar que o diretor está contando mentiras. O ambiente silencioso, nada perturba mais o espectador-modelo do que pessoas conversando, uma história se desenrolando frente aos olhos, o mergulho nos personagens e nas emoções propostas, o riso, as lágrimas, o pânico, a vitória, a superação até o surgimento dos créditos ou do final da hora analítica.

É esse “como se”, representacional, simbólico, que tem suas raízes no jogo, no brinquedo, que torna possível alguém interromper a objetividade cotidiana, dispondo-se a habitar outras regiões. O ser humano sabe, desde sempre, que viver demasiadamente na concretude dos fatos não é o melhor. A vida de maior contato com os subterrâneos da mente processa-se *entre* a realidade e a fantasia, e esse é o mundo onde acontece tanto o cinema como a Psicanálise,

A ilusão – que não é uma falsa percepção – tem sua origem primitiva no brincar e é um processo que ocorre no mundo intermediário, nas fronteiras da realidade e da fantasia, área do surgimento do pensamento simbólico, da linguagem, da cultura e da criatividade.

Dessa maneira ficam excluídos, como espectador e paciente-modelo, “*Uncle Josh*” (*Uncle Josh at the moving picture show*, 1902) e “*Bob*” (*Meu querido Bob*). No primeiro, *Uncle Josh*, um caipira, entrava num cinema e ficava tão excitado com as imagens de um casal namorando que tentava pegá-los, pendurando-se na tela e destruindo-a, para desespero do operador que estava atrás dela. Bob, por seu turno, atormenta a vida de seu psicanalista, perseguindo-o por toda parte e quase o levando à loucura.





#### 4º Passeio – Temporalidades.

Enquanto o cinema narrativo e o discurso lógico e organizado se constroem sobre uma progressão temporal, o cinema de atrações e a "associação livre" psicanalítica fazem-se através de uma sucessão de momentos, ou imagens que compõem uma espécie de presente dilatado e recortado. Com isso, as surpresas, o "fato novo", aparições e desaparecimentos constituem-se numa espécie de fusão retorcida do tempo, como se suas seqüências representassem o emaranhamento de múltiplas linhas temporais. O principal mérito de Méliès, por exemplo, na época do primeiro cinema, foi exatamente este, uma espécie de crítica das continuidades convencionais e lineares. O resultado é que ele consegue perturbar a idéia de unidade, da existência de um centro, de um desenrolar único. Essa é uma noção muito presente em "*Pulp Fiction*", por suas múltiplas irrupções temporais, limitando-se ao tempo presente pontilhado de momentos de surpresa. Diferentemente da temporalidade narrativa que se faz como "progressão temporal" e que vai de um *agora* para um *depois*, a temporalidade das seqüências de Tarantino faz-se como sucessão de um *agora* para um outro *agora*.

De uma certa maneira, "*Pulp Fiction*" é como o "*Jogo da Amarelinha*", de Julio Cortázar: você pode assistir a ele (ou lê-lo) na ordem que você escolher, o que, também, significativamente, é uma das leis do inconsciente da teoria psicanalítica.

#### 5º Passeio – "O cult e o sinistro".

Umberto Eco, nos "*Seis Passeios Pelos Bosques da Ficção*", pergunta-se porque um filme se torna "cult". Ele próprio havia proposto a hipótese, através de "*Casablanca*", de que um fator importante para o surgimento de um culto ao redor de uma obra específica é a desconexão da obra. "*Casablanca*" foi rodado dia a dia, sem ninguém saber como a história iria terminar. Ingrid Bergman está encantadoramente misteriosa, porque não sabia com qual dos dois homens ficaria e, assim, brindou a ambos com seu sorriso terno e ambíguo. Também é sabido que, para incrementar o enredo, os roteiristas colocaram, no filme, todos os clichês da narrativa cinematográfica, transformando-o, por assim dizer, num museu para os aficionados. O "cult", de certa maneira, é o sinistro (Das Unheimliche), aquilo que nos remete para os mistérios do que é familiar e do que é estranho. Paradoxalmente, frente ao "fato novo" do cult, poder-se-ia dizer: "este filme eu já vi". "*Pulp Fiction*" trata de episódios bastante banais, com a inteligência superior de quem sabe que separando une. A desconexão das seqüências parece exigir do espectador um trabalho de costura, um trabalho de síntese, de historização que nem sempre é possível ou satisfatório. O que não





Frederico Seewald

diminui, pelo contrário, engrandece o filme. Tal qual no discurso analítico, as histórias que se completam, as respostas que são preenchidas e a pretensão de saturação do conhecimento conduzem à convencionalidade e ao fundo das prateleiras das locadoras.

### 6º Passeio – Enfim o princípio, “*Pulp Fiction*”, o filme.

Tarantino, perguntado sobre a violência em “*Pulp Fiction*”, respondeu que adorava aquela citação de Godard: “não há violência no filme, apenas excesso de cor vermelha”.

São mais fáceis os limites entre o erótico e o pornográfico. Qualquer tentativa de estabelecer critérios para uma ética da violência e da agressão soam bem menos convincentes. O pretexto moral que justifica o impulso assassino aqui está abolido, ao mesmo tempo que nenhum instinto assassino é exaltado. É bandido contra bandido, gangster contra gangster. Para o espectador sobra o espanto, mas nunca uma atitude ética.

Tudo se resume em bem executar um trabalho. Tarantino também executa bem o seu trabalho. Dizem que sua mãe suspeitava (ou planejava) seu talento quando lhe escolheu o nome. Ela queria algo que preenchesse toda a tela. Ele preenche. Consigo e com outros, Tarantino é um aberto defensor da “reciclagem” que poderíamos também chamar de *bricoleur ou bricolagem*. Diz ele: “os verdadeiros artistas não fazem homenagem, eles roubam pura e simplesmente”. A mensagem bíblica de Jules, recitada quando está prestes a matar alguém, foi copiada, como idéia, de um filme japonês e o texto inventado por Tarantino. “Minha inspiração vem de outros autores”, diz Tarantino, “e com isto não estou dizendo nenhuma novidade. Se alguma coisa é boa e já foi feita antes, não tenho nenhum problema em usá-la do meu jeito.”

O ofício analítico também. Ele é ético consigo próprio e nunca com o discurso do outro. O filão principal do nosso trabalho é a reciclagem e a bricolagem, quem sabe. Na nossa clínica e na nossa escrita, tentamos reproduzir o que de bom já foi feito por aqueles em quem nos inspiramos. E, na melhor das hipóteses, ao contrário do que acontece no cinema “cult” ao fim, somos deixados no fundo do balcão. □

**Frederico Seewald**

Rua 24 de outubro, 507/302  
90510-002 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA

206 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 1, abril 1997





# Cem anos de Psicanálise. Revisitando os clássicos

---





Atenção montador  
a página **208** é branca





## A novela familiar “in statu nascendi”\*

*Melanie Klein*

*Este trabalho é um dos primeiros escritos por Melanie Klein e foi relatado na Sociedade-Húngara de Psicanálise em julho de 1919. No ano seguinte foi publicado no Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse sob o título “O romance familiar in statu nascendi.” Seu aspecto curioso é que tratava da análise de seu próprio filho Erich, cuja identidade foi suprimida nas versões posteriores. Temos aqui a oportunidade de observar “in statu nascendi” alguns dos traços característicos da personalidade e da forma de trabalhar de Melanie Klein: seu amor à verdade mesmo que dolorosa, sua capacidade de observação e reflexão, seu cuidado em não alimentar preconceitos e crenças, sua paciência e sua grande disposição para ouvir. Nesse pequeno relato já está também presente sua necessidade de aprofundar o conhecimento da mente, entrando em contato com as angústias menos evidentes, porém atuantes no comportamento do ser humano.*

\* Publicado em *IDE*, Nº 16, 1988, p.67-70.





Melanie Klein

Dado que o pequeno acontecimento que quero expor somente adquire seu real significado se relacionado com sua história anterior, vejo-me diante da necessidade de fazer primeiro uma breve resenha do desenvolvimento prévio.

Meu filho Erich, um menino sadio e forte que agora tem cinco anos, teve um desenvolvimento intelectual também normal embora algo lento. Começou a falar aos dois anos de idade e já tinha completado três e meio, quando começou a expressar-se de forma mais coerente. Porém, ainda então não se registravam nele expressões singularmente notáveis que costumam ocorrer freqüentemente desde cedo em crianças dotadas.

Apesar disso dava a impressão de ser, tanto por seu aspecto como por seu caráter, um menino vivo e inteligente.

Muito lentamente se apropriava de diversos conceitos. Já tinha passado os quatro anos, quando aprendeu a distinguir cores e tinha quase quatro anos e meio, quando compreendeu os conceitos “ontem, hoje, amanhã”.

Nas questões práticas, isto é, no que concerne ao desenvolvimento de seu sentido de realidade (*Wirklichkeitssinn*), estava decididamente atrasado em relação a outros meninos de sua mesma idade. Sua memória, entretanto, era surpreendente – recordava e ainda recorda fatos relativamente longínquos com todos os detalhes – e apropriava-se de conceitos e fatos, após havê-los compreendido.

Em geral não perguntava mais que o normal, tampouco menos. Aproximadamente aos quatro anos e meio, começou a mostrar um desenvolvimento intelectual algo mais rápido e também mostrou maior desejo de fazer perguntas.

Era Páscoa e Erich havia escutado muitas coisas lindas sobre o coelho da Páscoa. Isso pareceu-lhe agradar e, quando me perguntou se realmente existia, e eu neguei, tomou nota disso com ostensivo mau humor

Várias vezes perguntou, e nessas ocasiões tratava de me demonstrar a existência do coelho da Páscoa, dizendo que os filhos de S. (os filhos da proprietária da casa)<sup>1</sup> tinham um coelho de Páscoa verdadeiro. Quando lhe expliquei tratar-se de um coelho verdadeiro, mas não de um coelho de Páscoa, calou-se e, em seguida, começou a falar de outra coisa.

Certa vez falou-me com muita vivacidade sobre o diabo: que haviam encontrado suas marcas no jardim e que os filhos de S. haviam escutado uma voz profunda dizer: “*Eu sou o diabo*”. Ao explicar-lhe que tudo isso não era verdade, senão uma “história”, alegou que ele mesmo acabava de ver, de longe, o diabo no campo e que era todo marrom e muito grande. Foi fácil mostrar-lhe, levando-o para ver, que o grande diabo marrom... era um cavalinho!

1. Seus companheiros de brinquedo.





Mas, ainda assim, parecia não estar totalmente convencido, não lhe era fácil ter que abandonar mais essa crença.

Ocorreu também nessa época, que numa noite, se negou a voltar do jardim. Na manhã seguinte explicou-me espontaneamente essa desobediência, dizendo que quis pernoitar no jardim. Mais tarde reiterou algumas vezes esse desejo, agregando que queria passar a noite com os filhos de S. Como objetei que o pasto estava úmido e que ia-se resfriar, disse que embaixo tinham uma casinha (um pequeno espaço resguardado por um beiral) no qual iriam dormir juntos..

Às vezes dizia a si próprio que era irmão dos filhos de S., mas também de seus próprios irmãos, embora seja verdade que ocasionalmente, quando se chateava com seu irmão maior, lhe dizia que já não era irmão dele.

Pouco após essas perguntas e conversas, tornou-se manifesta a curiosidade sexual do pequeno, precisamente através do seguinte: seus irmãos maiores haviam falado repetidamente de acontecimentos ocorridos antes do nascimento de Erich. Diante da pergunta se ele também havia estado presente, responderam-lhe: "*nesta época você ainda não havia nascido*". Essa explicação o incomodou visivelmente e descartou-se dela, contando, pouco depois, a sua irmã mais velha uma de suas aventuras, acrescentando: "*Isto foi quando você ainda não estava no mundo*". Mas, uns dias mais tarde se aproximou, repentinamente, perguntando-me: "*onde estava eu quando ainda não estava no mundo?*" Quando obtive a explicação de que estava ainda dentro de mim, pois as crianças crescem dentro da mãe, até serem suficientemente fortes e grandes para poderem viver fora dela e que então saem e isso se denomina "chegar ao mundo", demonstrou pouco interesse pelo assunto em si. Apenas concluiu com grande satisfação: "*Então sim estava no mundo se estava dentro de você*".

Mais tarde, em algumas ocasiões em que se voltou a falar de fatos longínquos no tempo, esclareceu: "*Eu também estive ali, estava dentro da mamãe.*" Porém, logo se evidenciou que seu desinteresse pelo assunto em si era só aparente. Depois de haver sido resolvida, de forma que o satisfizesse, a questão de que se alguma vez não havia existido, voltou com a pergunta formulada de outra maneira: "*Como se forma uma pessoa?*".

Dei-lhe, então, uma explicação mais detalhada e profunda, contando-lhe que, dentro da mãe, há quarenta óvulos pequenos<sup>2</sup> e que de um desses óvulos se desenvolve o embrião, etc. Pareceu entender-me e não fez mais perguntas, mas se comportou de modo peculiar. Apenas eu havia começado minha explicação, mostrou-se distraído e algo perturbado e, em seguida, começou a falar de outra coisa; evidentemente se

2. No original Eier, palavra que significa tanto ovos como "óvulos".





Melanie Klein

esforçava para sair do tema que ele mesmo havia trazido. Não obstante isso, a partir desse momento, quase diariamente formulava essa pergunta da mesma maneira. Sempre o fazia espontaneamente (já que eu evitava induzi-lo a perguntas determinadas, ou evitava provocá-las artificialmente), mas, cada vez que eu começava a explicação, repetia esse comportamento peculiar, distraído, perturbado e empenhava-se em mudar de tema.

Era inegável – como nas questões do coelho da Páscoa e do diabo – que seu anseio pela verdade (*Wahrheitsdrang*) se encontrava em conflito com seu desejo de conservar a crença mais fantástica, irreal, porém mais agradável para ele. Apesar disso sempre repetia a pergunta.

Certa vez também me perguntou: “*Dentro do papai não cresce nenhuma criança?*”<sup>3</sup>

Depois deixou, por um espaço de tempo breve, de formular-me essa pergunta, mas a dirigiu a sua babá (que, diga-se de passagem, foi despedida pouco depois) a qual, contra as indicações dadas, lhe respondeu que as crianças são trazidas pela cegonha.

Logo repetiu a pergunta a seu irmão maior que lhe respondeu que Deus cria o homem. Essas respostas não pareceram conformá-lo porque finalmente tornou a se acercar a mim, perguntando: “Com se forma uma pessoa?”<sup>4</sup> Eu tornei a repetir a explicação que lhe havia dado várias vezes, depois da qual se mostrou mais loquaz e me contou que a babá lhe havia dito que a cegonha traz os bebês (coisa que parecia já ter escutado de alguém).

“– *Isto não é mais que uma história*”, *lhe repliquei.*

“– *Os filhos de S. me disseram que, na Páscoa, não havia estado o coelho, mas que a babá tinha escondido as coisas no jardim*”.

“– *Eles têm absolutamente razão*”, *lhe respondi.*

“– *Não é verdade que o coelho da Páscoa não existe e que se trata somente de uma história?*”

“– *Certo*”

“– *E Papai Noel tampouco existe?*”

“– *Não, tampouco ele existe*”.

“– *E quem traz e enfeita a árvore de Natal?*”

“– *Os pais.*”

3. Parece também que a pergunta pela participação do pai estivesse presente no inconsciente (*unbewusst*). Não a havia formulado diretamente.

4. Aparentemente só há pouco havia-se convencido totalmente da questão do coelho da Páscoa, a partir dos esclarecimentos dos filhos de S. (os quais outras vezes lhe contaram todo o tipo de histórias). Isso talvez o tenha motivado a abordar por fim, com mais detalhes, a pergunta tantas vezes pedida, porém não respondida, de “como se forma uma pessoa?”





“– *E anjos, tampouco existem, isso também é uma história?*”

“– *Tampouco há anjos, isso também é uma história*”.

Aí se deteve e disse, após uma pausa: “*Mas os carpinteiros existem, não é certo? Quem senão eles arrumariam o caixão?*”.

Dois dias após essa conversa comunicou-me durante o almoço, que, depois de comer, iria-se mudar em seguida para a casa da proprietária da casa<sup>5</sup>.

“– *Serei irmão dos filhos de S. e também filho da senhora S.*” e também denominou a si próprio de Erich S.

Diante da minha pergunta sobre quem eu teria então, respondeu: “*A J. e a R.*” (seus irmãos).

Eu respondi que eles já eram maiores e que eu desejaria, todavia, ter imprescindivelmente um filho menor e se poderia adotar como filha, em seu lugar, sua amiga Grete. Após breve luta disse: “*Sim*”. Entretanto, perguntou-me imediatamente se, então, eu iria continuar gostando dele. Minha resposta de que eu teria que gostar de Grete ao invés dele lhe causou uma impressão visivelmente desagradável, mas se conteve e calou-se. Isso chamava minha atenção, pois ao mesmo tempo que era uma criança terna e afetiva, outras vezes se impressionava profundamente diante da simples ameaça de que seria menos querido.

Quando lhe perguntei sobre onde iria dormir na casa da sra. S., disse: “*Que mandem minha cama; o copo e a escova de dentes vou levá-los eu mesmo.*” Perguntei-lhe o que seria das camisas que estavam sendo costuradas para ele e que aguardava ansiosamente.

“– *Você as manda quando estiverem prontas.*” Perguntei-lhe o que aconteceria, se eu não o deixasse ir. “*Então eu fujo*”, disse com firmeza<sup>6</sup>. Respondi imediatamente que primeiro devia perguntar à sra. S. se ela o aceitava. Após a refeição disse em seguida: “*Agora vou perguntar à sra. S.*”.

Fiz uma nova tentativa, perguntando-lhe se não tinha pena de deixar-nos e quem iria gostar dele como eu. Respondeu:

“– *A sra. S. vai-me querer muito mais que você.*”

Mais tarde lancha no jardim com os filhos da sra. S. e grita para mim:

“– *Eles permitiram e já moro com eles.*”

O fato de me negar obediência demonstrava com que firmeza levava a cabo sua nova escolha familiar (familienwahl).

5. No original alemão literalmente... sobre onde vai dormir na sra. S.

6. Efetivamente havia fugido de casa uma vez aos dois anos e três quartos de idade. Algum tempo depois manifestava ainda um grande desejo de aventuras e o desejo de fugir. Recordava-se muito bem, ainda hoje, desse acontecimento.





Melanie Klein

Quando o vi, na véspera, inclinar-se para fora de uma janela e lhe ordenei retirar-se, só o fez quando as crianças que estavam com ele lhe ordenaram; também falava de mim como “a mãe de J.”. À babá de quem gosta muito e que, há anos, está em casa, quando fez um comentário para que transferisse seus brinquedos (ao que efetivamente se dispôs), disse-lhe: “*Não falo com gente como vocês*” (uma forma de se expressar que é totalmente não usual de sua parte).

Deixamos que as coisas seguissem seu curso, porém, mais tarde, pedimos aos S. que dessem a entender que não podiam aceitá-lo, dado que isso seria impossível. Na hora do jantar, E. se encontra novamente no quarto dos meninos e eu lhe perguntei (aparentemente muito surpreendida) por que vinha jantar aqui e não o fazia com a família S.

“– *Sim, disse, eu só quero viver aqui.*”

Perguntei se lhe haviam dito algo na família S.

“– *Os meninos disseram que era só uma brincadeira*”, respondeu Erich.

Eu, porém, não quis facilitar-lhe as coisas e disse, implacável, que eu mesma iria falar com a senhora S., e que talvez quisessem ficar com ele apesar disso.

Grandes lágrimas brotaram em seus olhos e disse:

“– *Mesmo que permitissem, não quero viver lá.*”

“– *Por que?*”

“– *Porque eu gosto muito de você, mamãe.*”

Como, então, voltei a beijá-lo e abraçá-lo, ficou muito feliz e contou para a babá: “Você não viu, nós nos reconciliamos e nos cobrimos de beijos”.

Com isso parecia estar encerrado o assunto para ele e quando, apesar de minhas advertências a todos de que não fizessem recriminações sobre a questão, seu irmão iniciou uma conversa a respeito do tema, ele não entrou nela.

Tudo isso havia despertado em mim a impressão de que o menino tinha um terno amor por uma das filhas de S. e de que ele havia feito o que fazem muitos homens jovens (ainda que não o reconheçam francamente), quando, simultaneamente com a escolha da esposa, realizam uma nova eleição, a dos pais. O que se evidencia no processo freqüentemente observado de que a mulher atrai o marido para sua família.

Sabemos em que consiste a causa mais profunda da exogamia pela obra de Freud – “*Totem e Tabu*”.

Além dessa tendência à exogamia, parecia-me que haviam contribuído, como fatores externos, o fato de os filhos de S. rodearem Erich de um especial carinho, de a sra. S. lhe dar, às vezes, alguma guloseima e, especialmente, o fato de que ela era a proprietária das frutas e do jardim, desempenhando um papel de primeira ordem na casa.

O doutor Ferenczi, a quem contei essa pequena história, bem como minhas





conclusões, e que já tinha conhecimento anterior das perguntas do menino, chamou minha atenção sobre uma interpretação muito mais profunda. Sua opinião era de que, por mais que as explicações recebidas satisfizessem sua ânsia de investigação (Forschungsdrang), de outro lado elas entravam num certo conflito com sua tendência à repressão (Vorhandenem Verdrangnisneigung).

Que existissem anjos e cegonhas – por mais que se levantasse contra isso sua ânsia de verdade (Wahrheitsdrang) – resultava provavelmente mais agradável do que os fatos reais que acabava de conhecer.

A necessidade inconsciente havia dado, então, o impulso necessário ao desejo de buscar uma família diferente, mais distinta (como tinha que parecer imprescindivelmente a da proprietária da casa), com gente mais seleta, ou seja, que não nasciam de maneira tão vulgar. Possivelmente também contribuiu o fato de que haviam sido justamente os filhos de S. que lhe haviam contado as histórias do diabo, anjos etc.

A manhã seguinte trouxe uma prova clara da precisão do parecer do Dr. Ferenzi.

Imediatamente após o cumprimento matinal, Erich dirigiu-se a mim, perguntando: “*mamãe, diga-me, por favor, como você chegou ao mundo?*” □

Tradução de **Eva Teperman Ocougne, São Paulo**

© Revista de Psicanálise – SPPA





Atenção montador  
a página **216** é branca





# Comentário à “A novela familiar ‘in statu nascendi’ ” de Melanie Klein

*Theobaldo Oliveira Thomaz\*, Porto Alegre*



---

\* Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

---

Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 1, abril 1997 □ 217





## A revisita da Velha Senhora

Nenhuma novidade para a história da ciência que a observação se faça sobre o corpo mesmo do observador ou, no caso, um apêndice tão identificável com o próprio corpo, como o corpo de um filho. A Medicina está repleta de episódios nos quais as descobertas se fazem assim e não necessariamente pela pessoa do médico, mas por todos aqueles que estejam eventualmente envolvidos nos processos da cura. Tampouco é novo, para a história da Psicanálise, um caso clínico versando sobre uma criança, cujos entendimentos e recomendações fossem destinados aos pais. Reportem-se ao pequeno Hans e à própria maneira como Melanie Klein dá a conhecer de forma definitiva, em 1921, esse seu primeiro trabalho em Psicanálise, modificado. Nesse então, refere que ... *“a criança em questão é um menino, o pequeno Fritz, cujos pais, que pertencem à minha família, moram na minha vizinhança. Esta circunstância deu-me a oportunidade de estar muitas vezes na companhia da criança, sem qualquer constrangimento...”* (Petot, 1987, p.11). Quer dizer, Melanie Klein reconsidera, em curto espaço de tempo, a exposição indevida do filho e a própria, mas reitera o registro das observações, fundamentais para a composição de seu método original, como se verá mais tarde (e não me refiro aqui ao comentário resumido que estou desenvolvendo, mas ao conhecimento mais completo de sua obra). Desfaz-se, até certo ponto com isso, o ineditismo autóctone da experiência, apenas comparável à auto-análise e análise dos próprios sonhos de Freud, do ponto de vista da experiência *“in vivo”*, em Psicanálise, confundindo-a, agora, com o episódio já citado de Freud, mesmo pelo fato de que Erich passa a chamar-se, como Hans, Fritz, o quase genérico dos meninos alemães. E não só por isso. Observem que a história do conflito, (que Freud já chamara de romance familiar, na obra de 1909), se traduz, de novo, pela alegoria animal. Aqui o coelho de Páscoa, numa idade similar. Hans, Fritz e seus fragmentos conflitivos projetados em bichos. Lá o bicho-pai que castra, aqui o bicho-mãe que se multiplica, compondo de fato uma parte do romance familiar no todo da obra psicanalítica.

É claro que o trabalho narra uma experiência incipiente e nada comparável aos princípios técnicos de hoje, mesmo porque Melanie Klein não tinha, na ocasião, nenhum compromisso com a técnica de hoje, que ademais, não estava ainda padronizada, sendo ela própria uma das principais sistematizadoras do método a partir daí. Não só pela permissividade ética (analisar um filho), numa situação em que estava visivelmente aflita, porque o filho não correspondia a sua expectativa de desenvolvimento, como pela natureza das intervenções mantidas nos limites da consciência e puramente informativas, embora como informações bastante progressistas para a época em questão. A propósito disso, Anton Von Freund, quando a autora expõe seu traba-





lho em Budapest, em 1919, sugere cordialmente que suas intervenções não tinham nem caráter psicanalítico, pois não fazia interpretações, “*levando em conta apenas as questões expressas e a curiosidade consciente da Criança*” (Petot, 1987, p.21). Mais adiante, ela vai levar em consideração as recomendações adicionais de Von Freund de que a repressão estaria longe de ser eliminada. Mas nada disso é de fato muito importante, considerando que todas as repressões estavam ainda longe de ser eliminadas. A comunicação e sua reabordagem, hoje, é sobretudo animadora no tocante a outros aspectos sobre os quais discorrerei a seguir.

É sempre útil para o conhecimento em evolução permanente, o que é redundante, porque é da natureza do conhecimento essa evolução, recordarmos seus momentos originais, no caso da Psicanálise, quando os procedimentos não estavam ainda standartizados e imaginarmos as flexibilizações da técnica, necessárias às descobertas, ainda que se possa entender que a reprodução do procedimento só possa ter lugar entre os marcos preconizados. Ou, como disse Niels Bohr, na ciência a melhor política é ser o mais conservador possível e só fazer ampliações se as observações forem inexplicáveis de outro modo (Heisenberg, 1996). Mas o caso, que não é propriamente um exemplo escorreito de manejo psicanalítico, ela mesma o chamava, nesse momento, “*educação psicanalítica*”, propõe à discussão moderna, como Hans já propusera, questões sobre os limites do setting e da técnica de intervenção, contrária o ponto de vista freudiano de que a criança estaria incapacitada para produzir livres associações verbais. Ao invés, inaugura a possibilidade de ascendermos ao conflito, através do rico material simbólico contido, não ainda nesse momento, mas nesse já se formando, na atividade lúdica. E desenvolver, a partir daí, tão extraordinariamente, esse ponto de vista, abrindo uma nova vertente para a compreensão do processo essencial da livre associação que, como lembra Petot, e recorro novamente a ele, porque, de fato o principal biógrafo e exegeta da produção intelectual de Melanie Klein, “*trinta anos mais tarde seu método permitirá a seu aluno Emilio Rodríguez esta surpreendente performance técnica: a análise de uma criança psicótica muda*” (Petot, 1987, p.35). É possível mesmo que Klein, quando decide fazer a observação e seu conseqüente registro, estivesse começando a dizer que a criança as produz, sim, na linguagem disponível que agrega, por outro lado, uma qualidade acessória para a repressão, complementar ao que as teorias vigentes sobre a repressão, mecanismo então prototípico, costumavam dizer sobre essa. Que o mecanismo não se abatia apenas sobre o adquirido, mas sobre a capacidade de aquisição. E com isso antecipa, em muitos anos, um problema que, no apagar do século, ganha, a meu ver, particular notoriedade. Os sintomas-alvo, trazidos à luz pela Psicanálise inicial, naquela constelação nosográfica conhecida, talvez não sejam nem suficientes, nem mais argumentativamente consistentes para que se mantenham suas indicações, dada





Theobaldo Oliveira Thomaz

a evolução do conhecimento e das técnicas de abordagem. Entretanto, os distúrbios do pensamento, os mecanismos de obstrução emocional dos processos associativos, a inibição para a aquisição de habilidades genéricas ou específicas, as idiosincrasias e discrepâncias nas relações entre o sentir e o compreender, entre a razão e a emoção, podem perfeitamente constituir situações preferenciais de indicação do procedimento, coisa que, é possível, esteja predominantemente acontecendo há bastante tempo. Aliás, foi opinião de Ferenczi, reproduzida no trabalho, que “*por mais que as explicações recebidas satisfizessem sua ânsia de investigação, de outro lado elas entravam num certo conflito com sua tendência à repressão*” (Klein, 1997), o que descreve sucintamente o mecanismo patogênico do que lembrei logo acima, mormente se levarmos em consideração essa interessante duplicidade de significados para o “*entram*”. Reparem neste exato momento, o nexó associativo emergente justamente entre o trabalho de Ferenczi, comentado por Joel Nogueira, nesta Revista, em abril do ano passado, e o presente. Nele, o autor chamava a atenção especificamente sobre o esforço da criança na preservação do sentimento de onipotência e conseqüente crença na magia do pensamento e os sucessivos impulsos de recalçamento que se abatem sobre ela no processo adaptativo. Grande parte do conflito que se estabelece entre Erich-Fritz e Melanie-mãe se deve a isso e toda tentativa de remetê-lo ao “*sentido de realidade*” é mal recebida. A conseqüência psicodinâmica natural desse conflito, aqui ainda apreciado sob a égide da teoria ferencziana, à qual Melanie Klein estava transferencialmente ligada, é, a meu ver, clara e antecipatória de suas posições futuras, por enquanto ingenuamente localizadas neste trabalho. Ou seja, a questão relativa aos impedimentos do impulso epistemofílico são bastante evidentes, são mesmo a própria razão de ser explícita da abordagem e que vai resultar nessa reflexão sobre o conflito entre realidade externa e lógica e interna e ficcional, compartilhada com Ferenczi. Adverte, é verdade, nas entrelinhas, contra o efeito repressor dos manejos predominantemente informativos que enterram a ficção. Aquela resposta associativa do menino, como todos haverão de se lembrar, em que diz: “*mas os carpinteiros existem, não é certo? Quem senão eles arrumariam o caixão*”, é magistral na demonstração desse submetimento da epistemofilia ao jugo da repressão. Menos evidente, entretanto, embora dedutível, é a formação inaugural do conceito de dissociação da figura materna, tão caro ao corpo conceitual kleiniano. Sinto-me tentado a especular um pouco sobre isso, na medida em que considero muito difícil, especialmente para uma mente-mãe privilegiada e produtora de conceitos, que a rejeição irritada de Erich-Fritz pela mãe verdadeira e repressora, que impõe sentidos de realidade, e conseqüente opção por uma mãe vizinha boa, dadivosa, que permite a livre circulação da fantasia, não tenha, incipientemente, despertado em Melanie Klein a





idéia dessa articulação defensiva e protetora que viria a se tornar a hipótese nuclear da Psicanálise Kleiniana. □

## Referências

- FREUD, S. *Ed. Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. IX, Imago, Rio de Janeiro, 1976.
- HEISEMBERG, W. *A Parte e o Todo*, Rio de Janeiro, Contraponto, 1996.
- KLEIN, M. A Novela Familiar, “In Statu Nascendi”, *Revista de Psicanálise*, vol. IV, nº 1, abril 1997.
- PETOT, J.M. Melanie Klein, Ed. Perspectiva, São Paulo, 1987.

**Theobaldo Oliveira Thomaz**  
Praça Dom Feliciano, 39/501  
90020-160 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA



Atenção montador  
a página **222** é branca





## **Normas Gerais de Publicação de Trabalhos\*** **Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre**

---

1. Os artigos publicados na *Revista de Psicanálise da SPPA* devem ajustar-se ao que se segue:

- a. O artigo deve ser inédito (excetuam-se trabalhos publicados em anais de Congressos, Simpósios, Mesas Redondas ou Boletins de circulação interna de Sociedades Psicanalíticas locais), quanto à publicações científicas de porte.
- b. O artigo não pode infringir nenhuma norma ética e todos os esforços devem ser feitos de modo a proteger a identidade dos pacientes mencionados em relatos clínicos.
- c. O artigo deve respeitar as normas que regem os direitos autorais.
- d. O artigo não deve conter nenhum material que possa ser considerado ofensivo ou difamatório.
- e. O autor deve estar ciente de que, ao publicar o artigo na *Revista de Psicanálise da SPPA*, ele estará transferindo automaticamente o "copyright" para essa, salvo as exceções previstas pela lei, isto é, fica vedada sua reprodução, ainda que parcial, sem a devida autorização da *Revista*.
- f. O artigo não deve estar sendo encaminhado simultaneamente para outra publicação sem o conhecimento explícito e confirmação por escrito do Editor. A *Revista* normalmente não colocará obstáculos à divulgação do artigo em outra publicação, desde que informada previamente. Quaisquer violações dessas regras, que impliquem em ações legais, serão de responsabilidade exclusiva do autor.
- g. Os conceitos emitidos são da inteira responsabilidade do autor.

2. Os originais deverão obedecer às seguintes exigências mínimas:

- a. Serão entregues em quatro cópias à Editoria da *Revista*, cujo endereço é o da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre – Rua General Andrade Neves, 14, 8º andar, conj. 802A – 90010-210 - Porto Alegre - RS.

\* Baseada nas normas e recomendações do *International Journal of Psychoanalysis* e da *Revista Brasileira de Psicanálise*.





b. O artigo deverá adequar-se às dimensões deste tipo de publicação. Sugere-se, que, sem comprometer a clareza do texto, sua extensão não ultrapasse as 20 páginas datilografadas, em espaço duplo, em papel formato ofício. Tabelas, gráficos, desenhos e outras ilustrações sob forma de cópias fotográficas devem ser enviadas em duplicatas de tamanho adequado. O conteúdo total de ilustrações não deverá exceder  $\frac{1}{4}$  do espaço ocupado pelo artigo; as ilustrações em excesso, se aprovadas, terão seu custo indenizado pelo autor, que será previamente informado.

Solicitamos que os artigos sejam entregues em disquete, observando-se o seguinte: os arquivos devem ser gerados no *Word for Windows* ou formato texto (\*.TXT), com a identificação do autor e título do trabalho.

c. Os trabalhos deverão conter, em sua estrutura: Título, Resumo em português e inglês e Referências. A forma de apresentação da discussão dos conteúdos ficará a critério do autor.

d. O resumo deverá ter em torno de 150 palavras e ser capaz de comunicar, ao leitor em potencial, os pontos principais que o autor deseja expressar.

e. O nome do autor deve constar no canto esquerdo, logo abaixo do título, esse indicando a que Sociedade ou Grupo de Estudos pertence, com o correspondente "status".

f. O endereço do autor deverá ser mencionado após as Referências.

3. As Referências deverão incluir os trabalhos estritamente relevantes e necessários, sem se acumular, desnecessariamente, vasta bibliografia. As referências, no decorrer do texto, serão dadas citando-se o nome do autor seguido do ano de publicação entre parênteses, como, por exemplo, Freud (1918) ou (Freud, 1918). Se dois co-autores são citados, os dois nomes deverão ser mencionados, por exemplo Marty & de M'Uzan (1963) ou (Marty & de M'Uzan, 1963). Se houver mais de dois autores, a referência no texto indicará o primeiro, por exemplo: Rodrigues et al. (1983) ou (Rodrigues et al., 1983).

A referência completa das obras citadas figurará na lista das Referências, colocada no final do artigo, lista essa que deverá corresponder exatamente às obras citadas, sem referências suplementares. Os autores serão mencionados em ordem alfabética e suas obras pela ordem cronológica da publicação. (Para as obras de Freud, as datas correspondentes são indicadas entre parênteses na *Standard Edition*). Se vá-





rias obras foram publicadas no mesmo ano, deve-se acrescentar à data de publicação as letras a, b, c, etc.

Quando um autor é citado individualmente e também como co-autor, serão citadas antes as obras em que ele é o único autor, seguidas das publicações em que ele é co-autor.

Os nomes dos autores não serão repetidos, mas indicados por um traço.

Os títulos dos livros e das revistas serão grifados, sendo que as palavras mais significativas serão escritas com a primeira letra maiúscula, o lugar da publicação e o nome do Editor serão igualmente indicados. Se uma referência é dada a partir de outra edição que não a original, a data da edição utilizada deverá figurar no final da referência.

Nos títulos dos artigos (e igualmente nas obras de Freud) somente a primeira palavra figurará em letra maiúscula. O título do artigo será seguido da abreviação grifada do título da revista, do número do volume e dos números da primeira e da última página. Para as abreviações dos títulos das revistas, poder-se-ão consultar os números anteriores ou, no caso de dúvida, citar o nome por extenso.

Nos exemplos seguintes, podem-se observar a utilização das letras maiúsculas, a pontuação, os dados e sua ordem de apresentação:

- BOWLBY, J. (1963). *Attachment and Loss*, Volume 1. New York: Basic Books.
- \_\_\_\_\_ (1979). Psychoanalysis as art and science. *Int. Rev. Psychoanal.*, 6: 3-14.
- FREUD, S. (1905). *Three essays on the theory of sexuality*. S.E. 7.
- \_\_\_\_\_ (1914). *Narcisismo: Uma introdução*. ESB. vol. 14, Rio de Janeiro: Imago.
- HOLZMAN, P. S & GARDNER, R. W. (1960). Levelling and repression. *J. Abnorm. Soc. Psychol.*, 59: 151-155.
- KHAN, M. M. R. (1960). Regression and integration in the analytic setting. In *The Privacy of the Self*. London: Hogarth Press, 1974, p. 136-167.
- \_\_\_\_\_ (1967). From selectiveness to shared living. In *The Human Dimension in Psychoanalytic Practice*, ed. K. A. Frank. New York: Grune & Stratton, p. 115-122.
- SUTHERLAND, J. D. ed. (1958). *Psycho-Analysis and Contemporary Thought*. London: Hogarth Press.
- WALLERSTEIN, R. S. (1972). The future of psychoanalytic education. *J. Amer. Psychoanal. Assn.*, 21: 591-606.





(Foram propositalmente utilizados os exemplos mencionados no *International Journal of Psycho-Analysis*, com o objetivo de apresentar as Referências brasileiras padronizadas de acordo com as normas internacionalmente aceitas.)

**Citações literais:** Quando se tratar de citações literais, além de checá-las cuidadosamente quanto à sua fidedignidade, indicar o número da página de onde foram retiradas. As *inserções* que forem feitas no texto original serão indicadas dentro de ( ), como, por exemplo: “ele (Freud) sugeriu que...”. Itálicos no original serão assinalados, sublinhando-se as palavras no texto datilografado. Ênfase adicional, no texto, também será indicada por sublinhado da parte em questão, acrescentando-se “grifos meus”, entre ( ), no final da citação. Usar reticências para indicar omissões no texto citado, por exemplo: “considerou-se... que assim foi o caso”.

**Nota:** O autor que desejar obter separatas de seu artigo publicado deverá, na ocasião em que for informado oficialmente pela *Revista* que seu artigo será publicado, informar à Secretaria da *Revista*. Essa obterá, da gráfica, um orçamento para sua confecção que será submetido ao autor para aprovação.

## Procedimentos de avaliação

- Todo artigo entregue para publicação será avaliado através de critérios padronizados por, pelo menos, três membros do Comitê Científico da *Revista de Psicanálise da SPPA*.
- O nome do avaliador será mantido sob rigoroso sigilo pela *Revista*, recomendando-se que o mesmo procedimento seja adotado pelo próprio avaliador.
- Sendo o artigo recomendado pela maioria dos avaliadores, será considerado, em princípio, aprovado para publicação. A decisão final quanto à data de sua publicação dependerá do programa editorial estabelecido.

Artigos que não forem publicados num período de (6) seis meses, a partir da data de sua aprovação, serão oferecidos de volta ao seu autor, para que esse tenha a liberdade de submetê-lo a uma outra publicação.





# Revista de Psicanálise

da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Pedidos de assinatura:

Encaminhar este cupom para a secretaria da

## Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Rua Gen. Andrade Neves, 14 conj. 802-A

90010-210 – Porto Alegre-RS

Tel/Fax: 051 224-3340

Valor da assinatura: R\$ 45,00 – Vol. I/1994  
R\$ 45,00 – Vol. II/1995  
R\$ 55,00 – Vol. III/1996  
R\$ 60,00 – Vol. IV/1997  
R\$ 20,00 – Número avulso

NOME .....

ENDEREÇO .....

CEP..... CIDADE..... TELEFONE .....

(Cheque cruzado, nominal à  
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre)





Abril/1997 - Vol. IV - Nº 1

## **SUMÁRIO**

### **EDITORIAL**

*Às vésperas do terceiro milênio*

MAURO GUS - 5

### **PALAVRA DO PRESIDENTE**

LUIZ CARLOS MABILDE - 9

### **ARTIGOS**

*Compreensão e manejo da transferência em supervisão de análise de adultos*

CLÁUDIO LAKS EIZIRIK e MARLENE SILVEIRA ARAUJO - 13

*A função criativa e/ou reveladora da interpretação*

ELIAS MALLETT DA ROCHA BARROS - 21

*Fatores curativos nas psicanálises de filhos de sobreviventes*

*do Holocausto antes da e durante a Guerra do Golfo*

ILANY KOGAN - 33

*Crise da cultura e crise da Psicanálise*

JORGE L. AHUMADA - 51

*A supervisão coletiva, a sobrevivência do psicanalista e o método científico*

JUAN FRANCISCO JORDAN MOORE - 71

### **V SIMPÓSIO DE CANDIDATOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE**

*Algumas dificuldades técnicas na análise de pacientes narcisistas*

BENAMI SOKOLOVSKY - 87

*Comentário de ALICE MILMAN BUGIN - 97 e JACÓ ZASLAVSKY - 100*

*Sexualidade feminina: uma revisão do complexo de castração*

DENISE LAHUDE - 105

*Feminilidade em Freud*

PATRICIA FABRÍCIO LAGO - 119

*Comentário de INGEBORG MAGDA BORNHOLDT - 133*

*A eterna luta entre o conhecer e o não conhecer.*

*Uma discussão sobre a gestação e a teoria do conhecimento de W.R. Bion*

MARGOT AGUZZOLI - 139

*Comentário de INÚBIA DUARTE - 151 e PAULO OSCAR TEITELBAUM - 155*

*A equação etiológica de Freud à luz de desenvolvimentos*

*posteriores: o biológico e o transgeracional*

MAURÍCIO MARX E SILVA - 161

*Comentário de CÉSAR LUÍS DE SOUZA BRITO - 173 e*

*MANUEL JOSÉ PIRES DOS SANTOS - 177*

### **ENTREVISTAS**

*Entrevista com JEAN LAPLANCHE - 183*

### **CEM ANOS DE CINEMA E PSICANÁLISE**

*"Pulp Fiction"*

FREDERICO SEEWALD - 201

### **CEM ANOS DE PSICANÁLISE. REVISITANDO OS CLÁSSICOS**

*A novela familiar "in statu nascendi"*

MELANIE KLEIN - 209

*A revisita da Velha Senhora*

*Comentário de THEOBALDO OLIVEIRA THOMAZ - 217*

# **Revista de Psicanálise**

da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

